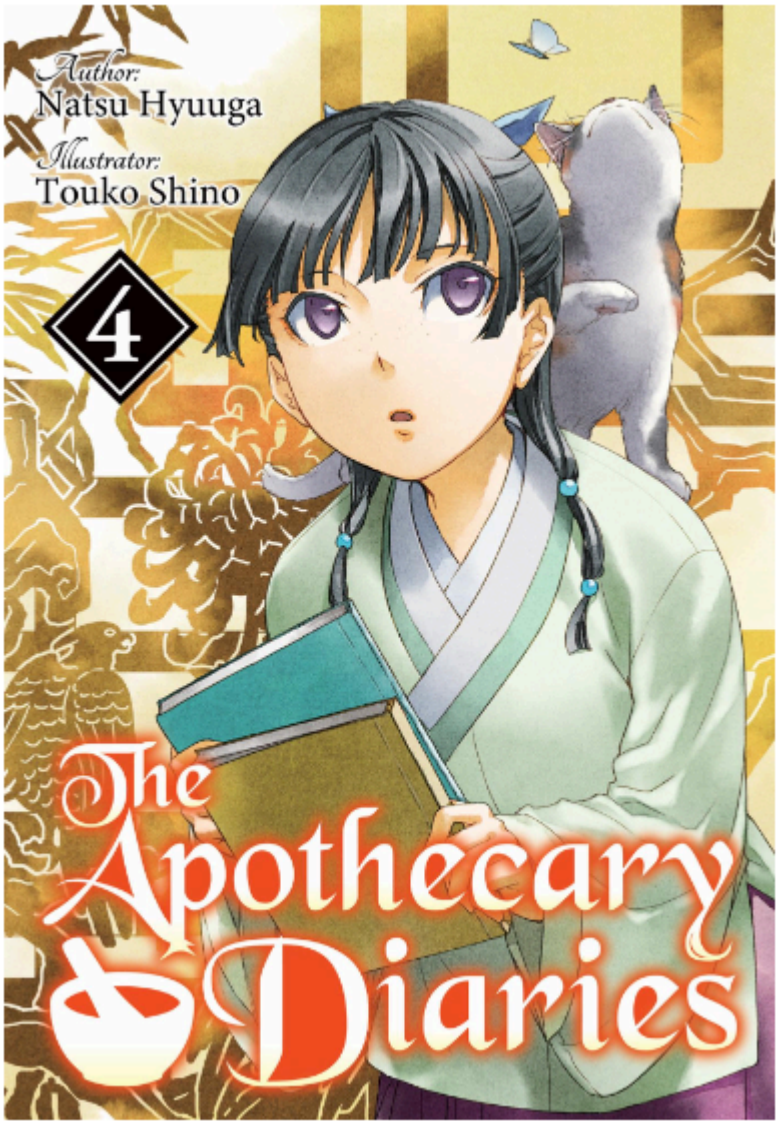
Olá, fãs de Kusuriya no Hitorigoto! Aqui é a página JinMao Diaries (https://x.com/jinmaok?s=20). Estamos com um projeto de traduzir todas as 10 novels da obra disponíveis no J novel para o português! E aqui começamos o projeto oficialmente.

Algumas considerações extremamente importantes:

- A novel foi traduzida pelo próprio dispositivo do google docs, mas foi revisada do inglês para o português **3 VEZES.** O docs traduziu o bruto, mas lemos a novel nos dois idiomas para ajustar a precisão da tradução;
- Caso tenha algum erro nos avisem na DM do twitter;
- Não considerem como tradução oficial, ela foi feita de fã para fã;
- Aproveitem!

Com carinho, JinMao Diaries!



Embora seu dever principal ainda seja cuidar da consorte Gyokuyou, Maomao encontra tempo para ajudar seus amigos e conhecidos no palácio interno, incluindo Xiaolan, que precisará de um emprego após o término de seu período de serviço, e a consorte Lishu, que está convencida de ter visto um fantasma! Porém, quando surgem complicações na gravidez de Gyokuyou, Maomao sabe que não tem habilidade suficiente para lidar com uma situação que pode ameaçar a vida da mãe e do filho. Ela conhece alguém que tem, mas há muito tempo que não é bem-vindo no palácio interno... Enquanto isso, Maomao começa a discernir o que parecem ser ligações entre incidentes de outra forma não relacionados no palácio interno. Mas e se o seu conhecimento emergente fizer dela a próxima vítima?

The Apothecary Diaries

Introduction

A Method to the Mysteries?

Mystery fans love *The Apothecary Diaries*. In volume 4, our protagonist, Maomao, realizes to her chagrin that there's something else behind the mysteries she's encountered in the rear palace. Our redoubtable food taster has cracked a lot of cases, and things are finally reaching their climax—or so she thinks, when she suddenly finds herself kidnapped!

Then there's the beautiful eunuch, Jinshi, who also discovers some new twists. What will happen to them both?!

Welcome to the latest page-turning volume. Interest guaranteed!

Prólogo

Mamãe estava sorrindo brilhantemente. Isso significava que ela deveria sorrir também. Ela aprendeu muito.

A mamãe estava zangada com o papai. Isso significava que ela deveria franzir a testa como a mãe estava fazendo. Ela aprendeu muito. A mamãe estava disciplinando uma das damas de companhia. Isso significava que ela deveria simplesmente ficar parada e não fazer nada. Ela sabia disso.

Então a mãe olhou para ela, observando-a muito, muito de perto, e não havia nada que ela pudesse fazer a não ser estar à altura do desafio. Ria quando a mamãe dela rir, chore quando ela sofrer. Então a mamãe não ficaria com raiva. Um sorriso surgiria em seu rosto e ela não ficaria mais feia.

Quando ela tinha cerca de cinco anos, aplicaram-lhe rouge nos lábios; quando ela tinha dez anos, pó clareador foi colocado em suas bochechas. Suas sobrancelhas foram arrancadas e as falsas desenhadas, e então ela sentiu como se estivesse usando uma máscara. Era como se houvesse cordas invisíveis ligadas aos seus braços e pernas, e a mamãe as puxava. Ela estava cercada por todos os lados. Ela poderia aceitar isso. Ela estava perfeitamente disposta a ser uma marionete por toda a vida. Mas isso foi um erro. Não importava se ela usasse máscara, se fizesse uma marionete: a mamãe ficava cada vez mais feia. Ela descobriu que era impossível pará-la.

Ah, tudo foi em vão.

Mas quando ela percebeu isso, já era tarde demais. Tarde demais para fazer qualquer coisa.

Capítulo 1: O Banho

“Eu me pergunto se há algum lugar onde eu possa conseguir um emprego decente”, disse Xiaolan enquanto separava a roupa no cesto. Elas estavam na área de serviço habitual, e um dos eunucos lhe dera um monte de roupas secas. **“Diga, Maomao, por acaso você não teria nenhuma conexão, teria?”**

Xiaolan estava nos últimos seis meses de seu contrato. Normalmente era nessa época que as famílias das mulheres do palácio encontravam potenciais casamentos para elas, ou então as mulheres encontravam pares para si mesmas. Alternativamente, uma mulher ou consorte de alto escalão do palácio que gostasse particularmente delas poderia pedir que fossem mantidas no interior do palácio.

“Conexões, hein?” Maomao disse. *Claro, ela tinha conexões. Tal como elas eram.* A Casa Verdete estava sempre à procura de jovens trabalhadoras e atraentes. Especialmente aquelas tão bem-humoradas como Xiaolan.

Maomao colocou a mão no queixo e olhou para Xiaolan. Ela ainda tinha vestígios de gordura de bebê, mas tinha um rosto bonito. E havia certos homens que apreciariam o modo como ela ocasionalmente tropeçava nas palavras. Acima de tudo, porém, ela era sincera e isso a levaria muito longe. A velha senhora dizia que meninas assim eram fáceis de treinar, e ela frequentemente as comprava dos procuradores – em outras palavras, dos traficantes.

Maomao estremeceu com o pensamento, no entanto. **“Se você absolutamente, positivamente, não consegue encontrar outro emprego, então farei algumas apresentações.”** Para ser perfeitamente honesta, porém, ela não queria.

"O que? Você realmente faria isso por mim?!” Xiaolan inclinou-se na direção de Maomao, os olhos brilhando. Maomao desviou o olhar.

Receio que ela esteja tendo muitas esperanças...

Na opinião de Maomao, ela era o último recurso. Seu conhecimento direto do bairro do prazer e das cortesãs que nele habitavam impediu-a de recomendá-la de todo o coração como uma ocupação. A Casa Verdete, que era essencialmente a casa da própria Maomao, era um dos bordéis que tratava relativamente bem as suas mulheres, mas em geral o bairro do prazer não era um lugar onde se pudesse esperar trabalhar – e sobreviver – até à velhice. A privação crônica de sono e a desnutrição, juntamente com quaisquer doenças que os clientes pudessem carregar, conspiraram para acabar precocemente com a vida de muitas cortesãs. Depois houve aquelas que tentaram e não conseguiram cortar os laços com o local e, posteriormente, foram enfiadas numa esteira de bambu e jogadas no rio como exemplo para as outras.

Xiaolan foi vendida para o palácio interno por seus pais; quando ela partisse, caberia a ela seguir seu próprio caminho. Era compreensível como isso poderia produzir alguma ansiedade — ou levá-la a começar a perguntar sobre "conexões".

Tenho certeza de que não tenho nada melhor?, Maomao perguntou a si mesma.

Passou por sua cabeça recomendá-la a Jinshi, mas então ela balançou a cabeça. Apresentá-la a ele só faria com que Xiaolan se envolvesse sabe-se lá em que tipo de problemas.

Talvez o médico charlatão, então. Ela cruzou os braços e grunhiu – e então de repente um rosto apareceu.

"E aí?" A oradora era uma jovem alta, com um penteado único e um estilo de falar distintamente nada cortês. Shisui.

"Ah, Shisui! Diga, por acaso você não conhece um bom lugar para trabalhar, não é?"

Dizem que uma mulher que está se afogando se agarra a qualquer palha, e Xiaolan estava fazendo exatamente isso. Shisui era apenas empregada doméstica, o que significa que sua posição era muito semelhante à de Xiaolan. As chances de conseguir uma pista útil dela eram realmente mínimas, mas Shisui disse algo inesperado.

"Sabe, acho que tenho."

"O que? Sério?", Xiaolan quase agarrou Shisui. A outra garota olhou para o lado e apontou para o centro da parte sul do palácio interno, onde ficava um prédio grande e baixo. Maomao conhecia-o bem: era a grande casa de banhos. Foi construída durante a expansão do palácio interno, imitando os haréns de uma nação distante a oeste.

"Bem, não é muito que eu conheço agora. Mas acho que sei como podemos conseguir uma", disse Shisui, e sorriu.

O edifício era enorme, a área de banho em geral grande o suficiente para mil pessoas, com uma banheira grande para cem.

Havia três áreas de banho principais: uma pequena câmara com um banheiro externo anexo para as consortes, um segundo banheiro maior, onde o trio estava agora, e o terceiro, maior banheiro, onde as criadas geralmente apenas davam mergulhos rápidos.

Com uma população tão densa como a do palácio interno, era muito fácil que uma doença se transformasse numa epidemia, por isso o saneamento era fundamental. Esse banho fazia parte da manutenção dessa limpeza.

No resto do mundo, um “banho” geralmente significava simplesmente lavar o corpo. Não se entrava na banheira, mas simplesmente enchia-se um balde com água e lavava-se com ela, ou então enxugava-se com um pano molhado. No bairro de prazer onde Maomao cresceu, tomar banho em banheiras era a norma, mas muitas das mulheres que serviam no palácio interno nem sabiam como usá-las quando chegaram. Encher uma banheira com água quente era um luxo.

No inverno, esperava-se que as mulheres do palácio tomassem banho uma vez a cada cinco dias; uma vez em dias alternados no verão. Lavar a poeira e o odor corporal era parte integral, pensou Maomao, de tornar a vida no palácio interno agradável. Foi também uma oportunidade para ver se alguma das consortes estava sujeitando as mulheres que serviam a castigos corporais. Era muito parecido com o modo como na Casa Verdete, a senhora ficava de olho nas mulheres para ter certeza de que nenhum dos clientes estava abusando delas e danificando a mercadoria.

O próprio banheiro poderia ser um vetor de propagação de doenças, mas neste jardim de mulheres as doenças sexualmente transmissíveis eram raras e a maioria das habitantes eram jovens e saudáveis, por isso a contaminação grave era incomum.

“Eu sabia que teríamos o lugar só para nós a essa hora do dia!”, Shisui disse. Ainda estava claro e poucas outras mulheres do palácio estavam lá.

“Mas por que a casa de banho?”, Xiaolan perguntou. Ela tinha uma toalha na mão e usava apenas um avental de banho, que deixava as curvas de seu corpo claramente visíveis – não que fossem muitas.

"Você descobrirá." Shisui estava vestida da mesma maneira. Seu corpo era

muito desenvolvido, comparado à aparência jovem de seu rosto. Seu peito era grande o suficiente para fazer os dedos de Maomao flexionarem inconscientemente. Aparentemente Shisui se vestia para esconder suas proporções.

A própria Shisui, entretanto, sorriu amplamente e pulou na banheira.

"Ei! Você tem que se enxaguar primeiro! Elas vão ficar bravas com você!", Xiaolan chorou.

"Sim! Está quente!" Shisui gritou enquanto tirava o avental. Sua pele estava ficando vermelha onde ela mergulhou. Maomao pegou um balde e trouxe um pouco de água do banho frio.

Xiaolan fungou, irritada **"Humph. Você nunca tomou banho a essa hora do dia?"**

Os eunucos só enchiam as banheiras uma vez por dia, então começavam com água extremamente quente e, com o tempo, ela esfriava até atingir a temperatura perfeita. Durante a estação quente como essa, portanto, poucas pessoas estavam ansiosas para entrar na banheira imediatamente após ela ser enchida. Mas mais tarde ficava lotado - então aquelas que desejassem tomar banho mais cedo puderam entrar. Foi por isso que Maomao e as outras puderam estar lá agora.

"Ei, ei. Sempre chego um pouco mais tarde", disse Shisui.

Maomao misturou água fria e quente no balde e começou a se molhar. Ela usou um xampu que roubou do consultório médico; enquanto borbulhava, ela molhou o cabelo e passou os dedos cuidadosamente pelo couro cabeludo.

"Deixe-me pegar um pouco disso, Maomao!", Shisui disse e estendeu a mão. Maomao gentilmente derramou um pouco do xampu do frasco na palma da mão dela. Sua própria cabeça ainda coberta de espuma,
Maomao derramou um pouco da água do balde sobre a cabeça de Xiaolan e também lavou o cabelo dela com o xampu.

"Meus olhos ardem", disse Xiaolan.

"Então feche-os."

Ela passou os dedos pelo couro cabeludo de Xiaolan, fazendo uma boa espuma, depois lavou as bolhas com mais água. Xiaolan balançou a cabeça como um cachorro se secando, jogando espuma no rosto de Maomao. **"Não sou uma grande fã de banhos"**, disse ela.

"Não? Mas eles fazem você se sentir bem", disse Shisui.

"Concordo." Maomao procurou um lugar relativamente fresco na banheira e mergulhou os dedos dos pés na água. Preocupada com a possibilidade de o calor subir à sua cabeça, ela colocou mais água fria no balde e usou-a para manter o rosto fresco enquanto se encharcava.

Shisui deslizou para dentro da banheira como Maomao, enquanto Xiaolan entrou no banho frio. Ela provavelmente se sentia mais confortável lá; vilarejos agrícolas como sua cidade natal geralmente não tinham o costume de tomar banho em água quente.

Xiaolan apoiou o braço na beirada da banheira e olhou para as outras garotas. **"Como isso pode ser uma 'conexão' com alguma coisa?"**

"Basta olhar ali." Shisui apontou para o banho ao ar livre, geralmente a residência das mulheres mais importantes do palácio interno – consortes e damas de companhia de alto escalão. Estava anexado à pequena câmara reservada ao uso das consortes.

"O que tem ali?", Xiaolan perguntou.

Shisui levantou-se, pegou Xiaolan pelo braço e arrastou-a para fora. Ela a guiou até uma plataforma de pedra ao lado da banheira externa.

"E-Espere aí, podemos ao menos ficar aqui?", Xiaolan perguntou, um pouco em pânico, mas Shisui apenas sorriu, ficou perto da plataforma e amarrou uma toalha de mão na cabeça.

Bem, agora... Maomao pensou. Ela achou que tinha uma boa ideia do que Shisui tinha em mente. Ela se juntou às outras pela plataforma e amarrou uma toalha na cabeça de Xiaolan. Xiaolan ainda parecia confusa, mas logo duas mulheres se aproximaram delas.

"Novas aqui?", uma delas perguntou. Pelo seu tom arrogante, era fácil adivinhar que ela devia ser uma consorte.

Shisui apenas sorriu e disse: **"Sim, senhora".**

Então a consorte deitou-se na plataforma de pedra como se fosse a coisa mais natural do mundo. A outra mulher, evidentemente sua dama de companhia, pegou um frasco de óleo perfumado.

"Bom e firme, por favor", disse a consorte.

“Você manda!”, Shisui respondeu, pegando o óleo perfumado e derramando-o lentamente sobre os ombros da consorte.

“Humm... Um pouco para a direita”, disse a mulher languidamente. Sua dama de companhia ficou parada, parecendo entediada.

Duvido que ela tenha estado com o imperador, então, Maomao pensou, pegando um pouco do óleo e esfregando nas pernas e pés da mulher, tentando ao máximo imitar Shisui. Xiaolan fez o mesmo.

Quando uma mulher fosse companheira de cama do imperador, ela se tornaria alvo de assédio por parte das outras consortes e mulheres do palácio. Ela aprenderia a ser vigilante – ninguém nessa posição deixaria uma assistente desconhecida lhe fazer uma massagem. Essa mulher, porém, estava jogada na mesa como um polvo. Ela tinha uma certa beleza, como todas as consortes devem ter, mas Maomao não pôde deixar de notar que a sua pele parecia um pouco maltratada; havia marcas onde seu cabelo fino havia sido arrancado.

Isso realmente me incomoda.

Como não poderia, já que Maomao foi criada no bairro do prazer? Num impulso, ela voltou para dentro do prédio, procurando por alguma coisa.

"O que é isso?", Xiaolan perguntou baixinho quando ela voltou. Maomao segurava um fio de cerca de sessenta centímetros de comprimento.

“Você verá”, disse Maomao. Então ela puxou conversa com a dama de companhia da consorte. A outra mulher parecia um pouco desconfiada, mas ouviu. Por fim, ela sentou-se na beirada da plataforma de pedra e estendeu o braço. Maomao passou o fio ao longo dele. A superfície do fio pegou seu cabelo e puxou-o para fora.

“Não dói muito?”, Maomao perguntou.

“É muito desconfortável, mas com certeza é melhor do que uma navalha cega.” A outra mulher parecia uma dama de companhia decente. Normalmente, esse tipo de coisa era feito depois de uma limpeza boa e completa, mas as mulheres pareciam já ter tomado banho, então tudo bem.

“Vou parar se parecer irritar sua pele”, disse Maomao. Ela decidiu começar com apenas um braço. Depois de remover cuidadosamente todos os pelos, ela molhou generosamente o membro com óleo perfumado. Era um perfume bom, de aroma modesto; não agredia o nariz.

“Humm, bem, vamos ver como vai ser agora. Quando você estará por aqui?”, perguntou a dama de companhia olhando para a patroa, que se derretia na mesa de pedra.

"Quando você gostaria?"

“Depois de amanhã, talvez?”

Shisui sorriu com isso. Xiaolan estava trabalhando nas coxas da mulher, ainda sem ter certeza do que estava acontecendo.

Entendi o que ela está procurando, Maomao pensou. Se elas não tivessem conexões, poderiam simplesmente fazer algumas. O banheiro era um local importante, um lugar onde podiam conhecer as consortes, das quais normalmente nunca conseguiam se aproximar.

Quando a consorte satisfeita e sua acompanhante partiram, a próxima cliente do serviço de massagem já estava esperando.

Brincar de atendente de banheiro era um trabalho cansativo. Foi preciso muito esforço para massagear o corpo inteiro de alguém. Não teria sido tão ruim fazer apenas uma pessoa, mas antes que elas percebessem, havia uma fila.

Elas finalmente descobriram que a senhora que fazia massagens aqui havia chegado recentemente ao fim do seu contrato. Uma das consortes intermediárias gostou dela e agora ela trabalha na casa da família da mulher.

No resto do mundo, as atendentes dos banheiros eram frequentemente tratadas como prostitutas, mas só havia mulheres aqui, então isso não era um problema. Contudo, talvez por causa da associação, ou talvez simplesmente porque se tratava de trabalho físico, muitas das mulheres do palácio não gostavam de fazer este trabalho. Foi assim que Maomao, Shisui e Xiaolan se tornaram as mulheres procuradas para massagens. Isso significava muito mais trabalho a fazer – afinal, Maomao e as outras deveriam cuidar da roupa lavada – mas trouxe seus benefícios.

“Aqui, pegue isso. Não é muito, mas peguem”, disse uma dama de companhia ao sair do banho, passando-lhes discretamente uma pequena bolsa de tecido. Isso não aconteceu sempre, é claro. Essa mulher em particular parecia ter gostado da depilação, só isso. Quando espiaram lá dentro, encontraram doces. Isso fez os olhos de Xiaolan brilharem e ela prontamente colocou um pedaço na boca. **“Ah, felicidade...”**

Então ela poderia alcançar a felicidade apenas por ter algo doce para comer. Garota de sorte.

As três haviam terminado o trabalho nos banheiros e estavam empoleiradas na grade da frente, se refrescando. O sol ainda estava alto no céu; era um pouco cedo para o jantar. Outras mulheres corriam de um lado para o outro, tentando terminar o trabalho antes do pôr do sol. As encarregadas de cozinhar a comida pareciam especialmente ocupadas.

Maomao era um caso especial, mas para Xiaolan e Shisui, o compromisso de chegar cedo ao banho era ter mais trabalho para fazer mais tarde. Elas estavam aproveitando alguns preciosos momentos de relaxamento antes de voltarem ao trabalho.

"Acho que não é tão fácil fazer conexões", disse Xiaolan, enrolando o doce na boca. Talvez ela esperasse que elas já estivessem atentas às ofertas de emprego.

"Oh, não é tão ruim", disse Shisui. **"Quando seu contrato estiver prestes a expirar, basta encontrar uma das consortes que goste de você e sussurrar em seu ouvido. Diga a ela que seu serviço terminará em breve."**

"Espero que funcione..."

"Mesmo que ela não a leve pessoalmente, você poderá pelo menos conseguir estender seu contrato. E mesmo que isso não aconteça..." Shisui tirou algo das dobras de seu roupão: um pente sem vários dentes. Apesar da imperfeição, era uma peça de tartaruga que devia valer bastante dinheiro. **"Você sempre pode transformar algo assim em dinheiro!"**

"Ah!" *Muito inteligente*, pensou Maomao. Ela não gostava muito de doces e deu seus doces para Xiaolan. *E por falar em inteligente...*

A palavra também descrevia a consorte servida por Maomao. Maomao ia ao banho uma vez a cada dois dias e sempre parecia estar na companhia de Shisui e Xiaolan. Muitas mulheres poderiam ter desaprovado que ela prestasse tanta atenção a outras consortes. Consorte Gyokuyou, entretanto, simplesmente disse: **"Oh? Você ouve muitas coisas interessantes em um lugar como esse. Deixe-me saber o que você aprendeu."** Ela era imperturbável.

Era verdade; consortes e damas de companhia muitas vezes falavam casualmente sobre coisas de grande interesse quando estavam realmente relaxadas. Talvez elas não tenham percebido que Maomao era uma dama de companhia do Palácio de Jade, ou talvez o vapor dos banhos quentes a obscurecesse o suficiente para que fosse difícil dizer. Seja qual for o caso, as pessoas falavam com ela sobre a situação empresarial de suas famílias, os acontecimentos nos bastidores de outras consortes e outros segredos.

Houve rumores sobre a consorte Gyokuyou também. Maomao percebeu que as consortes mais perspicazes já haviam adivinhado que ela estava grávida há muito tempo,

e toda a conversa agora era sobre se seria menino ou menina e quando nasceria. Várias fofocas afirmavam que a consorte Lihua também poderia estar grávida; Maomao ficou inquieta ao perceber que as pessoas já estavam pensando nesse sentido.

Mas ainda havia outros rumores. Tal como aquele que dizia que talvez a consorte Loulan estivesse grávida. Ela era conhecida por suas roupas vistosas desde que chegou ao palácio interno, mas recentemente ela começou a preferir roupas esvoaçantes e parecia evitar sair de casa, o que alimentava as histórias.

Hmmm...

A consorte Loulan havia chegado no início deste ano e já estavam no final do oitavo mês, entrando no nono. Era impensável que Sua Majestade não tivesse visitado Loulan, uma alta consorte que chegou com tanto alarde. Se os rumores fossem verdadeiros, isso significaria que três das quatro consortes superiores estavam grávidas. Boas notícias? Ou notícias problemáticas? De qualquer forma, era uma perspectiva perturbadora.

E ainda havia outra história interessante circulando...

"Achei que não era mais permitido fazer eunucos."

Maomao sabia onde Xiaolan queria chegar. Juntamente com as novas damas do palácio que foram contratadas recentemente, o número de eunucos também aumentou, mas a criação de novos eunucos deveria ter sido proibida quando o atual imperador assumiu o trono.

"Eles são ex-escravos", disse Shisui suavemente. A escravidão também deveria ter sido proibida; esses homens provavelmente não eram escravos no país de Maomao. Entre as tribos havia algumas que capturavam homens das nações vizinhas, castravam-nos e transformavam-nos em escravos. Esses recém-chegados devem ter fugido ou sido resgatados.

"Dizem que são trinta. Com um número tão grande, deve ter havido um movimento muito sério contra as tribos."

Quando os escravos fugiam, geralmente havia algum ímpeto como esse por trás disso. Maomao lembrou que houve algum problema com tal expedição no ano anterior; talvez os homens tivessem sido resgatados naquela época. Shisui pode parecer jovem e ter uma estranha predileção por insetos, mas podia ser surpreendentemente mundana.

"Isso é difícil", observou Xiaolan.

“Você já disse isso”, respondeu Shisui. Elas agiam como se isso dificilmente as preocupasse. Então, novamente, dificilmente aconteceu.

Então Xiaolan disse: **“Sabe, dizem que um dos eunucos é muito legal. Eu certamente gostaria de dar uma olhada nele.”**

Isso soou muito familiar para Maomao, que fez uma careta.

“Estamos falando de um eunuco, lembre-se. Ainda interessada?", Shisui perguntou.

“Mas legal é legal, certo? Ooh, talvez ele seja designado para trazer a água para os banhos!” Os olhos de Xiaolan brilhavam positivamente. Evidentemente, não lhe importava se este homem possuía o mais importante dos bens ou não. Ela ainda era tão jovem. **“Ainda estou interessada”**, acrescentou Xiaolan. **“Mesmo que ele não seja tão bom quanto Mestre Jinshi.”**

Maomao quase caiu da grade em que estava encostada.

"Você está bem?", perguntou Xiaolan, olhando para ela. Maomao tirou a saia e se endireitou novamente, fingindo que não era nada. **“Pensando bem, Maomao, você e Mestre Jinshi estão sempre—”**

“Fazendo tarefas para a consorte, sim.” Maomao disse com força. Como se fosse comunicar: *nada mais e nada menos.*

Inconscientemente, ela esfregou a saia com a mão esquerda. Era como se ela ainda pudesse sentir o sapo que ela acidentalmente agarrou. *Sim, o sapo.* O *sapo*, ela repetia, tentando se acalmar.

Ela ainda não tinha visto Jinshi desde que retornaram da expedição de caça. Ela presumiu que ele logo iria ao Palácio de Jade em suas rondas de rotina, e ela não estava realmente ansiosa por isso. Ela ainda estava repetindo *o sapo, o sapo* para si mesma com a intensidade de um monge recitando um sutra quando dois rostos familiares entraram no banho: uma jovem de aparência inquieta e uma dama do palácio que a acompanhava. A jovem tinha um rosto fofo, mas no momento sua testa estava franzida de angústia.

Essa é... a consorte Lishu?

Sim, e sua principal dama de companhia. Maomao observou-as, perguntando-se o que estariam fazendo ali.

Capítulo 2: Seki-u

Eu sinto que estou sendo... observada, Maomao pensou. Por quem? As três pessoas na frente dela.

O lanche de hoje foram pães cozidos no vapor. Alguns continham pasta de feijão vermelho, mas outros eram simples, sem recheio, e Maomao, que não gostava muito de doces, preferia esses. Em vez da pasta de feijão, ela gostava de comê-los com sobras de legumes cozidos.

No Palácio de Jade, as damas de companhia se revezavam nos intervalos. Maomao costumava estar de folga ao mesmo tempo que Hongniang ou Yinghua, e recentemente ela simplesmente ficava completamente fora do palácio, mas agora estava de folga com as três novas garotas.

Para ser sincera, ela estava desconfortável. Para começar, Maomao não era muito boa com as pessoas; já havia passado um mês desde a chegada das novas meninas, e ela mal começara a lembrar seus nomes. As três eram muito parecidas. A princípio Maomao pensou que poderia ser simplesmente porque partilhavam a mesma cidade natal, mas na verdade eram irmãs.

Haku-u, Koku-u e Seki-u, ela repetiu para si mesma. Os nomes em si não eram difíceis de lembrar. Eles simplesmente queriam dizer Pena Branca, Pena Preta e Pena Vermelha. Lembrar qual das garotas era qual — essa era a parte complicada. Ela já as confundira várias vezes, até que, exasperadas, cada uma das meninas passou a usar uma faixa de cabelo que combinava com a cor de seus nomes (mais ou menos como as enviadas especiais haviam feito), e então Maomao finalmente conseguiu lembrar quem era quem.

Elas não eram trigêmeas, mas nasceram em anos sucessivos: Haku-u era a mais velha, seguido por Koku-u e depois por Seki-u. Elas tinham boa aparência, como convinha às damas de companhia de uma consorte superior; suas sobrancelhas esvoaçantes sugeriam que haviam sido desenhadas com carvão. Todas tinham lindos olhos amendoados, mas era a garota do meio, Koku-u, que pareceu a Maomao o espírito mais forte.

“Não vai comer nenhum?”, Maomao perguntou. Ela já havia se sentado e começado a comer um dos pães cozidos no vapor. O chá estava esperando; Guiyuan, que estava de folga pouco antes delas, preparou tudo para elas. As folhas já tinham sido maceradas antes, mas ainda estava bem gostoso.

“Claro...” A irmã mais velha, Haku-u, sentou-se, seguida por Koku-u e depois por Seki-u.

Nenhuma delas disse nada. Maomao não se importava com o silêncio como tal, mas achava estranho que as pessoas a observassem comendo. *Talvez haja algo que elas queiram dizer*. Se houvesse, ela gostaria que elas fossem em frente e dissessem isso. Maomao não estava interessada em arrancar isso delas. Com os superiores era uma coisa, mas, ao lidar com colegas, ela não se curvaria em nome de pessoas pelas quais não sentia nenhuma afeição especial.

Elas acabaram comendo seus pães em silêncio. Talvez as novas meninas sentissem que não poderiam dizer nada se Maomao não falasse primeiro. Elas deveriam apenas ter conversado entre si, sem se importar com ela, pensou Maomao.

Ela terminou o lanche e engoliu com o resto do chá. Haku-u, a jovem de faixa branca no cabelo, olhou para Maomao e finalmente falou: **"Tenho uma pergunta. Se você não se importa."** Seu discurso foi deliberado e cuidadoso. Maomao tinha ouvido falar que Seki-u, a mais nova, tinha a mesma idade dela, o que significava que Haku-u devia ter cerca de vinte anos este ano. Isso a tornaria tão velha quanto Gyokuyou e mais velha que Yinghua e os outros; talvez isso explicasse o quanto ela estava composta. **"Como, se posso perguntar, você veio servir no Palácio de Jade?"**

"Como"?

Bem, não havia mão de obra suficiente no Palácio de Jade, e Jinshi a pressionou para servir como provadora de comida no que ele considerou um momento conveniente. Maomao presumiu que Yinghua ou uma das outras teria contado pelo menos isso às novas garotas em algum momento.

"Sim, nós sabemos disso", disse Haku-u. **"Mas isso na verdade não explica nada. Gyokuyou não confia rapidamente em ninguém, mas ela confia em você. Por quê?"** Ela fez uma careta ao dizer Gyokuyou, sem título ou título honorífico.

Entendo, pensou Maomao. Talvez Haku-u se sentisse próxima de Gyokuyou, tendo a mesma idade. Não deveria ser surpreendente se ela suspeitasse de uma pessoa desconhecida se aproximando da consorte. **"Na verdade, sou apenas uma provadora de comida. Se alguém tentasse envenenar a consorte Gyokuyou, eu seria a única a sofrer as consequências. Peço que você me veja em termos desse papel."**

Foi uma resposta honesta. Não havia necessidade especial de contar a ela sobre o incidente do pó facial tóxico que levou Maomao a se apresentar para Gyokuyou.

"Elas disseram que você não mede palavras. Parece que é verdade."

"Obrigada." Maomao não tinha certeza se isso era realmente um elogio, mas abaixou a cabeça mesmo assim. Haku-u pode ser uma recém-chegada, mas, afinal, ela era mais velha que Maomao.

"Também ouvi dizer que você tem muitos amigos externos, mas espero que não perca muito tempo socializando. Minhas irmãs e eu estamos tentando descobrir a vida no palácio interno. Você deve saber que ficamos solitárias quando nossas colegas mais experientes passam todo o tempo saindo. Minha irmã mais nova, em particular." Haku-u cutucou a irmã mais nova com o cotovelo; mas Seki-u, a garota com a faixa vermelha no cabelo, desviou o olhar como se quisesse negar.

Elas não estavam erradas, refletiu Maomao. Ela tinha passado muito tempo com Xiaolan e Shisui recentemente e percebeu agora que isso não era totalmente apropriado.

Ironicamente, porém, ela prometeu a Xiaolan e Shisui que iria vê-las mais tarde hoje. Fazer a depilação das consortes passou a ser tarefa de Maomao. Se ela desistisse agora, as outras duas teriam que lutar para protegê-la. Ela estava apenas preocupada com o que fazer quando teve uma ideia. Tudo o que elas realmente precisavam era de alguém para ficar de olho nela, para ter certeza de que ela não faria nada suspeito, certo?

"Então por que perder tempo?", ela disse. **"Vamos ao banho hoje."**

"Huh?", Seki-u disse, pega de surpresa pelo convite. As três irmãs podiam ser muito parecidas, mas suas idades ainda as diferenciavam. Seki-u parecia bastante inocente. Contanto que ela não fosse muito brusca, Xiaolan e Shisui deveriam ser capazes de lidar com ela com bastante facilidade. E Maomao permitiria.

Ao ouvir a palavra banho, Haku-u e Koku-u se entreolharam. Foi apenas imaginação de Maomao ou elas sorriram por um segundo fugaz?

"Isso pode ser uma boa ideia. Seki-u, seria bom para você passar um tempo com outras garotas que não são suas irmãs."

"Mas mana!"

"Sim, você sabe, você pode estar certa. Além disso, Lady Gyokuyou ordenou que fôssemos aos banhos às vezes."

"Isso é verdade."

A caça ao escândalo era um trabalho em si, em certo sentido. Maomao chamou Seki-u até ela.

“Koku-u, por que você não vem?”, Seki-u se aventurou.

“Desculpe, eu tenho que trabalhar. Divirta-se." A segunda irmã, de outra forma quieta, concordou com a mais velha, deixando a irmã mais nova sem muita escolha.

Enquanto isso, Maomao achava que tinha começado a entender a hierarquia específica das irmãs.

“Eu sou Seki-u. Prazer em conhecê-las”, disse Seki-u nervosamente.

Xiaolan e Shisui, por sua vez, estavam entusiasmadas com a nova companheira de Maomao.

“Ah”, disse Xiaolan, **“Você tem uma nova amiga, Maomao?”**

“Bem, eu terei”, acrescentou Shisui.

As duas conseguiram cercar Seki-u sozinhas. Maomao ignorou elas e a sua nova conhecida, certificando-se de que ela tinha tudo o que precisava. Ela tinha um bálsamo de beleza, para o caso de o processo de depilação irritar a pele de alguém, e um fio de seda. Ela queria trazer os “livros didáticos” que sobraram do distrito do prazer na esperança de vender alguns, mas desistiu da ideia: seria muito difícil com Seki-u junto.

Falando em Seki-u, ela olhava para Maomao suplicante, evidentemente vendo-a como seu porto seguro, agora que suas irmãs não estavam por perto.

Suponho que deveria resgatá-la, pensou Maomao. Ela apontou na direção do banho como se dissesse *Vamos*, e Xiaolan e Shisui levantaram as mãos e começaram a correr.

"Quem são essas pessoas?", Seki-u perguntou.

“Elas são inofensivas.” *Eu acho*, Maomao acrescentou mentalmente. Então ela mesma trotou em direção aos banhos.

"Espere por mim!", Seki-u chorou e correu atrás dela.

O trabalho não seria tão difícil hoje, já que várias massagistas adicionais apareceram recentemente. Quando espiaram nos banhos, puderam ver outra mulher do palácio fazendo uma massagem. Talvez as outras mulheres tenham começado a se interessar quando perceberam que Maomao e as outras recebiam poucas indulgências das consortes. A massagista anterior evidentemente fez um trabalho melhor em manter o fato oculto.

Maomao tirou o avental no vestiário e depois foi para a área de banho com o balde cheio de ferramentas. Seki-u, porém, ficou ali parada, remexendo-se desconfortavelmente.

"**Qual é o problema?",** Xiaolan perguntou seriamente.

“Isso é tudo que iremos vestir?”, Seki-u perguntou.

"**Sim. Fica quente no banho se você estiver com muita roupa.”**

Seki-u, ao que parece, ficou envergonhada. Shisui veio por trás dela com um sorriso malicioso e agarrou sua faixa, puxando-a para soltá-la. Ela tirou o manto de Seki-u e o ergueu bem alto.

"Huh!" Maomao e Xiaolan exclamaram em uníssono. Ambas pareciam estar pensando a mesma coisa: que Seki-u não tinha nada do que se envergonhar. (Xiaolan, como Maomao, era apenas modestamente dotada.)

“Ah, está tudo bem”, disse Shisui, que estava consideravelmente mais do que bem.

“Tudo bem, de fato!”, Seki-u exclamou. **“Eu gostaria de ser plana como uma tábua!”** Ela olhou para Maomao e Xiaolan. Xiaolan estava começando a parecer zangada e os olhos de várias mulheres próximas também brilharam. *Ela vai fazer inimigos nesse ritmo*, pensou Maomao.

Shisui parecia ter a mesma intuição, pois entregou a Seki-u um avental em vez do manto. **"Claro. Claro, eu ouvi você. Vamos, vamos para o banho”**, disse ela, dando alguns tapinhas encorajadores no ombro de Seki-u.

Eu sabia que seria fácil provocá-la, pensou *Maomao*, *Mas nunca imaginei que seria tão fácil.* Ela seguiu Seki-u e Shisui em direção à área de banho.

A resistência de Seki-u em expor seu corpo sugeria que ela vinha de algum lugar sem o costume de tomar banho regularmente. Ela era da mesma aldeia que a consorte Gyokuyou, o que significaria que ela era das terras secas do oeste. A água era um recurso precioso lá; não admira que Seki-u não estivesse acostumada a tomar banho. Eles tinham saunas, mas provavelmente não havia grandes banhos como este.

“Como você tem feito todo esse tempo?”, no deserto pode ser uma coisa, mas por aqui, o odor corporal se tornaria perceptível muito rapidamente se você não tomasse banho rotineiramente. Principalmente agora, na estação quente. Apenas se limpar quase certamente não seria suficiente.

“Minhas irmãs mais velhas vêm aqui, mas pedi permissão especial a Lady Gyokuyou e...”

Aparentemente, ela teve permissão para usar o banho no Palácio de Jade. Tais comodidades eram normalmente reservadas à dona da casa. Sua Majestade às vezes também os usava, mas, er, não para tomar um banho propriamente dito. (Portanto, omitiremos os detalhes.)

Maomao percebeu que de fato tinha visto Seki-u indo para o banho do Palácio de Jade em diversas ocasiões. Mesmo que ela só estivesse usando o lugar depois que sua patroa terminasse, ela ficou intimidada o suficiente para tentar não chamar a atenção para si mesma. Isso explicava, porém, por que as outras irmãs, aparentemente tão leais umas às outras, estavam tão dispostas a vender Seki-u a Maomao. Como a menina mais nova tinha permissão da consorte Gyokuyou para usar o banheiro privado, elas sentiram que não poderiam arrastá-la para o banheiro público. Mas quando Maomao convidou Seki-u, elas viram a sua oportunidade.

“Parece que você está com vergonha”, disse Maomao. **“Mas não haverá tempo para isso quando começarmos aqui.”** Então ela mergulhou uma toalha de mão em um balde e começou a se limpar.

Se Seki-u estava relutante em deixar seu peito ser visto, o que ela deveria pensar das consortes deitadas na mesa de pedra sem um fio sobre elas? Gyokuyou insistia em fazer praticamente tudo sozinha, então Seki-u provavelmente nunca tinha visto algo assim antes. Parecia que a coisa toda estava fazendo sua cabeça girar, mas Maomao não tinha tempo para se preocupar com ela.

"**Aqui, pegue isso.**" Maomao passou-lhe o óleo perfumado. **“Você pode pelo menos esfregar nelas, certo?”**

“Es-Esfregar nelas?!”

“Uh-huh. Finja que você está marinando um frango.” Maomao acrescentou num sussurro que isso faria com que as mulheres relaxassem – o que as tornaria mais falantes.

Seki-u franziu a testa intensamente, mas lentamente, com medo, começou a untar a consorte deitada com óleo. Xiaolan, que estava ficando muito boa nisso, pegou um pouco do excesso e começou a aplicar na pele da mulher.

Maomao ainda era responsável pela depilação, o que, ao contrário da massagem, não era algo necessário todos os dias. Consequentemente, ela terminou antes de Xiaolan e

Shisui, deixando-a com pouco para fazer. Ela estava sentada na plataforma de pedra, esperando pela próxima cliente, quando avistou uma figura hesitante.

Bem, olha quem é... Consorte Lishu estava de volta. Ela estava com sua dama de companhia novamente e olhava em volta, inquieta. *Me pergunto o que está acontecendo.* Cada uma das consortes superiores tinha seu próprio banheiro em seu palácio. Lishu não precisava ir até o banheiro público.

Ela estava tão ocupada olhando em volta, nervosa, que não percebeu o balde perto de seus pés e quase tropeçou nele. De alguma forma, era muito característico dela. Lishu era uma das quatro consortes superiores do palácio interno, mas ela era uma espécie de princesa protegida, ainda com apenas quinze anos de idade e nunca tendo recebido a visita do imperador.

Sua principal dama de companhia estava tentando segurá-la, mas o chão estava muito escorregadio e Lishu caiu. Maomao se perguntou se ela não tinha outras mulheres em quem pudesse confiar, mas então pensou nas mulheres do Palácio de Diamante e percebeu que simplesmente não havia ninguém de confiança entre elas.

Finalmente, Maomao sentiu-se compelida a ir até Lishu. Algum óleo perfumado ou algo assim havia sido derramado nas pedras; Maomao derramou água do banho sobre elas para que não tropeçassem mais.

"Oh, obrigada... argh?!" As palavras de gratidão da chefe dama de companhia transformaram-se num grito estrangulado quando ela viu Maomao. Por alguma razão, Lishu compartilhou sua expressão de horror. Maomao fez uma careta para ambas, mas elas tremiam como potros recém-nascidos. Ela desejou que elas não olhassem para uma pessoa como se ela fosse algum tipo de monstro. Ela entendeu a dica, porém, e estava prestes a voltar para a mesa de massagem quando percebeu algo. Havia lugares por todo o corpo trêmulo de Lishu onde os pelos não haviam sido removidos adequadamente; parecia que alguém havia tentado barbear ela com uma navalha, mas havia deixado muitos arranhões e até alguns cortes aqui e ali.

"Você prefere tentar uma maneira diferente de remover os pelos?", Maomao disse.

"O que?", Lishu pareceu surpresa com a oferta, mas não resistiu quando Maomao puxou suavemente sua mão. Isso era perto o suficiente de concordar. Maomao achou que ainda detectava um leve tremor, mas estava determinada a ignorá-lo. A depilação de má qualidade a incomodava. (Maomao às vezes ficava incomodada com coisas bastante incomuns.)

Ela incitou Lishu a subir na plataforma de pedra – a consorte parecia ter a mesma relutância que Seki-u em expor seu peito – e então começou a aplicar loção, embora

franzisse um pouco a testa ao fazê-lo. Xiaolan notou a consorte encolhida e a dama de companhia que ficaram perto dela e prontamente entenderam o que estava acontecendo; ela ajudou a fixar a consorte na mesa.

"Não se preocupe", disse Maomao. **"Serei gentil."** Ela estava empenhada em fazer o melhor trabalho que pudesse.

Enquanto isso, Seki-u só podia observar, com os olhos cheios de simpatia pela consorte.

Após a depilação, a pele de Lishu ficou macia e sedosa. Quase sem perceber, Maomao não parou nos braços e nas pernas, mas percorreu cada centímetro do seu corpo. Xiaolan estava cuidando diligentemente, untando a consorte com óleo perfumado. Shisui precisava ajudar outra "cliente", que então lhe deu um suco que ela estava saboreando agora. Xiaolan estava olhando para ela com inveja. *Humm, elas deveriam tentar pedir honorários à consorte Lishu?*, Maomao se perguntou. Olhando para a consorte, porém, que estava colado à mesa parecendo que sua alma havia deixado seu corpo, ela pensou melhor.

"Esse tipo de coisa é novo para ela?", Maomao perguntou à chefe dama de companhia.

"S-Sim. No, hum, palácio, a maioria das mulheres não dá muita atenção a essas coisas. E antes disso, ela passou um bom tempo num convento."

"Ah, sim, está certo."

Na verdade, a história de Lishu era bastante triste, pensando bem. Casada ainda jovem com um imperador pedófilo como peão político, enviada para um convento após sua morte e depois forçada a voltar para o palácio interno por sua família. E uma vez lá, cercado por damas de companhia imprestáveis.

A principal dama de companhia já esteve entre as algozes da consorte, mas agora era a fiel aliada da sua amante, um fato que impressionou Maomao. Como ela estava aqui de qualquer maneira, Maomao achou que poderia muito bem deixar a pele da chefe bonita e macia também, mas embora a mulher se submetesse a fazer os braços e as pernas, ela resistiu ferozmente quando se tratava de suas partes mais sensíveis. Maomao não via o problema: afinal, eram todas mulheres aqui.

Depois que terminaram com a consorte Lishu e sua principal dama de companhia, o trabalho do dia estava praticamente concluído. Vestiram mantos largos e tentaram se refrescar do calor dos banhos. Lishu sugeriu um pouco de suco e, embora fosse perfeitamente possível que ela estivesse simplesmente sendo educada - que ela realmente esperava que elas recusassem - as outras garotas aceitaram ansiosamente.

Xiaolan estava abertamente alegre, enquanto Seki-u não entendia realmente o que estava acontecendo, mas seguiu em frente mesmo assim.

Outras senhoras estavam atendendo às outras consortes, enquanto Shisui havia escapado para fora, onde uma das consortes estava presenteando-a com uma baforada em um cachimbo. Ela sabia como jogar o jogo.

"Se me permite perguntar", disse Maomao à principal dama de companhia de Lishu, assim que elas se instalaram na área de descanso das consortes, **"O que a traz aqui? Achei que o Palácio de Diamante tivesse seu próprio banheiro."**

"Sim, bem...", a dama de companhia disse inquieta. Ela olhou para Lishu, cujo rosto brilhava com o calor dos banhos, mas começava a recuperar a compostura. Na verdade, ela parecia um pouco pálida. **"Foi aí que apareceu. No banho..."** Agora a dama de companhia parecia tão pálida quanto sua patroa. **"Um fantasma..."**

Capítulo 3: O Fantasma Dançante

Seki-u pareceu realmente muito chateada quando percebeu que a jovem que se apresentava era uma das consortes superiores. Mas depois de Maomao ter ouvido a história, teria sido impossível impedi-la de se envolver nela.

E foi assim que, na noite seguinte, Hongniang disse a Maomao: **"Mestre Jinshi está perguntando por você".** A degustação de comida acabou; Maomao, que estava comendo seu jantar de mingau, rapidamente limpou sua tigela. Seki-u, que estava comendo com ela, franziu a testa, mas não chegou a dizer nada.

No banho do dia anterior, Maomao recomendou que a consorte Lishu consultasse Jinshi sobre o fantasma. Maomao não poderia aconselhá-la diretamente sobre o assunto, até porque a expressão no rosto de Seki-u dizia que ela nunca permitiria isso. Mas Maomao sabia que se Lishu perguntasse a Jinshi sobre isso, havia uma boa chance de que o assunto fosse encaminhado a ela. E agora parecia que ela estava certa...

Eu não pensei nisso até o fim.

Maomao sentiu um arrepio percorrer seu corpo ao ser conduzida para a sala de estar. Gyokuyou estava lá junto com Hongniang, assim como Jinshi e Gaoshun. Jinshi exibia seu habitual sorriso celestial, mas ela pensou ter visto sua boca se contorcendo. Tudo o que ela conseguia pensar era: *Merda.*

Em uma expedição de caça com Jinshi, não muito antes, Maomao descobriu um segredo terrível. Todos os homens no palácio interno, exceto o imperador, deveriam ser

eunucos, mas ela descobriu que um deles não era. Ou seja, o próprio Jinshi. Digamos simplesmente que ele possuía um belo exemplar. Maomao não estava interessada em lembrar de mais nada além disso.

Maomao finalmente conseguiu seus bezoares de boi e ficaria feliz em fingir que nada mais havia acontecido, mas Jinshi parecia ter outras ideias. Essa foi a primeira vez que eles se viram mesmo desde a viagem e, embora seus lábios sorrissem, seus olhos não.

"Hehehe. E que tipo de pedido traz você aqui hoje?", consorte Gyokuyou perguntou, sorrindo. Sua curiosidade natural a fez querer meter o nariz em todos os vários assuntos que Jinshi trouxe para Maomao. Esse caso em particular tinha a ver com a consorte Lishu. Como Jinshi abordaria o assunto?

"Parece que um fantasma apareceu nos aposentos de uma das outras consortes."

"Meu Deus", exclamou a ruiva, mas seus olhos brilhavam. Ao lado dela, Hongniang pressionava a mão em sua testa como se dissesse *"De novo*?".

Maomao não pôde deixar de notar que Jinshi foi direto ao assunto. Ela gostou que ele não fez rodeios, mas Gyokuyou era esperta o suficiente para que ela quase certamente descobrisse a quem ele estava se referindo.

"Que terrível. Qual consorte é? Devo visitá-la para ter certeza de que ela está bem."

"Lady Gyokuyou, você não pode sair de casa em seu estado."

"Oh não? Então talvez eu possa enviar alguém em meu nome. Você e Maomao poderiam ir juntos. Ou se você estiver ocupado, talvez eu possa enviar Yinghua com ela."

"Ter certeza de que ela está bem", era provavelmente a última coisa na mente de Gyokuyou; ela só queria os detalhes interessantes. Não fazia sentido esconder a identidade de Lishu agora; a verdade viria à tona assim que Seki-u abrisse a boca. Jinshi tinha que saber disso, mas talvez por algum desejo de se vingar de Gyokuyou, ele respondeu: **"Consorte Gyokuyou, este é um assunto de extremo sigilo, então devo pedir-lhe que não faça uma visita a ela ou envie ninguém. Sendo esse o caso, você poderia devolvê-la para mim novamente?"**

"Talvez eu possa emprestá-la para você."

O objeto de toda esta devolução e empréstimo era, claro, Maomao. Ela, Gaoshun e Hongniang suspiraram ao mesmo tempo: eles iriam ver uma repetição da última vez?

“Não, eu quero que você a devolva para mim, essa garota aqui! Maomao!”, Jinshi ficou na frente de Maomao e pressionou um dedo em sua cabeça. Então ele deixou deslizar pelo cabelo dela. **“E quando ela voltar, acredito que você descobrirá que não consegue obter nenhuma informação dela.”** A mão dele roçou sua bochecha, o dedo mindinho e anelar flutuando em seus lábios. **“Porque me esforcei para mantê-la quieta.”**

Então ele saiu da sala, caminhando com um andar incrivelmente elegante. Gaoshun, abertamente chocado, o seguiu. As outras habitantes da sala olharam para Maomao boquiabertas, mas ela tinha a mesma expressão que elas.

Foi Gyokuyou quem deu o primeiro passo. **"O que aconteceu entre vocês dois?"** Seu olhar, ainda em estado de choque, pousou em Maomao, que achou o olhar totalmente doloroso.

Gyokuyou começou a interrogá-la durante os trinta minutos seguintes, mas Maomao disse apenas: **“Foi culpa do sapo”.** Ela estava começando a pensar que alguns bezoares de boi eram um preço muito barato para um segredo que ela teria de levar para o túmulo.

Maomao se perguntou que tipo de aparição seria esse “fantasma”. Francamente, ela não acreditava nessas coisas. Houve um incidente na reunião de histórias assustadoras há algum tempo, mas Maomao não tinha ideia se havia algo sobrenatural nisso. Yinghua, porém, estava convencida de que era um fantasma e Maomao não discutiu.

Chame-os de espíritos ou algo assim; isso não importava. Maomao não acreditava que as pessoas pudessem ser mortas por forças sobrenaturais malignas. Quando alguém morria, sempre havia um motivo: veneno, ferimento ou doença. Na medida em que uma “maldição” ou algo semelhante matou alguém, na mente de Maomao, foi apenas porque a pessoa se levou à doença através da sua própria crença de que era vítima de tais forças.

De qualquer forma, Maomao acompanhou Jinshi ao Palácio de Diamante. Pessoalmente, ela achava que isso não era necessariamente algo que justificasse sua atenção pessoal, que talvez Gaoshun ou alguém parecido pudesse ter lidado com isso perfeitamente bem, mas talvez ela estivesse errada sobre isso.

Quando chegaram ao Palácio de Diamante, em seu bosque de bambu, foi apenas a principal dama de companhia quem as recebeu. Quando perceberam que Jinshi estava presente, no entanto, as outras senhoras prontamente tiraram a poeira de suas roupas, passaram os dedos pelos cabelos e formaram fila na entrada do palácio

Jinshi olhou para elas com um sorriso. Maomao sentiu uma carranca desagradável se aproximando, mas Gaoshun olhou para ela com o olhar de um *bodhisattva**[1]. Ele estava

bem ciente de que Jinshi não estava bem desde que retornaram da caça. Ele a bombardeou com perguntas sobre isso, mas ela não tinha certeza do quanto deveria dizer e deu apenas respostas ambíguas. Gaoshun sabia que Jinshi não era eunuco? Ele próprio poderia ser outra exceção à regra?

Convencida de que pensar em tudo isso não a levaria a lugar nenhum, Maomao simplesmente os seguiu até o Palácio de Diamante.

Consorte Lishu era divertidamente fácil de ler: seu rosto estava pálido quando eles chegaram, mas quando ela viu Jinshi, ela imediatamente ficou vermelha; e então, quando chegaram ao assunto em questão, o sangue desapareceu de suas bochechas novamente. Ela podia não ser a amante de Maomao, mas ainda assim era um tanto alarmante perceber que alguém como ela era uma das quatro consortes mais importantes.

Suponho que essa possa ser uma das razões pelas quais Sua Majestade não a tomou como companheira de cama, pensou Maomao. Ela foi dominada pela imagem do imperador como um homem atencioso e perspicaz - mas depois concluiu que provavelmente o tamanho do busto envolvido não despertava seu apetite. Lishu ficou ainda mais aquém dos noventa centímetros preferidos de Sua Majestade do que Maomao.

"**Por esse caminho, por favor.**" A principal dama de companhia falou em nome de sua pálida amante. Uma verdadeira multidão de outras damas de companhia os seguiu, mas seu objetivo principal parecia ser Jinshi; *para ser franca, elas estavam no caminho.* Falando poeticamente, poderíamos dizer que era como uma linda flor cercada por uma multidão de borboletas. Mas as damas de companhia faziam muito mais barulho do que borboletas, e o efeito geral era mais parecido com uma nuvem de moscas zumbindo em torno da cabeça de um peixe.

Se elas soubessem que ele não era um eunuco...

Eca. Maomao nem queria pensar nisso.

Enquanto ela pensava que ele deveria se apressar e cortá-lo (não é uma ideia muito elegante, é verdade), eles chegaram à área de banho. Jinshi e os outros eunucos pararam brevemente, mas eram sempre os eunucos que traziam a água quente para o banho, então certamente não havia problema.

"**Aqui.**" A chefe dama de companhia parou diante do vestiário; Consorte Lishu ficou a alguma distância, com medo de chegar muito perto. **"A consorte diz que ela estava aqui quando testemunhou uma figura misteriosa."** Ela gesticulou na direção da janela do vestiário. Não havia nada além, apenas uma parede vazia: um depósito podia ser visto além da janela. Normalmente a janela estaria coberta com uma tela de bambu, mas por acaso ela estava aberta e a consorte olhou através dela.

“Você pode descrever a figura para mim?”, Maomao olhou para Lishu, que segurava a saia e olhava para o chão. Isso a fazia parecer tão jovem. Ela não tinha a autoridade associada a uma consorte.

"Você ainda está falando sobre isso?", uma das damas de companhia, evidentemente inspirada pelo comportamento encolhido de sua patroa, perguntou com voz anasalada. **“Você está tão desesperada para chamar atenção, Lady Lishu. Tenho certeza de que não há nada com que se preocupar. Você deve ter visto coisas.”**

A mulher deu um passo à frente de maneira importante, acrescentando um olhar sedutor para Jinshi para garantir. Ela era bonita (as mulheres do palácio interno eram, quase por definição), mas havia um brilho perigoso em seus olhos, enfatizado pelo uso do delineador.

“Eu acho que é dever de uma chefe dama de companhia advertir sua amante por tal comportamento”, disse a mulher, balançando a cabeça e suspirando. As outras damas de companhia agruparam-se em torno dela como se estivessem literalmente entrando na fila atrás dela. A chefe dama de companhia pareceu encolher-se.

Ah-ha, pensou Maomao. A mulher arrogante deve ter sido a ex-dama de companhia chefe. Deve ter irritado ela ser rebaixada em favor da provadora de comida. Ela provavelmente a alfinetava assim todos os dias.

Jinshi, que sem dúvida poderia deduzir isso tão bem quanto Maomao, sorriu e deu um passo em direção à senhora presunçosa. **“Você fala a verdade”**, disse ele. **“Mas meu dever é ouvir quando uma consorte tem algo a dizer. Imploro-lhe que não aproveite a oportunidade de cumprir esse dever longe de mim.”**

Sua voz era doce como néctar, e as damas de companhia só conseguiam concordar com tudo o que ele dizia. A maioria das damas do palácio interno eram, digamos, inexperientes com os homens, tornando as suas reações a eles divertidamente fáceis de ler. Então Jinshi acrescentou suavemente que queria tomar um pouco de chá – uma estratégia eficaz para esvaziar a sala. As damas de companhia praticamente tropeçaram em si mesmas para preparar sua bebida. Na verdade, outra dama de companhia já havia preparado chá há muito tempo, mas elas não sabiam disso. Ele realmente sabia como fazer seu trabalho.

“Agora, minha senhora, você poderia fazer a gentileza de me dizer o que está pensando?”

Assim apaziguada por Jinshi, Consorte Lishu deitou-se no sofá e finalmente começou a falar.

○●○

Fui tomar meu banho normalmente. Pessoalmente prefiro água morna, mas minhas senhoras sempre deixam a água bem quente, então tomo banho um pouco tarde, para dar tempo à água esfriar.

Ultimamente comecei a ter a impressão de que minhas damas de companhia não gostam muito de mim. Mas pelo menos não reclamam do meu banho sozinha, que tem sido minha prática desde que estive no convento. A única vez que estou acompanhada é na hora de trocar de roupa, que tenho a ajuda de Kanan – aham, minha principal dama de companhia.

Aconteceu quando terminei o banho e fui para o vestiário. Senti-me um pouco superaquecido enquanto me enxugava, então levantei a persiana. A janela estava fechada, então não entrava muito ar. Mas então eu vi um lampejo. A princípio pensei que pudesse ser a cortina balançando com a brisa, mas não. Eu fechei a janela antes de entrar no banho e não deveria haver nenhuma brisa. No entanto, estava batendo.

Então olhei e vi: um rosto grande e redondo flutuando ali, tremulando e dançando, usando a cortina como um manto.

O rosto estava sorrindo. E o tempo todo, ele olhou diretamente para mim.

○●○

A própria lembrança era claramente assustadora, pois Lishu se abraçou e tremeu enquanto estava deitada no sofá. Kanan esfregou os ombros suavemente.

Uau, e ela costumava ser tão má com ela. Então as pessoas realmente poderiam mudar, refletiu Maomao enquanto tomava um gole de chá. O chá que Jinshi solicitou anteriormente ainda não havia chegado; parecia haver uma discussão sobre quem teria o privilégio de trazê-lo para ele.

Acompanhavam o chá biscoitos de amêndoa, um lanche bastante cosmopolita. Eles eram crocantes e pareciam que iriam ficar bem com o chá, então Maomao continuou olhando para Kanan, imaginando se ela conseguiria arrancar alguns dela como lembrança.

"Você não acha que poderia haver alguém na área?", Jinshi estava perguntando. **"Você viu uma mulher do palácio e a confundiu com um espírito?"**

Lishu e Kanan balançaram a cabeça. **“Kanan estava comigo”,** disse Lishu. **“Ela veio correndo quando me ouviu gritar. E ela viu o fantasma também.”** Aparentemente, apesar do medo, Kanan se aproximou da aparição de rosto redondo na esperança de determinar sua verdadeira identidade. **“Mas então o fantasma desapareceu. Não havia ninguém por perto, é claro, e a cortina estava tão imóvel como se nunca tivesse se movido. A janela também estava fechada. Aquela sala não recebe muito ar.”**

Maomao murmurou e juntou as mãos, olhando para o local que Lishu havia descrito. Todo o layout parecia estranho para ela. Quem construiria um depósito ao lado de um banheiro? Nos palácios de Jade e de Cristal, o banho era uma estrutura separada, com uma sala contígua onde a consorte podia relaxar após o banho. O banheiro pode não ser separado no Palácio de Diamante, mas certamente um lugar para relaxar seria mais apropriado para colocar ao lado dele do que um espaço de armazenamento.

Ela estava prestes a dar uma olhada em Jinshi, mas pensou melhor e olhou para Gaoshun. Ele estava olhando para Jinshi, uma expressão de preocupação no rosto. Jinshi acenou para eles e Maomao considerou isso uma permissão para perguntar o que ela estava pensando.

“Sempre foi um depósito aqui?”, ela disse. Ela não conseguia afastar a sensação de que provavelmente havia uma pergunta mais incisiva a ser feita, mas decidiu começar com a primeira coisa que lhe veio à cabeça.

“Não, não costumava ser”, disse Kanan.

“Então por que é agora?”

“Er, bem...”, Kanan se levantou, parecendo um pouco desconfortável, e foi até o depósito em frente ao banheiro. Ela apontou para dentro, entre as fileiras de prateleiras e pilhas de objetos diversos.

“Ah, entendo”, disse Maomao. Ela viu marcas pretas na parede – mofo, ela descobriu após uma inspeção mais detalhada. Depois de criar raízes assim, seria necessário mais do que uma pequena esfregada para se livrar dele. A proximidade do banho deve ter tornado a umidade um problema aqui. E ainda assim os palácios de Jade e de Cristal não tiveram problemas com mofo. As damas de companhia do Palácio de Jade provavelmente teriam investigado para descobrir de onde vinha, para que pudessem cuidar do problema em sua origem - mas tal dedicação não poderia ser esperada das mulheres do Palácio de Diamante. Na verdade, as senhoras do Palácio de Jade, com sua limpeza diligente, eram um tanto excepcionais. Aqui, elas decidiram varrer o problema para debaixo do tapete, simplesmente transformando o cômodo em uma área de armazenamento.

Mesmo assim, o problema ia além do mofo: em alguns lugares, a parede era macia e elástica ao toque. Pode até estar apodrecido até as fundações.

“Eu não teria dito que este prédio era tão antigo.”

"Não é. Foi construído quando Lady Lishu entrou pela primeira vez no palácio interno.”

Maomao franziu a testa: será que a estrutura poderia ter ficado tão instável em tão pouco tempo? Então, ela percebeu que havia uma janela bem ao lado da parte podre. Esta era a cortina que Lishu disse que estava balançando.

Acariciando seu queixo, Maomao foi até a área de banho; ela atravessou o vestiário e espiou dentro da banheira de madeira cipreste.

"Aí está." As palavras escaparam de seus lábios quase antes que ela percebesse. Ela encontrou um pequeno buraco redondo no fundo da banheira. Ao lado da banheira havia uma tampa. O palácio interno havia sido construído sobre um antigo sistema de esgoto – uma de suas grandes conveniências – e o esgoto sem dúvida levava até lá.

Em sua mente, Maomao esboçou a localização do banheiro em frente ao depósito e depois acrescentou o fluxo dos esgotos. Então ela disse: **“Lady Lishu”** e olhou para a consorte. **“Naquele dia, você, por acaso, tirou acidentalmente a tampa da banheira?”**

Lishu piscou. **"Como você sabe?"**

Agora Maomao tinha certeza. Ela caminhou rapidamente de volta até a parede infestada de mofo e tentou mover uma prateleira para poder ver melhor o chão podre. Ela não era forte o suficiente para fazer isso sozinha, mas o sempre perspicaz Gaoshun rapidamente veio e ajudou.

Mover a prateleira revelou um ponto no chão tão macio que parecia que poderia ceder se ela pulasse sobre ele. Uma rachadura se formou entre o chão e a parede.

“Seria possível verificar numa planta se o esgoto corre diretamente abaixo deste local?”, Maomao perguntou. Foi, mais uma vez, Gaoshun quem respondeu prontamente ao seu pedido. Ele instruiu outro eunuco a trazer uma planta do Palácio de Diamante.

Tal como Maomao suspeitava, o sistema de esgotos passava diretamente por baixo do chão do armazém. **“Com a água quente passando logo abaixo do piso e o vapor saindo dela, isso naturalmente tornaria esta parede propensa a apodrecer”**, disse ela. **“E se parte do vapor escapasse por essa fenda, poderia produzir uma brisa mesmo com a janela fechada.”**

Isso explicava o bater da cortina.

Consorte Lishu olhou para Maomao de boca aberta, mas então seus olhos se arregalaram e ela disse: **“M-mas então, como você explica aquele rosto redondo?”**

Maomao murmurou pensativa e acariciou seu queixo novamente. Ela olhou para a localização da cortina e para o local onde ela presumiu que Lishu tinha visto o rosto. Então ela se virou lentamente naquele local. Com a parede às suas costas, ela avistou uma prateleira na diagonal de onde ela estava. Segurava algo coberto com um pano. Ela se aproximou e removeu a cobertura para revelar um espelho de latão. Parecia muito bem polido para algo deixado em um depósito; ainda tinha algum brilho até agora.

"Isso é-"

"Sim, senhora?"

Lishu olhou para o chão. **“Isso é muito importante para mim. Por favor, cuidado com isso."**

Bem, não era como se Maomao tivesse a intenção de quebrá-lo. No entanto, ela se absteve de tocá-lo, em vez disso olhou para a superfície do espelho. Era quase exatamente do tamanho de um rosto humano. **“Há quanto tempo isso está aqui?”,** ela perguntou.

“Desde que o novo espelho chegou com as enviadas especiais. Eu usei isso o tempo todo antes disso. Foi colocado aqui quando ganhamos o novo.”

As enviadas trouxeram às consortes espelhos de vidro de corpo inteiro, o que significa que eles mostravam muito mais do que aquela placa de latão, e com muito mais clareza. Não haveria comparação – e nenhuma razão para não guardar esse aqui.

“E ainda assim parece ter sido polido todos os dias”, observou Maomao. O latão turvou rapidamente. Para que o espelho permaneça tão reflexivo, ele deve ter sido cuidado com frequência.

Lishu olhou para o espelho com certa solidão. Ela parecia muito mais apegada a isso do que ao novo presente.

“Já que acabamos, dê uma olhada”, sugeriu Maomao. Ela pegou o espelho, tomando cuidado para segurá-lo com o pano, e deu-o a Lishu. **“Será mais fácil ver se você tiver certeza de que há bastante luz.”** Dizendo isso, Maomao abriu a cortina, deixando entrar o sol de fora. O espelho altamente polido capturou a luz e a refletiu. **“Pode ficar mais**

claro se você segurar assim." Maomao ajustou a posição do espelho nas mãos da consorte. A luz atingiu a superfície de latão e depois refletiu na parede branca.

Todos os presentes reagiram com espanto: a luz formava um círculo perfeito na parede, onde flutuava o rosto de uma mulher sorridente.

Jinshi foi o primeiro a falar: **"O que é isso?"** Ele olhou fixamente para a parede como se não pudesse acreditar no que estava vendo.

Agora entendi, pensou Maomao. **"Eu já tinha ouvido falar dos chamados espelhos mágicos, mas esta é a primeira vez que vejo um"**, disse ela. Eram espelhos de bronze que realmente pareciam mágicos: quando a luz os atingia, refletiam uma imagem ou uma mensagem. Às vezes também eram chamados de "espelhos transparentes" devido à forma como a luz parecia torná-los transparentes quando os atingia. Eles tinham uma longa história, embora fossem necessárias técnicas muito especializadas para produzi-los.

O pai adotivo de Maomao, Luomen, tinha um amplo conhecimento que ia muito além das drogas e dos remédios. Desde que ela era pequena, ele presenteava Maomao com histórias intrigantes e fatos surpreendentes — e este era um deles.

Presumivelmente, o pano simplesmente saiu do espelho naquela noite. A superfície polida do espelho captou a luz da lua e projetou sua imagem na parede. O resultado foi o rosto flutuante. Um "fantasma" criado por pura coincidência.

"Esse rosto...", Lishu fungou, ignorando as lágrimas que escorriam por seu rosto enquanto ela olhava no espelho. **"De alguma forma, parece minha pobre e falecida mãe."** Ela agarrou a placa de bronze com força, os lábios torcendo-se de angústia e ranho escorrendo do nariz. Francamente, isso lhe roubou qualquer aparência de autoridade que uma consorte deveria ter, mas também parecia muito característico dela. Essa garota era uma das "quatro damas" do imperador, mas na verdade, na idade dela, ela ainda deveria estar crescendo.

Agora Maomao sabia por que ela apreciava tanto aquele espelho. Era uma lembrança de sua mãe. Talvez ela esperasse fazer com que a filha sentisse que, mesmo no palácio interno, longe, ela estava sempre ao seu lado. A própria Maomao não sabia realmente o que era mãe. Mas era claramente algo tão importante que inspirou emoções profundas nessa consorte.

Ainda pingando catarro indecorosamente, Lishu agarrou-se ao espelho. A imagem na parede havia desaparecido, mas sem dúvida ela ainda conseguia ver aquele sorriso gentil em sua mente.

“Eu me pergunto se mamãe está com raiva por eu ter trocado os espelhos. Talvez seja por isso que ela apareceu.”

“Foi simplesmente coincidência, senhora”, disse Maomao desapaixonadamente.

“Disseram-me que ela adorava dançar. Me dar à luz quebrou seu corpo e ela não pôde mais dançar. Ela morreu sem poder fazer isso novamente. Eu me pergunto se ela voltou como um fantasma agora para dançar.”

“Não existem fantasmas.”

Lishu pareceu não ouvir o pronunciamento frio de Maomao. Kanan pegou um lenço e começou a enxugar o rosto de sua patroa.

A cena foi privada de sua tristeza quando alguém anunciou: **“Seu chá está pronto, senhor”.**

Parecia ser a ex-dama de companhia quem venceu a luta para entregar a bebida. Ela chegou trazendo chá perfumado junto com lanches. Ela tinha um sorriso obsequioso no rosto para o benefício de Jinshi, mas quando viu sua amante soluçante e arrogante, sua expressão se transformou em desprezo. Ela rapidamente recuperou o sorriso e lentamente se aproximou da consorte.

“Lady Lishu, por que você está chorando? Você deveria estar envergonhada por fazer tal exibição na frente dessas pessoas.” Ela era a imagem de uma serva diligente protestando com sua venerada senhora. Mas era muito pouco e muito tarde para esconder de Maomao sua verdadeira atitude. A maneira como ela se exibia para esses homens importantes, mas prontamente voltava a atuar fora da companhia deles, não era melhor do que a de uma cortesã de terceira categoria. E como tantas mulheres desse tipo, ela reconhecia um nervo exposto quando via um.

“Oh, que coisa, ainda temos esse espelho?”, disse a dama de companhia, olhando para a placa de bronze. **“E depois que aquelas enviadas tiveram a gentileza de lhe dar um novo tão lindo. Certamente você não precisa mais disso. Por que não conceder isso a outra pessoa?”** Ela arrancou o espelho do aperto frouxo de Lishu e sorriu ao dar-lhe um olhar avaliador. Sem dúvida ela queria isso para si mesma.

"Devolve"

O som veio da consorte Lishu, mas ela estava se encolhendo e sua voz estava baixa como uma mosca, e a dama de companhia não percebeu. Ela estava muito ocupada enfiando o espelho nas dobras do roupão como se fosse um suculento pedaço de saque.

Ela estava prestes a voltar a servir chá a Jinshi quando Lishu estendeu a mão e pegou sua manga.

"Devolva."

"O que é isso, senhora?"

"Devolva!" Ela arrancou o colarinho da mulher, agarrando o espelho. A ex-dama de companhia chefe ficou horrorizada, e as outras mulheres de Lishu, que haviam chegado tardiamente, também franziram a testa.

"Que maneira de se comportar – e na frente dos convidados! Você deveria ter vergonha de si mesma."

O choro, o agarramento: considerados isoladamente, parecem refletir mal na consorte Lishu. Simplesmente parecia que ela havia perdido a paciência. Independentemente do que as outras damas de companhia possam ter pensado por terem chegado atrasadas, Maomao, Jinshi e os outros sabiam que estavam testemunhando apenas o desfecho dessa luta.

Foi Jinshi quem se moveu primeiro. **"Parece que o espelho é um tesouro pessoal dela. Eu questiono se é sensato tirar isso dela sem entender completamente o que é."** Seu tom era gentil e suas palavras escolhidas com delicadeza, mas era inequivocamente uma crítica. Ele parou diante da dama de companhia, que ajeitava o colarinho, e estendeu uma mão grande. Ela corou furiosamente, pois parecia que ele iria acariciar seu cabelo, mas em vez disso ele puxou o prendedor de cabelo que ela usava.

Era uma peça linda, finamente esculpida; Jinshi semicerrou os olhos para a crista que exibia. **"Isso também foi concedido a você?",** ele perguntou. **"Mesmo que fosse, estou surpreso que você nunca tenha descoberto que uma mera dama de companhia que usa o brasão de uma alta consorte está ultrapassando sua posição."** Mais uma vez, seu tom foi gentil e seu sorriso nunca desapareceu. Mas isso tornou tudo ainda mais assustador.

Jinshi devia estar bem ciente de que a consorte Lishu estava à mercê de suas damas de companhia. Ele se absteve de tornar o assunto público porque seria prejudicial à reputação de Lishu, e também porque, como eunuco, simplesmente não era um negócio no qual ele deveria estar envolvido. Com a prova física em mãos, no entanto, ele agora estava livre para falar o que pensava. E ele iria deixar claro o ponto o mais forte que pudesse.

"No futuro, espero que você evite exagerar", disse ele. Aquele sorriso indescritivelmente adorável estava em seu rosto. A ex-dama de companhia

simplesmente caiu no chão; as outras mulheres, evidentemente lembrando-se de suas próprias transgressões, ficaram todas pálidas.

Uau, ele é assustador, pensou Maomao: Jinshi estava tomando chá como se nada tivesse acontecido.

¹ Bodhisattva: No Budismo, um bodisatva ou bodhisattva, é um ser iluminado. Tradicionalmente, um bodhisattva é qualquer pessoa que, movida por grande compaixão, gerou bodhicitta, que é o desejo espontâneo de atingir o mesmo status de Buda.

Capítulo 4: Os Rumores dos Eunucos

No consultório médico, a gatinha Maomao estava enrolada na perna do médico charlatão, implorando por um peixe. Como sempre, o consultório estava aberto, mas singularmente carente de pacientes. Maomao (não a gatinha) estava lá pesquisando ervas que pudessem servir como anestésicos.

No momento em que retornou ao palácio interno, perguntou ao médico sobre o procedimento para fazer eunucos. Ela aprendeu um pouco com o pai, mas não o suficiente. Ela esperava aprender mais com o médico charlatão, mas, fiel à sua tradição, ele não foi capaz de lhe contar nada que seu pai não tivesse dito.

"De novo, mocinha?", ele perguntou. Seus lábios estavam franzidos e ele tinha uma expressão desanimada.

Maomao (a gatinha) conseguiu facilmente arrancar o peixe de sua mão e roubá-lo. Talvez graças à sua dieta melhorada, seu pelo tenha ficado brilhante; realmente daria uma escova maravilhosa, mas até agora Gaoshun e o médico impediram Maomao de arrancar qualquer pelo da gatinha.

"Eles não fazem mais eunucos. Não há necessidade de aprender como fazer isso." Sua expressão ficou distante. Deve ter sido terrivelmente doloroso.

Maomao teve uma ideia. **"Como os eunucos entram no palácio interno?",** ela perguntou.

O médico balançou um talo de rabo de raposa para a gatinha bater enquanto ele respondia: **"Como? Bem, eles passam pela cirurgia para se tornarem eunucos."**

"Não, não é isso que quero dizer." Ela queria saber como era determinado que eles eram eunucos.

"Na época, eles deixavam você entrar se você tivesse uma prova escrita de que foi submetido à cirurgia. Mas agora..." O charlatão corou e abaixou a cabeça, um pouco

envergonhado. Ele agiu quase tão sobrenaturalmente quanto Lishu. **"Hoje em dia eles, uh, os sentem. Para ver se há alguma coisa lá ou não."**

"Eles agarram aquilo?"

"Que pergunta, senhorita", disse o médico, exasperado. Tais inspeções não eram práticas no passado, mas houve muitos casos de pessoas que tentaram se passar por eunucos e, portanto, as verificações foram implementadas. **"As pessoas falsificavam os documentos ou conseguiam procurações. Algumas pessoas fariam qualquer coisa por algumas moedas."**

As inspeções eram conduzidas por três funcionários, cada um representando um departamento diferente do governo. Antes, disse-lhe o médico, eles haviam realizado inspeções visuais dos possíveis ingressantes no palácio interno, mas alguns dos funcionários ficaram bastante desconcertados com o processo e, por isso, ele foi eliminado.

Huh?, Maomao inclinou a cabeça com curiosidade. **"Eles só conduzem esta inspeção na primeira vez que um eunuco entra no palácio interno?"**

"Não, cada vez que você chega, em princípio. Embora, uma vez que eles reconheçam você, geralmente deixem você passar."

Maomao não disse nada imediatamente, mas continuou inclinando a cabeça para o lado enquanto olhava para as ervas anestésicas. *Talvez...* Mas ela balançou a cabeça: *não.* O médico, entretanto, afastou-se da gatinha e mudou de assunto. **"Falando em eunucos, você sabia que alguns novos se juntaram a nós?"**

"Eu ouvi rumores."

"Sim, homens mais jovens pela primeira vez em muito tempo. Acho que eles estão sendo uma grande distração!" Ele tocou seu bigode parecido com uma botia (peixe) e suspirou. Normalmente, tornar-se um eunuco custa ao homem quaisquer sinais específicos de masculinidade, mas em alguns casos, como o do charlatão, um bigode ou algo semelhante pode permanecer. Talvez fosse a única fonte de orgulho do médico.

As mulheres jovens, especialmente as mais inocentes entre elas, eram muitas vezes exigentes com a limpeza. Elas preferiam eunucos, com sua aparência quase neutra em termos de gênero, a homens com muitos pelos no corpo ou comportamentos intimidadores.

"A agitação é ainda maior desta vez porque há muitos lindos", continuou o médico. **"No momento eles ainda estão nos bastidores, então está tudo muito bem, mas se um**

deles se mostrasse capaz o suficiente para ser elevado a uma posição superior, poderia ser um problema real. Espero que as coisas se acalmem antes disso."

Engraçado como o charlatão agia como se nada disso o preocupava, quando era ele quem ficava nervoso toda vez que Jinshi estava por perto. Além disso, se ele já pudesse comentar sobre a aparência dos eunucos, deve ter dado uma olhada neles logo após serem verificados.

"Ouvi dizer que houve uma cena e tanto quando uma das consortes inferiores ficou muito interessada em um dos novos eunucos enquanto ele esquentava os banhos."

"Hum. Suponho que tal comportamento não pode ser ignorado", disse Maomao. As consortes inferiores raramente tinham qualquer esperança de atrair a atenção do imperador. A ocasional mulher insatisfeita não era uma raridade no palácio interno. Sem dúvida havia algumas damas do palácio que tinham amantes eunucos.

Vida difícil, pensou Maomao enquanto começava a limpar as ervas.

○●○

"Quando você vai contar a ela?"

Foi a enésima vez que ele perguntou. Jinshi olhou para seu assistente. **"Em uma boa hora."**

"Oh sim! 'Em uma boa hora.' Claro." Gaoshun estava parado ao lado da mesa do escritório de Jinshi, agindo cuidadosamente e impassível. Bem, sua testa estava franzida, mas isso era típico dele. **"Eu entendo o quão nervoso você está, mas você está agindo de forma um pouco aberta e isso está piorando as coisas."**

"Com qualquer outra mulher do palácio, isso seria suficiente."

"Xiaomao apareceu como se estivesse olhando para um caracol que havia perdido a concha!"

Em outras palavras, uma lesma?

"Cale a boca já," Jinshi resmungou. Ele olhou os papéis, separou-os em factíveis e inviáveis e começou a aplicar seu carimbo.

Não havia mais ninguém no escritório. O soldado que montava guarda lá fora provavelmente estava bocejando para si mesmo. O local foi montado para que

soubessem o momento em que alguém se aproximasse. Foi somente sob tais circunstâncias que Gaoshun falaria com ele sobre um assunto como este.

"Eu sei." Jinshi carimbou com força e passou o maço de papéis para Gaoshun. O outro homem aceitou-os sem dizer uma palavra, endireitou-os e colocou-os num cesto que um subalterno levaria embora.

"Você tem que tomar sua decisão logo, ou ela voltará para assombrá-lo", disse Gaoshun.

"Tem certeza de que não é melhor assim?"

Jinshi sabia perfeitamente o que Gaoshun estava pensando. Ele estava sugerindo que Jinshi deveria trazer a apotecária, Maomao, completamente para seu rebanho. Isso significava...

"Isso tiraria o estrategista da toca, posso garantir isso", acrescentou Jinshi. Ele podia ver agora: o homem de monóculo enfiando o nariz. Ele era louco por sua filhinha. E ele era uma pessoa desconhecida, alguém em quem até o imperador tinha que ficar de olho.

"Então lute contra veneno com veneno, por assim dizer", disse Gaoshun calmamente.

Lakan, "o estrategista", ocupava uma posição única dentro do palácio. Embora detivesse oficialmente o título de Grande Comandante, ele não pertencia a nenhuma facção específica, não havia formado nenhuma nova facção e vagava aqui, ali e onde quisesse. Ele era o prego que se destacava e normalmente já teria sido derrubado há muito tempo – mas não foi.

O homem que havia recuperado sua herança de seu pai de sangue e meio-irmão há mais de dez anos para liderar o clã La era um guerreiro totalmente digno desse nome.

O gênio surpreendente impulsionou uma ascensão meteórica na hierarquia. Muitos, sem dúvida, o consideravam uma monstruosidade, e mais do que alguns - pelo que se ouviu dizer - tentaram derrubá-lo do poleiro. Mas foi Lakan quem sobreviveu. Ele fez mais do que queimar aqueles que tentaram detê-lo; um homem até encontrou toda a sua família espalhada ao vento. O mais assustador é que nem a posição nem o sangue intimidavam Lakan.

Não havia como dizer o que estava acontecendo na cabeça daquele homem. Mas ele podia ver coisas que outros não conseguiam e usá-las para escrever um roteiro que arrastava seus oponentes às profundezas.

Havia, portanto, um entendimento tácito entre os habitantes do palácio de que não se tinha nada a ver com Lakan, a menos que fosse estritamente necessário. Se você não o machucasse, ele não machucaria você. Mas não ter nada a ver com ele também significava não torná-lo seu aliado.

"Todos os meus papéis ficavam cobertos de gordura", disse Jinshi, lembrando como Lakan não hesitou em comer salgadinhos gordurosos em seu escritório.

"Teríamos apenas que conviver com isso", disse Gaoshun, acrescentando outra ruga à sua testa. Verdade seja dita, ele não estava entusiasmado com o método, mas queria contar a verdade a Maomao. Ignorar a linhagem e deixe-a saber o que realmente estava acontecendo. Por que ela e eles estavam na posição em que estavam e por que tiveram que esconder isso. Sim, ele queria que ela soubesse a verdade. Mas, ao mesmo tempo, ele estava um pouco apavorado com a reação dela.

Jinshi soltou um longo suspiro e decidiu começar seu próximo trabalho. Tratava-se de obra de retaguarda palaciana, pedidos escritos apresentados pelas consortes ao senhor do lugar.

"Parece que há alguns deles hoje."

"Sim", disse Gaoshun. **"O assunto usual, eu presumo. Talvez junto com itens relacionados aos eventos do outro dia."**

Os selos já estavam quebrados. Ele, ou talvez outro funcionário, já deve tê-los verificado uma vez.

Jinshi abriu a primeira missiva e deu uma olhada rápida, depois pegou a segunda. Ao olhar para um terceiro e depois para um quarto, ele gradualmente se acomodou em sua cadeira, até que se viu olhando para o teto, pressionando o ponto logo abaixo dos olhos.

Boa metade do material dizia respeito apenas a uma das quatro senhoras, Loulan. As queixas eram diversas: ela tinha muitas damas de companhia em comparação com as outras mulheres do palácio. Suas roupas eram muito espalhafatosas e mancharam o cenário do palácio. Eram queixas familiares, motivadas em grande parte pelo ciúme. Nada de novo.

Além disso, houve um relato de que algumas das damas do palácio estavam olhando para os novos eunucos com romance premeditado.

"Eu poderia ter previsto isso", murmurou Jinshi.

"Sim, senhor."

Os eunucos recém-chegados foram todos designados para trabalhos nos bastidores: aquecer a água do banho, limpar a roupa e outros trabalhos que envolviam principalmente força simples. O número de eunucos tinha diminuído proporcionalmente ao número de mulheres palacianas, pelo que o trabalho físico era considerado uma prioridade nas tarefas dos eunucos. Se algum deles demonstrasse alguma aptidão especial, poderia mais tarde ser transferido para algum departamento que pudesse usar suas habilidades, mas essas pessoas já haviam sido escravas das tribos bárbaras; era necessário o devido cuidado. Quanto às mulheres, seu ardor esfriaria com o tempo, mas por uma questão de formalidade, ele teria que ficar de olho nas coisas por enquanto.

"Que dor de cabeça."

"A vida continua, senhor."

Foi com muitas trocas como essa que Jinshi terminou sua papelada.

Foi assim que Jinshi chegou ao palácio interno no dia seguinte para observar os novos eunucos.

Ele perguntou à pessoa que supervisionava as tarefas diárias no palácio interno sobre como estavam os recém-chegados – afinal, aquecer a água do banho e lavar a roupa exigia água de poço. Enquanto conversavam, Jinshi olhou em volta.

Ele viu cinco pessoas que considerou serem os recém-chegados; como ainda não haviam sido designados para um departamento específico, todos usavam faixas brancas.

Eles eram mais jovens do que os outros eunucos, mas seus rostos eram desenhados, talvez revelando o tempo que passaram na escravidão. Eles pareciam retraídos, talvez também um legado de sua permanência com as tribos. A maneira como eles corriam com medo sugeria que eles estavam sob o domínio dos bárbaros há muito tempo.

Jinshi e o atual imperador concordaram em seu desejo de reduzir o pessoal do palácio interno, mas este era outro aspecto da questão. Essas pessoas, tendo sido castradas e escravizadas, levariam algum tempo para se adaptarem à liberdade novamente. De certa forma, fazê-los servir no palácio interno era a melhor maneira de ajudá-los a se ajustarem.

Ao observá-los, Jinshi entendeu a raiz do problema. Um dos recém-chegados tinha um rosto positivamente adorável. Parecia neutro em termos de gênero, como costumavam ser os rostos de eunucos, mas as bochechas encovadas davam-lhe um toque galante. No entanto, o eunuco parecia evitar usar a mão esquerda no trabalho.

"**Qual o problema com ele?**", Jinshi perguntou.

"Parece que ele foi espancado severamente, o suficiente para causar paralisia no lado esquerdo do corpo." Ele também tinha cicatrizes horríveis, disseram-lhes, então ele tentava mostrar o mínimo de pele.

"Entendo..." Tirar água do banho não seria o melhor trabalho para ele, então. Ele era mais fraco que os outros eunucos e, portanto, mais lento em seu trabalho. Enquanto isso, a tendência de seu rosto para atrair admiradores tornava-o inadequado para trabalhar no populoso bairro sul. **"Mas é bastante popular, não é?"**

"**Sim. Ele é muito inteligente e muito atencioso com as mulheres."**

À distância, puderam ver algumas mulheres do palácio conversando. Gaoshun olhou fixamente para Jinshi.

"**O que?**"

"Olha quem está falando", disse ele com certo aborrecimento.

Na verdade, Jinshi atraiu sua galeria habitual. Elas voltaram seus olhares mais encantadores para ele; ele sorriu de volta para elas, mas caminhou até o eunuco da maneira mais *estou aqui a negócios* que conseguiu.

Ao se aproximar dos recém-chegados, os eunucos mais experientes cutucaram-nos gentilmente e eles entenderam a dica e baixaram a cabeça. Seus braços, onde se projetavam das mangas, pareciam abusados. Jinshi viu vergões que ele considerou

serem resultados de chicotadas. Ele podia entender muito bem por que eles desejavam se cobrir.

Mesmo tomando nota de tudo isso, Jinshi sabia que não poderia trair nenhuma reação óbvia. Ele simplesmente deu aos novos eunucos uma breve exortação para trabalharem duro e garantias de que, se o fizessem, poderiam ascender no mundo. Ele estava prestes a sair quando houve um acidente.

Ele se virou em direção ao som, imaginando o que poderia ser. Uma mulher do palácio estava ali, pálida e com uma expressão atordoada. Um eunuco apoplético gritava com ela. Ao lado deles havia uma carroça virada, com seu conteúdo — gelo precioso, almofadado com junco e tecido — espalhado pelo chão.

O gelo provavelmente era destinado a uma das consortes. Os estoques nas câmaras de gelo estavam diminuindo a essa altura, tornando um recurso já raro ainda mais valioso.

Jinshi pensou ter reconhecido a jovem aterrorizada. Enquanto ele ainda tentava descobrir onde a tinha visto, outra mulher apareceu correndo. Outra senhora familiar, pequena e distante.

Ah, então a jovem era amiga de Maomao. Deve ter sido por isso que ela parecia familiar. Ele não tinha certeza do que fazer, então decidiu começar vendo como as coisas iriam evoluir.

Capítulo 5: Gelo

Xiaolan deveria ser dois anos mais nova que Maomao. Ela foi vendida para o palácio interno por sua família, mas não havia nenhum indício desse passado sombrio em sua personalidade. Talvez tenha sido a sua origem pobre de agricultora que lhe deu o seu apetite insaciável por doces; mostre-lhe um lanche e ela prontamente encherá a boca com ele. Ela estava preocupada em perder seu sustento quando deixasse o palácio interno e estava aprendendo a escrever e tentando fazer conexões para se preparar para a vida depois que seu contrato terminasse. Foi tudo muito profissional da parte dela. Ela ainda era jovem em alguns aspectos, porém, e isso se manifestava como crises ocasionais de ansiedade.

Uma das consortes no banho parecia ter gostado dela e lhe deu um pequeno palito de cabelo. Foi uma coisa pequena, mas Xiaolan, que ficou emocionada ao receber até mesmo uma faixa de cabelo, ficou maravilhada com isso. Essa alegria a possuiu até um momento antes, quando ela estava correndo sem olhar para onde estava indo e bateu em uma carroça que por acaso estava parada em seu caminho.

E assim nos encontramos no momento presente.

“O que devo fazer agora?! Não há tempo para conseguir uma nova carga!” O eunuco que puxava a carroça cheia de gelo gritou para ela com uma voz anasalada. A carga estava espalhada pateticamente pelo chão**. “Não é como se eu pudesse simplesmente lavar e fingir que nada aconteceu!”**

“Eu sinto muito... Eu sinto mui-”

Ela estava tentando se desculpar, mas o eunuco continuou a pressioná-la. Xiaolan estava branco como um lençol e tremendo todo.

Talvez você pense que é apenas gelo, mas esta foi a estação em que as cigarras ainda vibravam. As câmaras de gelo nas regiões montanhosas frescas eram preenchidas durante o inverno e agora, na estação quente, pedaços eram cortados do grande pedaço. Cada uma das peças que estavam no chão naquele momento provavelmente valia o suficiente para comprar uma vida humana.

“Argh! O que diabos eu vou fazer?!”

A raiva do eunuco era compreensível. Ele poderia não ser enforcado por esta ofensa, mas uma boa surra provavelmente o aguardava. Ele pegou o capuz e jogou-o no chão. Enquanto isso, o gelo derretia muito rapidamente.

Maomao agachou-se no chão e pegou um dos pedaços lamacentos ainda embrulhados em junco e pano. **“Para qual consorte era destinado?”,** ela perguntou ao eunuco, agarrando-se ao menor resquício de esperança. Havia um número limitado de mulheres que poderiam ter solicitado uma carga tão grande de gelo. Uma das quatro mulheres favoritas do imperador, ou talvez uma consorte intermediária de uma família muito rica.

“Consorte Loulan!”, o eunuco disse.

Os ombros de Maomao caíram. Elas poderiam ter conseguido argumentar com qualquer uma das outras altas consortes, mas tinha que ser Loulan. Ela adorava ostentação e provavelmente tinha em mente aproveitar o frescor da noite enquanto beliscava um sorvete. O eunuco tinha razão: não podiam dar-lhe algo que estivesse na lama.

Estou feliz que Shisui e Seki-u não estejam aqui, pensou Maomao. Nenhuma delas esteve no grande banheiro hoje; ambas tinham outras coisas para fazer. Shisui sozinha poderia ter sido uma coisa - ela tinha um lado surpreendentemente composto e controlado - mas se Seki-u estivesse com elas, ela teria começado a chorar ou gritar e só teria aumentado a confusão.

O *que faço agora*?, Maomao se perguntou. Isso estava muito além da quantia que elas poderiam esperar pagar e, mais importante, elas corriam o risco de irritar uma das consortes superiores. Se ao menos elas tivessem algo que pudesse substituir o gelo.

Maomao olhou para o gelo quebrado. Elas não podiam simplesmente lavá-lo e ainda usá-lo. Mas...

“O que vai acontecer com isso?”, ela perguntou, segurando um pedaço de gelo envolto em junco.

"Nada; está perdido agora. Faça o que quiser com isso”, retrucou o eunuco.

"Muito bem."

O eunuco estava obviamente completamente irritado. Sem dúvida ele estava quebrando a cabeça para decidir que tipo de desculpa o salvaria. De qualquer forma, o gelo era valioso e não serviria para nada apenas derreter.

Xiaolan apenas ficou ali parada, o rosto pálido, os pensamentos provavelmente paralisados pelo terror do castigo que poderia recair sobre ela.

Maomao coçou a cabeça. Elas tinham gelo, mas não era comestível. Nesse caso...

“Perdoe-me, mas e se preparar algum substituto para isso?”

“Hum? O que você está falando?" O eunuco olhou para Maomao como se não acreditasse nem por um segundo que ela pudesse fazer isso.

“Você disse que podemos fazer o que quisermos com isso, certo? Talvez eu possa preparar algo diferente em troca e você possa levar para a consorte Loulan?”, Maomao pegou o gelo, imaginando que isso já lhe tinha sido permitido. O eunuco estava olhando fixamente para ela. Ele obviamente não confiava nela, mas também não queria se deixar apanhar. Ele estava preparado para se apegar até mesmo à menor esperança.

“A consorte estará esperando seu lanche em uma hora”, disse ele.

“Uma hora”, repetiu Maomao. Isso pode ser tempo suficiente. Se, claro, ela pudesse encontrar os ingredientes de que precisava.

Naquele momento, seus olhos encontraram os de uma pessoa com um sorriso tênue. Uma certa pessoa linda estava entre as mulheres do palácio e os eunucos observando a comoção de longe. Ele parecia estar bastante à vontade. Ao lado dele estava Gaoshun, com uma expressão inescrutável.

Sim, Jinshi estava sorrindo, mas para Maomao ele parecia terrivelmente travesso. Ela mordeu o lábio e olhou para Xiaolan. Ficar por aqui não lhes faria nenhum bem. Ela agarrou a mão da outra garota e puxou-a, determinada a fazer o melhor uso do que tinha.

No momento em que deixaram a área, a tensão finalmente diminuiu e Xiaolan começou a soluçar. Maomao a deixou com o médico charlatão. Então ela se aproximou de Jinshi, que estava prestativo do lado de fora do consultório médico.

"**Precisa de algo?**", ele perguntou.

"Posso pegar emprestado um espaço na cozinha? E eu ficaria muito feliz se você pudesse me emprestar alguns ingredientes."

"Meu Deus, exigente, não é?", Jinshi falou lentamente. Mas ela não tinha tempo para isso. Ela tinha que se apressar, ou todo o gelo derreteria. **"Vou fazer com que valha a pena, então?"**

"Não há nada que pessoas como eu possam dar a alguém da sua estatura, Mestre Jinshi. Mesmo assim, peço que me empreste o que preciso." Na verdade, ele não poderia estar convidando-a para fazer exigências ou oferecer recompensa. Era além da posição dela. Mas ela dificilmente poderia dizer isso em voz alta.

"Não é como se a culpa fosse sua."

"Não, suponho que não."

Teria sido fácil simplesmente abandonar Xiaolan à sua sorte. Afinal, ela era simplesmente a pessoa mais fácil de extrair boatos e fofocas. Maomao sempre trazia lanches e lembranças para compensar sua conversa; não era como se ela devesse alguma coisa à outra mulher. A culpa foi da própria Xiaolan por não olhar para onde estava indo.

Mas... Maomao pensou.

"Acho que não conseguiria dormir à noite se não a ajudasse." Foi a coisa mais honesta que ela poderia dizer: ela não tinha outro motivo para fazer isso.

Por um segundo, ela pensou ter visto Jinshi fazer uma careta, mas então ele olhou para o chão e uma risada silenciosa brotou dele. **"Então é uma questão de dormir bem."**

"Sim, senhor. Um sono insatisfatório afetaria meu trabalho do dia seguinte."

“Bem, nós não queremos isso.” Jinshi sorriu. **“Eu tenho condições.”**

"Fale-as."

“Ouça quando uma pessoa está falando.”

Maomao inclinou a cabeça, surpresa que sua “condição” fosse tão simples e de bom senso. **"Só isso? Tem certeza?"**

“Quem é que parece incapaz de fazer ‘só’ isso?”

Maomao parecia ainda mais perplexa. Pareceu-lhe que Jinshi franziu a testa visivelmente.

“Muito bem”, disse ele, **“Podemos acrescentar outra condição, então. O que seria bom?”** Uma sombra pareceu cair sobre seu rosto enquanto ele olhava para o chão, e Maomao começou a ter uma sensação muito ruim – mas no momento não havia mais ninguém a quem ela pudesse pedir ajuda. Ocorreu-lhe que ela poderia ir até a consorte Gyokuyou, mas em uma questão relativa a consorte Loulan, pareceu-lhe melhor recorrer ao nominalmente neutro Jinshi.

O que ele tem em mente para mim?, ela imaginou. E então ela balançou sua cabeça. Seu elástico de cabelo caiu no chão – será que estava tão frouxo? Jinshi olhou para ele.

“Você não usa palito de cabelo?”, ele perguntou.

“Tenho que trabalhar”, explicou ela.

“Com ou sem trabalho, as outras senhoras do Palácio de Jade conseguem estar pelo menos um pouco mais na moda do que você.”

Ele poderia dizer o que quisesse; Maomao só possuía alguns acessórios. Alguns laços de cabelo bonitos e fáceis de usar, junto com o prendedor de cabelo e o colar que ela ganhou durante a festa no jardim...

“Eu sei que te dei um. Diga-me que você não o vendeu.”

"Eu não, senhor."

Ainda.

Ela estava pensando sobre isso, mas não havia encontrado uma maneira até agora. Ela deveria entender isso como uma ordem para não vendê-lo?

"Use ele, então."

Ela fez uma pausa. **"É isso, senhor?"**

“Há algum problema com isso?”

Ela tinha certeza de que Jinshi lhe daria uma tarefa impossível, mas se ele se contenta apenas em tê-la usando um prendedor de cabelo, tudo bem para ela.

“Quando você vier até mim usando isso, eu te direi...” Sua voz era baixa, quase como se ele estivesse falando sozinho. Então ele olhou no rosto de Maomao. **“Vou deixar tudo pronto para você imediatamente. Siga-me rápido.”**

Ele se virou. Maomao deu um tapinha nas costas de Xiaolan, cujas lágrimas finalmente começaram a secar, e o seguiu.

A cozinha estava fervilhando com os preparativos para o jantar, mas de alguma forma eles conseguiram reservar um canto para Maomao. Felizmente, havia fogões de mesa de sobra, para melhor cozinhar para todas as damas do palácio ao mesmo tempo. Sim, poderia ter sido possível executar o plano de Maomao no consultório médico, mas poderia ter sido considerado rude para a consorte abordar o assunto da mesma forma que Maomao preparava seus próprios lanches. Claro, ela muitas vezes fazia remédios para a consorte Gyokuyou dessa forma, mas isso era uma exceção.

Tendo preparado um lugar para ela, Jinshi foi arrastado de volta ao seu trabalho por um Gaoshun nada entusiasmado. Em vez disso, um dos eunucos sentou-se numa cadeira para supervisionar Maomao e Xiaolan. O eunuco que carregava o gelo também estava lá, olhando ao redor da cozinha com a maior preocupação.

“Maomao, tem certeza de que pode fazer um gelo substituto com isso?”, Xiaolan perguntou ansiosamente.

“Acho que sim”, respondeu Maomao. Ela já tinha visto isso ser feito uma vez. Contanto que sua memória estivesse correta, ela pensou que poderia fazer funcionar.

Sobre a mesa ela tinha uma tigela grande de cerâmica e uma menor de metal. Seus ingredientes incluíam leite de vaca, açúcar e diversas variedades de frutas, entre outras coisas. Ela entendeu por que Xiaolan ficou desconfortável: alguns dos itens aqui não pareciam pertencer a uma cozinha.

Ela estava feliz por haver leite de vaca. Entre as consortes havia uma mulher que preferia manteiga e só a comia fresca todos os dias. Mas o leite estragava rapidamente e Maomao não sabia o que teria feito se não estivesse disponível. Ela colocou na tigela de metal, adicionou açúcar e bateu com um batedor. Tecnicamente, o batedor era feito para chá, mas era perfeito para colocar bastante ar na mistura.

“Aqui, misture isso”, disse Maomao a Xiaolan.

“C-Claro...”

Elas não tinham tempo a perder, então Maomao deu a Xiaolan o trabalho duro e passou ela mesma para a próxima tarefa. Ela colocou o gelo na mesa e quebrou-o com um martelo.

"O que você está fazendo?!" Xiaolan chorou enquanto os pedaços de gelo ficavam cada vez menores.

“Não se preocupe comigo. Você apenas deve bater como se sua vida dependesse disso.” Maomao colocou os cacos de gelo na tigela grande e acrescentou um pouco de água, depois adicionou um punhado de sal. Xiaolan balançou a cabeça enquanto observava. **“Aqui, Xiaolan, coloque isso aqui.”** Elas pegaram a tigela de metal e a colocaram na água gelada e salgada. Então elas continuaram a mexer vigorosamente.

A expressão de Xiaolan gradualmente passou de surpresa para choque de olhos arregalados. **"Huh? Eu não acredito!”**

O leite começou a solidificar e a aderir à superfície do metal. Maomao raspou com o batedor e continuou mexendo. **“Corte essas frutas, lindas e pequenas”,** ela instruiu.

“S-Sim, claro...” Xiaolan pegou um cutelo e picou a fruta, depositando-a em um prato. Maomao mexeu o máximo que pôde e o leite lentamente adquiriu uma consistência sólida, mas fofa.

"Tudo feito!", Xiaolan disse.

"Aqui." Maomao largou o batedor e começou a misturar as frutas com uma colher, depois despejou a mistura em uma tigela de vidro. Sentindo que não era suficiente, no entanto, ela acrescentou algumas frutas cozidas adoçadas por cima.

Nesse ponto ela ouviu um suspiro distinto. Os olhos de Xiaolan, que estavam cheios de lágrimas até pouco tempo atrás, brilhavam intensamente.

"Isso é...?"

"Como você pode ver. Sorvete."

Se ela tivesse mais tempo, poderia ter adicionado ovos, ou talvez algumas ervas para dar uma fragrância agradável. Mas ela não tinha tempo, e isso era tudo.

"Como você fez isso?", Xiaolan perguntou.

“Podemos conversar sobre isso mais tarde. Agora temos que nos mover, ou não chegaremos a tempo.”

“Eu sei, mas...” Xiaolan olhou para Maomao suplicante. **“Temos que ter certeza de que tem um gosto bom, não é?”**

Percebendo o que Xiaolan queria dizer, Maomao pegou um pouco do que restava na superfície do recipiente de metal com a colher e colocou na boca de Xiaolan. À medida que o sorvete frio derretia em sua boca, o rosto de Xiaolan assumiu um aspecto alegre, seus dedos abrindo e fechando.

Evidentemente, a guloseima foi um sucesso.

"Aqui! Está pronto! Conseguimos! Você pode levar isso para a consorte!” Elas embalaram o sorvete em sua tigela com o que restava do gelo e o entregaram ao eunuco. Tanto o homem que os guardava quanto o que transportava o gelo olharam para elas com os olhos arregalados.

"Você realmente conseguiu?", o eunuco perguntou cético.

Em resposta, Maomao simplesmente colocou uma colher da substância na boca. Sua expressão mudou para uma de êxtase.

“Penso que isso será aceitável”, disse Maomao. O eunuco, com os olhos ainda arregalados, estendeu a mão para pegar outra colherada, mas ela afastou a mão dele. Ele olhou para ela um tanto desanimado. **"Vá agora!",** ela disse**. “Antes que derreta!”**

"Sim, claro." O eunuco colocou cuidadosamente o recipiente num cesto, embrulhou-o num pano e saiu correndo. O guarda parecia um pouco invejoso, mas vendo que seu trabalho estava concluído, ele se levantou e saiu.

Finalmente, Maomao e Xiaolan se entreolharam.

“Graças a Deus tudo correu bem”, respirou Xiaolan.

“Ainda não sabemos isso. A verdadeira questão é se a consorte vai gostar”, disse Maomao. Ela perguntou a Jinshi se Loulan tinha algum gosto ou desgosto em particular, então as chances de a consorte simplesmente rejeitar o sorvete eram pequenas. E ela pensou que tinha feito bastante, incluindo o suficiente para compensar a verificação de veneno que seria inevitavelmente necessária.

“Ah, não me provoque assim. De qualquer forma, vamos comer o resto antes que derreta!”

“Sim, é melhor comer!”, uma nova voz disse.

Maomao e Xiaolan olharam surpresas e encontraram Shisui com a tigela de sorvete firmemente nas mãos.

“Ei, o que você está fazendo aqui?”, Xiaolan disse.

“Eh, você sabe. Houve algum tipo de comoção e, antes que eu percebesse, larguei o que estava fazendo e vim investigar.”

"Você é a pior!", Xiaolan exclamou.

Maomao concordou em particular, embora ela própria não estivesse em posição de criticar.

“Passamos momentos horríveis... Oh! Shisui! Não coma tudo sozinha! Você não pode simplesmente roubar o trabalho duro de outra pessoa!”

“Isso é delicioso!”

"Pare com isso! Deixe um pouco para mim!”

Shisui fugiu, a colher ainda na boca, com Xiaolan em sua perseguição.

Acho que não ganho o suficiente. Maomao, imaginando se o resto do gelo seria suficiente para preparar outro lanche, voltou a colocar os ingredientes na tigela.

Capítulo 6: Parto pélvico

“Oh, ele se moveu”, disse consorte Gyokuyou, acariciando sua barriga inchada. Estava apenas começando a esfriar, mas um manto grosso pendia de seus ombros. Hongniang ficava furiosa se Gyokuyou se deixasse ficar com um pouco de frio, e isso era uma visão terrível de se ver.

“Sim! Sim!” A princesa Lingli gritou ao ver a barriga de sua mãe se mover. Ela estava em um tapete grosso no chão, brincando com a gatinha Maomao. A outra Maomao pacientemente aparou e cortou as garras da gatinha e também a desencorajou de morder; então, contanto que Lingli não fizesse nada completamente ultrajante com a gatinha, ela provavelmente não se meteria em problemas. Mas, novamente, nunca se sabia ao certo o que uma criança iria fazer. Assim Maomao (a jovem) sentou-se no tapete, observando atentamente para que a princesa não fizesse nada de malcriado. Ela estava sempre pronta para agarrar a bola de pelos pela nuca se ela parecesse tentar morder a garota.

"É engraçado. Os bebês começam a desenvolver uma personalidade antes mesmo de nascerem”, disse Gyokuyou, olhando para sua barriga. **“Lingli, ela chutava para cima o tempo todo, mas essa criança sempre chutava para baixo.”**

“Para baixo, senhora? Sempre?", Maomao perguntou, levantando uma sobrancelha. Ela pegou a gatinha e a jogou em uma cesta. A princesa objetou veementemente, mas Maomao simplesmente colocou a cesta em uma mesa onde Lingli não pudesse alcançá-la. Então ela foi até Gyokuyou e se inclinou na frente dela. "**Posso dar uma olhada? Você não se importa se eu tocar sua barriga?”**

Gyokuyou olhou para ela interrogativamente. **“De jeito nenhum, mas... está tudo bem?”** Maomao respondeu passando os dedos suavemente pela barriga da consorte. Como se em resposta, ela sentiu outro chute, para baixo e para fora.

Maomao franziu a testa. **“Conte-me sobre o nascimento da princesa Lingli.”**

Foi Hongniang quem respondeu. **“Foi extremamente fácil, muito mais do que eu esperava para um primeiro filho. Suponho que ajudou o fato de a princesa ser um pouco pequena.”** Hongniang agora segurava a cesta com Maomao dentro (Lingli provou ser muito diligente em suas tentativas de alcançar o tampo da mesa), e a gatinha podia ser vista espiando por baixo da tampa, como se achasse tudo isso muito intrigante.

“Quem participou do parto?”, Maomao perguntou.

“Eu participei”, disse Hongniang, embora parecesse um pouco desconfortável com isso. **“Você não pode contar com o médico aqui, e eu estudei um pouco, então fizemos funcionar, de alguma forma. Foi só..."**

"Sim?"

“Tínhamos conosco uma senhora do palácio que tinha experiência em fazer partos, mas quando a princesa estava prestes a nascer, ela ficou bastante doente. Foi a coisa mais azarada.”

Hongniang foi forçada a assumir o papel com muito pouco aviso e disse que estava perdendo o juízo. Foi a sua tenacidade natural que salvou o dia. **“A parteira era uma mulher mais velha que ficou temporariamente retida no palácio interno para ajudar nos partos. Mas qualquer pessoa que sentisse dor de estômago em um momento tão crucial – bem, ela foi incentivada a parar rapidamente. Meu entendimento é que a consorte Lihua foi assistido por uma parteira diferente.”**

Maomao assentiu com interesse. Será que desta vez também contratariam uma parteira?

Algo ainda a incomodava, no entanto. Gyokuyou, parecendo sentir sua pergunta persistente, sorriu para Maomao. **“Algo em sua mente? Por favor, fale livremente.”**

Maomao tomou isto como uma licença para expressar as suas dúvidas em termos concretos. **“Minha preocupação é se a parteira seria capaz de lidar com a situação se isso acabasse sendo um parto pélvico.”**

“Um parto pélvico?”, Gyokuyou esfregou a barriga novamente, depois franziu a testa com o que deve ter sido outro chute.

“Você diz que o bebê sempre chuta para baixo. Se isso é realmente um chute e não um soco, então isso significaria que a cabeça da criança está apontando para cima.”

Ao nascer, a cabeça precisa emergir primeiro. A cabeça é a maior parte da criança e, ao passar primeiro pelo canal do parto, facilita a passagem do resto do corpo. Ter os pés em primeiro lugar torna o parto dramaticamente mais perigoso.

“Temos certeza de que é um parto pélvico?”, Gyokuyou perguntou.

"Não, senhora; é apenas uma possibilidade. Um exame mais aprofundado pode tornar a situação mais clara.”

"Você pode fazer isso?"

Foi difícil para Maomao responder afirmativamente a essa pergunta. Seu pai, por tudo que sabia sobre medicina, só lhe ensinara especificamente sobre drogas. Fora desse assunto específico, o conhecimento de Maomao consistia principalmente no que ela conseguiu obter ao observá-lo trabalhar em silêncio.

Gyokuyou percebeu pelo silêncio de Maomao que uma pergunta era a maneira errada de abordar o assunto. **“Faça o exame, por favor”,** ela disse em vez disso.

Maomao olhou para o teto por apenas um segundo antes de se aproximar da consorte. **“Deixe-me dizer o que isso envolverá e depois você me dirá se ainda quer que eu faça isso”,** disse ela, e então descreveu a natureza do exame em detalhes.

“Meu Deus, sério?”, Gyokuyou perguntou, colocando a mão na boca. O método teria sido motivo de profundo constrangimento para uma princesa protegida; fazer o que Maomao descreveu a tal pessoa teria sido um convite à punição como o pior dos vilões. Mas Gyokuyou disse: **“Bem, não é nada comparado a realmente dar à luz. Vá em frente."**

"Sim, senhora."

Essa era a força de uma mãe. Maomao preparou-se para iniciar o exame.

Ufa, Maomao pensou enquanto lavava as mãos após o exame. Envolvia não apenas o abdômen, mas também a genitália, por isso, mesmo com o aviso dela, não foi exatamente fácil. O ideal seria que o exame fosse feito no início da gravidez, mas sabendo o que isso implicava, ela vinha evitando. Além disso, Maomao não era profissional; se o bebê fosse muito pequeno, ela não teria sido capaz de dizer nada sobre isso.

Seu julgamento final: havia oitenta por cento de chance de que elas estivessem lidando com um parto pélvico. Ela julgou a localização da criança pelo som dos batimentos cardíacos e pela sensação dos chutes.

Os bebês em posição pélvica às vezes mudavam de posição por conta própria à medida que cresciam. O fato de a criança ainda estar de cabeça para baixo neste momento da gravidez de Gyokuyou, entretanto, não era um bom sinal. Faltavam apenas cerca de dois meses para a criança nascer.

"O que você acha que devemos fazer?", perguntou consorte Gyokuyou, que havia terminado de se trocar. Hongniang estava ao lado dela, parecendo preocupada.

“Disseram-me que exercícios e *moxabustão*[1] podem ajudar a remediar a condição. Informações sobre os exercícios exatos que você deve fazer podem ser melhor obtidos fora do palácio interno, mas quanto à *moxa*[1], eu sei como administrá-la.”

"Entendo. Vou tentar perguntar por aí para ver se não há outras maneiras de ajudar enquanto estou nisso”, disse Gyokuyou. Ela pediu a Maomao, entretanto, que cuidasse da *moxabustão*[1]; depois ela acariciou a barriga e, como se tivesse acabado de pensar nisso, disse: **“O que faremos se ele não mudar de posição?”**

“Na pior das hipóteses, talvez tenhamos que abrir sua barriga.”

Maomao não queria pensar nisso. Mesmo com a presença de uma parteira adequada, o perigo seria grande. Abrir Gyokuyou seria o último recurso e, se chegasse a esse ponto, a vida da consorte estaria em risco. O fato de não haver nenhum médico qualificado a quem recorrer se algo corresse mal só aumentava o desconforto de Maomao.

Se ao menos o charlatão tivesse alguma ideia do que está fazendo, ela pensou, mas sabia que ele sempre foi um charlatão e sempre seria. Um homem de bom coração, mas absolutamente não um médico competente. No entanto, seria uma tarefa difícil trazer um médico diferente para o palácio interno. Oficialmente, ele teria que ser eunuco e só poderia entrar depois de ser castrado. Isso poderia ser feito a tempo ou, caso contrário, o sistema poderia ser alterado com rapidez suficiente para ajudá-las?

Espere! Maomao colocou a mão no queixo dela. Ela conseguia pensar em uma pessoa que atendesse perfeitamente às suas necessidades. Mas... *Merda*. Ela gemeu e coçou a cabeça e então, depois de muito debate interno, olhou para Gyokuyou, sabendo que nada arriscado significava nada ganho.

“Posso pensar em uma pessoa que possa nos ajudar, senhora. Alguém com habilidades médicas irrepreensíveis, que já fez partos cirúrgicos várias vezes antes.”

"Meu Deus, você pode?"

"Realmente?", Hongniang disse, parecendo muito menos convencida do que Gyokuyou. **“Você não está pensando na dama de companhia do Mestre Jinshi, está?”** (O que Suiren fez neste palácio?)

“Não estou pensando em uma dama de companhia. Estou pensando em um médico.” Havia apenas um problema para saber... **“Ele é um criminoso que foi banido do palácio interno.”**

Ela estava pensando em seu pai adotivo, Luomen.

A consorte Gyokuyou não piscou, mas Hongniang estava incandescente. **"Nunca poderíamos deixar um homem assim se aproximar da consorte",** disse ela com firmeza. Ela não gritou como sempre fazia ao repreender uma das mulheres do palácio; em vez disso, ela eviscerou silenciosa e friamente a ideia de Maomao. **"Essa pessoa pode ter a vida da consorte Gyokuyou em suas mãos. Deve ser alguém em quem possamos confiar."**

Isso certamente era verdade. E em outras circunstâncias, Maomao poderia ter achado por bem recuar naquele momento. Mas não desta vez. Luomen era, na verdade, a melhor escolha para garantir a segurança de Gyokuyou – e mais do que qualquer outra coisa, Maomao tinha um respeito profundo e permanente por seu velho. Ele podia ser de coração mole, infeliz e avô, mas ela também estava convencida de que ele era o melhor médico que seu país tinha.

"Podemos confiar nele", disse ela. **"Ele é tão bom quanto quaisquer dez médicos que você possa encontrar."**

"Não é típico de você insistir em um assunto como este", observou Hongniang, embora Maomao só tivesse dito o que era verdade. No entanto, a chefe dama de companhia também não cederia. **"Mas você disse que ele é um criminoso. Não sei qual foi o crime dele, mas é um fato que não podemos ignorar."**

Hongniang permaneceu calma, mas o olhar de Maomao assumiu um tom perigoso. Quando as duas mulheres se enfrentaram, suas posições normais se inverteram, foi a consorte Gyokuyou quem intercedeu. **"Talvez você pudesse nos contar o que ele fez? Hongniang, deveríamos ouvir o que Maomao tem a dizer em vez de dispensá-la imediatamente – e Maomao, você precisa manter a calma e explicar."**

Com isso, Maomao sentiu o fluxo de sangue em sua cabeça diminuir. Ela soltou um pequeno suspiro e se recompôs, depois se virou para Gyokuyou e Hongniang. **"Essa pessoa era um eunuco e oficial médico. Ele foi responsável por entregar o atual governante e o atual herdeiro aparente, bem como o filho de Lady Ah-Duo. Quanto ao motivo pelo qual ele foi banido do palácio interno, ouvi apenas que o motivo estava de alguma forma ligado a consorte Ah-Duo."**

O fato é que Maomao não tinha uma compreensão forte do motivo. Seria falso dizer que ela não conseguia adivinhar o que poderia ter acontecido, mas ela não tinha certeza e não estava disposta a oferecer especulações selvagens.

"Entendo... Então é isso", disse Gyokuyou. Estranhamente, ela parecia já saber disso. Ela era uma consorte superior, vivendo no palácio interno porque tinha o favor do imperador. Ela certamente teria ouvido histórias. **"E, se posso perguntar, como essa**

pessoa é próxima de você, Maomao?" Ela parecia menos preocupada com sua condição de criminoso do que com o tipo de pessoa que ele realmente era.

"Ele é meu pai adotivo e também meu professor em questões de medicina."

Gyokuyou fechou os olhos por um segundo, pensando, depois os abriu novamente. **"Tudo bem. Vou sugerir isso ao Mestre Jinshi."**

"Senhora Gyokuyou!", Hongniang exclamou, mas a consorte apenas sorriu.

"Hongniang, quero me cercar de pessoas capazes e fazer delas o melhor uso possível. Se elas também forem confiáveis, melhor ainda. Ele não pode ser uma pessoa má se essa nossa gata de rua gostou tanto dele."

Gata de rua, né? Legal.

"Mas ele é um criminoso."

"Sim, é o que dizem, mas você deve ter ouvido pelo menos algumas histórias sobre como era o palácio interno naquela época. Quantos foram expurgados na época da grande imperatriz reinante? Você está me dizendo que vai levar tal calúnia ao pé da letra?" Suas palavras foram gentis, mas insistentes.

A *imperatriz reinante*, pensou Maomao. Uma presença e tanto para invocar.

"Se você ainda não se sentir confortável, podemos mantê-lo sob vigilância. Seria um compromisso justo?", Gyokuyou disse, e então ela pegou papel e pincel da mesa e começou a escrever uma carta para Jinshi.

Dois dias depois de abordar o assunto com Hongniang, um velho apareceu no palácio interno. Maomao ficou surpresa; eles se moveram mais rápido do que ela esperava.

Gaoshun acompanhou o velho de Maomao enquanto ele prestava suas homenagens no Palácio de Jade, após isso, eles se dirigiram ao consultório médico. Ele ficaria com o médico charlatão por um tempo. O pai de Maomao tinha uma queda por gatos, então ela esperava ver o pelo da gatinha ficar ainda mais brilhante agora.

Ela inicialmente se preocupou com o que aconteceria se o charlatão ficasse desempregado depois que seu pai aparecesse, mas parecia que não havia necessidade de se preocupar com isso, pelo menos por enquanto. Afinal, a admissão do seu velho no palácio interno tinha sido uma medida de emergência, um compromisso.

Estou feliz com isso, pelo menos. Sem ele, não haveria médico digno desse nome no bairro do prazer. Talvez não fosse função dela se preocupar com isso, considerando que ela havia sugerido a ideia para começar, mas ela temia que, se ele não voltasse para casa até a virada do ano, a velha senhora poderia atacar a retaguarda do palácio para arrastá-lo de volta ela mesma.

Esses eram os pensamentos que ocupavam sua mente enquanto ela trabalhava na limpeza do Palácio de Jade. Talvez em parte por causa da visita do seu velho, todas as tarefas foram encerradas hoje e todas tiveram que trabalhar diligentemente. Yinghua apareceu carregando um balde de água fresca.

"Então aquele cara é seu pai, certo, Maomao?", ela perguntou.

"Hum... sim."

Yinghua parecia confusa. A rigor, Luomen era tio-avô de Maomao, mas os dois não se pareciam em nada - provavelmente a fonte da confusão de Yinghua. De qualquer forma, Maomao contentou-se em deixar o assunto de lado. Tentar explicar melhor seria apenas uma dor de cabeça.

"Ele é só...", Yinghua procurou as palavras. **"Não é como eu o imaginei. Acho que você poderia dizer que ele é quase... normal. Eu fiquei tipo, esse é realmente o cara que criou a Maomao?**

"E o que exatamente você estava imaginando?"

"Aham. Bem, você sabe. Ele parece francamente..."

Guiyuan e Seki-u, que trabalhavam ao lado delas, acenaram com a cabeça junto com Yinghua. Haku-u, que ainda não conhecia Maomao muito bem, estava simplesmente ouvindo a conversa com um sorriso no rosto.

"Sensato?", Yinghua concluiu.

"Claro que sim!", Guiyuan e Seki-u concordaram em uníssono.

Nunca vou entender essas pessoas, pensou Maomao. Pela sua vida, ela não conseguia imaginar o que elas estavam esperando.

[1] Moxa: A moxabustão é uma técnica que consiste em aquecer regiões ou pontos de Acupuntura através da queima da erva medicinal chamada Artemísia vulgaris ou sinensis, ou outros tipos de ervas e materiais, com a finalidade de promover melhora na circulação do Qi e sangue.

Capítulo 7: Ressentimento Purulento (Parte Um)

A vida, ao que parecia, era divertida e extravagante no consultório médico naquele momento.

"Agora, essa gatinha é um biscoito esperto", dizia o charlatão. **"Ela adora peixe, mas não come a cabeça, o rabo ou as vísceras."** Faziam apenas alguns dias, mas ele parecia compreender perfeitamente que nunca seria capaz de ensinar nada a Luomen sobre medicina; em vez disso, ele se ateve inteiramente a tópicos não-médicos sobre os quais percebia ter alguma autoridade. E o velho de Maomao, sempre bem-apessoado, reagiu com o devido interesse a cada observação do charlatão. Maomao achou que o bigode parecia um pouco mais alegre do que o normal.

Na verdade, o pai dela estava sendo ele mesmo: **"A perda é dela. Eu prefiro gostar desse sabor amargo."** Ele pegou um pedaço do peixinho que o médico charlatão havia cortado e colocou na boca. É verdade que ele sempre a ensinou a não desperdiçar comida, mas mesmo por esse padrão era um pouco embaraçoso. Esse não era o bairro do prazer; no palácio interno, ele poderia ter a certeza de refeições decentes – mas mesmo assim Maomao não o impediu; ela sabia que essa era simplesmente a natureza de seu velho.

Luomen nunca esquecia algo depois de ter visto ou ouvido; de um simples fato ele poderia deduzir mais dez. Ele era um gênio, o maior médico do país. A única coisa sobre a qual ele parecia não saber nada era ganância, ambição ou qualquer outra coisa além da simplicidade pessoal. Para ele, as sobras da gatinha eram como um banquete.

Maomao estava preparando a artemísia que usaria na moxabustão. Ela já tinha esmagado num pilão e secado. Foi um processo complicado e teria sido mais fácil comprar alguns, mas os ingredientes cresceram no palácio interno e, de qualquer forma, isso lhe deu uma desculpa para ir ao consultório médico.

As tarefas diárias de Maomao não mudaram só porque o pai dela estava aqui. **"Devíamos fazer com que Maomao continuasse a fazer tudo o que normalmente faz"**, sugeriu Hongniang, a teimosa dama de companhia ainda incapaz de se reconciliar com a presença de um criminoso. Maomao presumiu que isso deixaria seu pai girando os polegares no consultório médico, mas não foi o caso; às vezes, ele era chamado por um eunuco que vinha chamá-lo. Maomao suspeitou que Jinshi estava por trás disso.

O pai dela nunca revelou para onde estava indo ou onde esteve, mas Maomao poderia adivinhar. Havia pelo menos mais uma mulher grávida no palácio interno além de Gyokuyou, e enquanto ele estivesse aqui, Luomen seria obrigado a tratar todas as consortes igualmente. E embora ela fosse a senhora da consorte Gyokuyou, Maomao ficou aliviada ao saber que seu pai estava circulando. Ela queria que o filho da consorte Lihua crescesse saudável desta vez, e isso começava com um parto seguro.

Ela tinha ouvido falar que após a partida de sua antiga dama de companhia, Shin, algumas senhoras mais velhas e sensatas vieram servir Lihua. Elas sabiam como se comportar e provavelmente tinham experiência em partos.

O palácio interno estava cheio de mulheres relativamente jovens; mulheres que iam e vinham a cada dois anos, aliás. Era para ser um lugar para criar filhos reais, mas atualmente não servia a esse propósito. Era possível argumentar que o imperador deveria simplesmente produzir tantos descendentes quanto pudesse e deixar os mais fortes sobreviverem – que esse era o destino adequado da descendência de um governante. Mas considerando o número de homens na linhagem do atual imperador, esse argumento teria que ser revisto.

Para ser franca, não havia cavalos reprodutores suficientes.

Se eles pudessem de alguma forma resolver esse problema...

O pai dela estava escrevendo algo enquanto mastigava as entranhas do peixe. Ele estava sem dúvida bem à frente de Maomao; o que quer que ela pudesse pensar, ele certamente já havia pensado nisso. No momento, ele estava fazendo uma lista de pontos de preocupação no palácio interno. O charlatão pegou a gatinha para impedi-la de interromper a escrita de Luomen e depois olhou pessoalmente para a lista.

"Você tem uma caligrafia muito linda", ele comentou.

É isso que chama a atenção dele?, Maomao pensou. Bem, o charlatão era quem ele era. É claro que ele não estava interessado no que dizia.

"O estilo escrito, porém, é praticamente infantil. Você não acha que falta algo de seriedade?" O charlatão continuou com uma risada, passando a mão livre pelo bigode.

"Você está certo. Há aqueles aqui que ainda só conseguem entender frases simples", respondeu Luomen.

Maomao bateu palmas quando aquilo a atingiu, uma vaga intuição do que ele planejava fazer. O pai dela passou-lhe a folha de papel. **"Alguma coisa que eu perdi?",** ele perguntou.

"De imediato, acho que parece bom."

Bom, bom, ela pensou tê-lo ouvido murmurar enquanto se voltava para o charlatão. **"Meu querido Guen. Por acaso sua família teria algum papel, digamos, da metade desse tamanho?"** Ele dobrou o papel ao meio e ergueu-o para demonstrar.

Guen? Quem é esse?, Maomao pensou, mas havia apenas três deles na sala, então, pelo processo de eliminação, tinha que ser o médico charlatão. *Esse nome dificilmente se parece com ele*, ela pensou, e decidiu continuar pensando nele como "o médico charlatão".

"Claro. Não podemos usar restos assim. Nós os transformamos em papel novo", disse o charlatão.

"Talvez você esteja disposto a me vender alguns por um preço reduzido, então?"

"Eu certamente poderia. Seria um prazer, na verdade."

Luomen virou-se para Maomao. **"Acredito que um instituto de estudos práticos foi inaugurado recentemente aqui, certo?"**

"Isso mesmo."

"Todos estão aprendendo seus caracteres bem o suficiente?"

Bem, isso variava de pessoa para pessoa. Mas se você escrevesse com cuidado e clareza, praticamente todos seriam capazes de ler o que você escreveu.

"Eu me pergunto se eles poderiam usar isso para praticar redação no instituto. Talvez você possa sugerir isso? Duvido que eles aceitem minha ideia, mas talvez ouçam você."

Maomao recuou, apanhada entre o espanto e a exasperação. Até que ponto este homem estava disposto a usar tudo e todos que pudesse encontrar? Ele era mais astuto que um comerciante. Com um ábaco mental tão desenvolvido, pensou ela, era surpreendente como ele fazia caridade até morrer de fome.

"Vou tentar perguntar hoje", disse ela, enquanto colocava a artemísia em um pacote de papel.

"Excelente, obrigado." Então o pai dela se levantou e saiu do consultório médico. Para o banheiro, ela presumiu. Chame isso de trivialidade sem sentido, mas quando alguém se torna um eunuco, você se vê fazendo o "número um" com mais frequência.

Isso lembrou a Maomao, porém, que ela mesma precisava de algo. Ela se levantou e abriu uma gaveta do armário de remédios. **"Vou pegar algumas garrafas de álcool, ok?"**

"Claro, claro."

Maomao havia feito o álcool em primeiro lugar, então ela achou difícil ter qualquer escrúpulo em pegar um pouco para si mesma, mas quando ela fez isso no dia anterior, seu pai ficou com raiva dela. Evidentemente ele achava que ela deveria mostrar mais respeito ao charlatão.

Vejamos... Ela precisava de mais alguma coisa? Pensando bem, ela se lembrou de Gyokuyou dizendo algo sobre ter problemas para dormir ultimamente.

“Eu não me importaria de tomar um remédio para dormir também. Está tudo bem?"

“Claro, pegue o que quiser.” O charlatão estava absorto brincando com a gatinha. Maomao vasculhou o armário de remédios, mas desta vez sentiu uma pontada de consciência.

Algo que não prejudique a gravidez, pensou ela. Não era incomum uma mulher dormir mais levemente quando estava grávida. Maomao não precisava de nenhuma droga pesada, apenas de alguma coisinha para ajudar a consorte a relaxar. *Talvez isso*, pensou ela, abrindo uma gaveta que continha um remédio herbal.

De repente, ela encontrou Maomao, a gata, enrolada em seus tornozelos – quando ela havia chegado lá? Ela tentou empurrar a gatinha para fora do caminho, irritada, mas a gata passou as garras pela saia de Maomao.

“Pare, você vai rasgar!”

"Ei, o que você está fazendo?", disse o charlatão, agarrando a gatinha.

Era isso que ela queria?, Maomao se perguntou, olhando para as ervas em sua mão. Maomao (a gata) estava miando de uma forma muito incomum e batendo em Maomao (a mulher) com sua patinha.

"Bem, você não pode ter isso." O charlatão e o velho de Maomao poderiam adorar a gatinha, mas a própria Maomao não se deixaria influenciar tão facilmente. Ela certamente não daria ervas preciosas para uma pequena bola de pelo. Ela rapidamente os colocou em um pacote de papel para tirá-los do caminho da gata.

“Então eu vou”, disse ela, e saiu do consultório médico.

Jinshi provavelmente aprovaria o que seu pai estava tentando fazer. Mesmo assim, suponho que seria educado perguntar a ele pessoalmente. Porém, levaria dias para passar por Jinshi, então ela estava indo primeiro para a escola.

Isso me lembra... O prendedor de cabelo que Jinshi lhe deu estava nas dobras de seu roupão. Ela o tirou enquanto trabalhava porque a consorte Gyokuyou, Yinghua, Guiyuan e Ailan não paravam de sorrir e brincar com ela sobre isso. *Terei que me lembrar de colocá-lo de volta mais tarde.* Ela chegou à escola no bairro norte antes mesmo de terminar de ruminar sobre os problemas que o palito de cabelo lhe trouxe.

A escola normalmente abrigava um eunuco idoso com uma personalidade moderadamente insuportável, mas ele não estava no púlpito hoje. Ele foi o homem que supervisionou o santuário projetado para determinar a linhagem dos aspirantes a imperadores. Poderia ser difícil lidar com ele, mas seria mais rápido falar com ele. Ele conhecia o pai de Maomao, e se ela dissesse que Luomen estava aqui, provavelmente isso lubrificaria as rodas.

Ela caminhou pelos corredores em direção ao escritório do eunuco, que ficava a uma curta distância da sala de aula. A porta estava entreaberta. **"Você está aqui, senhor?",** ela chamou. Ela espiou dentro da sala e encontrou o velho olhando para um livro. Ele arqueou uma sobrancelha e, quando notou Maomao parada na porta, fez um gesto para que ela entrasse, ainda segurando o livro.

"Xiaolan não veio hoje?", ele perguntou. Ele tinha o hábito de instruí-la em diversos assuntos. A alegre e afável criada parecia ter encantado mais de um residente do palácio.

"Não; Estou aqui hoje para tratar de assuntos pessoais", disse Maomao. Ela decidiu que a maneira mais rápida de explicar seria mostrar a ele, então colocou o papel que Luomen havia escrito sobre a mesa. A sobrancelha do velho eunuco moveu-se novamente e desta vez ele apontou para uma cadeira como se dissesse *Sente-se*. Maomao sentou-se.

"Essa é a caligrafia de Luomen, a menos que eu esteja muito enganado."

"Muito perspicaz, senhor."

"Todos nós nos esforçamos para imitar sua escrita, naquela época. Disseram que se você pudesse escrever como ele, passaria com louvor nos concursos para o serviço público."

Esse dia já devia ter acontecido há algum tempo. Quarenta, talvez até cinquenta anos atrás. Neste país, os concursos para a função pública eram separados do teste para se tornar médico, mas o velho de Maomao tinha passado em ambos. Ele tinha os dons para ter sido um excelente administrador civil, mas viu uma criança vagabunda desmaiar à beira da estrada, doente, e a pena o levou a escolher o caminho da medicina. Ele sempre

foi assim – e sua personalidade, ela ouviu, o deixou bastante alienado de seu pai biológico.

“Ele veio até aqui só para nos entregar isso?”, o velho eunuco perguntou.

"Não senhor; ele está no palácio interno agora.”

"Bem agora*[1]. Eu não tinha ouvido falar disso.” Os olhos do velho, escondidos entre as rugas, arregalaram-se; sua surpresa foi claramente genuína. O bairro norte era uma espécie de deserto no palácio interno, e as notícias sobre novos desenvolvimentos demoravam evidentemente a chegar até ele.

Agora que ela pensou sobre isso, Maomao percebeu que Xiaolan não teve muita reação quando viu o velho de Maomao. Por mais que as meninas adorassem boatos e fofocas, depois da chegada de todos aqueles jovens e bonitos eunucos, um velho retorcido mal merecia sua atenção.

“Então Xiaolan sabia. Ela poderia ter me contado...”

“Suspeito que todos os recém-chegados tiraram isso da cabeça dela.”

“Ah, jovens eunucos.” O professor idoso coçou o queixo e olhou pela janela. Além do portal circular esculpido ficava o santuário para discernir os filhos de Wang Mu, a Mãe Real. Mas não era para isso que o eunuco estava olhando. Ele estava olhando para algum lugar além dele. **“Eu sei que há pouca agitação por aqui, mas ainda questiono toda a comoção por causa deles.”**

"Como é, senhor?"

“Hum? Ter todos os jovens eunucos no bairro sul atrapalharia a realização do trabalho, então alguns deles foram enviados para cá.”

Isso fazia sentido. Muito menos mulheres do palácio frequentavam o bairro norte.

“Eles foram ajudar na clínica, onde presumo que foram bastante prestativos.”

A clínica era outro lugar sem nenhuma mulher jovem. Em vez disso, era composto inteiramente por senhoras mais velhas e sensatas. Maomao poderia facilmente imaginar a mulher do palácio que ela conheceu lá – Shenlü; não era esse o nome dela? — fazendo melhor uso dos eunucos com sua força de personalidade.

“De qualquer forma, voltando ao assunto em questão. O que você queria me perguntar?”

“Eu me perguntei se não seria possível usar isso como exemplo para a prática de escrita para as mulheres da escola. Forneceremos papel para você usar.”

Isso fez com que o velho arqueasse outra sobrancelha, que começou a examinar cuidadosamente a longa e fina tira de papel. **“Ele escreveu algo assim há muito tempo também. Ele estava fazendo tudo sozinho naquela época, uma tarefa e tanto, e antes que eu soubesse o que estava fazendo, me vi ajudando-o. Vejo que os anos pelo menos lhe ensinaram como fazer uso das pessoas. Comparado com a ajuda que dei a ele, isso é brincadeira de criança.”**

“Ele escreveu algum tipo de texto como este antes?”

“Certamente, e divulguei em todo o palácio interno. Porém, eu nunca mais quis ver a coisa e não deixaria que ele colocasse uma perto de mim.” O velho eunuco balançou a cabeça como se ainda hoje relutasse em escrever aquele texto mais uma vez.

Maomao olhou a lista de advertências no papel. Incluía, entre outras coisas, uma breve observação sobre o pó facial tóxico.

E ele publicou algo assim antes? O pensamento pareceu estranho para ela. Tomada pelo desejo de investigar, ela colocou um peso de papel na lista e levantou-se, decidida a seguir seu sentimento aonde quer que ele o levasse. **“Tudo bem, traremos alguns papéis mais tarde”,** disse ela.

"Oh, você não quer uma xícara de chá antes de ir?"

“Não, obrigada, infelizmente estou com pressa”, respondeu ela e saiu do quarto do eunuco.

E com isso, ela partiu para...

[1] Well now = Bem agora: Pretende transmitir que algo é estranho. Ou simplesmente não ter certeza de como responder a algo que alguém lhe disse.

Capítulo 8: Ressentimento Purulento (Parte Dois)

Tal como na última vez que a visitara, a clínica estava repleta de mulheres mais velhas do palácio, mas agora intercalados entre elas estavam os jovens eunucos, alguns dos quais estavam na lavandaria próxima, lavando lençóis, colocando-os em pedras do pavimento, pisando-os. com os pés descalços e regando-os com água de poço.

Maomao percebeu tudo com o canto do olho enquanto se aproximava da entrada da clínica. Uma mulher que a conhecia estava lá e apareceu para ver o que ela queria.

“Não está se sentindo bem?”, a mulher perguntou.

“Estou bem, obrigada”, respondeu Maomao.

Ela olhou para a mulher, perguntando-se qual a melhor forma de lidar com isso. Ela não tinha certeza se era apropriado perguntar aqui e agora, mas também não podia simplesmente ignorar o assunto. Acima de tudo, ela estava preocupada com quem aqui teve a ideia em primeiro lugar.

Ela decidiu inventar um pretexto. **“Acredito que você usa álcool como desinfetante aqui. Achei que talvez isso pudesse servir.”** Ela tirou uma pequena garrafa de uma bolsa de pano. Um pouco de álcool – ela fez um pouco mais só para garantir e trouxe junto com a moxa. Ela sempre teve a intenção de levá-lo para a clínica, mas de alguma forma ela sempre adiava.

"O que é isso?"

Maomao puxou a rolha e inclinou a garrafa na direção da mulher, que cheirou.

“Acho que pode ser mais eficaz do que o que você está usando atualmente”, disse ela.

Depois de um instante, a outra mulher disse: **“Vou perguntar”** e conduziu Maomao para dentro do prédio. Ela a levou para outra sala e ofereceu-lhe uma cadeira – e lá estava a enérgica senhora mais velha, Shenlü. Maomao, evidentemente considerada uma convidada, recebeu suco de frutas azedas.

“Ficaríamos muito gratas por isso”, disse Shenlü. **“Mas você tem certeza de que está tudo bem?”** Para começar, não havia muito álcool no palácio interno – muito menos bebidas destiladas.

"Eu tenho mais." Na verdade, ela tinha outro frasco na bolsa e mais no consultório médico. E se tudo isso acabasse, ela poderia simplesmente fazer outro lote. **"Vou trazer mais para você mais tarde."**

"Isso nos ajudaria muito." Shenlü baixou a cabeça. Ela parecia um pouco rígida, talvez muito consciente do fato de que Maomao era uma das damas de companhia da consorte Gyokuyou.

"Por favor, não pense nisso. Eu ganhei bastante. A propósito..." Maomao estava tentando parecer o mais indiferente possível, mas atuar nunca foi seu forte; ela não tinha certeza se parecia natural. Tudo o que ela podia fazer era tentar parecer calma. **"Parece que todas as mulheres por aqui são bastante talentosas, não são?"**

"O que causou isso?", Shenlü perguntou, um tanto envergonhada.

Então ela ainda não conseguiu disfarçar a indiferença. *Esqueça.* Maomao seguiu em frente. **"Oh, é simplesmente que o prazo normal de emprego aqui é de dois anos. Mas parece que as mulheres da clínica já estão aqui há mais tempo..."**

"Sim, velhinhas, todos nós", disse Shenlü com uma pequena torção nos lábios que quase equivalia a um sorriso. Maomao não respondeu. **"Vejo que você não vai argumentar"**, acrescentou Shenlü.

As mulheres chegavam ao palácio interno na adolescência ou, no mínimo, na casa dos vinte anos, então Shenlü certamente estava aqui há pelo menos vinte anos. Provavelmente mais. E aí estava o mistério. Maomao não tinha certeza se deveria fazer a pergunta em voz alta ou não, mas os olhos de Shenlü ficaram distantes. **"Nós também já fomos jovens, você sabe. Eu tinha apenas dez anos quando cheguei aqui."**

Maomao não disse nada.

"Todas as mulheres do palácio aqui tinham mais ou menos essa idade quando entraram no serviço."

Atualmente, praticamente ninguém seria recrutado para o serviço no palácio interno tão jovem. Quatorze anos era o mínimo que alguém poderia esperar para ser admitido. Mas Shenlü e as outras mulheres da clínica teriam entrado ao seu serviço durante o reinado do imperador anterior.

"E mesmo agora não podemos partir", disse ela.

A clínica foi originalmente fundada pela mulher que agora era a imperatriz viúva. Maomao até a viu pessoalmente indo ao prédio uma vez. A princípio, Maomao presumiu

que ela havia fundado a clínica por compaixão, da mesma forma que o sistema de escravidão e a fabricação de eunucos foram proibidos – sob a égide do imperador, mas por instigação da imperatriz viúva. A clínica simplesmente veio em primeiro lugar.

No entanto, tal não foi o caso.

"Ninguém nos aceitaria, mesmo que partíssemos", concluiu Shenlü. Em geral, uma vez que alguém fosse companheiro de cama de um imperador, que vivia "acima das nuvens", não se poderia sair do palácio interno. É verdade que as mulheres eram por vezes casadas com servos leais ou usadas como peões em disputas políticas, mas mesmo destinos como estes estavam disponíveis apenas para senhoras de um determinado estatuto. Em outra época, estas mulheres poderiam ter sido condenadas à morte para acompanhar o seu mestre na próxima vida – mas a posição de Maomao era demasiada inferior à delas para sequer dizerem definitivamente que tiveram pelo menos sorte por terem escapado desse destino.

Ahh... Agora entendi.

Aqui estava o ressentimento que infestava o palácio interno Era difícil culpá-las se achassem o próprio palácio repugnante; se desprezassem aquelas que buscavam os afetos reais de Sua Majestade em busca de sua própria felicidade. Essas mulheres foram trazidas para o palácio interno antes do tempo e depois foram mordidas pelas presas venenosas do ex-imperador. E estes dois fatos conspiraram para garantir que nunca mais veriam o mundo fora dos muros deste complexo. O que isso deve fazer ao coração de uma mulher?

Nem todas seriam capazes de suportar essa experiência sem que ela as atingisse além da esperança de uma vida normal. Shenlü pediu a Maomao que verificasse a jovem que adoeceu no Palácio de Cristal. Maomao ficou impressionada com a perspicácia de Shenlü, mas havia outra explicação possível, o outro lado dos mesmos fatos: e se tivesse sido Shenlü quem ensinou Shin, a ex-dama de companhia chefe da consorte Lihua, como fazer o abortivo? Não pessoalmente, mas indiretamente, usando a empregada que estava naquele depósito. Isso faria com que uma série de coisas que incomodavam Maomao se encaixassem perfeitamente.

A empregada certamente era do tipo tagarela. Com ela, Shenlü teria aprendido tudo sobre a divisão entre Shin e Lihua e poderia ter intuído a gravidez da consorte.

"Aqui, deixe isto na mesa da chefe dama de companhia. É para a segurança da consorte."

A empregada teria ouvido Shenlü obedientemente. Teria sido uma lista de coisas que poderiam ser ruins para a consorte. Uma lista de coisas a serem evitadas – para a segurança da consorte. Mas se alguém que guarda rancor de Lihua visse a lista, ela

poderia servir precisamente o oposto do propósito alegado. A caravana estava de visita naquele momento; teria sido possível acertar os itens da lista se alguém realmente quisesse.

E por que a caravana teria esses itens? Uma possibilidade:

"Eu gostaria de perfume desta vez."

Algumas palavras sussurradas ao ouvido de um dos comerciantes que a visitava algumas vezes por ano. Mantenha o hábito por décadas e você descobrirá que a mercadoria naturalmente começará a refletir o que você deseja.

Malícia, embora não ao ponto de intenção fatal consciente: foi isso que Maomao viu na raiz deste mal. Foi isso que permitiu que ele ardesse por tanto tempo, corroendo o palácio interno lenta e indiretamente.

O pó facial tóxico era uma das formas que assumiu. As mulheres da clínica deviam saber disso. Nem todas podiam ser analfabetas quando o pai de Maomao escreveu a sua primeira lista de advertências. Na verdade, havia uma estante aqui nesta sala que sugeria que as mulheres da clínica eram, pelo menos às vezes, deixadas para estudar.

Será que deveria pressioná-la sobre isso, pensou Maomao, mas rapidamente abandonou a ideia. Em parte porque ela não tinha testemunhas nem provas, e não queria fazer acusações vagas; mas em parte por causa do que poderia acontecer com as mulheres daqui se ela dissesse alguma coisa. Ela estava pensando em todas as outras damas do palácio interno, que poderiam ser roubadas da clínica pelo que ela dissesse. Ela não queria fazer isso com elas.

O ressentimento destas mulheres só continuaria a aumentar – mas isso estava fora do alcance de Maomao. O máximo que ela podia fazer era tentar garantir que isso não machucasse as pessoas ao seu redor. Foi isso. Talvez houvesse alguma solução melhor, mas, nesse caso, Maomao não era inteligente o suficiente para pensar nisso.

Acho que não faz sentido eu ficar por aqui. Quando Maomao pegou seu embrulho de pano e se levantou, ela olhou para a estante. O fato de terem condições de manter livros por perto sugeria que as mulheres estavam recebendo uma boa remuneração. Maomao ficou diante da estante para esconder as dúvidas que começava a ter.

"Se você estiver interessada em nossos livros, sinta-se à vontade para pegar um emprestado", disse Shenlü. **"Apenas certifique-se de trazê-lo de volta, por favor."**

Ao colocar as coisas dessa forma, Maomao começou a achar que seria rude não escolher alguma coisa.

Então Shenlü acrescentou: **“Parece que algumas pessoas devem fazer mais do que trazer de volta o que pediram emprestado... Pois às vezes encontramos mais livros na estante do que havia antes. É a coisa mais estranha.”**

Talvez eles estivessem atrapalhando alguém. Isso é ser rico. Na verdade, havia muitos livros menos interessantes na estante. Muitas tinham a ver com ser uma esposa obediente — talvez deixada aqui por mulheres de famílias abastadas quando seus aposentos pessoais começaram a ficar apertados.

Elas poderiam ter algo que valesse a pena ler aqui, Maomao pensou, quando seus olhos pousaram em um único e grosso volume. Ela o tirou e abriu para descobrir que tinha uma qualidade única entre os livros da estante: era ilustrado. Um livro tão grande, com tantas fotos? Devia ter sido muito caro. Imagens de... insetos, nada menos, ela pensou com um sorriso irônico. Shisui ficaria feliz em dar uma olhada nisso. Na verdade, ela era provavelmente a única pessoa em quem Maomao conseguia pensar que olharia para uma coisa dessas.

Maomao notou um pedaço de papel enfiado entre as páginas. Ela folheou a página, olhou – e fez uma pausa. Representava uma borboleta de uma terra estrangeira. Uma linda borboleta noturna, com uma cor que oscilava entre o azul claro e o verde claro. Uma figura cercada por elas pareceria tão divina quanto uma deusa da lua. Pensando bem, Shisui disse algo sobre ver os insetos em um livro. Foi isso que ela quis dizer?

“Esta enciclopédia também é algo que alguém trouxe?”

"Oh aquilo? Sim, foi deixado aqui... suponho que há cerca de um mês.”

Mais ou menos um mês atrás. Muito depois de os emissários terem partido, o banquete acabou. Se o livro não estivesse aqui antes disso, então parecia mais natural presumir que Shisui o possuía.

Não tenho certeza se é o tipo de coisa que uma empregada comum teria, porém, pensou Maomao. Na verdade, ela tinha certeza disso. E um livro tão grande nunca chegaria às mãos de um camponês. Então, o que era Shisui? A filha de uma família de comerciantes particularmente rica? Então Maomao se lembrou do caderno em que Shisui havia feito desenhos de insetos. Ela usou o verso do papel usado para embrulhar lanches, mas mesmo assim, conseguir um grande suprimento aqui no palácio interno não deve ter sido fácil.

Ela não só teve acesso ao papel; ela também era alfabetizada. Maomao não conseguia acreditar que alguém assim não chegaria ao nível de lavadeira.

(*Bem, talvez a personalidade de Shisui a tenha impedido*; *isso faria sentido.*) Mas então...

Os pensamentos de Maomao foram interrompidos quando a porta da sala se abriu com estrondo. Um eunuco estava lá.

"Shenlü." Sua voz era surpreendentemente alta para um homem. **"É melhor você ter cuidado."** E ainda assim surpreendentemente baixa para uma mulher.

Parada na porta estava o belo recém-chegado com olhos amendoados que fazia as damas famintas do interior do palácio gritarem e guincharem. Ele parecia um pouco baixo para um homem, mas um pouco alto para uma mulher. Da mesma forma, suas bochechas, que eram um pouco suaves para pertencer a um homem, mas acentuadas demais para uma mulher. Seu braço esquerdo pendia molemente ao lado do corpo, embora Maomao pensasse ter notado seus dedos tremendo.

Qual é a história dele?, ela imaginou.

Digamos que alguém usasse sobrancelha preta para desenhar sobrancelhas bem torneadas no rosto do eunuco. Adicione um pouco de batom com aparência ultrapassada e, quanto à expressão dele - bem, deixe o visual azedo exatamente como estava. Vista-o com uma roupa comum de criada.

E a mulher morta, Suirei, estava ali.

Até Maomao, que nunca foi bom em lembrar rostos, lembrou-se de Suirei. A mulher tinha sido intensa demais para esquecer.

"Eu descobri, mais ou menos, pelo que você disse."

Shenlü estava olhando para Maomao com os olhos arregalados.

"Suponho que deveria agradecer a você. Isso me impediu de acabar como um cadáver." Seu tom totalmente sem emoção a fez parecer ainda menos feminina. Suirei fechou a porta e então ficaram apenas as três na sala. Havia uma janela, mas era uma treliça e não seria possível escapar por ela.

Devo gritar?, Maomao se perguntou. Várias agulhas, porém, brilhavam na mão de Suirei, provavelmente cobertas com algum tipo de veneno. *Por mais que eu esteja curiosa para saber o que ela usou...*

Até Maomao sabia que não era a hora. Ela não podia perder nem um momento para dar uma pequena picada para descobrir quais sintomas as toxinas poderiam induzir.

Maomao deu um passo para trás, depois outro, quando Suirei veio em sua direção. Então seus calcanhares bateram na parede.

Ok, e agora? Ela estava com seu embrulho de pano com garrafas de álcool e artemísia. Ela poderia jogar o álcool nos olhos de Suirei e tentar usar a distração para escapar – mas ela não tinha ideia se isso realmente funcionaria. Além disso, ela tinha tantas perguntas – por que Suirei estava disfarçada aqui, o que ela estava procurando.

Maomao poderia parecer estar em desvantagem mortal, mas não é assim: **"Se você acabar comigo aqui e agora, eles vão me encontrar – e você – imediatamente."** Afinal, ela era a provadora de comida da consorte Gyokuyou. Ao contrário de muitas mulheres do palácio, em breve sentiriam muita falta dela. E seu pai a conhecia bem o suficiente para ter um bom palpite para onde ela tinha ido e o que tinha feito depois de sair do consultório médico. Ele e qualquer pessoa com ele chegariam à escola com bastante rapidez. A verdadeira questão era se alguém perceberia que ela tinha ido à clínica depois disso.

"Eu gostaria de fazer isso discretamente, se possível." Talvez tenha sido o traje masculino que deu à voz de Suirei aquele tom duro; ninguém mais teria percebido que ela era uma mulher. Mas então havia aquela mão esquerda, tremendo.

"Isso é um efeito colateral da droga da ressurreição?", Maomao perguntou. Afinal, a droga basicamente matava o usuário. Mesmo que seu corpo voltasse à vida, ele poderia não ser revivido em seu estado original. Suirei devia saber disso, mas ela usou a droga de qualquer maneira, com a intenção de enganar o próprio imperador.

"E daí?", Suirei disse. Ela ainda estava segurando as agulhas. Ela dificilmente precisava delas; ela e Shenlü juntas poderiam facilmente ter subjugado a fisicamente fraca Maomao. **"De qualquer forma, temos coisas mais importantes para conversar. Negócios."**

"Como é isso, exatamente?" O coração de Maomao batia forte em seus ouvidos e ela estava encharcada de suor nervoso, mas sua voz ainda soava desapaixonada – poderia ser uma maldição ou, em momentos como esse, uma bênção. Ela observou as outras mulheres atentamente para ver o que fariam, tentando pensar um passo à frente. Tentando imaginar uma saída de lá.

"Você obviamente espera planejar alguma maneira de escapar, mas sugiro que não tente nada." Com isso, Suirei abriu lentamente a porta novamente. A primeira coisa que Maomao viu foi uma mão pálida. Suirei agarrou-a e arrastou sua dona para dentro da sala. Pertencia a uma mulher alta do palácio – alta, mas surpreendentemente feminina.

"Sinto muito, Maomao..."

Era Shisui. Suirei passou o braço bom em volta do pescoço de Shisui e segurou as agulhas na direção dela com a mão esquerda trêmula. Shisui estava obviamente com dores agudas – e agora ela era refém. Maomao só conseguiu cerrar os dentes.

“Vá em frente e experimente, se você não se importa com o que acontece com ela”, disse Suirei. Ela parecia a vilã de algum drama popular. Maomao cerrou os punhos com tanta força que sentiu as unhas cravarem-se nas palmas das mãos. Se ao menos ela pudesse ter resolvido isso com os mesmos punhos... como isso seria simples. Em vez disso, ela perguntou: **“O que você quer?”**

"Você deve deixar esse lugar comigo."

“E você acha que vamos sair daqui vivas?”

Ela poderia tentar usar Maomao como escudo, mas provavelmente não adiantaria muito. E isso deixou Maomao se perguntando por que Suirei se deu ao trabalho de se disfarçar de eunuco para entrar furtivamente aqui se sua única intenção era marchar novamente.

Suirei, com o rosto impassível como o de uma boneca, assentiu. **"Eu acho. E nós vamos."** Depois acrescentou: **“Você virá comigo”.**

Maomao fez uma careta para ela. Ela achava que uma refém lhe faria algum bem? Ninguém escaparia da punição por deixar o palácio interno. Certamente não Suirei, que já havia mentido disfarçado. Maomao ficou quase desapontada: ela não considerava Suirei uma pensadora tão superficial.

Naquele momento, porém, os lábios de Suirei se curvaram em um sorriso malicioso. **“Você não está curiosa para saber como fazer a droga da ressurreição?”**

O coração de Maomao bateu ainda mais forte.

Maldito truque sujo. Ela estava mais do que certa agora – Suirei não era uma mulher para ser menosprezada.

Capítulo 9: A Raposa e o Tanuki Combinam Raciocínio

Na capital dizia-se que havia um tanuki a oeste e uma raposa a leste. Em Li, o quartel-general militar estava localizado a leste, de modo que "o leste" era por vezes usado como forma de se referir ao exército, enquanto "o oeste" significava a burocracia civil.

Desde os tempos antigos, as pessoas acreditavam que quando os animais selvagens atingiam uma idade venerável, eles se tornavam espíritos sobrenaturais. Basen às vezes pensava que talvez fosse isso que tivesse acontecido com esses dois.

O tanuki do oeste era Shishou, filho do governante de Shihoku-shu no norte. A palavra "filho" era um tanto enganosa; ele era na verdade um genro. Os pais de sua esposa o adotaram em seu clã.

Apesar de sua situação familiar, ele conquistou o favor da imperatriz reinante e, portanto, foi uma presença de peso mesmo quando jovem. Embora a imperatriz reinante já estivesse em seu túmulo há muito tempo, a figura corpulenta de Shishou ainda era proeminente no palácio.

Quanto à raposa a leste, era Lakan, o homem chamado de estrategista. Embora ele próprio viesse de uma família de renome de longa data, seu poder e privilégio não podiam atingir os de Shishou. No entanto, havia um entendimento tácito entre as autoridades: Lakan era o único homem com quem, sob nenhuma circunstância, se iniciava uma briga.

O pai de Basen lhe ensinou que ele não deveria permitir que seu preconceito o controlasse, mas às vezes era impossível evitar. Diante do tanuki e da raposa, Basen só conseguiu ficar tremendo.

O *que deveríamos fazer*?, ele tentou perguntar ao seu mestre com os olhos. Não, não é seu mestre; na verdade, ele poderia ter se sentido menos nervoso se seu mestre estivesse presente. Mas a figura mascarada com ele não era o augusto personagem que o palácio interno conhecia como Jinshi. O longo manto escondia sapatos plataforma que acrescentavam quase três sol, ou dez centímetros, de altura, enquanto o algodão era enfiado nos ombros do manto para fazê-los parecer mais largos. Tudo isso escondia muito bem o verdadeiro tamanho e forma da pessoa, transformando-a em alguém que era muito baixo para o trabalho em um dublê natural de Jinshi - ou melhor, do irmão mais novo do imperador

O companheiro de Basen se comportava com certa presunção. Bem, havia as costas curvadas e o ar de relutância, mas era exatamente a personalidade esperada do irmão mais novo do imperador. Qualquer um acreditaria que era ele.

Se o outro lado tinha um tanuki e uma raposa, o lado de Basen tinha um cachorro – não um vira-lata sarnento, mas algo mais parecido com um orgulhoso cão de caça.

“E que negócio você traz?” Basen falou em nome de seu mestre temporário. O homem usava uma máscara porque estava constrangido com as queimaduras no rosto que sofreu quando era menino. Ele raramente falava em público, mas se o fizesse, essa história seria mais que suficiente para explicar as coisas caso alguém achasse que sua voz soava estranha.

Ele passava grande parte do tempo enfiado em seus aposentos cuidando da papelada; já fazia quase um mês desde que ele compareceu ao conselho da corte. Mesmo agora, ele simplesmente estava sentado em sua cadeira, sem dar nenhuma indicação de que falaria. Mas tudo bem. Era assim que tinha que ser.

Ele raramente enviava um substituto ao conselho. Quando o fez, foi apenas para apresentar a papelada que havia feito. Quanto mais obtuso o irmão mais novo do imperador parecesse, melhor. Era o que o próprio herdeiro queria, e o governante permitiu. Por que, exatamente – com que propósito eles prefeririam e permitiriam isso – não era algo sobre o qual Basen estava em posição de se perguntar.

“Oh, céus, é simplesmente pois hoje somos agraciados com uma presença tão incomum; Achei que talvez um pouco de chá fosse uma boa ideia. Ainda temos muito tempo até o conselho militar”, disse Lakan. Para ser mais preciso, ele tinha bastante tempo até o conselho militar; Basen não disse nada sobre a programação de seu mestre. Longe de Lakan, porém, mostrar consideração pelo calendário de outra pessoa. **“Achei que talvez o Mestre Shishou quisesse se juntar a nós, já que ele está aqui hoje.”**

Atrás de Lakan estava um subordinado segurando uma garrafa. Parecia vinho de uva importado, mas sem dúvida só havia suco de frutas dentro. O pai de Basen mencionou a ele que o excêntrico de monóculo bebia muito.

"Quem, eu?", o velho e astuto tanuki sorriu. Basen não sabia o que Shishou carregava naquela barriga corpulenta - só que era preciso estar sempre em guarda, pois poderia ser algo prejudicial para ele e para os seus. Normalmente, ele poderia ter evitado o convite com bastante facilidade. Basen pensava que mesmo o excêntrico comandante militar não poderia e não iria simplesmente maltratar um homem de posição superior à dele. Pelo menos, ele sinceramente esperava que não.

O tanuki, no entanto, mostrou-se muito mais complacente do que esperava**. "Receio não ter nenhuma história particularmente interessante para compartilhar enquanto tomamos uma bebida",** disse ele.

Isso colocou Basen em uma situação difícil. Pensando que a única coisa a fazer era recusar, ele abriu a boca – mas então sentiu um puxão na manga. Foi o sósia mascarado que o deteve. Isso significava que ele queria ouvir o que os homens tinham a dizer? Então Basen teria que aceitar o convite, mesmo que fosse apenas a pedido do dublê. Ele deu um passo para trás. **"Vamos para o pátio interno, então?"** Ele não conseguia imaginar o que seu "mestre" estava pensando, mas Basen era um servo, e isso significava que ele serviria.

O pátio central estava repleto de sinais de outono. As flores de *osmanthus* exalavam um aroma poderoso. Era fofo, mas Basen não gostou muito. O estrategista, porém, escolheu um pavilhão ao ar livre bem perto das flores e depois instruiu um lacaio a preparar taças de prata.

Os três sentaram-se ao redor de uma mesa circular de pedra, olhando um para o outro como a cobra que temia a lesma que temia o sapo que temia a cobra. Basen estava atrás do senhor mascarado.

"Verdade seja dita, é melhor saboreá-lo em um delicado recipiente de vidro – mais perfumado e mais agradável aos olhos", disse Lakan, servindo um pouco de suco de sua garrafa – um líquido verde-claro. Na verdade, tinha uma fragrância enjoativa que se misturava com o cheiro do *osmanthus*. Basen se perguntou se deveria provar o veneno da bebida, mas parecia que as taças de prata tinham a intenção de evitar a necessidade disso. O estrategista arrumou as três xícaras diante dele, permitindo que os outros dois homens escolhessem suas bebidas primeiro, antes que ele bebesse o conteúdo da xícara restante de um só gole.

Essa demonstração deixou os outros sem desculpa para não beberem, então o tanuki e o mestre temporário de Basen levaram suas xícaras aos lábios. Este último abaixou a máscara para beber e depois puxou a manga de Basen.

"Ele diz que tem um gosto adorável e refrescante", disse Basen. Suspeitava-se que a princesa mais isolada não teria sido tão reticente quanto o homem da máscara. O pensamento quase fez Basen querer sorrir – mas se o homem com ele falasse nesta situação, sua verdadeira identidade poderia ser descoberta.

O estrategista já olhava divertido para o senhor mascarado há algum tempo. Basen pensou que parecia ter algum tipo de travessura em mente, mas não sabia o que poderia ser.

O velho tanuki girou sua xícara, apreciando o aroma, e depois bebeu. Só por um segundo, sua expressão era de desgosto, mas então, a bebida realmente precisava de um recipiente de vidro para realçar todo o seu aroma.

Vendo que os outros haviam terminado o lanche, Lakan tirou um pedaço de papel das dobras de seu manto. Os outros dois se inclinaram; sorrindo, Lakan desdobrou o papel.

Basen quase engasgou ao ver o que era, mas conseguiu manter a compostura e olhou em volta com a maior calma que pôde. O tanuki, a raposa e o cachorro tinham, cada um, um acompanhante; caso contrário, não havia ninguém aqui. Mesmo assim, como ele poderia exibir algo assim com tanto orgulho?

O papel continha um plano para uma arma de fogo, *feifa*, desenhado detalhadamente. Também não era uma *feifa* tradicional como a que Basen usava no passado, mas um dos modelos mais recentes, pequena e leve. Presumivelmente, o plano foi preparado analisando a arma usada para atacar seu verdadeiro mestre na caçada recentemente.

“Acredito que este seja um dos modelos mais novos do Ocidente. Observem! Essa é a verdadeira inovação: chega de fuzis”, disse Lakan, apontando para o gatilho da arma. A ponta da arma parecia não ter um fuzil, mas alguma outra coisa. Basen olhou para ele, um tanto perplexo.

“Talvez não seja tão fácil dizer pela imagem, mas há uma pederneira presa aqui”, disse Lakan, com o olho atrás do monóculo semicerrado. **“Isso evita a necessidade de um fuzil. Menos falhas de ignição e construção extremamente simples.”**

"Mais impressionante." Shishou acariciou a barba. Sua expressão, porém, era inescrutável.

“Sim, de fato – se os produzíssemos em massa, poderíamos revolucionar a organização do exército. Formações mais compactas e móveis — seria lindo. Como uma lança que pode se mover horizontalmente.”

Por “lança”, ele parecia estar se referindo a uma peça de Shogi. Se alguém pudesse pegar uma peça que só pudesse atacar para frente e dar-lhe movimento lateral, que ameaça seria.

“Pensar que uma arma como esta está nas mãos de bandidos que ousaram pôr em perigo a vida do herdeiro”, disse Lakan. Ele balançou a cabeça dramaticamente, mas ainda havia um sorriso em seus lábios. Ele estava gostando disso – até mesmo Basen, um tanto alheio, sabia disso.

“Estranho mesmo”, disse Shishou. **“Como você acha que os demônios colocaram as mãos nesses instrumentos?”**

“Excelente pergunta. Achei que era seu trabalho responder”, disse Lakan.

“Em princípio, sim, mas... Bem, lamento dizer que a pessoa encarregada de obter essa resposta daqueles que poderiam saber disso ficou um pouco entusiasmada demais, e agora temo que nenhum deles dirá a nós qualquer coisa.”

Foi fácil adivinhar por que a pessoa estava tão entusiasmada. Os criminosos, muito menos os possíveis assassinos de um membro da família real, não tinham direitos. Ainda assim, ficar “excessivamente entusiasmado” com a tortura de pessoas que deveriam fornecer informações valiosas foi um grande erro. O pessoal de Shishou era realmente tão ruim em seu trabalho?

“Se ao menos pudéssemos descobrir seu ponto de origem.” Lakan cruzou os braços e tirou da manga um pacote embrulhado em papel. Parecia ser uma fatia de bolo lunar; ele deu uma mordida, mastigou ruidosamente e engoliu, algumas migalhas presas na barba por fazer que cobria seu queixo. O atendente que estava atrás dele assistiu com exasperação. **“Eu me pergunto se você não ouviu nada.”** O cheiro adocicado do lanche se somava à mistura de *osmanthus* e suco de frutas. Os olhos de Lakan brilhavam e ele sorria como se todo aquele exercício o divertisse.

“Se eu tivesse ouvido algo desse tipo, já teria relatado há muito tempo”, respondeu Shishou, balançando o conteúdo restante de sua xícara. Ele não fez nenhum movimento para bebê-lo, apenas olhou para eles.

"É assim mesmo? Que pena”, disse Lakan, e suspirou profundamente. Então ele enfiou as plantas de volta no roupão e tirou um pedaço de papel diferente. **“Para o nosso negócio real, então.”**

Basen ficou surpreso: o assunto da *feifa* não era o que Lakan realmente queria falar? As maquinações do estrategista poderiam gelar o sangue, deixando Basen se perguntando o que ele poderia ter em mente. Foi então que ele desenrolou o próximo pedaço de papel, revelando um diagrama coberto de círculos numerados brancos e pretos.

Antes que ele pudesse se conter, Basen disse: **“Eu... isso é...?”** O rosto do atendente atrás de Lakan assumiu um aspecto distante e desapegado que de alguma forma lembrou Basen de seu pai, Gaoshun. Não há dúvida de que este homem teve as suas próprias lutas; Basen simpatizou profundamente com ele.

“É um diagrama do jogo de Go que minha esposa e eu jogamos ontem.”

“E-esposa?”

Sim, ele tinha ouvido as histórias, os rumores de que o excêntrico Lakan havia comprado alguma prostituta do distrito do prazer. Eles alegaram que o preço que ele pagou por ela poderia ter comprado um pequeno castelo, e que o distrito do prazer celebrou durante dez dias e dez noites.

O rosto de Lakan tornou-se o de um homem falando lírico sobre sua amada, e era óbvio que a mudança não passou despercebida aos outros. Os ombros do senhor mascarado tremiam, enquanto o tanuki claramente tentava pensar em alguma maneira de escapar.

“Outro jogo como um confronto entre duas lâminas bem afiadas. Ah, não sei dizer quantas vezes meu pulso começou a acelerar enquanto jogávamos...” Lakan estava dizendo. Basen ainda tinha muito que aprender sobre as relações entre homens e mulheres, mas sabia que o estrategista tinha uma ideia distorcida de como deveriam ser. Ele continuou seu panegírico: **“Nunca sonhei que ela tentaria um movimento como esse no meio do jogo. Eu escapei por um triz, mas ela veio até mim novamente com a próxima pedra.”**

Lakan estava em sua glória agora, com o rosto vermelho. Mas ele estava falando sobre um jogo de Go, e como Basen não tinha interesse em jogos de tabuleiro, a coisa toda passou direto pela sua cabeça. Ou, de qualquer forma, ele não conseguiu entender o que havia de tão emocionante nisso.

Assim que ele estava começando a se perguntar quanto tempo o monólogo iria durar, o tanuki se levantou. **“Peço desculpas por interromper seu belo discurso, mas tenho trabalho a fazer. Obrigado pela bebida.”**

"Que vergonha. Foi um belo jogo, um belo jogo mesmo. Com certeza lhe enviarei uma cópia do diagrama junto com um livreto com meus comentários.”

"Obrigado, mas você não precisa se preocupar." A ideia era mais do que o tanuki poderia suportar.

“Oh, não há problema, nenhum problema, senhor Shishou. Incluirei até o diagrama do meu jogo anterior e espero que você dê uma olhada neles.”

Ele era muito bom em impor coisas às pessoas; era preciso dar isso a ele. Shishou, aparentemente decidindo que seria mais fácil apenas seguir em frente, finalmente assentiu.

Lakan riu. **“Hahaha. Veja, não havia necessidade de discutir. Ah, sim, que tal eu adicionar isso também? Eu adoraria que você apreciasse seu lindo suco em um copo**

de vidro. Gostamos muito de conversar uns com os outros; seria maravilhoso sentar e ter uma longa e agradável conversa com você sobre nossas esposas."

"De fato."

"Como eu disse, gostaria que você repensasse as coisas."

Hmm, pensou Basen. O senhor mascarado parecia pensar a mesma coisa, pois seus ombros se moveram ligeiramente. Shishou, entretanto, não disse mais nada, simplesmente deixou o pavilhão. Basen olhou para a taça de prata que havia deixado para trás; ainda havia um bocado de suco nele.

"Uma cor incomum, não? Acredite ou não, algumas uvas no mundo são verdes", disse Lakan. O suco era de cor verde claro. Certamente não é vermelho. **"É exatamente como meu tio-avô disse",** continuou Lakan, colocando o resto do bolo lunar na boca e engolindo-o com um gole de suco. **"Agora, continuando a partir do lance 180",** disse ele, retomando seu comentário.

Das quatro pessoas que restaram no pavilhão, três delas exibiam expressões distantes e vítreas.

Passou-se uma hora depois que Basen e seu mestre temporário retornaram ao escritório; embora mal tivessem se movido, sentiam-se imensamente cansados.

"Tudo bem se eu arrumar meu cabelo?"

"Vá em frente. Sem pressa; Eu ficarei de guarda."

Basen e o senhor mascarado estavam sozinhos na sala. A voz questionadora, a primeira coisa que o senhor mascarado disse durante todo o dia, parecia um pouco aguda para um homem.

A máscara saiu, revelando uma única trança em um lindo cabelo pressionando uma bochecha. O rosto de perfil era esbelto e classicamente encantador; disseram a Basen que essa pessoa tinha a mesma idade de seu pai, Gaoshun, mas parecia pelo menos dez anos mais jovem. Mesmo sem os sapatos de plataforma, ela teria uns bons cinco shaku e sete sol de altura, cerca de 170 centímetros. Em posição ereta, ela poderia facilmente passar por um funcionário civil particularmente bonito.

Ninguém teria acreditado que até o ano anterior essa pessoa morava no palácio interno; na verdade, foi uma das quatro consortes favoritas.

Ou seja, a antiga consorte Pura, Ah-Duo.

“A raposa é tão esquisita que o tanuki parece completamente normal em comparação”, disse ela sem rodeios, depois sentou-se à mesa e olhou para os papéis empilhados sobre ela. A maioria delas era o trabalho com o qual o verdadeiro mestre de Basen lidava, mas misturadas entre elas estavam missivas secretas do imperador.

“Não há muitos que possam prevalecer contra o estrategista.”

“Ele parece ter uma queda pela esposa, no entanto.”

“E pela filha dele.”

Basen pensou naquela mesma filha e suspirou profundamente. Ele queria ser um oficial como seu pai, mas não queria ser prejudicado pelo trabalho como ele. Parecia, porém, que a personalidade de Basen já tendia para essa direção.

Basen pensou que a razão pela qual seu mestre se envolveu tanto com a garota era provavelmente por causa do pai dela. A própria menina era ilegítima, mas seu pai tinha apenas um outro membro imediato da família, um sobrinho que ele adotou. Se seu mestre conseguisse trazer a jovem para seu círculo, isso poderia lhe dar alguma vantagem sobre o estrategista raposa.

Basen duvidava que fosse tão fácil. O próprio fato de a garota ser filha do estrategista tornava difícil lidar com ela; e de fato, a razão pela qual Ah-Duo foi necessária tão repentinamente essa manhã para substituir seu mestre tinha algo a ver com ela. Ou seja, a garota chamada Maomao não tinha voltado para casa. A consorte Gyokuyou relatou seu desaparecimento na noite passada.

“O que você acha que aconteceria se alguém descobrisse?”

“Nem diga isso.”

O tom de Ah-Duo era provocador, mas Basen só conseguiu segurar a cabeça entre as mãos. Isso o fez temer pela linha do cabelo – com medo de que ele realmente estivesse seguindo o mesmo caminho que seu pai.

Capítulo 10: Traços

"*Maomao ainda não voltou.*"

Essa era a essência da carta que chegou para Jinshi na noite anterior. Tinha sido redigido de forma mais elaborada do que isso (a formalidade exigia isso), mas havia uma urgência inconfundível na caligrafia. Ele presumiu que a escritora era a principal dama de companhia do Palácio de Jade, o que significa que ela devia estar realmente esgotada. Essa era a mulher que sua própria babá Suiren elogiou como "altamente capaz" depois de passar um período no Palácio de Jade quando Jinshi levou Maomao de volta por um tempo.

Para ser totalmente honesto, Jinshi achou que a garota ficaria bem sozinha por uma noite. Ela escapulia de vez em quando (ele mesmo testemunhou isso mais de uma vez), mas geralmente voltava pela manhã. Foi por isso que ele achou tudo isso surpreendente.

Quando ele chegou ao Palácio de Jade, as damas de companhia que serviam há mais tempo o observaram apreensivas. Elas estavam fazendo movimentos, mas pareciam distraídas. As meninas mais novas, porém, trabalhavam arduamente.

Ele entrou na sala e encontrou a consorte Gyokuyou reclinado em um sofá generoso. A princesa Lingli estava brincando em outra sala. A chefe dama de companhia, Hongniang, estava lá, com o rosto sério. Gyokuyou segurava um leque na frente da boca, embora ela parecesse mais ou menos como sempre.

"Você parece bem, senhora", disse Jinshi.

"Dificilmente", respondeu Gyokuyou, deixando claro que não iria perder tempo com formalidades. Evidentemente, ela estava menos fleumática com a situação do que parecia. **"Achei que você tivesse fugido com ela de novo, mas parece que eu estava errada sobre isso, pelo menos."**

"Honestamente, senhora, já fiz algo tão rude?" A verdade é que Jinshi compartilhou sua inquietação.

"Eu me pergunto se ela se meteu no nariz em alguns novos acontecimentos perigosos", disse Gyokuyou.

"Nós sabemos o que ela estava fazendo?"

"Sim, até o meio-dia de anteontem", Hongniang interrompeu. Ela explicou que Maomao tinha ido ao consultório médico para preparar a artemísia para a moxabustão. Luomen

explicou a sua lista de provisões relacionadas com a saúde para o palácio interno e disse que Maomao era muito a favor da ideia.

"Então talvez ela tenha ido para o instituto de estudos práticos", dissera Luomen, e o velho eunuco que dirigia o local confirmou que Maomao de fato esteve lá. Mas depois disso, foi como se ela tivesse desaparecido.

Ela foi buscar a artemísia e depois seguiu para a escola. Para onde ela foi depois disso?

"Só posso pensar que ela estava envolvida em alguma coisa", disse Hongniang. Ela parecia bastante calma, mas havia um toque de angústia em seus modos e um desejo evidente de defender Maomao. **"Verifiquei os lugares mais suspeitos, mas não havia nada."** E Hongniang era, afinal, a serva de Gyokuyou. Ela não poderia fazer barulho sozinha. Ela teve que confiar em Jinshi.

Jinshi cruzou os braços e grunhiu. Era difícil imaginar algo que pudesse inspirar Maomao a desaparecer por vontade própria. Ela podia ser brusca às vezes, mas entendia seu lugar. Da mesma forma, ela tinha um jeito de subestimar seu próprio valor, mas certamente sabia que simplesmente deixar sua amante sem permissão resultaria em punição. Ou havia alguma circunstância específica que a impedia de voltar para casa, ou então ela simplesmente se tornou incapaz de voltar. Foi a pior coisa que ele poderia pensar.

"Você acha que alguém tinha algum tipo de rancor contra ela?", Gyokuyou perguntou. Com mais de duas mil mulheres e mil eunucos no palácio interno, era provável que houvesse uma ou duas pessoas com quem uma pessoa não se dava bem, e às vezes essas diferenças poderiam resultar em danos reais.

"Ressentimentos? Contra ela? Bastante, presumo", disse Hongniang.

Todos ficaram em silêncio. O fato de ninguém poder negar isso era perturbador. Algumas das mulheres do Palácio de Cristal, em particular, provavelmente estavam preocupadas com Maomao.

"Maomao não seria capaz de resistir à força física", disse Gyokuyou. A jovem era bastante versada em venenos, mas era pequena e não era fisicamente forte. **"Se um grupo inteiro a atacasse, ela estaria morta."**

"Sim, é verdade", disse Gaoshun, franzindo a testa. **"Mas duvido que ela viaje sozinha para a próxima vida..."**

Todos ficaram em silêncio novamente. Todos na sala conheciam Maomao bem o suficiente para saber que, mesmo diante da violência física, ela não iria em silêncio. Ela

colocaria sua mente em funcionamento e encontraria uma maneira de levar pelo menos um de seus agressores com ela.

“No momento, porém, não há nenhuma razão discernível para seu desaparecimento e isso significa que ela terá de ser punida”, disse Jinshi. Maomao frequentemente recebia tratamento especial, mas, infelizmente, eles tiveram que estabelecer limites em algum lugar. **“Dito isto”,** continuou ele, **“Antes de podermos puni-la, devemos encontrá-la”.** O melhor, decidiu ele, seria refazer os passos dela mais uma vez.

Quando chegaram ao consultório médico, o médico de bigode fino os recebeu com chá, mas parecia deprimido. Luomen estava escrevendo algo com calma. Quando Jinshi e seu grupo apareceram, ele veio cumprimentá-los, arrastando uma perna.

“Você deve estar aqui por causa de Maomao.” Luomen foi bastante perspicaz. Eles pareciam mais propensos a obter informações úteis dele do que do médico deprimido.

“Gostaria que você contasse sua história novamente”, disse Jinshi.

“É claro”, disse Luomen, e começou a delinear os eventos de forma simples, mas clara. Infelizmente, não rendeu nenhuma informação que Jinshi não tivesse ouvido no Palácio de Jade.

"Isso é tudo?"

"É, senhor."

Jinshi estava começando a ficar irritado. Gaoshun alertou-o com uma cutucada de que ele estava batendo o pé ruidosamente. Sabendo que precisava fazer alguma coisa, Jinshi olhou ao redor do consultório médico. **“E a outra Maomao? A gata não está aqui hoje?”**

“Acredito que ela esteja passeando.” Foi (por algum motivo) Gaoshun quem respondeu, parecendo desanimado. Jinshi estava ciente de que seu assistente trazia silenciosamente um peixe cada vez que eles chegavam ao palácio interno recentemente.

Jinshi pensou que acariciar aquela bola de pelos poderia ajudá-lo a se sentir um pouco melhor; *de todas as vezes para ela não estar aqui.*

“Normalmente, isso acontece quando ela vem implorar por comida”, disse o médico.

“É verdade que ela está um pouco atrasada”, concordou Luomen. Os dois se entreolharam.

“Pensando bem, quando a jovem saiu daqui, Maomao estava praticamente grudada nela”, disse o médico, acariciando seu queixo. Pelo menos essa era uma informação nova, embora não de grandes consequências. É claro que os gatos brincavam com quem estivesse lá.

Luomen, porém, disse: **“É assim que ela parecia para você?”**

"Boa pergunta. Ela estava muito perto, sem realmente brincar. Foi justamente quando você foi usar o banheiro, Luomen. A jovem disse algo sobre o consorte dormir levemente.”

Luomen não disse nada, mas foi até o armário de remédios e olhou para a panóplia de gavetas. Por fim, abriu uma e colocou algumas frutas secas num pedaço de papel de embrulho. **“Por acaso ela levou algum desses com ela?”**

“Hmm... lamento dizer que não me lembro”, confessou o médico. Ele olhou dentro da gaveta. **“Eu realmente sinto que costumava haver mais deles lá. Talvez ela tenha levado alguns.”**

Luomen acenou com a cabeça e depois se virou para Jinshi. **“Perdoe-me, mas posso ir procurar nossa gatinha?”** Então, ainda parecendo extremamente calmo, acrescentou: **“Isso pode nos dar a chance de encontrar a outra Maomao também”**. Evidentemente ele teve algum tipo de ideia.

Nisso, refletiu Jinshi, Maomao e seu pai adotivo se pareciam muito.

“E para que servirá encontrar essa gata?”

“Pode não servir para nada. Teremos que ver”, disse Luomen. Ele caminhou, arrastando a perna – sua rótula havia sido removida quando ele foi banido do palácio interno. Punição pela morte do herdeiro do trono, filho primogênito do atual imperador. As crianças, deve-se notar, morriam o tempo todo. Ser mutilado e banido por tal ocorrência só poderia ser atribuído à má sorte de Luomen.

Agora o eunuco estudava as frutas estranhas em sua mão, o remédio fitoterápico que ele havia tirado do armário de remédios. **“Esse é um bom exemplar”,** comentou. **“Ainda fresco. O aroma ainda é forte.”**

Ele olhou ao redor. Gaoshun estava andando atrás de Jinshi carregando um peixe. Ele ocasionalmente oferecia um “Miau” baixinho, mas Jinshi fingia não ouvi-lo. Se Basen tivesse visto seu pai dessa forma, o sangue teria sumido de seu rosto. Gaoshun fez tudo o que pôde para bancar o pai sério na frente de seu filho.

Os outros eunucos se separaram para procurar o gato.

“Os territórios dos gatos normalmente não são tão grandes”, disse Luomen. Não era provável que um animal perambulasse por mais de meio quilômetro; deixando de lado as variações individuais, é claro. **“Eles podem variar um pouco mais durante o cio, mas nossa gatinha ainda é jovem o suficiente para que não precisemos nos preocupar com isso. No entanto–"**

Ele foi interrompido por uma voz atrás. **“Mestre Jinshi, nós a encontramos”,** disse um dos eunucos. Eles o seguiram.

Eles estavam no bairro norte do palácio interno, mas partes da área eram separadas do bairro sul por apenas uma única parede, que tinha buracos pequenos o suficiente para um gatinho passar. O animal, ele foi informado, havia sido originalmente encontrado não muito longe da parede.

Quando chegaram até a gatinha, ela estava rolando para frente e para trás no chão, esticada pateticamente pelas raízes da árvore. As raízes mostravam sinais de que ela as havia arranhado, e algumas pequenas bagas estavam no chão ao lado dela. Jinshi se agachou e coçou o queixo de Maomao. Ela semicerrou os olhos de prazer, depois se virou e adormeceu.

"**Então ela está dormindo?**", Jinshi perguntou. Parecia quase como se ela estivesse bêbada.

“Olhe para isso”, disse Luomen, pegando algumas frutas. Eles se pareciam com o remédio que ele trouxe. Ele olhou para eles com atenção e depois estudou as marcas de arranhões na árvore. Havia outra baga dentro do oco da árvore – e quando ele enfiou a mão lá dentro, encontrou um pedaço de papel.

“Maomao deve ter feito isso”, disse ele. Ele abriu o pedaço de papel, mas não havia nada escrito nele.

“Sim, mas o que ela estava tentando nos dizer?”, Jinshi disse maliciosamente.

“Teremos que voltar ao consultório médico para descobrir”, respondeu Luomen, e então se abaixou, pegou Maomao e começou a andar.

Uma coisa que Maomao e Luomen tinham em comum era que nunca se sabia o que eles fariam a seguir. Ambos pareciam acreditar que mostrar era melhor do que contar, ou pelo menos melhor do que explicar antecipadamente o que tinham em mente. A demonstração era a maneira mais rápida de os inteligentes explicarem algo aos menos dotados.

“Isso é erva-de-gato”, dizia Luomen. **“É a favorita dos felinos e induz um estado muito semelhante ao da embriaguez. Você pode fazer um chá com ela que protege contra calafrios e estimula um bom sono.”**

Maomao deve ter pretendido isso para a consorte Gyokuyou. Então, quando de repente ela se viu em apuros, ela fez bom uso disso. As chances de descobrirem não eram muito boas – talvez ninguém notasse a coisa. Mas aqui estava, uma mensagem deixada por Maomao. Talvez ela tivesse confiado na probabilidade de Luomen descobrir. Os outros estavam começando a entender por que ela o admirava tanto.

Agora Luomen tirou o pedaço de papel. Certamente deve ter algum significado, embora não houvesse nada escrito nele.

“Esse é um joguinho que ela sempre adorou”, disse Luomen. Acendeu uma vela numa pederneira envolta em amianto, enchendo a sala com um rico aroma de mel. Ele pegou o papel e o chamuscou levemente – e então letras apareceram nele. A chama rapidamente ficou muito intensa e Luomen puxou a página para longe do fogo. **“Se você escrever em um pedaço de papel usando suco de fruta ou chá, as letras são um pouco mais inflamáveis que o papel, por isso aparecem quando a superfície é passada sobre uma chama. Nesta ocasião... parece que ela usou álcool.”**

“Ah, sim, ela levou algumas de nossas bebidas destiladas com ela”, o médico interrompeu. Teria sido gentil da parte dele mencionar isso antes.

De qualquer forma, isso significava que a escrita pegava fogo primeiro, tornando-se visível. E quanto à mensagem que eles podiam ver agora...

“Esse é o caractere para... pequeno santuário?”, o médico disse. **“É muito confuso para ler. Acho que você deixou queimar demais.”**

“Minhas desculpas”, disse Luomen, embora não estivesse realmente sob seu controle.

O papel continha apenas dois caracteres: um para santuário à beira da estrada e mais um. Presumivelmente, isso foi tudo que Maomao conseguiu escapar nos momentos que teve à sua disposição. Pelo menos isso reforçou a especulação de que ela havia sido impedida de voltar ao Palácio de Jade contra sua vontade. E esse truque obscuro foi a melhor coisa que ela conseguiu para que eles soubessem o que estava acontecendo.

“Existe algum santuário nessa área?”, Luomen perguntou.

“Vamos descobrir”, disse Jinshi.

O Santuário da Escolha foi apenas o começo: o bairro norte estava repleto de edifícios antigos. Poderia muito bem haver um ou dois santuários lá, mas mesmo Jinshi, que estava dentro e ao redor do palácio interno há anos, não tinha certeza.

Depois havia o outro caractere no pedaço de papel, tentadoramente quase legível. Era uma espécie de bolha disforme; talvez Maomao tenha tentado usar um formulário simplificado para economizar tempo. Não ajudou em nada o fato de tudo o que ela havia escrito ter sido parcialmente enegrecido pela chama.

"**O que poderia ser?",** Jinshi murmurou.

“Receio não ter a menor ideia”, disse o médico.

Talvez eles devessem experimentar o Palácio de Jade; Gyokuyou ou as outras podem lançar alguma luz sobre isso.

“Mas não sei quanta esperança podemos ter”, disse Jinshi.

"**Eu me pergunto.**" Luomen apagou a vela e guardou-a calmamente. Ele parecia sem pressa, em contraste com o médico inquieto e ansioso.

"**Você não está preocupado com ela?**", Jinshi perguntou. Poderia Luomen, apesar de sua aparência gentil, realmente ter um coração de pedra?

"**Preocupado? Eu estou. Mas simplesmente farei o que puder. Eu não gostaria que as tarefas que devo realizar fossem prejudicadas porque estava nervoso.”** Ele começou a tomar alguns remédios. **“Além disso, uma vez passei um ano inteiro sem uma palavra dela.”**

Jinshi ficou quieto. Luomen deve ter se referido ao ano seguinte à sua filha ter sido raptada pelos “caçadores”. O que Jinshi poderia fazer diante de tal observação senão manter a paz? Ele se lembrou de quando Maomao era empregada doméstica, trabalhando fora, incapaz de se comunicar com o distrito do prazer. Isso o fez perceber que pai e filha compartilhavam alguns estranhos pontos em comum.

Ele podia ver que mesmo sem Maomao aqui, ele não precisava se preocupar com a consorte Gyokuyou. Se ela quisesse uma provadora de comida, ele estava preparado para oferecer Suiren novamente. Ele imaginou que havia uma boa chance de que as damas do Palácio de Jade rejeitassem essa ideia, no entanto. A própria Hongniang parecia praticamente aterrorizada.

Jinshi saiu do consultório médico, movendo-se mais rápido do que o normal enquanto se dirigia para a residência de Gyokuyou.

“Mestre Jinshi...” Gaoshun estava olhando para ele com amargura.

"Eu sei." Ele diminuiu a velocidade para uma caminhada majestosa, cumprimentando os sorrisos ocasionais das mulheres que passavam com graça – a nobreza perfeita.

“Escrita desleixada”, observou Hongniang, franzindo a testa.

“Eu diria mais como escrito às pressas - sem tempo para uma caligrafia cuidadosa. As queimaduras não ajudam, mas os próprios caracteres são um pouco inchados.” Essa avaliação legal veio de Gyokuyou. A princesa Lingli estava a seus pés, brincando com blocos de madeira. **“Hum”,** a consorte resmungou. **“Eu me pergunto o que isso poderia dizer?”**

“Acho que se parece um pouco com o caractere das asas.”

"Não, não. A metade inferior do caractere não está lotada o suficiente para isso.”

“Sim, mas a escrita de Maomao sempre teve um certo... encanto peculiar.”

Bem, então talvez um novo par de olhos (ou três) pudesse ajudar a decifrar a escrita. Hongniang convocou prontamente as outras damas de companhia. No entanto, mesmo Yinghua, Guiyuan e Ailan não conseguiram concordar sobre o que estavam vendo.

“Oh, acho que diz o próximo.”

"Hum. Está perto, mas acho que não.”

“Sim, sinto que há mais do que isso.”

Então a dama de companhia com a faixa branca falou: **“Parecem asas ou *perto de mim* também”.**

“Concordo com minha irmã”, disse a mulher com a faixa preta no cabelo.

A última delas, a garota com a faixa vermelha no cabelo, estava olhando para o papel como se seu olhar pudesse abrir um buraco nele. **“Você não acha que isso diz jade?”,** ela perguntou. Esse caractere certamente parecia assim, um pouco como um cruzamento entre aqueles para asas e o próximo. **"Veja aqui? É um pouco mais rápido do que o normal; normalmente esse golpe seria direto para baixo.”**

“Sim, eu posso ver. Mas o que você acha que isso significa?” Gyokuyou disse. **“É uma referência ao Palácio de Jade?”**

O debate começou imediatamente: **“Talvez, mas qual seria o sentido de se referir a este lugar?”**

Enquanto isso, Seki-u torcia o nariz. **“Shisui...?”,** ela disse de repente.

Todos pararam e olharam para ela; ela estremeceu sob seu olhar coletivo.

"O que é isso?"

“U-Uh, hum, é... um nome. O nome de uma empregada que estava com Maomao.”

Não era um nome particularmente incomum; era frequentemente escrito com caracteres que significam roxo e jade ou descendência e jade. Poderia ser o nome de praticamente qualquer pessoa no palácio interno.

Mas Jinshi se lembrou de outra pessoa ligada a esse personagem, *sui*. **“Acredito que havia uma garota chamada Xiaolan que estava frequentemente com elas”**, disse ele. Ele já as tinha visto juntas antes. Uma mulher do palácio com aspecto de um esquilo amigável. (Por mais que ele tenha ficado surpreso ao perceber que Maomao era na verdade amiga de outras garotas.)

“Encontre aquela serva!”, ele comandou seus eunucos. Eles imediatamente saíram da sala.

“Mestre Jinshi”, disse Gaoshun. De repente, Jinshi percebeu que seu rosto estava rígido, seus punhos cerrados com tanta força que suas unhas deixavam marcas nas palmas das mãos.

Ele tentou colocar a máscara novamente, mas sem muito sucesso.

Algum tempo depois, um santuário foi descoberto perto de onde encontraram a gatinha. Uma construção dilapidada escondida à sombra de um armazém, poderia ter permanecido escondida para sempre se ninguém a estivesse procurando especificamente. Descobriu-se que o santuário era a entrada de um túnel. Uma passagem construída a partir de um dos antigos cursos de água não utilizados.

Eles aprenderam mais uma coisa também: não havia nenhuma mulher registrada no palácio interno com o nome que Seki-u havia inventado. “Shisui” não foi encontrado em lugar nenhum e um dos novos eunucos também estava desaparecido.

Capítulo 11: A Vila Raposa

Maomao podia senti-las sendo levadas pela corrente. *Ugh, o balanço...* Ela se apoiou em um poste, de alguma forma conseguindo lutar contra uma onda de náusea. Ela devia estar no porão do navio, pois estava cercada de carga. Todo o lugar cheirava úmido e úmido.

"Pergunto-me para onde estamos indo", disse Shisui, sem parecer muito preocupada.

"Seu palpite é tão bom quanto o meu."

Elas não foram contidas, mas Suirei, ainda em sua roupa masculina, ficou de guarda do lado de fora. Maomao e Shisui não estavam mais vestidas como mulheres do palácio, mas sim com roupas simples, como qualquer garota da aldeia usaria. Suirei evitou qualquer pergunta dos marinheiros do navio, explicando que as duas jovens seriam vendidas. Fazer-se passar por procuradora era certamente o disfarce mais natural para ela. Uma boa desculpa para prendê-las e evitar que alguém faça perguntas.

Elas estavam em um navio. Isso significava que elas não estavam no palácio interno. Elas estavam do lado de fora.

De volta à clínica, Maomao decidiu aceitar as condições de Suirei. Ela estava sozinha e indefesa, e se tivesse escolhido resistir, a outra mulher provavelmente a teria silenciado permanentemente. (Em outras palavras, ela certamente não foi atraída apenas pela ideia da droga da ressurreição, muito obrigada.)

Assim, Maomao permitiu que Suirei a levasse embora. Os eunucos estavam ocupados demais com o trabalho para notá-la e, de qualquer forma, uma mulher do palácio andando por aí não era nada incomum. Suirei a levou para um lugar não muito longe de onde encontraram Maomao, a gatinha, perto de uma parede. Maomao finalmente começou a respirar com um pouco mais de facilidade. Shenlü ficou vigiando enquanto Suirei improvisava algo no santuário. Foi durante esse breve momento que Maomao rabiscou a sua mensagem com álcool no papel. Ela escondeu os itens em seu roupão quando elas saíram.

Shisui perguntou **"Maomao?",** fazendo com que ela bagunçasse o segundo caractere e deixando-o difícil de ler. Ela estava passando mais álcool no dedo, na esperança de reescrever a mensagem, quando Suirei se virou. Maomao rapidamente enfiou o papel no nó de uma árvore próxima, pressionando a erva-de-gato em cima dele para mantê-lo ali.

Eu realmente espero que meu pai perceba isso, ela pensou. Se alguma coisa que ela tivesse feito chamasse a atenção dele, ele não pararia até que tivesse descoberto o resto. Era simplesmente assim que ele era. Infelizmente, a única pessoa que viu Maomao

tomar a erva-de-gato foi o médico charlatão, então ela não estava muito confiante sobre como as coisas iriam funcionar. Não era culpa do charlatão; ele era o que ele era. Mas isso não lhe trouxe nenhum conforto.

Abaixo do santuário havia um buraco grande o suficiente para uma pessoa caber. No mínimo, ela finalmente sabia como a gatinha havia entrado no palácio interno. Parecia uma passagem de água sombria e mal cuidada, mas parecia um pouco grande para isso. Maomao especulou que quem quer que tenha construído o sistema de água subterrâneo havia feito algumas rotas de fuga de emergência enquanto o fazia.

Elas passaram pelo túnel até o exterior do palácio interno, onde um cavalo e uma carruagem já as esperavam; elas a levaram diretamente para o porto. Depois partiram para o mar e agora Maomao balançava-se a caminho sabe-se lá para onde.

Não tenho ideia do que vai acontecer conosco... Maomao, imaginando o que deveria fazer, se é que deveria fazer alguma coisa, olhou para Shisui. Ela poderia descobrir alguma maneira de as duas escaparem juntas? *Duvido*, pensou ela, puxando uma lona que estava ali perto. Estava empoeirada e dura, mas ela poderia enrolá-la para fazer um travesseiro aceitável. Mas parecia provável que tivesse carrapatos, então ela deu uma surra decente, em parte só para se sentir melhor. Quando lhe deram as roupas novas, confiscaram todo o seu álcool. A única coisa que lhe restou foi o prendedor de cabelo, que ainda estava em seu cabelo.

"Com sono?", Shisui perguntou.

"Sim."

“Eu também...” Ela deitou a cabeça na ponta da lona e então, pela primeira vez, aquela notória tagarela não emitiu nenhum som.

O barco parecia ter saído do mar e entrado num rio. O cheiro de perfume havia diminuído, sendo substituído por um aroma cada vez mais perceptível de terra. Elas trocaram de barco duas vezes à medida que o rio se tornava cada vez mais estreito e, quando finalmente chegaram à costa, descobriram que estavam no meio de uma floresta. O rio desaguava nela e alguém construiu um cais na floresta.

“Hora de caminhar”, anunciou Suirei, e Maomao e Shisui a seguiram. As mãos das meninas estavam amarradas com uma corda, grossa demais para passar sem uma faca. Junto com Suirei, elas estavam acompanhadas por dois homens que pareciam guardas. Com corda ou sem corda, Maomao duvidava que elas pudessem ter escapado.

Isso não faz sentido. Pela posição do sol e pela forma como a temperatura caiu, o barco estava claramente viajando para o norte. Mas à medida que avançavam pela floresta, ela pensou que estava ficando mais quente, e uma umidade inexplicável tomou conta do ar.

"**Por aqui.**" Suirei, ainda disfarçada, parecia um príncipe que havia saído do pergaminho de algum conto de fadas; ela poderia ter formado um casal perfeito com a jovem e bonita Shisui, pelo menos se essa conseguisse agir de forma mais recatada. Shisui, por sua vez, olhava para todos os lados para todos os insetos que passavam enquanto eles caminhavam. Maomao gostava de pensar que ela não estava tão longe quanto Shisui, mas ela não hesitava em ficar de olho em quaisquer ervas e gramíneas interessantes à medida que avançavam.

Suas ruminações foram interrompidas quando Suirei recuou e depois foi para a esquerda. O *que há com ela*?, Maomao se perguntou. Shisui imediatamente mudou para a direita. Maomao olhou para as duas, perplexa. Então uma cobra saiu de entre as árvores, grande e gorda e pronta para o inverno que se aproximava. *Ela tem medo de cobras*?

Isso faria bastante sentido. Não importa o quão legal alguém pudesse agir, certamente haveria uma ou duas coisas que o incomodariam. Foi a maneira como Shisui reagiu que realmente chamou a atenção de Maomao. Pode ter sido uma simples coincidência, mas Maomao estava começando a ter um palpite muito firme.

Quase antes de ela saber o que estava fazendo, Maomao saiu do caminho e agarrou o réptil que se contorcia. Antes que os guardas pudessem fazer qualquer movimento, ela jogou em Suirei. Caiu bem aos pés dela. A mulher começou a afundar, com o rosto mortalmente pálido.

“Maomao!”, Shisui exclamou, imediatamente agarrando a cobra e jogando-a longe novamente. Ela acariciou as costas de Suirei; a mulher disfarçada parecia estranha, com as pupilas dilatadas e a respiração ofegante.

Bem, isso não é bom, pensou Maomao. Ela se aproximou e tocou as costas de Suirei. Ela não esfregou, mas bateu lentamente, encorajando-a silenciosamente a respirar no ritmo do ritmo. A respiração de Suirei desacelerou gradualmente. Os guardas avançaram em direção as três, mas Shisui ergueu a mão para detê-los.

Foi então que Maomao teve certeza.

"**O que diabos você pensa que está fazendo?**", Suirei perguntou quando ela finalmente se acalmou.

“Só uma pequena brincadeira.”

“Claro, parecia mais do que isso.” Suirei se levantou e olhou em volta, soltando um suspiro de alívio quando teve certeza de que não havia mais cobras por perto.

“Então você e Shisui se conhecem”, disse Maomao.

Suirei conseguiu não reagir abertamente a esta acusação. **“Não sei do que você está falando.”**

“Parece-me que Shisui recebeu uma educação de classe superior do que ela deixa transparecer. E ela ocasionalmente revela sinais de boa educação. Alguém como ela nunca faria trabalho de servo como lavar roupa. Ela apenas ficava nos banhos, fazendo massagens e gostando de insetos, sem dar nenhum indício de quem era.”

“Há inúmeras empregadas assim. Assim como você”, disse Suirei.

“Assim como eu”, *Hein*? Evidentemente ela tinha feito o dever de casa sobre quem era Maomao.

“Acho que você deve ter ficado bastante surpresa quando uma gatinha apareceu em seu túnel secreto”, disse Maomao a Shisui. **“Tão surpresa que, na pressa de pegá-la, você se deixou descobrir por outra mulher do palácio.”**

“Haha! Você é esperta, Maomao”, Shisui riu. **“Então você estava tentando ter certeza. Mas olhe, por favor, não jogue mais cobras por aí. Minha irmã mais velha realmente as odeia.”** Shisui coçou a bochecha com uma das mãos amarradas.

Pela primeira vez, Maomao pensou ter visto a expressão de Suirei suavizar. **“Eu disse que seu nome era muito simples”,** disse ela, como se estivesse advertindo a mulher mais jovem. Não havia nenhum sentimento de alarme em seu tom; em vez disso, ela parecia não se incomodar com o fato de Maomao agora saber o segredo delas.

“Ah, nenhuma das outras garotas percebeu”, disse Shisui. Muitas das mulheres com cargos mais baixos eram analfabetas e não pensavam muito no nome de outra pessoa. Mesmo que soubessem ler, elas vinham de todos os lugares e talvez nem todos lessem um determinado nome da mesma maneira. Shisui provavelmente se baseou nessas suposições ao escolhê-lo. Uma jogada ousada.

Maomao ia dizer mais alguma coisa, mas pensou melhor. Ela ainda não tinha certeza. Ela decidiu pular por enquanto.

Maomao conheceu Shisui perto de onde encontraram a gatinha. No final, eles nunca descobriram como Maomao (a gata) havia entrado no palácio interno, mas se ela tivesse vindo por um túnel secreto, isso explicaria bastante. Quando saíram do antigo canal

subterrâneo, Maomao notou um gato morando nas proximidades. Maomao (a gata de novo) deve ter se perdido e entrado no túnel uma vez, quando Shisui estava procurando a passagem.

Depois, havia o fato de que sua educação parecia refinada demais para uma mera empregada doméstica. Shisui provavelmente estava tentando ter cuidado ao desempenhar sua parte, mas não foi cuidadosa o suficiente. Por outro lado, ela provavelmente não esperava que alguém a observasse tão de perto quanto Maomao.

E quando Shisui começou a levar Maomao e Xiaolan para o banheiro? Uma excelente desculpa para entrar em contato com Suirei, que estava disfarçada de um dos eunucos que trazia a água do banho. Ela fez todas elas parecerem tolos.

"Acho que não sou uma grande espiã", disse Shisui.

"Só preciso ter mais cuidado da próxima vez", garantiu Maomao, mas a brincadeira leve não mudou a posição em que ela estava. Ela ainda não tinha ideia do que as outras duas planejavam fazer com ela.

Elas querem me usar como moeda de troca contra... ele? Ela pensou no estrategista de monóculo e imediatamente franziu a testa. Fale sobre vagar direto para um poço de cobras. Nada de bom poderia resultar disso. Elas não perceberam isso?

"Por que você veio conosco, se sabia de tudo isso?", Suirei perguntou.

"Por que você me trouxe?", Maomao respondeu. Certamente ela poderia ter permissão para fazer esse pequeno e irreverente comentário. Ela ficou encorajada ao perceber que elas não iriam matá-la aqui e agora.

Suirei não disse nada, apenas voltou a andar. Maomao a seguiu. Parecia que o assunto seria arquivado por enquanto. Elas pelo menos cortaram a corda que prendia as mãos de Maomao – não porque ela agora fosse bem-vinda para tentar escapar, mas porque qualquer tentativa de fuga era obviamente inútil.

Elas caminharam pela floresta, esmagando galhos e folhas secas sob os pés, até que algo parecido com uma casa apareceu, flanqueado pelo que pareciam ser campos. As árvores começaram a diminuir e então puderam ver uma clareira cercada por uma paliçada de madeira.

Uma vila escondida? Pelo menos era isso que parecia. Ela nunca teria esperado encontrar um assentamento humano aqui na floresta, mas lá estava. Completo com uma barreira para impedir a entrada de animais selvagens. A paliçada estendia-se em torno

do perímetro da aldeia, fazendo com que se parecesse com o palácio interno, ainda que numa escala diferente.

Suirei tirou um pano vermelho das dobras de seu manto e acenou três vezes para alguém que estava em uma torre de vigia. Um momento depois, o portão se abriu e uma ponte desceu. Suirei conduziu Shisui e Maomao para a aldeia.

Maomao foi imediatamente atingida por ar fumegante. *Huh. Não me admira que esteja quente.* Ela viu vapor por toda parte, subindo dos canais de água que cruzavam a aldeia.

"Uma cidade de fontes termais?"

"Uh-huh. Por que outro motivo construiríamos uma vila aqui?", Shisui disse. Bem, aí está.

Além da localização um tanto incomum, a vila se parecia com qualquer outra cidade com fontes termais. Era pontilhado de edifícios comuns, e pessoas vestindo roupas leves e carregando toalhas caminhavam de um lado para outro. Uma em especial se destacou.

Um estrangeiro?

Essa pessoa usava um véu sobre a cabeça, mas a constituição de seu corpo e a aparência de seus cabelos deixavam claro que não eram daqui, impressão confirmada pelos acessórios de estilo ocidental que usavam. O que realmente chamou a atenção de Maomao foi o laço no cabelo que saía por baixo do véu. Foi uma faixa vermelha que a fez pensar nas emissárias que vieram para essa terra.

Ela estava pensando Não poderia ser... quando, distraída com seus pensamentos, esbarrou em alguém.

"Ei, o que você pensa que está fazendo?!" Seu antagonista era uma criança, muito menor que ela. Uma criança desagradável, provavelmente no limiar da adolescência, a julgar pela sua atitude. **"O que você achou que iria acontecer, parado ali espaçado daquele jeito?"**

Maomao estava com raiva – quem não ficaria? Se este fosse o distrito do prazer, ela já teria dado uma boa pancada na cabeça dele, mas de alguma forma conseguiu se conter. Ela seria a adulta aqui. Curiosamente, porém, o merdinha recebeu uma pancada na cabeça de qualquer maneira, sem que Maomao tivesse que fazer nada.

"Ai!", o garoto gritou.

"A culpa é sua por não ter cuidado para onde estava indo", informou Shisui.

"Mana!"

Então o merdinha a conhecia! Em um instante, ele se esqueceu completamente do golpe na cabeça, correndo em círculos ao redor dela como um cachorrinho excitado.

“Ei, e essa é a Suirei! O que há com essa roupa? Parece muito quente em você!”

“Cale a boca,” Suirei retrucou, mas o merdinha agiu como se não a tivesse ouvido.

“Vovó disse que eu não ia mais ver vocês duas, mas acho que ela estava apenas brincando comigo. Eu deveria saber!”

O merdinha podia ter uma atitude ruim, mas parecia vir de uma boa família: usava roupas decentes e seu cabelo estava bem penteado. Alguns dentes da frente faltando o faziam parecer um pouco ridículo.

“Ah, eu sei! Isso é sobre o festival? Foi por isso que você voltou para casa, não foi? O festival começa amanhã!”

“Você está certo, nosso momento foi perfeito”, disse Shisui, olhando ao redor da vila com aquele sorriso inocente dela. Agora que eles mencionaram isso, Maomao percebeu que serpentinas de papel e lanternas de papel comemorativas estavam penduradas nos beirais dos prédios ao seu redor, e além das pessoas em mantos leves, obviamente convidados dos banhos, todos pareciam estar ocupados se preparando para alguma coisa. .

“Você já tem sua lanterna?”, o merdinha perguntou.

“Acabamos de voltar. Sobrou alguma boa?”, Shisui disse.

“Siga-me”, respondeu ele, e conduziu-a pela mão ainda mais para dentro da aldeia, deixando Maomao atrás deles. Ele as levou até um prédio que era incongruentemente belo entre as construções simples do resto da vila. Maomao pensou que poderia pertencer ao chefe da aldeia, mas aparentemente era uma estalagem, como proclamava uma placa elaborada no exterior. A razão pela qual o local ficou tão impressionante, imaginou Maomao, deve ter sido porque servia de banheiro para visitantes importantes.

Evidentemente, era para lá que Suirei pretendia trazê-las, pois ela cumprimentou o dono da casa, que respondeu educadamente, na verdade, com uma careta.

Então talvez aquela fosse realmente uma das emissárias. Do lado de fora da estalagem, Maomao viu um palanquim de construção incomum e pensou ter reconhecido um dos

homens que cuidava dele. Ele tinha sido um dos guardas das emissárias. Mas o que ela estaria fazendo aqui?

"Você está se perguntando o que aquela emissária está fazendo aqui, não é?", Suirei disse enquanto pegava uma chave do estalajadeiro e voltava para elas.

Maomao olhou para ela, lutando contra um arrepio de surpresa. **"Engraçado você saber disso",** disse ela, escolhendo um golpe sarcástico em vez de um simples **"Sim".**

"Só porque eu estava morta não significa que não tivesse trabalho para fazer", respondeu Suirei. Isso foi uma piada? Muito incomum para ela. Suirei parecia de alguma forma diferente da mulher insensível que Maomao conheceu antes. Talvez morrer a tivesse mudado. Ela ainda estava pensando nisso quando entraram na pousada.

Ela foi conduzida a uma sala tão suntuosa que alguém se perguntava como ela havia chegado até o meio da floresta daquele jeito. Foi dividido em três áreas: dois quartos e uma sala. Um dos quartos continha uma cama e o outro duas. O do quarto com cama de solteiro tinha dossel – o que parecia implicar que aquele quarto era para o patrão e o outro para os criados.

Shisui foi para o quarto do merdinha. **"Vem, Maomao?"**

Capítulo 12: Planta Lanterna

Quando chegaram ao palácio interno naquele dia, o ar parecia diferente. Jinshi dirigiu-se ao Palácio de Jade, Gaoshun e vários outros eunucos com ele. A consorte Gyokuyou parecia mal-humorada nos últimos dias, e esta manhã ele recebeu a notícia de que ela provavelmente daria à luz a qualquer momento.

O pai adotivo de Maomao, o homem chamado Luomen, acompanhava constantemente a consorte, mas o bebê não nasceu. Restava a questão de saber se seria um parto pélvico – a razão pela qual Luomen foi convocado do distrito de prazer em primeiro lugar.

Ninguém havia mencionado oficialmente o fato de que a consorte daria à luz, mas a tensão no ar no Palácio de Jade sugeria que todos sabiam. Outras damas do palácio tentaram dar uma olhada na residência de fora. No momento em que perceberam que Jinshi estava lá, elas ficaram vermelhos e voltaram correndo ao trabalho.

Já se passaram dez dias desde que Maomao desapareceu.

Jinshi foi saudado por Hongniang, que parecia um tanto cansada ao conduzi-los para o pavilhão. No corredor havia uma grande pia e um bule aquecido no braseiro, prontos

para o momento em que a criança nascesse. Elas obviamente estavam preparadas caso a entrega fosse rápida.

"Como ela está?", Jinshi perguntou, forçando-se a parecer calmo e controlado. As damas de companhia olharam para ele com inquietação, mas foi o homem idoso que saiu da sala quem lhe deu os detalhes.

“As contrações pararam por enquanto. Ainda não posso dizer quando a criança poderá nascer.” Poderia, em princípio, acontecer a qualquer momento, embora ainda fosse um pouco cedo neste momento.

“E como está a mãe?”

“A consorte ainda está alerta e calma. No momento, não acho que haja perigo de parto pélvico.”

Portanto, os tratamentos de Maomao ajudaram. Isso foi um alívio, mas eles ainda não estavam fora de perigo. Ainda havia muitas variáveis.

Havia outro homem no corredor com eles; ele estava vestido com roupa de médico e tinha um bigode fino. Ele era o médico oficial do palácio interno, mas naquele momento era pouco mais que um obstáculo, e as damas de companhia pareciam ressentir-se de tê-lo ali. A seus pés estava uma gata – velha demais para ser chamada de gatinha, Maomao era agora uma jovem felina. Jinshi não pôde deixar de se perguntar se isso era higiênico, mas a gata ajudou a distrair a princesa Lingli, que estava desesperada para ir até a mãe, então talvez fosse um bem.

Normalmente, o palácio interno francamente, poderia ter passado sem o seu médico, mas neste momento Jinshi estava feliz por tê-lo ali. A expressão do homem era fácil de ler e, naquele momento, ele estava claramente sofrendo de uma necessidade sentida de prestar serviço e de angústia por Maomao ainda estar desaparecida. A combinação parecia tão propensa a produzir erros simples que as damas de companhia do Palácio de Jade evidentemente ordenaram que ele ficasse parado no mesmo lugar e não se mexesse. Ver alguém tão obviamente ainda mais perturbado do que realmente ajudou a acalmar Jinshi, permitindo-lhe deixar de lado seu pânico crescente.

“Muito bem”, disse Jinshi. **“Vou me despedir por enquanto, então. Se alguma coisa acontecer, envie um mensageiro.”**

“Sim, senhor”, disse o vô eunuco com uma reverência.

Gaoshun apareceu quase no mesmo momento em que Luomen se retirou. **“Mestre Jinshi”,** disse ele. Jinshi o enviou para falar com a Matrona das Mulheres Servidoras sobre um assunto separado.

"Sim? O que é?"

“Aham...” Gaoshun olhou ao redor, comunicando efetivamente que esta discussão deveria ser realizada em particular. O parto poderia ser retomado a qualquer momento, mas Jinshi dificilmente poderia ficar ali indefinidamente, então ele deixou dois eunucos e saiu do Palácio de Jade.

"Tudo bem. O que é?"

“É sobre o eunuco desaparecido. Perguntei aos outros eunucos se eles sabiam alguma coisa, qualquer coisa, sobre o assunto.”

O eunuco desaparecido atendia pelo nome de Tian, que significa Céu. Um nome comum; pode-se ouvir isso em qualquer lugar. Os relatos eram de que Tian não era muito próximo dos outros eunucos. Ele era lindo de se ver e era frequentemente assediado por mulheres do palácio, mas parecia que havia outro lado dele. De todos os eunucos libertados da escravidão dos bárbaros, só ele não tinha outros conhecidos pessoais no grupo. Em outras palavras, era possível que ele tivesse se insinuado entre eles antes de chegarem ao palácio interno.

A aposta mais segura era que esse sempre foi o seu plano. Isso explicava o motivo de Tian ter se esforçado para não se aproximar de ninguém — e isso significava que eles estavam perdendo tempo, sem sequer nenhuma informação para mostrar.

“Um eunuco disse que viu alguém que pensava ser Tian orando em frente a um santuário.”

“Ouso dizer que isso não é incomum.” O palácio interno não tinha falta de santuários grandes e pequenos. Uma oração de vez em quando era o mínimo que se esperaria de um crente devoto.

“Sim, mas...” Das dobras de seu manto, Gaoshun tirou um diagrama do palácio interno; ele apontou para um santuário no bairro norte.

“Isso é...”, Jinshi começou. Era um santuário dedicado à veneração daqueles que morreram no palácio interno, o mesmo local onde realizaram o funeral da consorte Jin. Normalmente, aquelas que morriam aqui eram devolvidas às suas famílias – mas havia aquelas que não tinham para onde ir, mesmo após a morte.

Jinshi imediatamente se virou para o bairro norte.

“O homem com quem falei disse que Tian estava visitando um túmulo.”

"De quem?"

“Receio que ele não tivesse certeza.”

Jinshi grunhiu e cruzou os braços. Ele decidiu ir inspecionar o local sozinho. Ele tinha outras coisas para fazer, mas simplesmente não conseguia deixar isso passar.

Havia um horror permanente à morte no palácio interno. Era aqui que os futuros filhos do céu nasceriam e cresceriam – é claro que os habitantes desejariam distanciar-se de algo tão desfavorável como a morte.

Ao mesmo tempo, porém, aqueles que serviam aos privilegiados tinham um costume: aquelas que já haviam se deitado com o imperador nunca poderiam deixar o palácio interno enquanto vivessem. Houve exceções, é claro. Consortes dadas a subordinados por motivos políticos ou como recompensa por serviços leais. Na maior parte, porém, essas mulheres eram filhas de pessoas poderosas. Uma simples donzela cuja flor murchasse no galho, que nunca produzisse descendentes, poderia esperar simplesmente desaparecer aqui neste jardim, com seu nome registrado e lembrado em lugar nenhum.

O lugar para onde Jinshi estava indo agora era onde aquelas flores dormiam.

Não havia nem dez lápides lá – embora ele não soubesse se eram muitas ou poucas – e todas elas pertenciam a mulheres que serviram no palácio durante a época do imperador anterior. Os superintendentes do palácio interno haviam decidido (chame isso de caprichoso, se for preciso) que muitos enterros logo se tornariam um problema.

Quando chegaram, descobriram que alguém já estava lá. É muito incomum alguém visitar os túmulos de mulheres anônimas do palácio. Mesmo à distância, puderam ver que a visitante era uma mulher mais velha; ela estava sentada em frente ao túmulo mais próximo e comparativamente mais novo.

Esta mulher, talvez com mais de quarenta anos, tinha um rosto que transmitia força. Antes do túmulo havia flores que ela deve ter colhido em algum lugar, e um galho de uma lanterna – Jinshi teria dito que estava um pouco fora de estação. Talvez alguém o tenha deixado lá antes.

A mulher se levantou – e foi então que ela notou Jinshi e Gaoshun. Seus olhos se arregalaram por apenas um segundo, mas depois voltaram ao normal e ela se curvou

educadamente antes de sair. Não havia nada de intrinsecamente errado em visitar os túmulos; eles não tinham motivos para suspeitar de nada dela.

Exceto por uma coisa.

Quando a mulher passou, Jinshi sentiu um forte cheiro de álcool. Muito forte – como se ele pudesse ficar bêbado só de sentir o cheiro. Como aquelas bebidas destiladas estrangeiras. Quase antes de saber o que estava fazendo, ele agarrou o pulso dela.

Ela não conseguiu esconder seu choque. Mesmo assim, ela conseguiu agir com calma ao dizer: **"Posso ajudá-lo, senhor?"**

Normalmente, Jinshi nunca teria feito algo tão impulsivo. Ele teria considerado suas ações com mais cuidado, em vez de agarrar de repente o braço de uma mulher do palácio. Mas mesmo tendo se convencido de que estava perfeitamente calmo, ele agora percebia que estava muito mais indisposto do que imaginava.

"Onde está Maomao?", ele perguntou. Ele sentiu a mulher tensa. Gaoshun e os outros eunucos os observaram em silêncio. A*calme-se*, Jinshi disse a si mesmo. Ele teve que se acalmar. Quando ele falou novamente, foi com seu habitual tom meloso. **"Estou curioso para saber mais sobre uma certa mulher sardenta do palácio. Você saberia alguma coisa sobre ela?"**

Ele usou o sorriso que tantas vezes lhe dava o que queria das mulheres do palácio – mas esta mulher não sorriu de volta; em vez disso, o sangue foi drenado de seu rosto. Ela parecia ter visto um goblin. As pupilas da mulher, Shenlü, dilataram-se; Jinshi podia sentir seu pulso acelerado onde ele segurava seu pulso. Ela sabia de algo. Ele estava certo disso. Ele agarrou o braço dela com mais força para que ela não pudesse fugir.

A mulher olhou para ele com os olhos arregalados. Talvez ela tivesse sangue estranho nas veias, pois seus olhos eram verdes. De repente, embora ela olhasse para ele, seu olhar ficou distante. **"Uma velha memória voltou para mim"**, disse ela. **"Alguém me chama com uma voz gentil, me dá doces de uma terra estrangeira."**

Enormes lágrimas começaram a rolar por seu rosto, mas Jinshi não conseguia acompanhar o que ela dizia.

"Ninguém parece se lembrar de como ele era quando era jovem. Tudo o que ouvi é que, quando ele ficou velho, ele era apenas uma sombra do que era antes. Ele parou de me procurar depois que eu tinha quatorze anos, então não sei nada sobre como ele era depois daquela época."

De quem a mulher estava falando? O que ela estava dizendo e por quê? Jinshi percebeu, porém, que ainda mais profunda do que o tom verde dos olhos da mulher era a raiva.

“Mas ele também tinha uma voz como mel e um rosto como o de uma ninfa celestial.” Havia convicção em sua voz. **“Por que alguém como você se rebaixaria a fingir ser um eunuco?”**

O aperto de Jinshi afrouxou, apenas por um instante, mas era tudo o que Shenlü precisava; ela o sacudiu e começou a correr. Ela nunca teve qualquer esperança de escapar; com os eunucos ao redor, ela logo foi presa.

“O que devemos fazer com ela, Mestre Jinshi?”, perguntou o homem que a capturou. Enquanto ele falava, a mulher tirou uma pequena garrafa das dobras do roupão, abriu a rolha e bebeu o conteúdo. Gaoshun estava gritando antes mesmo de Jinshi: **“Faça-a vomitar isso!”** Ele ordenou que um dos eunucos trouxesse água, segurando ele mesmo a mulher desmaiada e enfiando os dedos em sua boca, tentando fazê-la vomitar. Jinshi só podia assistir.

“Mestre Jinshi!” Ele ficou momentaneamente surpreso com os gritos de Gaoshun. Ele devia estar completamente fora de si. O eunuco já havia voltado com a água e despejava-a na garganta da mulher. A garrafa que ela bebeu estava rolando no chão. Jinshi reconheceu-o como um dos recipientes em que Maomao colocou o seu álcool destilado. O álcool extremamente forte já era um veneno por si só, e essa mulher acabara de beber uma garrafa inteira dele.

O vento soprava em rajadas, soprando as flores em frente ao túmulo e sacudindo os frutos da planta-lanterna.

“Mestre Jinshi, o que você quer que façamos?” Gaoshun perguntou com força. Jinshi de repente percebeu que a testa franzida do outro homem estava praticamente na frente de seus olhos. **“Mestre Jinshi, você precisa se controlar; certamente você sabe disso. Você não precisa se preocupar com a piadinha de uma mulher do palácio.”**

"Piada?", Jinshi perguntou. Quem beberia um frasco de veneno de brincadeira? Tudo isso não começou porque Jinshi agarrou impulsivamente o braço dela? E se a pessoa de quem a mulher havia falado realmente fosse...

“Gaoshun... Eu realmente me pareço com ele?”

Esse pensamento sempre incomodou Jinshi, desde que ele era jovem. Ele não se parecia com aquela pessoa. Nem seu irmão mais velho, nem sua mãe. Então, com quem ele se parecia? Foi uma pergunta que alimentou rumores infundados entre as damas de companhia. Histórias de que ele era ilegítimo.

Era praticamente ridículo: o que ele fazia aqui, neste jardim de mulheres? Ele pediu a seu irmão mais velho que o deixasse assumir essa identidade de eunuco, a fim de deixar de lado seu status de herdeiro aparente... Era ridículo, puro e simples.

Ainda frustrado consigo mesmo, ele foi até a lápide que Shenlü estava visitando. Ele queria rir muito, mas ainda tinha trabalho a fazer. Lentamente, ele se ajoelhou perto do marcador e pegou a vagem vermelha da planta-lanterna onde ela havia caído. Seco agora que a estação acabou, começou a rasgar, revelando a fruta vermelha em seu interior. Ele se lembrou de ter ouvido que a planta lanterna poderia ajudar a induzir o aborto. E quando viu o nome gravado na lápide — um nome que um dia seria apagado com o passar do tempo — pensou ter entendido por que alguém teria oferecido a planta aqui.

Taihou.

Um nome perfeitamente comum para uma criada. Não tanto na capital, não hoje em dia; mas no campo as mulheres chamavam às filhas de Taihou em massa. Aqui, porém, nesta lápide, o nome era inesquecível.

Era o nome de uma serva que morreu no ano passado. Uma mulher cuja única alegria no mundo enclausurado do palácio interno era reunir grupos de mulheres para contar histórias assustadoras. Ela não tinha família alguma. Com uma exceção. Se a filha que nasceu do encontro com o médico do palácio tivesse sobrevivido...

Taihou. O eunuco desaparecido e a serva. E...

Não. Ele ainda não tinha todas as peças desse quebra-cabeça. Mas a sua intuição permitiu-lhe preencher as lacunas e, lentamente, a intuição tornou-se certeza. Jinshi sabia para onde deveria ir em seguida.

Se uma criança nascida naquela época tivesse sobrevivido, seria agora dois anos mais velha que o imperador. Suponhamos que o médico banido tivesse levado a criança consigo. Dizia-se que eles desapareceram depois disso, mas isso era questionável. Algo sobre isso não se encaixava.

A mulher chamada Taihou era serva de uma das consortes – ninguém menos que a mãe de Loulan, esposa de Shishou. Dizia-se que Taihou era algum parente do clã Shi, um parente distante da mãe de Loulan. *Talvez ela soubesse alguma coisa sobre a criança nascida daquela serva e do médico desaparecido*, pensou Jinshi, e se virou em direção ao Palácio de Granada.

Não havia nenhum indício da austeridade que permeou o palácio até o ano anterior. Em vez disso, o lugar transbordava de exotismo ostentoso. Jinshi suspirou em particular, depois obrigou-se a exibir seu sorriso habitual. Uma dama de companhia fez uma reverência para ele, quase timidamente, e o conduziu para dentro.

Eles passaram por um corredor forrado de berrantes bugigangas de madrepérola e depois chegaram à sala de recepção onde ele normalmente era visto. A dona do palácio estava recostada no sofá, também como sempre, polindo as unhas.

Jinshi permitiu que seus olhos se franzissem em um sorriso. A consorte Loulan era atendida por seis damas de companhia, todas atendendo assiduamente a todas as suas necessidades. Cada um estava vestido com roupas extravagantes; o tema de hoje parecia ser as roupas tradicionais da nação insular do leste. Cada uma das mulheres usava uma panóplia de túnicas em camadas, uma visão berrante, se é que alguma vez existiu. As mulheres estavam tão cobertas que nem dava para ver o formato de seus corpos e, ao mesmo tempo, aplicavam maquiagem ao redor dos olhos que as fazia parecer com os olhos arregalados e irritados, dando aos seus rostos uma aparência angular. O efeito geral foi, na melhor das hipóteses, estranho. Jinshi achou que isso os fazia parecer raposas sorridentes.

Ele se perguntou o que levava Loulan e suas damas a se vestirem de maneira tão escandalosa. Ela estava ciente de que o imperador achava isso desanimador? Loulan, Jinshi sabia, entendia muito bem seu lugar como uma alta consorte – e seu lugar como filha de Shishou ainda melhor.

Loulan sussurrou algo para uma de suas damas de companhia, segurando um leque feito de penas para esconder sua boca. Uma maneira muito refinada de falar uma com a outra, pensou Jinshi – mas não poderia ser só isso. Ele veio aqui agarrado à mais tênue esperança, e isso lhe deu uma apreciação pelos pequenos detalhes que de outra forma poderiam ter escapado à sua atenção. O sinal na têmpora de Loulan, por exemplo. Ela tentou esconder com maquiagem, mas ainda era ligeiramente visível. Talvez o suor tenha diluído um pouco o pó branco.

Se Jinshi se lembrava corretamente, no entanto, Loulan não tinha um sinal na têmpora.

Ele não se preocupou em sentar na cadeira que a dama de companhia lhe ofereceu. Em vez disso, ele caminhou direto em direção a consorte Loulan.

"Qual é o problema?", uma das senhoras perguntou, parecendo indignada. **"Certamente até você, Mestre Jinshi, deve observar algum decoro."** Qual era mesmo o nome da mulher? Jinshi se orgulhava de saber quantas mulheres trabalhavam em cada um dos palácios, seus nomes e de onde vinham. As senhoras do Palácio de Granada, porém, trocavam constantemente de roupas e maquiagem, e todas tinham constituição

semelhante. Assim, ele sabia seus nomes, mas parecia nunca conseguir colocá-los na cara. Em vez disso, ele os distinguiu por detalhes sutis – quem tinha uma verruga ou cujos olhos tinham um determinado formato.

Jinshi estendeu a mão, agarrou o leque de Loulan entre os dedos e jogou-o fora.

"B-Bem, eu nunca!", uma das damas de companhia gritou. A consorte Loulan se afastou de Jinshi como se tivesse medo dele, e suas damas se moveram para se colocar entre ele e ela. Uma demonstração consumada de lealdade à sua amante – ou assim parecia.

Jinshi só precisou olhar para os eunucos que o acompanhavam e eles puxaram as mulheres para o lado, abrindo caminho até Loulan. Ele pegou seu ombro, não muito gentilmente, e a forçou a encará-lo. Mesmo sob a maquiagem abundante, ele podia vê-la ficar vermelha.

"Parece que me lembro da consorte Loulan tendo sete damas de companhia", disse ele. Como filha mimada de Shishou, ela tinha nada menos que cinquenta servos com ela quando entrou no palácio interno. Jinshi segurou Loulan no lugar e limpou a maquiagem ao redor dos olhos com os dedos, revelando olhos grandes e dobrados. Agora, qual era o nome da mulher com a verruga na têmpora?

"Acredito que seu nome era... Sourin. Ou... não, Renpu, era isso?", Jinshi sorriu, deliberadamente não permitindo qualquer raiva em seu rosto. A dama de companhia que se transformou na consorte Loulan, no entanto, passou de corada a mortalmente pálida e começou a tremer.

"Mas..." Uma das outras damas de companhia moveu-se mais uma vez para ficar entre elas, mas Jinshi simplesmente olhou para ela, e ela estremeceu visivelmente e recuou novamente.

"Onde está a verdadeira consorte Loulan?"

Ela planejou tudo isso desde o começo? O exército de criadas, as damas de companhia que se pareciam fisicamente com ela e os trajes deslumbrantes e em constante mudança – tudo para que ninguém notasse se a consorte trocasse de lugar com uma de suas mulheres. Esse tinha sido seu objetivo o tempo todo? E onde estava a verdadeira Loulan agora?

"Onde ela foi?", Jinshi perguntou. A mulher que se passava por Loulan estremeceu violentamente, mas não disse uma palavra. Jinshi apertou ainda mais. **"Onde ela foi?"**

Quando ele fez a pergunta pela terceira vez, a mulher que tentou se interpor se inclinou, abraçando protetoramente a falsa consorte. Ela deu uma olhada para Jinshi. **"Sinto muito, senhor. Mas eu juro, ela realmente não sabe."** Ele não tinha notado antes por causa das roupas combinando, mas esta mulher era vários anos mais velha que a falsa

consorte. **“Por favor, tenha piedade.”** A mulher, profundamente angustiada, olhou para os pés da falsa consorte. A longa bainha da saia estava úmida e gotas podiam ser vistas escorrendo pelas pernas da mulher silenciosa e pingando dos dedos dos pés. Então a falsa Loulan ficou aterrorizada o suficiente para perder o controle da bexiga.

Jinshi soltou o queixo da falsa Loulan. Seus olhos se arregalaram; as pupilas estavam dilatadas, sua respiração era difícil e ela ainda tremia. A pele pálida de seu queixo e pescoço mostrava sinais claros de onde Jinshi a havia agarrado.

Foi uma demonstração de violência quase impensável para o eunuco Jinshi. Muito pouco refinado, muito incivilizado para ele.

Admitir as filhas de funcionários poderosos no palácio interno tinha suas vantagens para o imperador. Sim, os funcionários poderiam esperar potencialmente ter um neto sentado no trono, caso a sua filha desse à luz a descendência do soberano – mas isso também poderia atar-lhes as mãos. Para muitos pais – não todos, mas muitos – a filha é a menina dos olhos. A gaiola que era o palácio interno efetivamente mantinha aquelas preciosas garotas como reféns.

Considerando como Shishou pressionou para levar Loulan para o palácio interno, ele claramente adorava ela. Sua filha tornou-se uma alta consorte, mas embora o imperador fosse obrigado a tratá-la com certo nível de respeito, esperava-se que ela também se comportasse de acordo com certos padrões.

Jinshi já havia parado de pensar nela como “consorte” Loulan. Pois ela havia violado esses padrões.

“Ela disse que não voltaria”, disse solenemente a dama de companhia de antes. A mulher, que dizia ser a principal dama de companhia de Loulan, submeteu-se ao interrogatório de Jinshi no lugar da falsa consorte, que mal conseguia respirar direito, muito menos manter uma conversa. Pelo que Jinshi percebeu, ela foi forçada a atuar como dublê de Loulan porque tinha a maior semelhança física com ela; a mulher não entendia realmente a situação ou as implicações do que estava fazendo. Ela pensou que a exigência de se passar por sua amante era apenas mais um dos caprichos de Loulan.

Jinshi cerrou o punho. Ele estava errado. Ele sabia agora que aquela tinha sido a maneira errada de abordar a situação, e não o que o eunuco Jinshi com seu sorriso delicado faria. Mas ele não estava calmo o suficiente para pensar em outra maneira de abordar a situação.

Então ela não voltaria. Isso provavelmente significava que ela havia fugido do palácio interno. Foi uma ofensa grave, punível em alguns casos com a morte. E como era pior quando o crime era cometido por uma alta consorte. Era como se uma cortesã cortasse os laços com sua casa, dissera certa vez a filha do apotecário. Jinshi sorriu para si mesmo; era típico dela comparar o lugar onde os filhos do imperador nasceram com um distrito de prazer comum.

A garota. Alguém que eles ainda não haviam encontrado. Conhecendo Maomao, sempre foi possível que ela tivesse ido junto voluntariamente. Mas o mais provável é que ela não tivesse outra opção.

Mas por que? Ele ainda tinha muitas perguntas. Ele interrogou minuciosamente a chefe dama de companhia, mas ficou balançando a cabeça. Ele sempre poderia fazer com que ela fosse torturada, mas não achava que isso o levaria a lugar nenhum. Seus olhos disseram que ela estava dizendo a verdade.

Ele confinou as damas de companhia do Palácio de Granada, as criadas, os eunucos – qualquer pessoa associada a Loulan – em um único local. A “sala de aula” tinha o tamanho certo. Enquanto isso, os eunucos faziam o trabalho tedioso de verificar todas as mulheres no palácio interno, só para garantir, mas até agora não haviam encontrado ninguém que se parecesse com Loulan.

Jinshi sabia que não estava em condições de lidar com o parto da consorte Gyokuyou; muito contra sua vontade, ele encarregou Gaoshun do trabalho.

Jinshi estava em seu escritório, segurando a cabeça entre as mãos. Basen estava com ele, talvez porque era um estado de emergência – pois naquele momento ele estava relatando: **“Não muito tempo atrás, Mestre Lakan atacou o palácio interno, tentando forçar sua entrada”.**

O rosto de Jinshi estava tenso; ele não achava que poderia ter sorrido se quisesse. Era uma coisa inacreditável de se fazer, mas o homem do monóculo tinha feito isso.

"A notícia deve ter se espalhado de alguma forma", disse Basen, fazendo uma careta como se estivesse mastigando algo amargo. **"E o paradeiro atual de Shishou ainda é desconhecido."** Estava bastante claro por que Basen não se referia mais ao homem com qualquer título de honra: sua filha Loulan havia fugido do palácio interno e, como pai dela, ele também seria tratado como um traidor do imperador.

Enquanto isso, eles também receberam um relatório sobre a situação de Shenlü depois de beber álcool. Ela sobreviveu, de alguma forma, mas ainda não recuperou a consciência. Disseram-lhes que ela era uma conhecida pessoal de Taihou e, sem dúvida, foi assim que ela foi envolvida nesta conspiração contra o trono. Com a morte do ex-imperador, sua raiva, suspeitava Jinshi, havia se voltado contra o palácio interno em geral. Eles nem sabiam quem mais na clínica poderia estar envolvido. Talvez elas simplesmente tenham agido discretamente porque, como Shenlü, foram vítimas do ex-governante.

Jinshi não teve tempo de mexer os polegares. Ele queria sair voando do palácio interno e caçar Loulan. Mas ele simplesmente não tinha informações suficientes. Fugir agora seria como sair em busca de uma agulha num palheiro. Primeiro, ele pensou, deveria descobrir o que Shishou estava fazendo. Sim, bem, ele já tinha alguém trabalhando nisso. E isso deixou Jinshi sem nada para fazer a não ser andar de um lado para o outro em seu escritório.

"Mestre Jinshi," Basen disse com um olhar em sua direção. Um visitante havia chegado do lado de fora do escritório e Basen parecia estar tentando lembrá-lo de que não seria bom que ele fosse visto em um estado tão patético. Jinshi, curvando-se diante da necessidade, sentou-se e fingiu que estava calmo. Basen olhou para um espelho posicionado de forma a esconder o que havia dentro da sala; então ele esperou o visitante com um olhar de certa perplexidade.

Entrou um simples funcionário, uma pessoa de uma altura que poderia ser chamada de pequena se fosse mulher. Ele usava óculos redondos, mas além do cabelo um tanto despenteado e dos olhos estreitos de raposa, havia pouca coisa obviamente notável no jovem, embora ele parecesse estranhamente familiar.

O jovem colocou as mãos nas mangas e fez uma reverência. Jinshi pensou ter visto algo enfiado na faixa do jovem; quando olhou um pouco mais de perto, percebeu que era um ábaco.

“É um prazer conhecê-lo. Meu nome é Kan Lahan.” Com aquela auto-apresentação extremamente simples, o jovem sorriu.

Esse nome: ah, então era com quem ele se parecia.

Ninguém saberia quem ele era se tivesse se identificado como membro da Casa de Kan, pois em todo o país de Li havia apenas cerca de vinte nomes de família. Assim, ao indicarem suas famílias, muitas vezes as pessoas usavam nomes de cortesia, que eram frequentemente transmitidos de geração em geração. Separados desses nomes de cortesia familiares, também havia nomes de cortesia dados a várias casas desde os tempos antigos pela família imperial.

No caso do homem que estava diante deles, La era seu nome de cortesia. Havia apenas dois na corte externa que reivindicavam esse nome: Lakan e o sobrinho que ele adotou. A única outra pessoa que poderia ser considerada importante era um homem que havia chegado recentemente ao palácio interno como médico - Luomen, sendo “Luo” o mesmo caractere que “La”.

Tudo isso levantou a questão: o que o filho adotivo de Lakan estava fazendo aqui?

"Você precisa de algo comigo?", Jinshi superava Lahan na hierarquia oficial, de modo que a aparição repentina do jovem poderia, por si só, ser considerada rude. No entanto, Jinshi sabia que subir na hierarquia e fazer caretas assustadoras não o levaria a lugar nenhum neste caso. E independentemente da sua posição, havia alguns funcionários que simplesmente o tratavam com menos respeito porque ele era um eunuco.

“Achei que você gostaria de ver isso, senhor.” Lahan tirou um pergaminho da manga e o passou para Basen. Basen inspecionou e entregou a Jinshi. Jinshi, por sua vez, decidiu ir em frente e dar uma olhada, confiando que uma entrega do filho de Lakan poderia muito bem ser significativa. Ele desfez o barbante que prendia o pergaminho e o desenrolou – depois olhou para ele com espanto.

“O que você acha, senhor, se posso perguntar?”, Lahan ainda estava sorrindo, com uma expressão profundamente satisfeita e bastante desagradável, mas o conteúdo do pergaminho justificava plenamente sua presunção. Era uma lista de palavras e números — mas dependendo de como se olhasse, também era outra coisa.

“É algo que meu pai adotivo recentemente me instruiu a investigar. Não creio que ele tenha ficado nada feliz por não saber de onde vinha a *feifa*. De qualquer forma, fiz algumas investigações sobre os funcionários que foram recentemente punidos e descobri um padrão muito intrigante.”

O pergaminho era um registro de receitas. O tipo de coisa que alguém associado ao conselho que supervisionava o tesouro nacional poderia facilmente dar uma olhada. Mesmo funcionários de outras afiliações poderiam ver tais coisas se seguissem os procedimentos adequados.

"Achei que seria mais simples mostrar uma fonte primária. É verdade que esta é apenas uma seleção que fiz; há muito para analisar de outra forma."

Excerto ou não, ele organizou os números de tal forma que até mesmo um não especialista como Jinshi poderia entendê-los. E revelaram que, ao longo dos últimos anos, as despesas de um órgão governamental em particular tinham crescido cada vez mais.

"Interessante, não é? Nos últimos anos, não houve seca nem qualquer praga de insetos e, no entanto, o preço dos cereais aumentou de forma constante. Por que você acha que isso acontece? Achei isso muito estranho, por isso examinei o preço de mercado durante o mesmo período – e parece que o preço dos cereais era o mais estável de praticamente qualquer mercadoria."

Ele estava claramente construindo algo. Havia outra coisa cujo preço subia mês a mês, juntamente com o custo dos cereais.

"E havia outra coisa: por alguma razão, o preço do ferro também tem subido. Aqui você pode ver o preço dos metais subindo em todo o país – por acaso eles não estariam construindo uma estátua colossal em algum lugar, estariam?"

Jinshi entendeu o que Lahan queria dizer. Ele largou o pergaminho e olhou para o jovem, que certamente compartilhava sua astúcia pelo menos com seu pai adotivo. O preço dos grãos pode não parecer tão importante, mas era muito importante. Um aumento modesto no preço significaria um aumento substancial no valor. E se, Lahan estava sugerindo, alguém estivesse guardando a diferença para si?

Quanto ao aumento do preço do metal, isso implicou um aumento da procura. Isso pode ser causado quando, digamos, alguém que constrói um monumento para mostrar o seu poder, ou algum outro projeto altamente visível, começa a recolher material de todo o lado. Até mesmo panelas e equipamentos agrícolas podem ser requisitados e derretidos. Mas havia outras razões pelas quais o preço poderia subir...

"Sou capaz de examinar mais de perto a circulação da moeda nos últimos anos. Incluindo onde parece se concentrar", disse Lahan. Exatamente o que Jinshi esperava ouvir. Era quase como se fosse exatamente isso que ele veio dizer aqui.

Pareceu a Jinshi que havia um pedido no olhar de Lahan. Sem dúvida foi por isso que ele trouxe esse pergaminho para Jinshi: homens como ele nunca faziam nada a menos que isso lhes servisse de alguma forma.

"E o que você quer em troca?", Jinshi perguntou sem rodeios.

A expressão de Lahan suavizou-se como se ele simplesmente estivesse esperando a pergunta de Jinshi. Ele tirou um pedaço de papel da manga, embora parecesse um tanto relutante. **"Talvez você pudesse fazer a gentileza de considerar essa quantia."**

O documento era um projeto de lei para a reparação de uma parede do palácio interno. Jinshi só podia presumir que era uma que Lakan havia danificado..

Capítulo 13: Festival

Maomao recebeu uma roupa de aparência tradicional: uma jaqueta branca pura e uma saia vermelha. Ela cobria o rosto com sua máscara de raposa e carregava uma lanterna decorada com capim-dos-pampas e talos de arroz. Assim vestidos, disseram-lhe, eles iriam caminhar até o santuário na periferia da cidade.

Os homens usavam roupas azuis, enquanto as crianças levavam fardos de arroz e capim-dos-pampas pendurados atrás delas como caudas. Essas pessoas pareciam adorar Kosen, uma divindade raposa. A raposa era um espírito de abundância, venerado em muitos lugares. Era natural que houvesse um grande festival no outono, quando tanta coisa vinha da terra.

Maomao ouviu o toque de uma campainha. Ao lado dela estava alguém que havia delineado os olhos da máscara de uma forma que parecia um pouco ridícula, apesar de ser uma raposa. A cor normal para pintar ao redor dos olhos de uma máscara como essa era vermelha, mas essa pessoa usou verde e os cantos dos olhos pareciam cair de alguma forma.

"Parece mais um tanuki", comentou Maomao com a dona da máscara, Shisui. Talvez ela fosse melhor desenhando insetos do que feras. O pensamento trouxe um sorriso inesperado ao rosto de Maomao. *Acho que esse não é o momento*, ela disse para si mesma. Mas ela também sabia que negar a si mesma um pensamento agradável não a ajudaria naquelas circunstâncias.

"Você me lembra um gato, Maomao", disse Shisui. Havia um sino em seu prendedor de cabelo que tocava toda vez que ela ria. Parecia estranhamente com os insetos que ela coletou uma vez. Bem na ponta do palito, Maomao viu um pequeno inseto esculpido em uma joia. A garota realmente gostava de insetos.

“Aqui, Maomao, certifique-se de que esteja bem apertado”, disse ela, e então acomodou o cordão da máscara de Maomao. O barbante passou direto por onde Maomao havia amarrado o cabelo, e Shisui não conseguiu fazê-lo ficar. **“Hum. Espere, vou tentar novamente. Sente-se."** Ela ajudou Maomao a sentar-se na grade da pousada. Então ela afastou o cabelo de Maomao e amarrou-o novamente.

“Hmm, precisa de outra coisa. Parece tão solitário com apenas um elástico de cabelo.”

“Eu não me importo.”

"Oh eu sei! Vou te emprestar um palito de cabelo. Eu tenho um em forma de teia de aranha. É muito fofo!”

Maomao desejou que houvesse alguma maneira de recusar educadamente. Ela vasculhou as dobras de suas vestes e conseguiu encontrar o prendedor de cabelo que Jinshi havia lhe dado. Parecia simples, mas a qualidade era boa. Maomao, que ficava perfeitamente feliz em usar um simples elástico de cabelo, costumava deixá-lo no roupão.

“Use isso, se você quiser.”

“Aww...”, Maomao não precisou se virar para imaginar o beicinho no rosto de Shisui. Ela pressionou o prendedor de cabelo na palma da outra garota. **“Nossa, isso é legal, Maomao”,** comentou Shisui.

“Alguém me deu”, ela respondeu. Dado a ela sem muita cerimônia, ainda é verdade.

“E se eu pedisse para você me dar? Você faria isso?”

Após uma pausa momentânea, Maomao disse cuidadosamente: **“Receio que não”.** Ela já havia considerado simplesmente entregá-lo a alguém antes, mas não o fez. Se ela tivesse feito isso naquela época - ou fizesse agora - ela mal poderia imaginar o que o imitador de eunuco diria. Fosse o que fosse, ela sabia que ele ficaria com raiva.

Você pensaria que eu só preciso manter minha boca fechada.

Mas Jinshi era estranhamente habilidoso em ler as expressões de Maomao. Em parte porque eles já se conheciam há bastante tempo, é verdade, mas mesmo por esse padrão ele era bastante sensível a pequenas mudanças no rosto dela. Mesmo que Maomao, por exemplo, achasse que ela não era muito hábil no controle dos músculos faciais e achasse que toda a sua aparência se manifestava como pouco mais do que carrancas.

Então, novamente, talvez ela pudesse dar o palito de cabelo para Shisui; se ela nunca conseguisse voltar viva para a capital, não teria que se preocupar com as consequências.

“Pronto, tudo pronto.” Shisui deu um tapinha no ombro de Maomao e ela se levantou. Seu cabelo agora estava preso atrás da orelha direita, tornando a máscara muito mais fácil de colocar. Quando ela olhou para a aldeia através dos pequenos buracos para os olhos, o mundo inteiro parecia diferente. Talvez fosse porque era noite, ou talvez fossem as chamas oscilantes das tochas, mas as pessoas andando com máscaras realmente pareciam raposas.

Exceto aquele que estava ao lado dela, que ainda parecia um tanuki de olhos verdes.

Shisui, entretanto, não foi a única que pintou sua máscara de verde; de vez em quando elas cruzavam o caminho de uma raposa de olhos verdes. A maioria deles eram homens; suas calças azuis os denunciavam. Maomao começou a se perguntar se os olhos verdes tinham algum significado.

“É de outro mundo, não é?”, Shisui disse.

“Uh-huh.” Isso certamente era verdade.

"Você não está assustada?"

“Qual seria o objetivo disso?”

Ela concordou, porém, que era sobrenatural. Em vez dos sapatos normais, ela usava tamancos de madeira que faziam barulho a cada passo que dava; e então houve o toque do sino e uma coruja que piou na floresta. Todos os ruídos se transformaram em algo estranho, até que ela quase se convenceu de que podia ouvir raposas uivando durante a noite.

Com as vozes das raposas ao fundo, caminharam entre as lanternas, os talos de arroz e a luz do fogo. Elas emergiram da floresta e seguiram por um único caminho estreito que serpenteava entre os arrozais. Seu progresso era acompanhado por um ocasional assobio desagradável, o som de insetos se incinerando enquanto voavam em direção às tochas colocadas em intervalos ao longo do caminho. Parecia haver algumas delas.

“Muitos gafanhotos esse ano”, disse Shisui. Era exatamente por isso que o festival tinha que ser tão luxuoso. Esse era o desejo que carregava. **“Por aqui veneramos uma divindade raposa que traz abundância. Você sabe o porquê?"**

"Não, por quê?"

Rii, rii. O sino de Shisui tocou enquanto ela andava e falava. **"Era uma vez uma tribo de povos nativos que vivia nesta área."**

Então, porém, um povo de um país diferente veio do Ocidente. Os habitantes locais não os aceitaram simplesmente de imediato, é claro. Ninguém seria tão ingênuo. A maioria das aldeias os expulsou, querendo que eles fossem embora. Mas algumas aldeias, um número muito pequeno, acolheram esses recém-chegados.

"Essas pessoas do Ocidente sabiam coisas – e algumas pessoas aqui viram o valor desse conhecimento."

Os recém-chegados sabiam como tornar os campos mais produtivos, como exterminar insetos nocivos. De fato, conhecimento valioso. Muitos, no entanto, ainda não sorriram para eles. Na altura em que os recém-chegados se estabeleceram e começaram a ter filhos com os habitantes locais, os seus vizinhos atacaram, procurando roubar-lhes os campos.

Depois de vários desses ataques, as pessoas construíram uma aldeia escondida, para que os seus filhos e netos estivessem seguros. Eles encontraram um lugar onde fontes termais borbulhavam da terra e ali construíram. Presumivelmente, o que eles construíram foi a aldeia onde Maomao estava agora. E as raposas? *Eles representavam o povo daquela terra estrangeira*, pensou ela. Referir-se aos de outras tribos como se fossem animais não era incomum.

Em outras palavras, a divindade – ou talvez divindades – desta aldeia era o próprio ancestral dessas pessoas, e os próprios aldeões eram deuses-raposas.

"Dizem que as raposas aqui são raposas brancas. Então aquela máscara era totalmente branca quando você a pegou, certo? Mas ao se estabelecerem aqui, eles ficaram tingidos de cor."

Raposas brancas. Isso simbolizava a pele pálida? E poderia o tingimento ser considerado uma referência a casamentos mistos?

Sinto que já ouvi algo assim antes, pensou Maomao, e quase no mesmo momento Shisui deu a resposta.

"Muitos dos homens desta aldeia não conseguem distinguir as cores", disse ela.

"Não conseguem distinguir as cores?"

"Sim. No entanto, é muito menos comum entre as mulheres."

Bem, isso explica tudo. Por isso havia tantas máscaras com olhos verdes. E por que tantas delas foram usadas por homens. E até o porquê uma delas pertencia a Shisui.

Shisui pegou a vagem da planta-lanterna presa à sua lanterna e quebrou a casca da laranja, tirando as frutas de dentro. Ela as enxugou rapidamente na manga e as colocou na boca.

“Elas não têm um gosto muito bom”, informou Maomao.

"Eu sei."

“Elas são tóxicas.”

"Eu sei."

As prostitutas usavam bagas de plantas-lanterna como ingrediente em seus abortivos. As frutas não matariam você, mas não eram exatamente agradáveis de comer.

Entre aqueles que fugiram do oeste para cá, alguns devem ter ido para a área da atual capital e se tornado os ancestrais do atual imperador, enquanto aqueles que criaram raízes no norte fundaram esta aldeia.

Seus tamancos de madeira batiam no chão. A luz das lanternas era adorável e ao mesmo tempo misteriosa, fazendo Maomao sentir como se, se continuassem a trilhar esse caminho, isso poderia levá-las a algum outro mundo.

Quanto mais perto elas chegavam do santuário, porém, mais as coisas pareciam comuns. Barracas de rua começaram a aparecer e o aroma de carne no espeto perfumava o ar. Havia o cheiro de algum doce também. Os lojistas usavam máscaras de raposa como todo mundo, mas presumivelmente não aceitavam folhas como moeda, como diziam que as raposas faziam.

Shisui parou abruptamente, ergueu a máscara, mexeu as mandíbulas algumas vezes e depois cuspiu as cascas das bagas da planta-lanterna na grama.

“Nojento”, comentou Maomao.

“Ah, desculpe!” Shisui trotou em direção a uma das barracas de rua. **“Que tal algo para comer?”**

“Você está comprando.” Maomao seguiu-a até uma barraca que vendia espetos de carne; ela começou a babar quando viu o frango pingando gordura. As ofertas, porém, também incluíam sapos e gafanhotos. Maomao olhou-os em silêncio.

“Os gafanhotos são roliços e deliciosos nesta época do ano”, explicou Shisui, e sem qualquer hesitação ela mastigou um dos insetos direto do espeto.

“Acho que vou ficar com frango.” Claro, Maomao poderia comer gafanhotos. Mas por que não comer frango se houvesse escolha?

“Sapo?”, Shisui perguntou.

“Não quero comer sapo por um tempo...”

“O que há com esse olhar vítreo em seus olhos, Maomao?” Aparentemente, era óbvio mesmo por trás da máscara. De qualquer forma, Shisui disse: **“Entendi”,** pegou um espetinho de frango do dono da loja e entregou-o a Maomao. Maomao puxou a máscara e comeu. Poderia ter usado um pouco de sal, mas talvez fosse luxuoso demais para esperar. Em vez disso, a carne foi esfregada com ervas.

“Hum?”

"O que é?", Maomao perguntou. Shisui estava carrancuda. Então ela se virou para a grama e cuspiu algo novamente. **“Eu te disse, isso é nojento”,** disse Maomao, pensando que Shisui tinha algumas arestas surpreendentemente ásperas. Ela parecia ter cuspido os gafanhotos que acabara de comprar.

“Isso é uma merda. Aquele lugar mistura gafanhotos (grasshoppers*[1]) com seus gafanhotos (locust*[2]). Que roubo.”

“Uh... Eles todos parecem iguais para mim.”

“Bem, eles não são. É difícil dizer com as asas e as pernas arrancadas, mas não têm gosto nada parecido.” Shisui estava mastigando outro inseto para tirar o sabor da boca. Este devia ter um gosto melhor, pois ela mastigava pensativamente.

Maomao às vezes comia cobras e sapos, mas raramente insetos. Nas aldeias agrícolas, comer insetos muitas vezes também funcionava como forma de manter as pragas nocivas longe das plantações, mas o distrito de lazer era mais urbano. Gafanhotos não eram um prato muito popular, considerando quantas coisas mais saborosas e deliciosas havia para comer. Às vezes, porém, em anos em que os enxames eram especialmente graves, agricultores que lutavam para ganhar a vida apareciam vendendo gafanhotos na cidade.

O santuário ficava em um terreno elevado, com uma escada de pedra que levava até ele. Isso lhe permitiu olhar tudo ao seu redor, incluindo a terra além da floresta. As árvores deram lugar a planícies abertas, além das quais se erguia uma cordilheira.

Outra cidade? Maomao pensou. A cordilheira brilhava com luz — e não com a luz das estrelas.

"Maomao, ali", disse Shisui, trazendo-a de volta com um puxão na mão. Havia uma fila e, quando as pessoas chegavam à frente dela, deixavam as máscaras no santuário. Uma figura humana podia ser vista no interior vermelho do santuário: uma criança, usando uma máscara branca e roupas brancas, sentada completamente imóvel. O rosto dela estava escondido, mas a máscara parecia familiar. Pertencia àquele pirralho, Kyou-u. Ele parecia problemático, mas sua pincelada era delicada e sua máscara linda.

"Todos os anos, as crianças são escolhidas para sentar ali no lugar do deus", explicou Shisui.

"Estou impressionado que ele consiga."

"Ei, ei. Todo mundo quer fazer isso. Mas é cansativo – então eles trocam de turno com outra pessoa, antes que suas pernas fiquem dormentes. Eu me pergunto se é uma lembrança agradável para eles." Por alguma razão, os olhos de Shisui pareciam distantes. Então ela disse: **"Parece que ele está quase terminando. Vamos esperar por ele."** Ela as conduziu pela parte de trás do santuário.

Lá encontraram mais três crianças conversando, provavelmente esperando sua vez.

"O que está acontecendo?", Shisui perguntou, inserindo-se no círculo de crianças.

"Olha isso", disse um dos jovens, exibindo a sua cauda de arroz. Olhando de perto, podia-se ver que a fruta ainda estava verde. **"Eu peguei uma fruta ruim."**

"Isso é porque você não olhou com cuidado quando escolheu", disse Shisui, exasperada. **"Algumas pessoas são mesquinhas, você sabe."**

Ou seja, achando que era um desperdício oferecer uma espiga de arroz boa e cheia para a festa, davam em vez disso uma espiga de arroz mal desenvolvida. Maomao olhou para o talo de arroz. Tinha folhas, com certeza, mas a espiga era oca – vazia. Parecia imaturo; não como se nunca tivesse dado frutos, mas como se simplesmente não tivesse tido tempo.

"Recebi isso do chefe da aldeia", disse o garoto.

“Bem, esse é o seu problema”, respondeu uma das outras crianças balançando a cabeça. **“Uma parte da colheita do cacique sempre chega atrasada. E porque ele é um pão-duro, essas são as únicas peças que ele doa para o festival.”**

"O que? Bah. A raposa vai amaldiçoá-lo por isso.”

“Todas as crianças daqui sabem disso”, disse-lhe um deles. **“Você não sabe porque acabou de chegar à aldeia no ano passado. Viva e aprenda!"**

Os ombros do menino caíram. Maomao olhou para a espiga de arroz que ela segurava. A fruta estava cheia e madura. Ela o retirou da lanterna e deu ao menino.

"Tem certeza?", ele perguntou.

“Claro”, ela disse. Ela não era exatamente profundamente religiosa; não importava para ela quão boa era a espiga de arroz que ela comia.

O menino, entretanto, curvou-se para ela, com os olhos brilhando.

"Como foi, mana?", Kyou-u perguntou no momento em que viu Shisui depois de sair do santuário. Outra criança, segurando uma espiga de arroz fresca e radiante, tomou seu lugar.

“Muito bom, muito bom.”

“Ei, ei!”

Maomao não sabia o que havia de tão bom nisso – ele apenas estava sentado em um lugar no santuário – mas ela manteve a paz.

“Eu gostaria que minha mãe tivesse me visto”, disse Kyou-u, um tanto triste.

Shisui deu um tapinha na cabeça dele. **"Eu sei. Faça sua oferenda e depois vamos ver o fogo, ok?”** Ela apontou para uma torre de vigia além do santuário, na direção oposta da escada por onde haviam subido. Mas foi em um lugar muito estranho.

“Isso é... uma fonte?”, Maomao perguntou.

“Talvez mais parecido com um lago”, disse Shisui.

A torre de vigia ficava sobre um corpo d'água; parecia estar montado em uma jangada.

Kyou-u rapidamente voltou depois de oferecer sua máscara e eles desceram o segundo lance de escadas. Muitas outras pessoas que ofereceram suas máscaras já estavam lá. A palha estava espalhada em volta da base da torre de vigia e, quando ela olhou atentamente, Maomao pôde ver o que pareciam ser máscaras brancas à luz das lanternas.

“Depois que as máscaras serviram de oferenda durante um ano inteiro, nós as queimamos junto com a torre de vigia. Diz-se que uma vez que as máscaras tenham sido consumidas pelas chamas, os desejos escritos nelas serão levados para o céu, e tudo o que você desejou se tornará realidade”, disse Shisui.

“Eu não escrevi nada”, disse Maomao.

“Você acredita em uma superstição como essa, Maomao?”

Era uma boa pergunta, pensou Maomao enquanto olhava para a torre de vigia. Em vez de desejar fervorosamente, seria mais rápido simplesmente fixar os olhos no seu objetivo e seguir em frente.

“Não é uma superstição!” Kyou-u protestou. **“Os desejos se tornam realidade. Fiz questão de pintar bem minha máscara e escrever meu desejo com muito cuidado, assim como no ano passado. Tem que se tornar realidade.”** Ele estava ficando animado. Ele desejava algo tão importante para ele?

"O que você deseja?", Maomao perguntou.

"Você não pode dizer, idiota!"

"Ok. Hum." Ela apenas pediu para ser educada; ela realmente não se importava. Kyou-u, porém, parecia incomodada por ela ter abandonado o assunto tão prontamente. Ele continuou olhando furtivamente para ela.

“Olha, aí vem a chama”, disse Shisui, apontando para uma criança segurando uma tocha. Uma “cauda” de arroz balançava atrás dele; ele parecia ser a criança com quem Maomao havia negociado talos de arroz.

“Você não queria esse papel, Kyou-u?”, Shisui perguntou.

“Hum. Decidi deixar outra pessoa cuidar disso. Eu não sou uma criança.” Apesar de seus protestos, havia uma pitada de inveja em seus olhos.

Um adulto usando máscara aceitou a tocha da criança, colocou a chama em uma flecha e passou a flecha para outro adulto que estava próximo com um arco. A segunda pessoa

puxou a corda do arco de forma audível e depois deixou a flecha ardente voar em um arco preguiçoso até cair vertiginosamente – diretamente na base da torre de vigia. Um tiro incomparável.

A torre de vigia devia estar encharcada de óleo, porque pegou fogo e as chamas se espalharam rapidamente. Eles podiam ouvir a madeira estalando.

"É tão estranho", disse Shisui. **"Como a torre de vigia queima, mas a jangada logo abaixo dela não."**

Provavelmente porque a jangada estava em contato com a água, mantendo-a fria o suficiente para evitar que queimasse. De qualquer forma, a torre de vigia se transformou em um pilar de chamas, levando consigo as máscaras de raposa ao seu redor. A fumaça, então, deve levar os desejos para o céu.

"Oh..." Kyou-u murmurou. A torre estava desabando e algumas máscaras caíram na água; ele olhou para elas atentamente, tentando ver se sua própria máscara estava entre elas. Mas não havia como saber àquela distância. Nem metade das máscaras foram completamente consumidas pelo fogo e levadas aos céus.

"Os desejos que não se realizam afundam e nutrem bênçãos futuras", disse Shisui, quase para si mesma. **"Os insetos não sobrevivem ao inverno; tudo o que deixam para trás são seus filhos."** Ela estava concentrada no espetáculo distante da conflagração da torre de vigia.

Maomao não entendeu o significado de suas palavras. Ainda não.

¹ Grasshoper: são insetos que comem principalmente plantas. Esses insetos podem medir entre 1 a 7 centímetros quando adultos. Podem ser encontrados em todos os lugares, exceto nas frias regiões polares. Pernas traseiras longas permitem que saltem até 20 vezes o comprimento do corpo. A maioria das espécies é colorida para se misturar ao ambiente. No entanto, a maior parte das espécies é marrom, cinza ou verde. Os machos tendem a ter cores mais brilhantes nas asas para atrair as fêmeas. Grasshoppers de cores vivas costumam consumir plantas exóticas e armazenar toxinas em seus corpos. A cor brilhante alerta os predadores de que eles são perigosos.

² Locust: Locust são Grasshoppers que desenvolvem características gregárias. Frequentemente, eles prosperam em condições ambientais que lhes permitem formar grupos organizados. Estas condições incluem o crescimento denso da vegetação após as secas. Nessas condições, reproduzem-se rapidamente e movem-se em grandes enxames, parando em qualquer área verde que encontram. Como percorrem longas distâncias em pouco tempo, costumam causar grandes danos às plantações.
Os Locust têm uma aparência semelhante aos Grasshoppers. Os dois insetos também compartilham a mesma estrutura morfológica. No entanto, à medida que os Grasshoppers se transformam em Locust, a estrutura das suas asas começa a mudar. Os Locust sempre enxameiam, enquanto a maioria das espécies de Grasshoppers raramente ou nunca enxameiam. Esses insetos normalmente vêm em amarelo escuro, marrom ou verde, mas sua cor ou padrão de cor pode mudar quando eles entram na fase migratória ou de enxameação.

Capítulo 14: O Local de Trabalho

Quando voltaram para a pousada, Suirei estava esperando por eles. Ela saiu no meio do dia para ir a algum lugar e eles não a viram desde então. Agora ela estava sentada a uma mesa com vários livros, lendo. Quando notou Maomao e os outros, fechou o livro com cuidado, a luz da lamparina tremeluzindo com o sopro de ar.

"Jantar?", ela perguntou.

"Comeremos, se houver alguma coisa", respondeu Shisui, e Suirei pegou uma cesta da prateleira. Dentro havia pão *youtiao* frito. Ela serviu dois copos de leite de soja; o fato de ela ter colocado um deles na frente de Maomao parecia significar que era aceitável para ela comer. Maomao pegou um pedaço de pão frio e meio duro e mergulhou no leite antes de comê-lo. O leite de soja era doce; parecia ter um toque luxuoso de mel.

O leite de soja era um simples subproduto da produção de tofu, mas o cheiro desagradável fazia com que a maioria das pessoas não gostasse muito dele. O aroma desse leite, porém, foi atenuado pela adição de gengibre fresco e era bastante bebível.

As três mulheres sentaram-se ao redor da mesa redonda como se estivessem em três pontas de um triângulo, Maomao comendo em silêncio, Shisui relatando os acontecimentos do festival. Suirei olhou impassível para seu livro. Por um momento, Maomao pensou que o livro poderia ser sobre medicina e ela ficou muito interessada nele – mas acabou sendo uma enciclopédia de insetos. Não era um volume impresso e estava repleto de comentários manuscritos, tantos que mais parecia um caderno do que um livro propriamente dito.

Maomao olhou fixamente para Suirei.

"O que é?", ela perguntou.

"Nada. Só pensei que já era hora de eu exigir que você cumprisse sua parte em nosso acordo."

"Você quer dizer sobre a droga da ressurreição?" Ah, sempre foi bom trabalhar com alguém que entendia rápido. **"Você entende a posição em que está?",** Suirei exigiu. Maomao era, na verdade, uma refém, embora tenha sido muito bem tratada por tudo isso. Bastante razoável: se ela tentasse fugir, eles quase certamente a alcançariam mais ou menos imediatamente. E se ela conseguisse escapar de alguma forma, não havia cidades ou vilarejos próximos onde ela pudesse pedir ajuda. E ela não sabia andar a cavalo, pelo menos não rapidamente. Mesmo assim, ela teria esperado pelo menos ficar confinada em algum lugar, ou talvez amarrada. A maneira como as duas mulheres agiam

não parecia fazer sentido. Se ela perguntasse o que elas queriam, elas poderiam realmente contar, mas ela tinha coisas mais importantes em mente no momento.

"É espinheiro e baiacu? E qual é a proporção? O que mais você adiciona? Quanto você precisa?"

Suirei não respondeu imediatamente.

"Conte-me como é logo após você reviver. Presumo que você não seja capaz de se mover imediatamente." Sem perceber o que estava fazendo, Maomao deslizou para mais perto de Suirei, provocando uma carranca na outra mulher. Sua mão estava tremendo. Isso não tinha acontecido antes.

Depois de outro momento, Suirei disse: **"Não acho que você precise de espinheiro".**

"Você não sabe?", Maomao disse.

"Foi escrito numa fórmula de outro país. Mas penso que a intenção era manter um estado catatónico para produzir escravos artificialmente. Ouvi dizer que essa era a aplicação original da droga." Então ela ergueu a mão esquerda, trêmula, um membro que já havia funcionado perfeitamente bem antes. O tremor foi resultado da droga da ressurreição. **"Não consegui nada pior do que isso, mas um erro grave poderia ter custado minha memória."**

Ela não falou como se isso fosse especulação; ela parecia certa - então deve ter havido outras cobaias além de Suirei. A criação de um medicamento exigia um preço proporcional. Tentativa e erro foram o único meio de descobrir a maneira correta de proceder. Maomao estava bem ciente de que isso envolvia testes em humanos – mas ela não conseguia reprimir seus outros sentimentos sobre o assunto.

"E a fórmula revisada, então?", Maomao perguntou, inclinando-se lentamente em direção a Suirei, arregalando os olhos, sentindo arrepios por todo o corpo.

"Só testamos isso em animais", disse ela. Não humanos, então. Afinal de contas, pelo que sabiam, podiam estar errados: poderia acontecer que, sem a maçã espinhosa, o sujeito nunca mais revivesse. É claro que alguém tentaria isso primeiro em animais.

Os olhos de Maomao brilharam e ela se inclinou tão perto que ficou praticamente cara a cara com Suirei. Ela colocou a mão no próprio peito, indicando que aqui, bem aqui, estava o sujeito experimental perfeito.

"Não iremos tentar isso em você."

"Por que não?! Você pode fazer isso!"

"Você é nossa refém", disse Suirei categoricamente. Maomao teve que resistir à vontade de agarrá-la pelo colarinho e sacudi-la até que ela concordasse em lhe dar a droga. Ela não poderia desperdiçar a chance de descobrir mais sobre isso. Em vez disso, ela simplesmente recuou.

"Ei, ei! É tão bom ver vocês duas se dando bem", disse Shisui, dando uma mordida no pão frito. **"Afinal, você e Maomao precisam de mais amigas, mana."**

"Cale a boca," Suirei retrucou.

"Quieta", disse Maomao exatamente ao mesmo tempo.

Certamente não pretendiam falar em uníssono, mas ali estava.

Maomao dormia no mesmo quarto que Suirei, enquanto Shisui ficava no outro quarto, aquele com apenas uma cama de solteiro. Ela reclamou que queria dormir com as outras garotas, mas Suirei a expulsou e ela foi embora resmungando para si mesma.

Não era como se Maomao e Suirei estivessem passando a noite conversando e fofocando. Elas não tinham feito isso ontem à noite, e não fariam hoje à noite. Francamente, não havia muito que Maomao quisesse dizer a Suirei, mas mesmo que houvesse, ela duvidava que Suirei teria respondido muito.

Talvez Maomao devesse ter começado perguntando o que as meninas queriam, mas ela nunca o fez. Finalmente, ela pensou que talvez devesse, mas quando abriu a boca, encontrou uma pergunta completamente diferente saindo.

"Então você é muito próxima de Shisui, ao que parece?"

"Você acha?"

"Parece que sim para mim."

Esse foi o fim da conversa. Bem então. Mostrou o quanto de proteção social Shisui forneceu para Suirei.

Quando acordou na manhã seguinte, Maomao descobriu uma profusão de livros sobre a mesa, enciclopédias ricamente ilustradas de ervas medicinais. Havia até alguns volumes estrangeiros misturados entre eles, retratando uma grande variedade de plantas que Maomao nunca tinha visto antes. Ela não conseguia ler a maioria desses livros, mas aqui e ali havia papéis enfiados entre as páginas com notas ou traduções.

"Estou saindo. Há um guarda lá fora, então não pense em fugir", disse Suirei ao sair da sala.

"Eu não me preocuparia. Acho que ela não vai querer", comentou Shisui, que já estava acordado e tomando mingau no café da manhã.

"O que você fez para colocar um guarda em você?", perguntou o merdinha, Kyou-u, que estava lá por algum motivo. Ele estava mergulhando um pouco de pão frito em seu mingau. Ele era chato, sim, mas Maomao não se incomodava; ela estava mais interessada em ler o tesouro de livros à sua frente.

"Huh? Não vai comer?", Shisui perguntou.

"Mais tarde. Posso esperar", disse Maomao, com a intenção de pelo menos folhear as páginas. Shisui, no entanto, enfiou um pouco de pão amolecido com mingau na boca de Maomao. Ela mastigou gentilmente.

"Que tal uma muda de roupa? Você ainda está de pijama."

"Mais tarde. Eu posso esperar."

"Isso me incomoda." Shisui afrouxou o cinto do pijama de Maomao; Maomao obedientemente estendeu os braços e continuou lendo enquanto Shisui colocava uma roupa sobre ela.

"Nossa, olhe essa garota. Ela deve pensar que é gostosa. Ela age como Lady Shenmei", disse Kyou-u.

Shemei? Maomao estava se perguntando quem era quando Shisui deu um tapa nas costas dela. Ela se levantou da cadeira para que Shisui pudesse colocar uma saia nela.

"Sim, obrigada, Kyou-u. Vá limpar sua tigela."

"Ah, por que eu deveria? Não é para isso que servem os servos?"

"Então você não pode fazer nada sem os servos? Que coisa, ainda é uma criança, entendo..."

Ela sabe como apertar seus botões, Maomao pensou; e, de fato, o garotinho que tanto queria ser visto como um adulto deu meia-volta, pegou ruidosamente sua tigela, colocou-a em uma bandeja e carregou-a para fora da sala. Maomao observou-o

parcialmente e depois assentiu em agradecimento. **“Ele é de uma família decente, não é?”**

"Nas terras do extremo leste, eles têm um ditado: ‘os poderosos devem cair’". Ela parecia estar dizendo que todos, não importa quão fortes, eventualmente envelheceriam. Que qualquer casa, por maior que fosse, acabaria por cair.

Maomao folheou rapidamente os livros enquanto Shisui cuidava do cabelo. **“Onde está seu prendedor de cabelo de ontem, Maomao?”** Maomao apontou silenciosamente para o quarto. Shisui entrou correndo e pegou o prendedor de cabelo ao lado do travesseiro de Maomao. Depois ela penteou o cabelo de Maomao e amarrou-o. Ela deixou um cacho cair ao lado de cada orelha, prendendo-as com laços de cabelo. **“Esse é um palito de cabelo muito bom”**, disse ela. **“Você tem que ter cuidado com isso. Você não gostaria que alguém o roubasse e vendesse.”**

“Acha que valeria muito?”

“Vale muito?” Shisui balançou a mecha de cabelo na frente do rosto de Maomao. **“Quem fez isso era um artesão muito talentoso. Não há muitos deles na capital. Se um especialista analisasse isso, saberia quem o fez e, a partir daí, quem provavelmente fez o pedido. Basta olhar para o cuidado que eles colocaram no desenho que esculpiram, todos os pequenos detalhes que você nem verá.”**

Maomao lembrou-se de uma vez, quando uma cortesã vendeu um acessório que um cliente lhe dera de presente, apenas para que o mesmo cliente o comprasse na loja de penhores e lhe desse novamente como presente. Não foi confortável. E ela sabia o quão persistente o doador daquele prendedor em particular poderia ser, deixando-a com a sensação incômoda de que um dia ele voltaria para ela.

“Não posso vendê-lo”, ela disse finalmente.

“A única coisa a fazer é derretê-lo novamente para formar o metal”, disse Shisui, mas de alguma forma Maomao achou que isso também parecia errado. **“Ainda está... faltando alguma coisa”,** disse Shisui. Ela estendeu a mão e puxou o grampo de sua cabeça, colocando-o no cabelo de Maomao. **“Pronto, isso é perfeito.”**

“Você está acostumada com isso.”

“Você fica muito boa nisso quando leva uma surra por ser muito lenta”, disse ela, as palavras soando tão naturais quanto qualquer outra coisa.

“Surra?”

“Uh-huh.”

Não era incomum que o empregador de uma empregada a disciplinasse, mas isso soava estranho para Maomao.

“Se eu não conseguisse fazer uma massagem decente, derramava água fervente sobre minhas mãos. Eu ficava com tanto medo disso”, disse Shisui.

“Isso é assustador. Parece que sua amante era uma pessoa terrível.”

A velha senhora havia aplicado disciplina a Maomao mais de uma vez, mas até aquela velha sabia onde traçar os limites. Acerte-as onde ninguém verá; dê um tapa nelas para que não deixe marca. Claro, ela provavelmente estava pensando, pelo menos em parte, em garantir que não baixaria o valor de sua mercadoria, mas ainda assim era uma espécie de misericórdia.

“Eh! Essa era minha mãe!”, Shisui disse, rindo.

“Espero nunca conhecê-la”, disse Maomao, perguntando-se que tipo de mãe trataria a filha dessa maneira. *Não... Acho que algumas são piores*, ela pensou, olhando para o dedo mínimo desfigurado em sua mão esquerda.

"Entendi. E é por isso que você precisa fazer apenas o que lhe é pedido, Maomao.” Shisui começou a guardar o pente. **“Vou sair hoje”,** acrescentou ela. Então ela saiu da sala.

Talvez tenham se passado seis horas. Quando Maomao ficou com fome, a comida foi trazida para ela na cozinha da pousada. E havia tantos livros para ler. A única coisa que ela realmente tinha que franzir a testa era que quando ela usava o banheiro, seu guarda – um homem – tinha que acompanhá-la.

Depois de ler os livros de capa a capa e aprender tudo o que continham, Maomao deu um grande bocejo. Ela estava dolorida por ficar sentada por tanto tempo. Ela colocou a cabeça para fora da janela para tomar um pouco de ar fresco. Seu quarto ficava no terceiro andar da pousada, o andar mais alto, e como não havia prédios mais altos ao redor, proporcionava uma vista espetacular.

Ela podia ver vapor subindo de fontes termais aqui e ali. Não, ela não podia espiar ninguém do seu ponto de vista elevado – os banhos estavam devidamente cobertos – mas mesmo assim, ela podia ver a maior parte da aldeia. Além da paliçada, um rio corria entre arrozais, e ela podia ver a floresta que cercava tudo. A colheita estava quase terminada, os arrozais despojados da colheita, que agora estava pendurada para secar.

Hum?

Ela avistou um campo que não havia sido colhido. Só um canto, na verdade: ali, o arroz ainda não tinha amadurecido. Estava bem na sombra de um prédio, talvez um depósito para a colheita ou algo assim. Era uma peça arquitetônica bastante impressionante.

Ela lembrou-se do que as crianças tinham dito no dia anterior sobre um lugar onde o arroz não crescia bem. Talvez aquele canteiro não fosse colhido enquanto o proprietário esperava a colheita amadurecer. Maomao acariciou seu queixo: *Hmm.*

A trama não parecia desnutrida. E era estranho: a parte restante da colheita ocupava um quadrado perfeito, enfiado na sombra do prédio. Poderia ser...?

Ela se inclinou para fora, olhando atentamente para o pedaço de arroz – quando houve um grande estrondo. Maomao quase caiu pela janela de surpresa. Ela conseguiu agarrar a moldura da janela e então levou um segundo para acalmar a respiração.

"O que você está fazendo?"

Era o merdinha! Ele entrou na sala, abrindo a porta com toda a força que pôde. Maomao marchou até lá, parou na frente de Kyou-u e, sem dizer mais nada, deu-lhe um tapa.

“Ai! Isso dói! O que você tem?"

“Você deveria aprender a entrar em uma sala com mais silêncio.”

É verdade que ela o agrediu em parte por puro despeito, mas também foi culpa dele. Talvez se ele pudesse ter observado sua boca.

Quando ela finalmente o soltou, Kyou-u olhou para ela com reprovação. **“Tudo bem, você. Onde está a mana?”**

"Nenhum palpite." Shisui não contou a Maomao para onde estava indo.

"Você deveria ter perguntado a ela!"

Maomao não tinha certeza se Shisui teria respondido. De qualquer forma, os livros lhe interessavam mais no momento.

“Por que você continua olhando para fora?”

“Você tem alguma ideia do que é aquele prédio? É um armazém?”

"Huh?"

Maomao apontou para a estrutura nos limites da aldeia. Era o maior de vários ao seu redor.

“Ah, esse é o armazém do chefe. Acho que todos os campos por lá pertencem a ele.”

“Então eu estava certa...”

“Uh-huh. Mas eles não usam muito”, disse Kyou-u, abrindo a boca com aquela lacuna ridícula nos dentes da frente. **“Temos outros armazéns com andares altos, para afastar os ratos, e é onde guardam tudo. Aquele prédio ali, acho que eles nem estão usando agora.”**

“Mas ainda está lá.”

“Sim, porque o chefe é um mesquinho. Ele nem vai pagar para derrubá-lo.”

A resposta de Maomao foi sincera: **“Huh”.**

Huh? Ela se afastou da janela e começou a folhear freneticamente o livro que acabara de terminar. *Tenho certeza que dizia...*

Ela encontrou uma das páginas com um pedaço de papel colado e engoliu em seco.

Sem dúvida, Shisui e Suirei presumiram que ter tantos livros para ler manteria Maomao quieta, mas não conseguiram levar em conta a natureza de sua curiosidade. Foi uma força emocional que borbulhou dentro dela, preenchendo todo o seu corpo. Ela achava quase insuportável ficar sentada nesta sala lendo.

“E-Ei, o que está acontecendo? Você parece... assustadora”, disse Kyou-u.

Não! Droga. Suas peculiaridades pessoais estavam aparecendo novamente – e quando ela ficava assim, ela não conseguia impedi-las, mesmo sabendo intelectualmente que deveria. Mesmo que eles estivessem prestes a levá-la a fazer algo incrivelmente tolo.

Mas se fosse de outra forma, ela não teria sido Maomao.

"O quê, você quer ir para lá?", Kyou-u perguntou.

Sim, mas havia um guarda lá fora. E ela não conseguia sair pela janela; eles estavam três andares acima. Na verdade, sair não era impossível: ela poderia usar lençóis para fazer uma escada improvisada, ou até mesmo descer agarrada à parede se realmente quisesse.

Mas teria sido demasiado óbvio. A janela dava para a rua e ela teria sido notada e recapturada imediatamente.

“Posso chegar lá?”, ela perguntou, sem realmente esperar muito.

Kyou-u sorriu para ela. **"Não é impossível."**

"Diga-me como." Os olhos de Maomao estavam redondos. Kyou-u, evidentemente satisfeito com essa reação, trotou até o quarto adjacente, aquele onde Shisui dormia. **“Vamos, me ajude”,** ele ordenou. Maomao se perguntou em que ela estava ajudando – afinal, era empurrar uma cômoda. Ela empurrou, sem saber muito bem por que, mas então, com um forte arranhão, o baú começou a se mover, revelando uma porta atrás dele. **“Isso na verdade vai para o quarto ao lado”,** disse ele. **“É o meu.”**

Colocar uma grande cômoda era certamente uma forma de dividir os cômodos da maneira desejada.

“E não há outro baú do outro lado da porta?”

"Está tudo bem. Já mudei. Achei que talvez pudesse dar um bom susto na irmã, mas essa coisa estava no caminho.” Então Kyou-u abriu a porta. Nem estava trancado; deve ter sido presumido que ninguém se daria ao trabalho de mover os baús de ambos os lados.

O espaço de Kyou-u foi organizado da mesma forma que os dormitórios que Maomao e as mulheres ocupavam. A cama estava coberta com uma confusão de papéis e pincéis. Ela se lembrou de um pensamento que teve quando estavam pintando as máscaras: que, apesar das aparências, o pirralho era um pequeno artista.

“Vamos, por aqui”, disse Kyou-u, mas não estava apontando para a saída. O quarto parecia igual ao espaço de Maomao, mas a sala era um pouco diferente. Ao contrário da janela decorativa do seu quarto, esta tinha uma grande porta que dava para uma varanda. A varanda passava pelo quarto ao lado e pelo quarto além dele; havia divisórias, mas eram apenas barras decorativas pelas quais seria fácil passar.

“Vá o mais longe que puder e você verá o telhado de uma passarela coberta que leva a um prédio separado. Pule para baixo e você poderá fugir, sem problemas.”

O prédio separado ficava atrás da pousada, então ela provavelmente passaria despercebida, desde que tomasse cuidado.

“Você realmente conhece o caminho.”

"Hehehe. Eu sou o único que não tem nada para estudar." Em outras palavras, ele saía furtivamente daqui todos os dias. O pirralho parecia muito bem informado sobre esta cidade para alguém que morava em uma pousada de viajantes; ele deve estar aqui há um bom tempo. Nos banheiros, não era incomum as pessoas permanecerem por longos períodos em busca de cura de uma doença. Kyou-u, porém, não parecia enfraquecido por nenhum tipo de condição.

Maomao, de qualquer maneira, não particularmente interessada em aprofundar o assunto, escapou pelas grades, grato por ser um graveto. Kyou-u a seguiu. Ela olhou para ele como se perguntasse o que ele estava fazendo, e ele disse: **"Se você vai se dar ao trabalho de fugir, acho que é melhor ir com você".** Ele parecia terrivelmente condescendente.

Ah, tudo bem.

E foi assim que Maomao finalmente escapou.

Depois que Maomao saiu da pousada, o resto foi fácil. Ao contrário de quando ela entrou na aldeia, o guarda ficou mais do que feliz em deixá-la sair (talvez porque já estivesse escuro quando eles chegaram). Os campos, vazios após a colheita, davam-lhe uma boa visão para saber se havia alguém por perto, e ela não esperava nenhum problema com animais selvagens em plena luz do dia.

"Então, ah, o que estamos fazendo?", Kyou-u perguntou.

"Há uma coisa que quero verificar", respondeu Maomao, e então eles estavam lá: parados em frente ao pedaço de arroz ainda não colhido.

Kyou-u arrancou uma espiga do papo. **"Acha que eles simplesmente não estão recebendo nutrição suficiente aqui?"**

"Improvável." Maomao olhou para o armazém próximo ao campo. Havia uma grande janela na parede de gesso – uma abertura simples, sem grades nem nada, embora no momento estivesse bem fechada. Maomao pegou um galho e usou-o para comparar a largura da janela com a do canteiro de arroz. O canteiro de arroz era um pouco maior.

"Acho que esse arroz fica leve a noite toda", disse Maomao.

"Huh? O que você quer dizer?"

Uma planta em crescimento pode ser influenciada por mudanças no ambiente. Tal como Maomao induziu as suas rosas azuis a florescer fora de época, algo externo pode ter afetado este arroz. Geralmente, muita luz era benéfica para o crescimento das plantas –

mas havia momentos em que poderia ser exatamente o oposto. Talvez a luz constante, mesmo durante a noite, tenha feito com que o arroz amadurecesse lentamente. Algo semelhante às vezes acontecia perto do bairro dos prazeres, um lugar que nunca dormia.

"Quer dizer que o arroz não cresceu porque está sempre brilhante?", Kyou-u perguntou.

"Apenas meu palpite", respondeu Maomao.

A julgar pela localização e tamanho da janela, ela parecia estar no caminho certo. Como não tinha grades, provavelmente ficava aberto durante os longos e quentes dias de trabalho do verão. Isso, no entanto, levantou uma questão: por que haveria uma luz acesa a noite toda num armazém supostamente abandonado?

Maomao pensou sobre isso. **"Presumo que haja ratos aqui."**

"Oh sim. Não importa quantas armadilhas montamos, eles continuam vindo."

"Em outras palavras, você poderia pegar quantos quisesse."

Ela pensou no que Suirei havia dito. Sobre como a nova droga ainda não havia sido testada em seres humanos. No entanto, tinha sido testado em animais – e em que tipo de animal poderia ter sido testado? Algo pequeno e fácil de capturar, talvez? Além disso, os livros que Maomao recebeu continham várias notas marginais detalhando os resultados de experimentos em ratos.

Havia muitos livros na sala para que Suirei os carregasse sozinha. Devem ter sido trazidos de algum lugar da aldeia. Maomao deu uma volta rápida pelo armazém. Além da janela, havia uma única porta, mas estava trancada.

"**Para mexer.**" Kyou-u de repente tinha um pedaço de arame na mão; ele trabalhou ruidosamente na fechadura por um momento e logo abriu a trava simples.

Essa criança problemática pensou Maomao. Mas ela também estava grata pela ajuda dele. Eles entraram no armazém e o encontraram dividido em duas salas. Maomao decidiu começar pela que tinha janela.

Ela encontrou exatamente o que esperava – e muito mais. O que ela esperava eram ratos em gaiolas; vinham acompanhados de uma verdadeira pilha de papéis cobertos de anotações, sem falar nos ossos de animais misteriosos, nas ervas secas e no que parecia ser uma espécie de vísceras. Eles carregavam um cheiro muito distinto.

Havia uma prateleira repleta de pequenas garrafas. Um pedaço de papel foi afixado por cada um com a data, os ingredientes e as quantidades. Kyou-u estava olhando para eles com interesse – mas isso o distraiu da coisa muito mais chocante na sala.

Parecia um tubo de metal, mas estava em pedaços; teria sido impossível dizer o que era a partir das peças individuais. Mas Maomao reconheceu isso. Era uma arma *feifa*, como as que os assassinos usaram no atentado contra a vida de Jinshi.

O que *isso* está fazendo aqui?

A presença delas explicaria muita coisa — mas Maomao não teve tempo de organizar seus pensamentos, pois ouviu um clique alto lá fora. Maomao tapou a boca de Kyou-u com a mão e se escondeu em um canto da sala.

"Hum?", disse uma mulher lentamente. **"Tem alguém aqui?"** Seus passos eram clac-clac-clac. **"Talvez alguém tenha esquecido de trancar a porta?"**

"Não, senhora, duvido muito", respondeu uma voz de homem. Mas houve mais de dois pares de passos.

"E ainda assim estava aberto. Quem era que deveria trancar a casa?" As palavras foram lentas, quase lânguidas, mas, por algum motivo, seu tom causou um choque de medo em Maomao. E parecia que ela não era a única. Kyou-u estava tremendo em seus braços. Muito lentamente, ela tirou a mão da boca dele.

"—ad...", ele sussurrou. Ela lançou-lhe um olhar interrogativo. "**Isto é mau. É ela...**" Seu rosto estava distorcido.

Os passos se aproximaram e com eles veio outro aroma novo, misturando-se ao cheiro inconfundível que já enchia a sala. Houve um farfalhar de tecido que sugeria que a mulher estava olhando para um lado e depois para o outro, mas Maomao só conseguia ver seus pés. Ou melhor, os pés: pareciam ser seis pés de mulheres e quatro de homens. Ou seriam apenas dois pés pertencentes aos homens? O outro par estava vestido com uma roupa masculina, mas Maomao pensou tê-la reconhecido – era a mesma que Suirei estava usando naquela manhã.

"**Qual o problema?",** uma das mulheres perguntou. Ela tinha um sotaque distinto – outra coisa que Maomao reconheceu. Ela começou a tremer toda, o suor escorrendo, mas ela viu: os olhos da mulher estavam cobertos por um véu. Cobriu o cabelo dela também, mas não conseguiu esconder a cor dos olhos. Um azul celeste penetrante – olhos de estrangeiro.

"Não é nada. Parece que eu estava imaginando coisas." A mulher se virou e fez menção de sair da sala. Maomao estava prestes a soltar um suspiro de alívio, mas então a mulher alcançou a cintura do homem, que Maomao presumiu ser um guarda.

No instante seguinte, Maomao recuperou o fôlego novamente enquanto uma mecha de seu cabelo caía no chão. Uma espada estava alojada na parede ao lado dela, ainda vibrando de forma audível. Aconteceu tão rapidamente que ela mal percebeu. A próxima coisa que ela percebeu, porém, foi que a cortina havia sido aberta e uma mulher mais velha estava olhando para ela. Ela estava na casa dos cinquenta, talvez, vestida com maquiagem e roupas ostentosas - ela era linda, mas a idade iria afetá-la com o tempo.

A mulher usava acessórios de cabelo tão berrantes quanto sua roupa, e havia tampas de unhas em seus dedos mindinho e anular que estendiam as unhas por uns bons dois sol. Seus lábios pintados de rouge curvaram-se graciosamente enquanto ela olhava para a garota franzina enrolada na sua frente.

"É apenas mais um rato", disse ela, e realmente parecia estar olhando para um roedor imundo. **"Suirei."**

"Sim, senhora." Suirei deu um passo à frente – e a mulher bateu nela com força com o leque que ela segurava. Maomao engasgou em particular.

"Você precisa pelo menos manter seus ratos sob controle."

"Sinto muito, senhora", disse Suirei, com os olhos no chão.

"Hum? Esse garoto, eu o conheço."

"L-Lady Shenmei, me desculpe..." Kyou-u estava tremendo violentamente; tudo o que ele pôde fazer foi espremer as palavras.

"Esse é o honrado filho de Shirou", disse Suirei, enquanto pressionava a mão trêmula no rosto.

"Hum," foi tudo o que Shenmei disse. Então ela se virou para a outra mulher que estava com ela. Essa pessoa tinha a idade certa para ser sua filha e, como a mulher chamada Shenmei, ela usava uma maquiagem berrante.

"Mãe, querida, é apenas a travessura de algumas crianças. Vamos nos apressar e ir embora", disse essa outra mulher. Não havia nenhum vestígio da cadência inocente que normalmente caracteriza sua fala. Ela deixou de lado a roupa de menina da aldeia em favor de um vestido luxuoso. Seu cabelo estava preso no alto e decorado com um acessório em forma de pássaro de terra estrangeira.

Então era isso que estava acontecendo...

Maomao decidiu deliberadamente não prosseguir com o assunto. Ela esteve prestes a perguntar quando a conexão com Suirei se tornou aparente, mas depois optou por não fazê-lo. Ela tinha tanta certeza de que isso não importaria

O que ela sabia ou não - mas agora parecia que talvez ela devesse ter levado as coisas um pouco mais a sério.

Agora quem é o tanuki?

"Hehehe. Eu tive uma ideia. Já que eles estão aqui, por que não trazê-los juntos?", disse Shenmei. A idade havia diminuído um pouco sua beleza, mas em sua época ela devia ser incrivelmente adorável. Ela estava sorrindo, mas Maomao sentiu aquele sorriso agarrar seu coração como um torno de ferro.

"Você não se importa, não é, Loulan?", disse Shenmei, para Shisui.

Capítulo 15: A Fortaleza

Eles deixaram a cidade de fontes termais e seguiram em uma carruagem por meio dia, até chegarem a algum tipo de fortaleza. Maomao foi depositada num dos quartos.

"Eu nunca tive a intenção de trazer você aqui," Suirei informou ela. Sua bochecha estava vermelha e inchada. Ela sempre pareceu quieta e séria, mas sua expressão estava mais sombria do que nunca agora. Ela nunca foi exatamente do tipo alegre, mas uma nuvem parecia pairar sobre ela. Maomao compreendeu o porquê, tendo observado a troca no armazém.

Maomao entrou furtivamente no armazém, onde foi descoberta por uma mulher de meia-idade chamada Shenmei. E Shenmei chamou Shisui pelo nome de Loulan.

Agora entendo, pensou Maomao. Ela teve um pressentimento – teria sido estranho se ela não tivesse notado nada. Maomao conheceu a consorte Loulan apenas uma vez, quando ela deu uma aula especial para as quatro damas favoritas do imperador e suas damas de companhia. Loulan, vestida com roupas extravagantes, assistiu à palestra quase sem piscar o rosto. A consorte Gyokuyou – passando momentos perfeitamente agradáveis – e a consorte Lihua – sempre estudiosa – fizeram perguntas. A consorte Lishu não estava em condições de perguntar nada, como lembrou Maomao. Mas a consorte Loulan não só não perguntou nada, como quase não falou o tempo todo.

Maomao não tinha pensado muito nisso – é claro que um nobre não se sentiria obrigado a falar com uma mera serva como ela – mas agora ela entendia. Maomao percebeu que Shisui – não, Loulan – era bem-educada por suas posses e pelas nuances de seu comportamento. Ela se escondeu da imperatriz viúva para não perceber quem Shisui realmente era. Provavelmente a mesma razão pela qual ela foi para outra consorte quando Lishu apareceu no banho. Enquanto isso, Maomao não notou nada de errado quando se conheceram por causa de Maomao, a gata, então Loulan não foi particularmente cuidadosa perto de Maomao depois disso.

Ela é uma ótima atriz, no entanto. Além de sua notável predileção por insetos, Loulan era uma jovem perfeitamente comum. Ela poderia comer lanches com Xiaolan e conversar sobre as últimas fofocas. Ela era como um tanuki, famoso por sua capacidade de se transformar. Seu disfarce enganou a todos.

"Vamos colocá-la no chicote", disse Shenmei ao encontrar Maomao. Ela parecia quase alegre; sua voz tinha toda a gravidade de alguém sugerindo um chá no jardim. **"Você acha que cem chicotadas serviriam? Prepare um posto de chicote."**

"Lady Shenmei...", Suirei começou. A mão de Shenmei se moveu no instante em que ela começou a falar, o leque que ela segurava se conectou com a bochecha de Suirei mais uma vez. Suirei deu um passo para trás, mas permaneceu inexpressiva e olhou para o chão. Ela estava pálida e sua mão tremia ligeiramente; sua respiração estava tão rápida quanto depois do encontro com a cobra.

Isso é ruim, ruim, ruim, pensou Maomao, sentindo-se começar a suar. Ela entendia agora por que Kyou-u temia tanto: aquela mulher era perigosa. Havia certos nobres que Maomao nunca quis conhecer, e essa mulher era uma deles. Pior ainda, Maomao era menos que um inseto aos seus olhos. Ela foi descoberta se esgueirando por onde não pertencia; é claro que a mulher iria acabar com ela sob o pretexto de "discipliná-la".

"E quanto a esta criança? O que faremos com ele? Suponho que ele precise aprender algumas boas maneiras."

Kyou-u, aterrorizado, agarrou-se a Maomao.

"Honrada mãe..." Loulan, com a ostensiva mecha de cabelo balançando em seu cabelo, deu um passo à frente, sua voz como o toque frio de um sino. **"Você não disse que precisávamos de um novo apotecário?"** Então ela olhou para Maomao, mas seus olhos estavam vazios, como se pertencessem a uma boneca de porcelana.

O rosto de Shenmei se contorceu por um segundo, mas então ela escondeu a boca com o leque e estudou Maomao. **"Ela não se parece com nenhuma apotecária que eu já vi."**

"Concordo. Mas acredite ou não, ela tem mais de trinta anos. Ela passou os dias testando remédios em si mesma, até envelhecer mais lentamente do que as pessoas normais."

Loulan pegou a mão esquerda de Maomao e arregaçou a manga, revelando o braço envolto em bandagem. **"Não sei que mistura é essa. Mas uma delas parece estar ligada ao elixir da imortalidade. Ela pode encontrá-lo, presumindo que não fracasse e morra como o último homem.**" Loulan parecia totalmente indiferente.

Elixir da imortalidade? O último homem?

Shenmei franziu a testa, claramente desapontada com isso. "**Se você diz. Suponho que seja isso, então**." Ela tirou o xale do vestido e se virou para a emissária estrangeira que observava atrás dela. **"Devemos então retomar nossa discussão, Lady Ayla?"**

Shenmei de alguma forma conseguiu parecer condescendente apesar do termo respeitoso de tratamento. A emissária estrangeira com o véu sobre a cabeça a seguiu. Ambas, no entanto, eram mulheres muito orgulhosas e cada uma delas parecia menos amigável uma com a outra enquanto caminhavam.

Maomao estava mais uma vez prestes a dar um suspiro de alívio quando Shenmei parou. **"Essa sua apotecária não pode fazer um trabalho adequado neste lugar. Vamos trazê-la de volta para a fortaleza conosco."** Um sorriso desagradável surgiu em seus lábios pintados com rouge.

O que nos leva ao momento presente.

Maomao encontrou-se num espaço de armazenamento que, segundo lhe disseram, era o quarto que o apotecário anterior usava. Estava um pouco bagunçado, mas certamente havia coisas de apotecário espalhadas por aí e um baú de vime abarrotado de livros.

Maomao olhou para Suirei. **"Vocês são meias-irmãs? Mães diferentes?"** Ela não estava perguntando tanto quanto confirmando.

"Ela é a única que me trata como sua irmã mais velha."

O que havia a dizer, exceto que isso ajudou tudo a fazer sentido? Ela ouviu que Loulan era a única filha de Shishou. Considerando o quão temível sua esposa era, ela não parecia ser o tipo de pessoa que daria tratamento igual a uma filha que ela mesma não gerou. Na verdade, parecia que ela dificilmente queria que Suirei existisse.

"Lady Shenmei me despreza. Isso a leva a essas coisas", disse Suirei, esfregando a bochecha vermelha e inchada.

Maomao teve uma ideia. **“Posso te perguntar uma coisa?”**

"O que?"

“É possível que Shisui tenha sido seu nome primeiro?””

Loulan parecia gostar muito do nome Shisui. Era um nome perfeitamente comum, mas combinava o Shi do “clã Shi” com o sui de “Suirei”. Simples demais para os pseudônimos. De qualquer forma, as versões mais comuns do nome teriam usado o caractere “roxo” para *shi*, ou talvez “descendência”. Loulan escolheu alguns caracteres únicos, mas o nome parecia o mesmo.

“*Isso mesmo*”, disse Suirei. **“Mas quando Lady Shenmei voltou do palácio interno, ela não conseguia suportar pensar em mim. E ela odiava que um dos caracteres em meu nome fosse relacionado ao clã.”**

Primeiro Shenmei expulsou a jovem Suirei e sua mãe da mansão, depois as tratou como servas. Finalmente ela adotou até mesmo o nome de Suirei, dando-o à sua própria filha de sangue como se fosse um simples apelido de infância. Como se ela tivesse feito isso por despeito.

Assim, Shishou teve duas filhas, mas uma delas foi criada no colo de todas as belezas da corte, para ser oferecida como uma flor ao imperador, enquanto a outra foi envolta em trevas para semear a discórdia no palácio interno. Agora Maomao entendia por que os assassinos haviam feito aquele atentado contra a vida de Jinshi — se fossem agentes de Shishou. Até Maomao tinha ouvido falar mais de uma vez sobre a grande diferença de opinião entre os dois homens sobre como o palácio interno deveria ser administrado.

Mas algo ainda incomodava Maomao. Ela tirou o palito do cabelo e olhou para ele. Shisui – não, Loulan – disse a ela que era valioso. No entanto, havia alguém que poderia simplesmente doá-lo. Alguém que exerceu grande influência mesmo fora do palácio interno, apesar de sua juventude.

Jinshi. O homem que era mais do que apenas um eunuco – na verdade, que nem sequer era um eunuco. Maomao olhou para o palito de cabelo, mas depois parou.

"O que é?", Suirei perguntou, observando-a.

“Quando você entrou no palácio interno como eunuco, como eles examinaram você?”

“É uma pergunta meio abrupta, não é?”, Suirei disse, olhando para o chão. Quase se poderia pensar que ela estava envergonhada. Mas então ela disse: **“É um exame físico. Eles sentem você, logo acima de suas roupas íntimas. Você nem precisa tirar nada.”**

Foi assim que Suirei conseguiu entrar. Ela nunca teve o que eles procuravam - e provavelmente nunca lhes ocorreu que uma mulher pudesse entrar disfarçada de eunuco. Mas foi mais fácil do que fazer um homem superar o mesmo obstáculo.

“Alguma chance de um homem não castrado fazer isso?”

“Três funcionários verificam você, de três departamentos diferentes. Seria difícil subornar todo mundo.”

Se algum dos três não mordesse a isca, os outros poderiam esperar algo pior do que uma pequena surra quando descobrisse que haviam deixado um homem entrar no palácio interno. Muito risco para alguns trocados. Você nunca conseguiria que todos concordassem com isso.

Então, como Jinshi entrou?

“Apenas alguns homens podem entrar e sair do palácio interno quando quiserem...” Nomeadamente o imperador e seus parentes imediatos. Não... As idades não coincidem. Mas...

Ela sempre pensava que Jinshi era mais jovem do que parecia. Não era uma criança – ela não iria tão longe – mas ele dava uma impressão nitidamente jovem. Embora ela suspeitasse que muito poucas outras mulheres no palácio interno concordariam com ela.

Maomao não disse nada por um longo momento. **"O que você está pensando?",** Suirei perguntou.

"Oh nada."

Tudo bem, é melhor deixar isso de lado por enquanto.

Pensando bem, ela sentiu como se Jinshi estivesse tentando ter algum tipo de conversa importante com ela quando eles estavam naquela caçada - poderia ter algo a ver com esse assunto? Se ela não tivesse notado, a culpa era dele por ter bezoares de boi tão magníficos por perto. Bezoares de boi deixavam as pessoas loucas. Coisas assustadoras!

Mas de qualquer forma, ela tinha que pensar na situação em que se encontrava agora. Eles viajaram cerca de meio dia de carruagem desde a vila das fontes termais. A julgar

pela posição do sol, conforme ela conseguiu ver através da cortina, eles haviam ido para o norte. No meio da viagem, a paisagem ficou branca e a neve começou a cair.

Então ou estamos bem ao norte ou no alto das montanhas, pensou Maomao. Shenmei havia falado de uma fortaleza. E, de fato, este lugar tinha muros altos ao redor e um penhasco atrás. Mais uma fortaleza do que um castelo. Aquela mulher de aparência cortês... em uma fortaleza? Ela não parecia o tipo de pessoa que pisava em um lugar assim. Então, novamente, isso poderia ser apenas preconceito de Maomao; ela sabia por experiência própria como as mulheres nobres podiam ser duras e teimosas. Mas isso parecia forçar.

Era quase como se Shenmei se visse em guerra.

Espere...!

Maomao pensou na *feifa* que vira no armazém. Ela pensou em como era incomum que uma emissária estrangeira como a mulher chamada Ayla estivesse em um lugar como aquele. *Então é isso que está acontecendo...*

Já há algum tempo que existiam rumores de que as emissárias estavam em conversas secretas com uma pessoa ou outra. E se fosse o clã Shi? E se fosse assim que a novíssima *feifa* tivesse chegado?

E se a arma tivesse sido desmontada para entendê-la – para que mais pudesse ser produzida?

"Vocês estão planejando começar uma guerra?"

Suirei, que estava prestes a sair da sala, parou. **"Não é minha decisão para tomar. Considerando o que Lady Loulan disse, sugiro que você comece a fazer o remédio."**

"Oh, você não precisa me perguntar duas vezes. Você não precisa me perguntar nada."

"Bom. Haverá comida. Há um banheiro no quarto ao lado, no corredor, se você precisar. E faça o que fizer, não deixe Lady Shenmei louca."

Sim... O que quer que eu faça...

Maomao não sabia que tipo de disciplina a aguardaria se deixasse de seguir esse conselho. Mas Suirei saiu da sala sem olhar para trás.

Tudo bem, o que fazer agora? Maomao olhou ao redor da sala, pensando. A entrada estava trancada; havia grades nas janelas e o chão lá fora estava coberto de neve pura e

branca. Suirei não se preocupou em dizer a ela para não tentar fugir. Foi porque a fuga era impossível? Ou era a maneira dela de dizer: se você vai fazer, pelo menos faça certo?

Ela abriu a porta e encontrou um corredor estreito, no final do qual ficava o banheiro. Essas instalações normalmente ficavam localizadas do lado de fora, ou pelo menos no primeiro andar — mas aqui ela ficava no terceiro andar. Não deveria ser fácil manter a coisa limpa. Mas evidentemente eles estavam menos preocupados com a conveniência do que com a prevenção de qualquer oportunidade de fuga.

Disseram que havia outro apotecário aqui antes de mim... Será que ele também estava confinado? Disseram que ele morreu tentando uma de suas próprias misturas. *Hum. Quase fazia sentido, mas então... não faz.* Maomao cruzou os braços e decidiu deixar o assunto de lado por enquanto. Havia coisas mais importantes para fazer.

Sim, coisas como...

Maomao começou a sorrir ao se aproximar do baú de vime embalado e abrir a tampa. Estava quase transbordando de livros. Ela também estava curiosa sobre o armário de remédios ao longo da parede, mas isso poderia vir primeiro.

"Ah... ahh!", ela exclamou sem querer. Para ela, o baú de vime poderia muito bem ter sido um baú de tesouro. Ela começou a vasculhar o conteúdo, gargalhando como uma louca.

Era sempre Suirei quem trazia suas refeições, que consistiam em sopa e acompanhamento de vegetais - nada mal, mesmo que tendessem a ser um pouco frias. Porém, havia muitos ingredientes secos; eles quase poderiam ter sido qualificados como rações de campo.

Maomao sentou-se na cama com as pernas cruzadas. Ela deu uma olhada em todos os livros da sala. Ela pensou que tinha levado cerca de cinco dias, embora fosse difícil ter certeza. Não era exatamente uma boa educação apoiar o queixo nas mãos e os cotovelos à sua frente, mas não havia ninguém aqui para repreendê-la.

Uma guerra. Que coisa para tropeçar.

Maomao olhou pela janela por um momento. Tudo estava branco lá fora – ela suspeitava que a colheita tivesse acabado e que se aproximava a época do ano em que não haveria agricultura para fazer. Ela pensou ter ouvido dizer uma vez que a guerra era algo que acontecia quando os agricultores tinham muito tempo livre.

Pelo que ela podia ver pela janela, eles pareciam estar em um terreno muito alto, com uma montanha atrás deles. Não é um local ruim para uma fortaleza. Ela desenhou um

mapa na mesa com o dedo. Se eles estivessem nas terras do norte, Shihoku-shu, então esta fortaleza deveria estar localizada bem na fronteira do país.

Maomao se jogou de volta na cama, agarrando os cabelos. Ela tentou imaginar um semicírculo ao norte da capital. Dez dias de barco. Depois, caminhar até a vila de fontes termais e depois mais meio dia de carruagem. Havia alguma montanha naquela cordilheira?

Se eu soubesse que as coisas iriam acabar assim, eu teria estudado!

O exame para damas da corte incluía algumas questões sobre geografia, ela parecia se lembrar. Mas toda vez que ela abria o livro para estudar, ela acabava adormecendo, então quase não se lembrava de nada. Ela se lembrava da dama de companhia de Jinshi, Suiren, cutucando-a para acordá-la.

Até sinto falta dos golpes agora.

Só então, Maomao ouviu vozes elevadas no corredor. Ela reconheceu uma delas. Curiosa, ela pulou da cama e encostou o ouvido na porta.

“Jovem mestre, você não deve brincar lá!”

“Ah, por que não? Eu não explorei aqui ainda!”

Era Kyou-u. Eles devem tê-lo trazido aqui junto com Maomao – ela se lembrou de Suirei franzindo a testa com a ideia. Ela podia ouvir outras crianças atrás dele.

Espere... Tem outras crianças aqui?

"O que você está fazendo? Você vai perder o seu lanche!”

"Qualquer que seja! Ei, guarde alguns para mim!”

Maomao, abalada ao perceber que havia crianças na fortaleza, escorregou contra a parede e soltou um longo suspiro. Este lugar poderia ser construído como uma fortaleza, mas era óbvio o que aconteceria se houvesse um cerco*[1].

Tanto quanto Maomao sabia, o atual imperador era um governante relativamente misericordioso. Mas ainda havia limites que não deveriam ser ultrapassados. Uma mulher do palácio que tentou matar uma alta consorte foi condenada à forca e sua família mutilada. Algumas dessas medidas eram inevitáveis se o imperador quisesse manter a sua autoridade.

Imagine, então, o que aconteceria se uma rebelião desta escala fosse descoberta. Nenhum membro do clã ficaria vivo. Nem mesmo crianças e bebês. Era por isso que as crianças estavam aqui? Porque alguém que entendia o que estava em jogo as trouxe?

Maomao suspirou novamente. Ela abraçou os joelhos contra o peito, apoiando o queixo neles. Ela deveria simplesmente esquecer todos os outros. Ela não tinha tempo para pensar em coisas assim.

E ainda assim seu coração estava insuportavelmente pesado.

***1 Cerco:** Cerco, assédio ou sítio é um método de estratégia militar onde unidades militares cercam o inimigo ou uma edificação, como as praças-fortes, onde o inimigo se abriga, com o intuito de não permitir sua evasão ou o seu recebimento de provisões.

Capítulo 16: Terra

Algum tempo depois do meio-dia, um homem baixinho com olhos de raposa apareceu no escritório de Jinshi – Lahan. Gaoshun e Basen estavam no escritório junto com Jinshi e lidavam com uma quantidade de papelada ainda maior do que o normal.

"Então foi isso que aconteceu", disse Jinshi.

"É apenas um palpite, mas sim, é o que eu penso."

Lahan era um homem notável. Ser excêntrico, mas extraordinariamente bom em uma coisa específica, parecia ser uma característica da família La. Ao analisar de perto o movimento de mercadorias e metais, ele descobriu que o clã Shi estava tramando alguma coisa.

Lahan indicou um ponto no mapa: uma fortaleza abandonada. Para qualquer um, mesmo uma família cujo serviço leal remontava aos dias de Wang Mu, reconstruir uma fortaleza abandonada para uso próprio só poderia ser considerado um ato de traição. Jinshi queria segurar a cabeça entre as mãos, mas em deferência ao fato de que já havia uma equipe de pai e filho presente com profundas rugas nas sobrancelhas, ele se conteve.

No momento em que ele dizia a si mesmo que precisava se concentrar em pensar no que fazer, ouviu-se o toque da campainha. Ele ouviu passos se aproximando e então a porta foi aberta.

"Posso perguntar o que você está fazendo aqui?" A pergunta veio de ninguém menos que o estrategista de monóculo.

“Ah... Pai.” Lahan, que parecia tão confiante até um momento antes, franziu a testa, dobrou o mapa sobre a mesa e franziu os lábios.

“Lahan, você não pode simplesmente invadir os escritórios dos nobres! As pessoas terão uma ideia errada. Ideias estranhas!” Dizendo isso, Lakan sentou-se no sofá do escritório, aquele que ele mesmo trouxe aqui em uma de suas incursões anteriores. Ele ainda não o havia devolvido, então ainda estava lá.

“Especialmente quando ninguém sabe se o nobre que você está visitando é um homem ou uma mulher”, ele continuou maliciosamente. Basen, ao lado de Jinshi, estava prestes a dar um passo à frente e oferecer algumas palavras bem escolhidas, mas Gaoshun estendeu a mão para detê-lo.

Eles entenderam por que Lakan estava com raiva. Sua filha foi sequestrada debaixo de seus narizes, direto do palácio interno. Este era um homem que havia invadido o palácio interno para encontrar sua filha; a única surpresa foi que ele demorou tanto para vir para Jinshi. Muito bem; Jinshi se submeteria às suas fundas e flechas. Essa era sua responsabilidade. Mas ele duvidava que Lakan tivesse vindo aqui apenas para abusar dele.

Lahan recuou desanimado e abriu caminho atrás de Gaoshun. Portanto, havia coisas com as quais até este jovem tinha dificuldade em lidar. Ele parecia estar sussurrando algo para Gaoshun; Basen estava olhando para ele com ceticismo, claramente se perguntando quem era esse intruso empunhando o ábaco.

Gaoshun convocou um mensageiro. O que quer que ele estivesse fazendo parecia não interessar ao estrategista, que se esticou no sofá e lançou um olhar frio para Jinshi.

“Eu entendo o que você está dizendo, Mestre Estrategista. Foi minha própria imprudência que causou isso”, disse Jinshi. E ele entendeu: mesmo que esta fosse a primeira vez que ele estava aprendendo sobre a passagem secreta, mesmo que ninguém soubesse disso antes, ela havia sido usada para sequestro e fuga, e a responsabilidade cabia inteiramente a ele.

“Palavras mais verdadeiras nunca foram ditas”, disse Lakan. **“O que eu quero agora é que você resgate minha filha – imediatamente.”**

Ah, como as coisas teriam sido simples se ele fosse capaz disso! Neste momento, Jinshi era claramente inimigo de Lakan – e todos na corte sabiam que você não queria fazer de Lakan seu inimigo. No entanto, mesmo o estrategista deve ter percebido que uma rivalidade aberta com Jinshi neste momento não serviria a ninguém. Ele tinha outro inimigo – não Jinshi, mas Shishou.

Jinshi pensou no que trouxe o estrategista ao seu escritório. O homem diante dele não estava interessado em prender os culpados de uma suposta rebelião contra o trono – sua prioridade era resgatar sua querida e doce filha. Jinshi não conseguia entender exatamente o que o homem poderia estar pensando, mas obviamente decidiu que a maneira mais rápida de conseguir o que queria era ir até Jinshi.

Um funcionário inferior entrou com chá, mas quando viu as pessoas presentes — e percebeu a tensão entre elas — largou as bebidas rapidamente e saiu. Ninguém tocou no chá fumegante, que aos poucos esfriou. Se ao menos suas cabeças pudessem esfriar tão facilmente... mas não era assim.

“Você faz um trabalho lamentável em seu estado lamentável. E você acha que as coisas vão dar certo para você assim?”

Jinshi entendeu exatamente o que Lakan pensava sobre ele. Ele percebeu que o estrategista viu através dele. Vi que Jinshi havia conquistado essa posição para si mesmo para fugir, porque não tinha confiança em qual deveria ser seu verdadeiro lugar.

O olho atrás do monóculo se estreitou. Talvez Lakan esperasse se sentir melhor, mesmo que minimamente, encurralando Jinshi em seu próprio escritório. Basen parecia pronto para lançar-se contra Lakan, mas Gaoshun o segurou. Lahan observou, distinto e obviamente desconfortável.

Outros sons pareciam desaparecer no fundo; Jinshi ouviu claramente apenas as palavras do estrategista. **“O que mais você acha que pode fazer disfarçado de meio-homem?”** Sua voz era implacável e cruel.

Houve um longo momento em que Jinshi não sabia como responder. Finalmente ele abriu a boca, mas outra voz, mais calma, falou antes que ele pudesse fazê-lo.

"Me desculpe. Eu não tinha ideia de que você tinha uma visão tão negativa de nós.”

Eles descobriram um velho curvado parado na entrada. Atrás dele estavam alguns eunucos, respirando pesadamente; eles carregavam um palanquim no qual evidentemente o haviam trazido em disparada. O velho, Luomen, acenou com a cabeça para eles e entrou no escritório arrastando uma perna.

“Não, é claro, que fosse minha preferência pessoal me tornar um eunuco”, disse ele.

Lakan acenou com as mãos em leve pânico na direção do velho encolhido. **“H-Honrado Tio! Eu não quis dizer nada disso. Eu não estava falando de você!”**

"Não? E ainda assim aqui estou, um meio-homem arrependido. Não consigo nem andar direito. Reduzido a andar num palanquim como um príncipe! Em qualquer caso, não sou também culpado por não ter mantido um olhar adequado sobre Maomao?" Seu aspecto era quase de avó; seu olhar suave estava voltado para o estrategista raposa. O militar com seu monóculo estava tão intimidado que parecia quase ridículo.

"Ufa. Bem na hora...", murmurou Lahan atrás deles. Quando ele sussurrou para Gaoshun, deve ter sido para sugerir que convocasse Luomen.

Lakan, Lahan e Luomen juntos criaram um espetáculo e tanto. Lakan, imperioso até um momento antes, agora agia como um menino tentando acalmar sua mãe perturbada. Jinshi quase poderia ter rido alto, mas com dificuldade, ele se conteve. Ele olhou para trás e viu Gaoshun com rugas profundas na testa - provavelmente também contendo o riso. Apenas Basen parecia alheio ao que estava acontecendo, o ponto de interrogação praticamente flutuando sobre sua cabeça enquanto ouvia a conversa entre tio e sobrinho.

"Você sempre tende a ser agressivo quando está com raiva. Mas você deve pensar com quem está lidando quando age."

"Eu entendo isso, Honorável Tio. Até eu sei disso. Eu estava simplesmente respondendo na mesma moeda ao que me foi dito. Não vim aqui com a menor intenção de ir tão longe."

Jinshi quase não disse nada a Lakan, mas optou por permanecer quieto sobre esse assunto por enquanto. Era a coisa política a fazer.

"Espero que não. Talvez você pudesse contar a ele o que realmente o trouxe aqui, então." Educadamente." Luomen deu um tapinha no ombro de Lakan.

Silenciosamente, Lakan virou-se para Jinshi. Então ele se levantou, ajoelhou-se diante de Jinshi e apertou o punho na palma da mão em um gesto de respeito. **"Eu venho em súplica. Peço humildemente que você mobilize o exército para atacar o rebelde, Shishou."**

Lakan era um grande comandante, ou seja, secretário de assuntos militares. Jinshi entendeu o que significava para tal pessoa pedir a mobilização do exército.

"O clã Shi parece fabricar *feifa* do tipo mais novo há anos", acrescentou Lahan. **"Temos evidências mais do que suficientes de sua traição."** Ele mais uma vez espalhou os materiais que havia mostrado a Jinshi anteriormente sobre a mesa. E isso sem mencionar a tentativa de assassinato de Jinshi ou a fuga de Loulan do palácio interno.

“A corrupção deve ser erradicada e destruída o mais rapidamente possível”, disse Luomen – apesar de estremecer ao falar. O bondoso médico ficou profundamente abalado pela ideia de uma guerra, mesmo contra os rebeldes.

Além disso, ele sabia o que significava para Lakan fazer esse pedido a Jinshi. Por que o estrategista o repreendeu como um “meio-homem”.

Para o governo agir contra o clã Shi significaria trazer o Exército Proibido – uma força comandada diretamente pelo imperador. Não seria um capitão sênior como Lakan quem comandaria essas tropas, mas aquele que estava no auge desta nação.

O imperador, porém, não poderia simplesmente saltar e marchar para fora da capital. Como tal, um substituto seria necessário.

“Por quanto tempo você pretende nos enganar com essa forma assumida?”, Lakan disse, observando Jinshi através de seu monóculo. Ou melhor, observando o homem Ka Zuigetsu, que usava “Jinshi” como uma segunda pele.

Zuigetsu engoliu em seco. Ele sempre soube que esse momento chegaria. Agora sim.

Era hora de ele enfrentar isso.

Capítulo 17: Taibon

“Diga-me, por favor: meu remédio já está pronto?”

Exatamente uma vez por dia, Maomao tinha permissão para sair do quarto em que estava confinada – para ser levada, sob guarda, para Shenmei.

O quarto de Shenmei era tão luxuoso que ninguém acreditaria que estava no meio de uma fortaleza. O chão era coberto por um tapete grosso de fabricação estrangeira e a mobília era igualmente exótica. Aromas de chá, flores e mel flutuavam no ar.

A dona da sala estava reclinada numa poltrona, uma dama de companhia polindo as unhas da mão esquerda. Um jovem ajoelhou-se ali perto, massageando-lhe os pés. A sala estava impregnada com o cheiro de incenso. Atrás de Shenmei havia uma cama grande na qual algumas mulheres rolavam e riam. Havia outro odor no ar também: álcool. A sala cheirava a pura decadência.

Maomao fungou audivelmente. *É algum tipo de mistura*, ela pensou. Uma base de água de almíscar, cortada com vários outros ingredientes. As mulheres encostadas na cama pareciam estranhamente letárgicas – difícil dizer se era embriaguez ou outra coisa.

Loulan estava atrás de Shenmei, mastigando um lanche. Suirei estava penteando o cabelo. Em algum outro cenário, elas poderiam parecer duas irmãs compartilhando um momento doce. Aqui, elas pareciam apenas mestre e serva.

“Acredito que ainda vai demorar um pouco mais”, respondeu Maomao.

"Gracioso. É assim mesmo?" Com um aceno de leque, Shenmei mandou Maomao sair da sala.

Assim que ela voltou em segurança ao corredor, Maomao soltou um suspiro profundo. Então ela viu um rosto familiar olhando em sua direção.

“Ei, apotecária.” Aquele tom espertinho – era Kyou-u. (Ela nunca lhe disse especificamente seu nome, e ele não foi apresentado a ela, por isso ele simplesmente a chamava de “apotecária”.) Atrás dele estava uma dama de companhia que ela considerava ser sua guardiã, junto com outros quatro meninos.

"Sim? Como posso ajudá-lo?", ela perguntou educadamente.

O que ela queria dizer era: Sim, o que foi, seu merdinha? Mas este não era o momento ou o lugar. Até mesmo Maomao tinha um senso de autopreservação e, com a dama de companhia – e seu guarda corpulento – presentes, ela não podia se dar ao luxo de lançar qualquer abuso contra ele.

“Eca, assustador!”, ele exclamou.

Eu quero tanto bater nele. Maomao prometeu a si mesma que da próxima vez que ficassem sozinhos, ela lhe daria o melhor da vida. Embora, infelizmente, não parecesse que ela teria essa chance tão cedo.

“Se não precisar de nada de mim, senhor, gostaria de voltar para o meu quarto.” A situação de Maomao estava longe de ser ideal, mas ela não se opôs ao que estava realmente fazendo. Ela recebeu um suprimento de medicamentos que teriam servido admiravelmente mesmo em um consultório médico adequado — mesmo que muitos deles estivessem envelhecendo. E ela ficou emocionada por ter tantos materiais escritos para trabalhar. Quem quer que tenha sido o apotecário antes dela, ele era bastante talentoso.

"Ei, havia alguma outra mulher lá?"

"Sim, senhor."

Quero dizer, pelo que vale a pena. Elas não estavam em condições de serem vistas por uma criança. Tal dissolução não era para os olhos dos meninos. É verdade que, quando tinha a idade de Kyou-u, Maomao estava mais familiarizada com a cópula de homens e mulheres do que, digamos, de gatos ou cães, e qualquer constrangimento que ela pudesse ter sentido ao pensar nisso já havia desaparecido. Mas isso era diferente.

“Então, uh, minha mãe está lá. Ela parecia bem? Eu sei que ela está ocupada com o trabalho...”

Depois de um segundo, Maomao respondeu: **“Receio não poder te contar. Não sei a qual das mulheres você se refere.”**

"Oh." Kyou-u parecia abatido. Não havia muito que Maomao pudesse dizer. Ela achava que sabia qual mulher era a mãe dele, mas não estava em condições de contar a ele. **“Acho que é assim, né? Quero dizer, mamãe está ocupada. Talvez eu devesse ter esperado por ela na aldeia.”**

Então essa é a história dele. Ela não sabia de quem era a ideia, mas foi uma escolha sábia. Melhor que ele fique na cidade de fontes termais do que ver sua mãe aqui. Talvez tenha sido ideia de sua mãe.

“Se você me der licença”, disse ela.

“Ah, ei, ei!” Kyou-u parecia prestes a dizer algo a Maomao, mas então olhou ao redor e ficou em silêncio. O que quer que ele quisesse dizer, evidentemente este não era o lugar para isso.

“Se eu puder, então.”

"Sim, claro."

Maomao voltou para seu quarto.

Vários dias se passaram, cada um igual aos outros. A única coisa que pareceu realmente estranha para Maomao foi como ela conseguia ouvir as vozes das crianças do lado de fora da sua porta. Kyou-u e os outros, talvez? Cada vez que se aproximavam, uma dama de companhia os repreendia e os levava embora. Evidentemente, eles deveriam ficar longe desta sala.

Acho que entendo. Pequenos animais foram trazidos para o quarto de Maomao para fins experimentais. Ela mantinha o lugar o mais limpo possível, mas não podia ser exatamente chamado de higiênico. *Está meio fedorento aqui.* O cheiro vinha em parte dos ratos, mas às vezes havia um cheiro de outra coisa, algo vil. Um cheiro não muito

diferente de esterco de animal ou de ovo podre. Ela frequentemente sentia o cheiro vindo das escadas quando era levada para o quarto de Shenmei; talvez eles estivessem fazendo algo em um dos níveis mais baixos. Ela se lembrou da *feifa* desmontada que vira na aldeia. Talvez eles estivessem pesquisando as armas aqui também.

Espero que nada exploda, ela pensou. Mas no momento ela não tinha tempo para se preocupar com essas coisas.

Os materiais deixados pelo apotecário anterior mostraram que, em busca de uma droga para a imortalidade, muitos experimentos também foram feitos em relação a uma droga para a ressurreição. Seu antecessor não estava longe disso, mas também não estava exatamente perto. No entanto, Suirei reviveu com sucesso com base nesses experimentos – então eles tiveram seu valor.

Quanto à droga que realmente importava – o elixir da imortalidade – havia apenas as observações mais básicas: produtos de beleza e coisas que poderiam ajudar a purificar os sistemas do corpo. Bem, o que mais se poderia esperar? Afinal, não existe simpatia. Nada cura todos os males.

Da mesma forma, a deterioração do corpo humano poderia ser retardada, mas nunca poderia ser interrompida. Viver uma vida decente, comer alimentos nutritivos e fazer exercícios regularmente – esse era o melhor método. Mas Shenmei queria algo que pudesse simplesmente tomar um gole e ficar dez anos mais jovem.

E não existe tal coisa. Maomao entendia isso perfeitamente, mas ela tinha orgulho de ser apotecária – e não fazer nada claramente não era uma opção.

"Acho que isso não é mais fácil para vocês do que para mim", disse ela aos ratos. Além disso, embora pudessem estar ali apenas para testar drogas, eram alimentados regularmente, por isso eram mais gordinhos do que um rato comum. Eles tinham um casal para procriar e mantinham os demais separados, para que a fortaleza não fosse invadida por crias de ratos.

Ela considerou o fato de que, para avaliar se uma droga para a imortalidade havia funcionado, ela teria que observar o rato pelo menos durante sua vida natural. *É o suficiente para me deixar tonta...* De acordo com os materiais do último apotecário, os ratos geralmente viviam cerca de três anos; talvez quatro em alguns casos individuais excepcionais. *E tenho certeza que não estarei aqui por quatro anos.*

Mesmo assim, ela começou a preparar a comida dos ratos gordinhos.

Era isso que ela estava fazendo quando ouviu uma voz lá fora. Houve passos também; era hora da troca da guarda. *Talvez isso signifique que vou comer em breve.* Ela já sabia que o café da manhã e o jantar geralmente chegavam depois da troca da guarda.

Ela largou o almofariz e o pilão, bocejou amplamente e esticou os braços, fazendo pequenos círculos com eles.

Então houve um baque.

Uh...

Ela viu algo no chão perto do batente da porta. Quando ela se aproximou, descobriu um pedaço de papel que parecia ter ficado preso embaixo da porta.

Ela abriu e encontrou uma mensagem em um rabisco confuso de criança: **"Corra. Vou tirar a guarda."** A mensagem incluía um pedaço de arame enrolado em um círculo para caber.

Kyou-u?, Maomao pensou. Talvez ele tenha percebido que ela era uma refém, ou talvez tenha percebido que mesmo estar nesta fortaleza era uma proposta perigosa – ela não sabia qual. Mas ela viu isso à sua maneira e apesar de ser um pirralho, ele estava pensando nela.

Infelizmente, o fino pedaço de arame não seria suficiente para abrir a porta desta sala. Por um lado, não era como se ela não tivesse bastante fio, e melhor, aqui mesmo com ela. Quanto ao plano em si, era tão simples e infantil quanto a caligrafia.

Ela ouviu a voz de Kyou-u do outro lado da porta. **"Me solta! Me deixa ir!"**

O que quer que ele tenha pensado que faria para cuidar do guarda, obviamente falhou.

"O que você achou que estava fazendo?"

Kyou-u estava sentado formalmente no chão, suas roupas levemente desgrenhadas por sua pequena agitação. O guarda chamou Suirei, que veio correndo quando soube que houve uma tentativa de libertar Maomao. Maomao também foi arrastada para fora do quarto novamente.

"O que você quer dizer?", Kyou-u disse, tentando se fazer de bobo.

Suirei lançou-lhe um olhar frio e depois virou-se para Maomao. **"Você o induziu a fazer isso, não foi?"**

“O que você quer dizer?”, Maomao perguntou, amassando discretamente o pedaço de papel em sua mão.

"**Oh! É isso, eu estava brincando como sempre quando vi que aquele guarda estava relaxando. Foi o que aconteceu.**" Kyou-u não se arrependeu totalmente e Maomao percebeu que sua melhor aposta seria seguir em frente. Até Suirei pareceu reconhecer isso. O único que parecia ter insistido foi o guarda, o mesmo que estava na porta de Maomao desde que ela chegou aqui.

"**Você está me chamando de mentiroso?",** Kyou-u exigiu.

Suirei ignorou seu protesto, mas lançou-lhe um olhar fulminante. **“Então não foi realmente nada? Então ouça: nunca mais quero que nada aconteça.”**

"**Sim, eu ouvi você.**"

O guarda ainda parecia pouco satisfeito, mas tudo estava bem quando terminava bem, desde que concordassem que tudo estava, de fato, bem.

Pelo menos acabou, pensou Maomao.

Exceto que não.

“Meu Deus, o que é tudo isso?”

Maomao sentiu um choque de medo arrepiar todo o seu corpo. Um *tak*, *tak* de passos soou pelo corredor. A dona devia estar usando tamancos de madeira para eles ecoarem daquele jeito.

A cor de Suirei ficou cada vez pior conforme o som se aproximava, e ela não estava sozinha – Kyou-u e o guarda também ficaram pálidos. Foi por isso que Suirei estava tentando tanto encerrar as coisas rapidamente.

E então Shenmei estava lá. Ela devia ter acabado de sair do banho, pois seu cabelo estava úmido, preso, mas não muito elaborado. Ela estava maquiada, mas mais leve que o normal, dando a impressão de que estava corada. Atrás dela estavam duas damas de companhia e Loulan.

Os olhos de Kyou-u brilharam por um instante quando as viu. Sua boca se contraiu, mas ele não emitiu nenhum som. Talvez uma das senhoras fosse sua mãe.

“Nada que mereça sua atenção, senhora.”

“Não, com certeza, me diga. Estou mais interessada em saber por que a apotecária não está no quarto dela.”

Era óbvio que desculpas incompletas não funcionariam com Shenmei. Suirei, curvando-se diante da realidade, disse bruscamente: **“Fiquei sabendo que Kyou-u estava brincando fora desta sala aqui e distraiu o guarda. Puramente por uma questão de formalidade, eu estava perguntando a apotecária sua perspectiva sobre os acontecimentos.”**

"Oh? Você tem sido um menino mau?” O olhar de Shenmei pousou em Kyou-u, cujos olhos começaram a transbordar de lágrimas. **“Isso não vai funcionar. Se você não se comportar, teremos que discipliná-lo.”** Ela ficou na frente de Kyou-u e acariciou sua bochecha, as unhas afiadas de jade em seus dedos cutucando sua pele macia. **“Talvez um pouco no fundo?”**

“Lady Shenmei—” Suirei começou, mas parou no meio da frase.

"Hum? Prossiga."

“Kyou-u é apenas uma criança. E ele não fez nada de importante...” Ela parou, sua voz ficando cada vez mais baixa.

Kyou-u ainda estava observando a dama de companhia atrás de Loulan, Suirei e Shenmei. A mulher tinha uma expressão vazia nos olhos.

Shenmei inclinou a cabeça. **“Bem, mas isso deve significar que alguém aqui fez um grande estardalhaço por causa de uma coisa tão pequena.”** Seu olhar se moveu para o guarda.

“Certamente que não, senhora”, disse ele.

"Não? E ainda assim parece que você é o culpado aqui. E isso significa que você tem que ser disciplinado.”

Em sua mente, Maomao quase podia ver a torção cruel da boca de Shenmei, escondida atrás de seu leque. Seria possível que esta mulher obtivesse prazer sexual infligindo dor aos outros?

“Talvez algum tempo na prisão de água para pensar sobre o que você fez?”

“Ma-madame!”

Nossa! Isso é ultrajante. Maomao não sabia exatamente o que era a "prisão de água", mas fazia demasiado frio para forçar alguém a permanecer em água parada.

Maomao duvidava que Shenmei se importasse com o motivo – ela apenas gostava de atormentar as pessoas. Maomao não queria mais nada com ela. Mas, ao mesmo tempo, pessoas como Shenmei a irritavam. Talvez seja por isso que ela estava falando antes que pudesse se conter. **"Sua velha bruxa."**

As palavras escaparam silenciosamente de sua boca, mas Shenmei pareceu ouvi-las com bastante clareza. Afinal, ela era a pessoa mais velha de lá.

Quase antes de ela saber o que havia acontecido, Maomao estava voando de lado, com a orelha e a têmpora latejando. Quando ela lutou contra a dor o suficiente para abrir os olhos, ela viu Shenmei, vermelha como uma beterraba, com o leque levantado.

Isto confirma isso. Sou uma idiota, pensou Maomao. Mas sua idiotice ainda não acabou.

"Eu disse ao menino para fazer isso", disse ela.

O rosto de Shenmei se contorceu de raiva; ela parecia um demônio guerreiro mítico. Alguém menos corajoso poderia ter se molhado com a expressão dela naquele momento. Mas Maomao tinha muita experiência com velhas cruéis.

O problema dela era que aquela velha cruel não conhecia restrições. Em seguida, o leque bateu com força em seu ombro.

"Outro apotecário inútil, pelo que vejo!" Shenmei cuspiu nela, enquanto Maomao segurava seu ombro. Shenmei respirou fundo, mas sua raiva obviamente não havia diminuído. **"Muito bem. Talvez possamos inspirar algum arrependimento. Coloque-a na prisão de água."**

Sim. Estou com problemas agora.

Ela mesma causou isso. *Comprei e paguei.* Talvez ela devesse ter ficado de boca fechada, sem se preocupar com Kyou-u ou com o guarda.

Mas havia outra idiota como Maomao.

"Mas Lady Shenmei, então ficaremos sem apotecário novamente."

"Hum?" Shenmei fez uma careta com as palavras de Suirei. Suirei deu um passo à frente como se quisesse dizer mais alguma coisa, mas o leque pousou prontamente em seu ombro. **"Não se mova sem ser avisada."**

“Minhas sinceras desculpas, senhora. No entanto-"

O leque desceu novamente, desta vez em sua testa, onde rasgou a pele, produzindo um fio de sangue vermelho. Shenmei agarrou o cabelo de Suirei e arrastou-a para perto, para que ficassem cara a cara. No momento em que Maomao estava se perguntando o que poderia fazer, ela lambeu o sangue que escorria da testa de Suirei. Maomao não sabia o que pensar.

“Por mais nobre que o sangue possa ter sido, uma vez manchado, nunca mais poderá ser limpo.” Shenmei cuspiu a combinação de sangue e saliva em um pedaço de papel e jogou-o em Suirei. **“Não posso mais usar isso”**, disse ela, jogando fora o leque que segurava. Uma das damas de companhia imediatamente estendeu outra para ela. Elas apenas carregavam um suprimento o tempo todo? Shenmei batia nas pessoas com tanta frequência?

Suirei enxugou a testa com um lenço, mas não se mexeu. Ela simplesmente ficou ali, com os olhos fixos em Maomao.

Parece que ela tem um forte senso de dever, pensou Maomao. Suirei agiu como se de alguma forma se sentisse responsável por Maomao. É verdade que foi em parte devido à sua própria curiosidade que a apotecária estava agora presa nesta fortaleza, mas mesmo assim Suirei estava obviamente tentando protegê-la. Mas ela estava enfrentando uma força muito maligna.

Loulan se aproximou da mãe, com o rosto impassível enquanto dizia: **“Querida mãe...”**

Shenmei não tirou os olhos da brincadeira com sua nova fã. **"Sim, o que?"**

“Já que tivemos todo o trabalho de prepará-lo, quero usar... Você sabe. Já faz muito tempo que não o usamos bem.”

O *que é “você sabe”*? Maomao se perguntou. A maneira como Loulan falou fez com que parecesse profundamente significativo.

"Ahh. O taibon”, disse Shenmei. Suirei se encolheu visivelmente.

Taibon? Parecia vagamente familiar, mas Maomao não conseguia lembrar o que era.

“É um pouco pequeno, mas certamente grande o suficiente para uma pessoa. Parece que me lembro do nosso último teste sendo bastante... eficaz.” Dessa vez ela olhou para Suirei, cujo rosto ficou ainda mais pálido e cerrou os punhos com tanta força que os nós dos dedos ficaram brancos. **“Sim, vamos continuar hoje”,** disse Shenmei com um

sorriso. Ela olhou para dois guardas que estavam com ela; cada um deles pegou um dos braços de Maomao e a arrastou embora.

Maomao foi levada para o porão da fortaleza, descendo uma escadaria de degraus angulares de pedra até um local bastante úmido. Havia uma porta de madeira que dava para uma sala circular com cerca de dois kan (3,5 metros) de diâmetro. O chão estava afundado em cerca de dois shaku (60 centímetros), mas fora isso parecia não haver nada nele. Os guardas empurraram Maomao para dentro da sala e penduraram uma lâmpada na parede. O teto ficava bem acima de sua cabeça; havia uma única janela, bem fora de alcance.

"Desculpe, garota. Ordens de Lady Shenmei", disse um dos guardas. Ele parecia simpático, por tudo que valia a pena.

Uma grande caixa de madeira foi trazida para a cela. O guarda olhou para ela, profundamente desconfortável. Então ele abriu a tampa e imediatamente saiu da sala e fechou a porta.

Algo se contorceu e se contorceu dentro da caixa. Algo tentando desesperadamente rastejar para a luz.

Ahh... entendo agora.

Sim, ela tinha ouvido falar do "taibon". Foi uma forma de punição inventada por um rei louco em alguma época antiga. Um cavou um grande buraco e colocou um criminoso nele. Um buraco ocupado por criaturas como aquelas que agora se contorcem dentro da caixa.

Maomao estremeceu, sentindo arrepios por toda a pele. Ela sabia agora porque Suirei tinha tanto medo de cobras.

A coisa contorcida levantou a cabeça em forma de foice da caixa. Uma língua longa e vermelha saiu de sua boca. Ela a observava com olhos úmidos, parecendo para todo o mundo uma corda viva. Alguns pequenos insetos saíram correndo do baú, seguidos por um sapo coaxando.

Maomao começou a rir. **"Ha... Hahaha!"** Seus olhos brilharam; um sorriso dividia seu rosto de orelha a orelha. Que criaturas lindas. Ela não via algo parecido há muito tempo.

Ainda rindo, Maomao tirou o prendedor de cabelo de seu cabelo e tirou o grampo das dobras de seu manto.

Da caixa explodiu um incontável desfile de cobras e insetos venenosos.

Capítulo 18: Feifa

Isso realmente foi útil, pensou Maomao. Vários pedaços de algo parecido com carne de peixe estavam presos na ponta de seu grampo de cabelo - o enfeite de cabelo que Shisui lhe deu poderia ser dividido em dois, e a parte pontiaguda serviria como um espeto ideal.

Maomao engoliu em seco enquanto observava a gordura escorrer da carne escaldante. *Eu só queria ter um pouco de sal. Ou pasta de soja! Sim, se eu pudesse ter tudo o que quisesse...*

Assim que a carne ficou boa e cozida, ela soprou-a com vontade, com as bochechas estufadas. Parecia um pouco ossudo, mas os mendigos não podiam escolher.

Tinha gosto de frango, mas havia um sabor distinto de peixe – porque o fogo havia usado óleo de peixe. A carne era suculenta e cheia de nutrientes – afinal, era quase época de hibernação – e a gordura salpicava os lábios de Maomao.

Enquanto mastigava, ela percebeu algum tipo de comoção lá fora. Ela queria grelhar o pescado antes que o fogo se apagasse, então ignorou o barulho, espetou outro pedaço de carne e começou a cozinhar. Ela não pôde deixar de murmurar: **“Eu realmente quero um pouco de sal...”**

Foi então que ela percebeu que havia um homem parado diante dela, parecendo pasmo. **"O que você está fazendo?"**

“Estou comendo. Por acaso você não teria sal, teria?”

“Claro que não tenho o maldito sal!”

Bem, foi um tiro no escuro, admito.

O homem olhou ao redor da sala e levou a mão à boca com um **“Argh!”** Tentando evitar vomitar, ao que parecia. Algo nele chamou a atenção de Maomao - um olhar mais atento revelou que ele era o guarda que havia participado da discussão dela antes. O que ele estava fazendo aqui?

“O que você está comendo?”

"Cobra, senhor."

“Eu gostaria que você tivesse dito peixe.”

Esse guarda diz as coisas mais estranhas, pensou Maomao. Mas estava tudo bem. Ela enfiou o resto da carne cozida na boca e engoliu.

"Achei que isto deveria ser uma câmara de tortura", disse o guarda.

"E suponho que para alguns seria um inferno."

Muitos talvez desejassem nunca ter colocado os pés naquela sala, mas para Maomao era um tesouro. A câmara apertada tinha quase cem cobras e insetos venenosos. Alguns foram cortados ou estavam sem cabeça. O resto rastejava estupidamente, devido à temperatura estar bastante baixa.

Quão estúpido você pode ser?, Maomao se perguntou. O que eles esperavam ao usar cobras no inverno? Normalmente, esses animais poderiam até estar hibernando a essa altura – é claro que se moviam lentamente. Para alguém tão experiente em capturar cobras como Maomao, não poderia ter sido mais simples agarrá-las e torcer-lhes o pescoço. E os insetos não estavam se movendo mais rápido. Você não esperaria que as cobras comessem os insetos, afinal? Alguns dos sapos idiotas foram avidamente atrás dos insetos tóxicos e depois caíram por causa do veneno.

Usando o grampo como uma *verruma**[1] e o palito que recebeu de Jinshi como se fosse uma adaga, Maomao matou primeiro as perigosas cobras venenosas. Eles devem ter lutado para capturar um número suficiente delas nesta época do ano, porque a maioria das serpentes na caixa eram criaturas inofensivas e não venenosas. Mesmo dos insetos e sapos, apenas cerca de metade eram venenosos.

Maomao ansiava por provar alguns desses venenos, mas não era o momento. Depois de lidar com as cobras obviamente venenosas, vieram em seguida aquelas sobre as quais ela não tinha certeza. As cobras inofensivas ela deixou sozinhas. As cobras não se esforçavam para atacar as pessoas e, novamente, não se moviam exatamente com rapidez.

No entanto, Maomao não estava ansiosa para ter cobras enroladas em volta dela naquele espaço apertado, então ela sentou-se em cima da caixa onde elas estavam guardadas e espalhou cinzas em volta dela. Ela sempre carregava remédios nas dobras de suas vestes; esse era o jeito dela. Ela realmente teria preferido o tabaco, mas dadas as circunstâncias, o melhor que podia fazer era queimar algumas ervas particularmente picantes e espalhá-las. (Ela pegou emprestada a lâmpada em vez de um fogo adequado.)

O guarda estava olhando para ela como se não pudesse acreditar no que estava vendo. **“Eu nem precisei aparecer”**, ele gemeu.

“Sim, por que você está aqui, afinal?”, ela perguntou.

Ele parecia um pouco mal-humorado.

“Senhorita Suirei e... e o pirralho, eles me pediram. Disseram que era porque você estava presa aqui que não estávamos sendo punidos. O pirralho não quis calar a boca sobre eu ter que resgatado você – ele disse que me daria isso.” O guarda segurava um enfeite de jade. Uma recompensa bastante rica, na verdade. Então ele olhou em volta e seu rosto estava pálido. **“Eu tenho que reconhecer isso. Eu teria enlouquecido aqui. Não pense que eu teria durado. A senhorita Suirei disse que eu deveria sair daqui rápido. Parece que algo perigoso vai acontecer.”**

As dobras das vestes do guarda estavam visivelmente inchadas, como se ele tivesse acabado de saquear um prédio em chamas. Quando Maomao olhou para fora, descobriu um homem inconsciente no chão – aparentemente obra de seu antigo guarda.

“Acho que você deveria correr também”, disse seu salvador. **“O sinal de fumaça já disparou.”**

"Sinal de fumaça?"

"Sim. O sinal de que um exército de vingança está vindo da capital." É disso que se trata todo esse barulho. E por que o guarda conseguiu alcançá-la tão facilmente.

"Obrigada. Você me ajudou muito", disse Maomao com sincera gratidão. Se ela estivesse presa aqui, as coisas poderiam ter ficado feias.

"Tudo bem, estou fora daqui", disse o homem. **"Uma última palavra de conselho, se você estiver aberta a isso. Bem em frente daqui há uma escada que leva para baixo – mas você quer evitá-la. Muitas coisas ruins acontecem lá e é muito viajado. Se você for correr, fique longe das escadas. Vá até os estábulos e roube um cavalo ou algo assim."**

"Coisas ruins?"

"Acho que eles estão fazendo pólvora. Você saberá imediatamente: fede demais."

Os olhos de Maomao brilharam. **"Obrigada novamente. Eu irei."**

"Ei! Você estava ao menos me ouvindo?" gritou o homem, mas Maomao o ignorou e foi direto para o porão.

Maomao desceu as escadas, mantendo uma das mãos apoiada na parede fria. As pedras carregavam as vibrações de tudo o que estava acontecendo nas profundezas. Quando ela finalmente teve um vislumbre do nível inferior, descobriu várias dezenas de homens trabalhando. Suas roupas deixavam seus ombros nus, e ela detectou um aroma distinto - não tanto a queima de enxofre, mas a fermentação de fezes de animais. Então essa era a fonte do odor que ocasionalmente subia até ela.

Havia uma pilha de aglomerados pretos. *Estrume de animais de fazenda?*, Maomao se perguntou. Mas era pequeno demais para isso, mais próximo do tamanho de bolinhas de rato ou de alguma outra criatura pequena. Ela tinha ouvido falar que excrementos de animais selvagens poderiam servir como componente do salitre – era isso que eles estavam fazendo com eles?

O porão estava mais quente do que ela esperava; eles provavelmente estavam mantendo a temperatura alta para ajudar a secar a pólvora que produziam. Era, francamente, assustador. Eles tinham um braseiro à distância, cercado por uma cortina para afastar as faíscas, mas e se um deles pegasse mesmo assim? Os homens aqui embaixo sabiam muito bem o quão perigoso era esse ambiente? Mesmo que nada explodisse, respirar esse ar por muito tempo acabaria sendo tóxico por si só. Não era um lugar muito bom para trabalhar.

A pólvora acabada estava sendo transportada por outra saída. Enquanto ela observava, Maomao ouviu passos atrás dela. Ela rapidamente se escondeu atrás de uma prateleira próxima, o coração batendo tão forte em seus ouvidos que ela teve medo de que alguém que estivesse passando pudesse ouvi-la.

Quando ela finalmente viu quem era, ela só conseguiu olhar: era Shisui, com uma aparência sombria. Então, novamente, talvez tivesse sido mais apropriado chamá-la de Loulan, vestida como estava com uma roupa ostentosa muito parecida com a de sua mãe. Ela parecia totalmente deslocada no porão sombrio e fedendo a excremento.

"Loulan...", Maomao começou a chamá-la, mas Loulan pareceu não ouvir; havia algo feroz em seus olhos quando ela entrou no porão. Os homens começaram a murmurar ao notá-la. Um deles deu um passo à frente, inquieto - ele deve ter sido o capataz. **"Jovem senhor—"**

"Saiam daqui agora", disse Loulan, sua voz ecoando pela sala subterrânea. Os homens se entreolharam, sem saber o que estava acontecendo. **"Essa fortaleza cairá em breve. Quero que vocês, homens, saiam antes que isso aconteça."**

Ela tirou uma grande bolsa das dobras de suas vestes e jogou-a no chão. Moedas de prata caíram, chamando a atenção dos homens; eles começaram a se empurrar para pegar o dinheiro. Assim que Loulan se certificou de que todas as moedas haviam sido reivindicadas, ela pegou a lanterna que segurava, ergueu-a acima da cabeça e atirou-a com toda a força que pôde.

Ela não pode estar falando sério.

A lâmpada fez um arco no ar e caiu direto na pólvora seca do fogo.

"Tudo bem, saiam daqui. Se vocês puderem", disse ela, com aquele sorriso inocente no rosto. Maomao imediatamente cobriu os ouvidos e se jogou no chão. Suas palmas mal foram suficientes para abafar o rugido que assaltou seus tímpanos. Vários dos homens a chutaram ou pisaram enquanto tentavam escapar.

As explosões se espalharam, primeiro o carvão e depois o esterco animal pegaram fogo.

Eu tenho que sair daqui, rápido, Maomao pensou, mas naquele exato momento ela viu alguém dar um dramático tropeço de lado. Vários pares de pés pisaram no tecido requintado da roupa da figura, manchando-o. Maomao agarrou a mão da pessoa e puxou.

"Oh? O que você está fazendo aqui, Maomao? Pensei que você estivesse em uma das celas." Loulan, com o cabelo completamente desgrenhado, olhou para ela perplexa. Não,

não parecia Loulan - neste momento, seu comportamento inocente a fez parecer com Shisui.

"Gostaria de lhe fazer uma pergunta semelhante", disse Maomao com um toque de aborrecimento, ao que Loulan estendeu a mão e acariciou-lhe a bochecha e a orelha direita.

"Você está bem? Você não está ferida?"

"O guarda me ajudou. E as cobras estavam deliciosas, obrigada." Maomao entendeu que tinha sido deliberada, da mesma forma que Loulan sugeriu o taibon como punição; acabou fazendo parte de seu plano à sua maneira. E Maomao não comia carne de cobra há algum tempo; ela gostou.

"Hum, não tenho certeza do que você quer dizer com isso. Embora eu esperasse que a punição fosse adequada para você."

Ela não sabia o que Maomao queria dizer? *Issoo vindo da garota que comia insetos alegremente*, pensou Maomao. Mas isso não importava; no momento, elas tinham que se apressar e sair dali.

"Temos que sair daqui rápido." Maomao pressionou a manga contra a boca de Loulan e começou a procurar uma maneira de escapar do porão. Com a intenção de escapar da fortaleza o mais rápido que pudesse, ela tentou arrastar a outra mulher consigo. Loulan, porém, começou a subir as escadas.

"O fogo só vai se espalhar", disse Maomao.

"Está tudo bem. Eu tenho que ir até lá."

Então Loulan subiu os degraus, com a saia surrada arrastando-se atrás dela. A fumaça subia agora, inundando o nariz de Maomao e fazendo seus olhos lacrimejarem. Se o fogo não os atingisse, os vapores tóxicos o fariam.

"Espere. Você vem?"

Não acredito que sou tão estúpida, pensou Maomao, e depois disse: **"Acho que sim".**

Teria sido bastante simples para Maomao escapar sozinha; os homens de antes já estavam se dirigindo para a saída da fortaleza, empurrando para serem os primeiros a sair.

“Se minha mãe descobrir, não será nada bonito. Eu conheço ela. Ela vai querer saber como isso aconteceu, mesmo que isso signifique ficar por aqui. Teremos sorte se conseguirmos escapar com algumas chicotadas.” Loulan parecia abatida; ela não parecia alguém falando sobre sua própria mãe.

“Parece que ela valorizou você enquanto crescia, pelo menos, Loulan.”

Loulan já havia dito algo sobre ser espancada se não conseguisse amarrar o cabelo ou fazer uma massagem adequadamente. Mas era difícil imaginar isso acontecendo com alguém do status dela.

“Minha mãe... Ela nem consegue se lembrar do meu rosto verdadeiro.” Quase desde que ela conseguia se lembrar, Loulan era pintado com rouge e pó clareador facial. Qualquer felicidade ou tristeza que ela demonstrou foi para sua mãe, como se ela fosse uma boneca. Como se ela estivesse usando uma máscara.

Antes de completar dez anos, ela soube da existência de sua irmã mais velha quando uma das empregadas morreu após uma surra especialmente violenta da mãe de Loulan, e seu pai acolheu a filha da mulher. Quando Loulan viu a mãe confrontar o pai sobre isso, com o cabelo por toda parte como o de um demônio enfurecido, ela se convenceu de que estava vendo o próprio inferno.

“Mamãe sempre foi cruel com minha irmã mais velha”, disse Loulan. Ela percebeu que Shenmei deve ter sido igualmente brutal com a mãe de Suirei, levando à morte da mulher. E então ela descobriu por que Shenmei odiava tanto a irmã mais velha. **“Ela perguntou se ele pretendia fazê-la de boba tanto com a mãe quanto com a filha. Ela disse que a filha era como a mãe, uma prostituta que fazia sabe-se lá o quê. Foi a coisa mais estranha ver alguém com roupas tão lindas dizer palavras tão sujas.”**

“Será que Suirei é...?” Maomao lembrou-se do que Shenmei disse quando lambeu o sangue de Suirei.

“Você não ouviu nenhum boato sobre isso no palácio interno? Havia uma mulher do palácio, a primeira vítima do ex-imperador – sua filha foi tirada dela. Essa mulher era a avó da minha irmã mais velha.”

Aquela mulher morreu sozinha e desamparada no palácio interno. Em seus últimos anos, dizia-se que seu único prazer era reunir histórias assustadoras.

“Lembra quando todo mundo quase sufocou contando histórias assustadoras? Pode ter sido obra daquela velha senhora. Depois que minha mãe fez coisas tão terríveis com ela, como ela poderia não me insultar, sua filha?”, Loulan riu.

“Não podemos nem dizer se os fantasmas realmente existem”, respondeu Maomao. Não havia como saber. Pelo menos, não no que lhe dizia respeito.

“Por que não estou surpresa que você diga isso?”, Loulan disse, sorrindo. **“Eu queria muito ver minha irmã mais velha. Às vezes eu ia até a casa dela vestida de empregada. Mamãe nunca me reconheceu e me fez trabalhar.”** Loulan, porém, naturalmente não era treinada nessas tarefas e muitas vezes sentia a ferroada do leque de Shenmei. Apesar dos golpes, ela ainda foi ver a irmã. E de alguma forma, Shenmei nunca percebeu quem ela estava “disciplinando”. Ela viu apenas uma humilde serva, não sua preciosa boneca que ouvia cada palavra dela.

“Você sabe por que minha mãe e meu pai se casaram?”, Loulan disse. **“Eles só queriam me usar. Meu pai carregava o sangue da aldeia oculta – supostamente a mesma linhagem de Wang Mu.”**

Maomao pensou nas máscaras de raposa. Loulan pintou um padrão nela como um tanuki mercurial. Talvez para ela o mundo das cores fosse o mesmo de Wang Mu.

“Mamãe ficava me dizendo que o que eles queriam era que eu me tornasse uma nova Wang Mu.” Com isso, Loulan parou em frente a uma sala no terceiro andar. Se Maomao se separasse dela agora, ela nunca descobriria o que Loulan estava planejando – e ela queria saber.

“Ei...” Maomao parou por um segundo, sem saber como continuar. Ela estava falando com Loulan ou Shisui? Ela não tinha certeza, mas em sua própria mente, ela sabia quem era essa mulher antes dela. E então ela disse: **“Shisui.”**

"Sim?" Shisui perguntou, sorrindo, com a mão na porta.

“Eu sei que havia substâncias flutuando no palácio interno destinadas a induzir um aborto espontâneo. Você também manteve algumas em mãos?” Shisui ainda estava sorrindo. **“Para usar em você mesma?”**

A expressão de Shisui não mudou. Ela simplesmente abriu a porta. **“Você realmente é esperta, Maomao. Eu sabia que era a escolha certa trazer você aqui.”**

Maomao lembrou-se da história assustadora que Shisui havia contado, sobre os insetos com o grito de sino. Eles eram uma espécie de inseto que Shisui pegou uma vez no palácio interno. E o apotecário anterior aqui havia escrito extensivamente sobre eles em seus livros. Você poderia mantê-los em uma gaiola; eles faziam o som mais lindo. Mas quando chegasse o outono, os insetos comeriam uns aos outros. A fêmea comeria o macho. Fazia parte do seu ciclo reprodutivo.

Esse parecia ter sido o objetivo da história de Shisui, mas por que ela escolheu contar essa história naquela época? Maomao pensou que ela sabia agora. Ela estava falando sobre si mesma.

Se ela engravidasse, ela devoraria o pai da criança.

A jaula era o palácio interno; os insetos machos e fêmeas, o imperador e suas mulheres. Não era uma alegoria muito respeitosa, mas certamente se encaixava. Shisui temia isso. Perto da área onde ela estava pegando insetos, havia plantas-lanterna e flores brancas – ingredientes para um abortivo.

Elas entraram na sala. Havia uma cama grande com crianças dormindo nela. Kyou-u também estava lá; só ele estava no chão.

Deve ter saído, pensou Maomao. Ela odiava acordá-los, mas eles tinham que tirar as crianças de lá. Ela foi até a cama e parou. **"O que é isso?"**

Algo estava errado. A saliva escorria da boca das crianças e suas mãos agarravam os lençóis. A pele deles estava fria. Maomao pegou um deles pelo pulso e sentiu o pulso. **"Ele não está respirando."**

Na mesa ao lado da cama havia uma jarra e xícaras suficientes para todas as crianças. Shisui, com os olhos cheios de compaixão, aproximou-se da cama e estendeu a mão para tocar as crianças.

Maomao, furiosa, ergueu a mão dramaticamente, mas lutou contra a vontade de derrubá-la sobre Shisui. **"Você os envenenou?"**

"Era remédio..."

Maomao apertou a mão trêmula em punho.

"Nós mostramos nossa mão agora", disse Shisui. **"Você não consegue ver? Todo o nosso clã será executado."** Incluindo até as crianças pequenas. Eles também seriam levados à forca, sem entender o que seus pais haviam feito. **"Eu misturei com um suco doce e gostoso para eles. Em uma sala agradável e aconchegante, depois de todos termos gostado de olhar juntos um pergaminho de imagens. Eu me pergunto se algum deles ficou chateado com isso. Se talvez eles quisessem dormir com suas mães. Sinto muito, pequeninos. Mas suas mães eram amigas das minhas. Kyou-u chegou atrasado... Deve ter sido porque ele estava tentando ajudar você, Maomao."** A sugestão de um sorriso apareceu na bordas de seus lábios. **"Ele, acho que ele poderia saber. Eu o vi morder o lábio, mas ele bebeu todo o suco mesmo assim. Eu realmente não queria trazê-lo aqui."**

“E por que você me trouxe aqui?”

Shisui sorriu como se dissesse que Maomao deveria saber. **“Eu esperava que houvesse outra maneira de trazer você até aqui, mas simplesmente não deu certo.”**

Então foi assim. Maomao deixou cair a mão. Houve um baque forte vindo de fora, mas ela não conseguia desviar o olhar do rosto de Shisui.

“Dizem que mamãe nunca foi assim, mas eu me pergunto. É assim que ela tem sido desde que nasci, pelo menos. Ela atormentava minha irmã mais velha toda vez que a via, e as jovens damas de companhia também. Ela ensinou seus parentes a beber e se debochar com os homens. Meu pai nunca disse nada a ela; ele nunca poderia ir contra ela. Ele estava apenas esperando que ela o perdoasse.”

A mãe de Shisui, essa Shenmei, era louca. Estava claro de ver.

“Ela é como um inseto, consumindo o marido quando nasce um filho. Na verdade, as aranhas são melhores. Pelo menos elas fazem isso para que seus filhos possam sobreviver.”

Shisui odiava a ideia de se tornar mãe - tanto que ela inventaria e consumiria seus próprios abortivos. Maomao percebeu que ela estava aprendendo a razão mais importante para isso. Nem todas as mães eram como Shenmei. Mas Shenmei era a única mãe que Shisui teve.

“Tomei a liberdade de aprender um pouco sobre sua formação, Maomao. Parece que a sua educação não foi tão diferente da da minha irmã.” Significando, talvez, que ela foi criada por um ex-médico ou que seu pai biológico era um alto funcionário.

“Eu não tenho pai nem mãe. Apenas meu pai adotivo”, disse Maomao.

“Ei! Minha irmã diz o mesmo tipo de coisa. Bem, acho que faz sentido. Ela fica jurando que não é minha irmã mais velha.”

O que Shisui estava querendo dizer?

“Acho que ela está certa. Não há como ela ser minha irmã. Nosso pai é um tanuki. Tenho certeza de que ele tem algum grande plano, tentando colocar as mãos na linhagem do imperador.”

Não é a irmã de Shisui? Essa era a maneira dela de dizer que não tinha nenhuma ligação com o clã Shi?

Que mentirosa.

Shisui era na verdade muito parecida com Suirei – principalmente com a aparência inexpressiva que ela usava agora. Shisui adorava sua irmã mais velha, mas naquele momento ela negava que o relacionamento existisse.

"Se esses pequeninos fossem insetos, eles poderiam ter conseguido dormir durante o inverno", disse Shisui, sua mão acariciando as crianças mais uma vez.

Sim, se fossem insetos...

Maomao entendeu. Ela sabia agora por que Shisui a queria aqui. Maomao olhou para ela sem dizer nada. Houve apenas uma sugestão de lágrimas nos olhos de Shisui. Maomao estava prestes a estender a mão, mas Shisui balançou a cabeça.

Ela poderia fugir também! Maomao pensou. Mas mesmo Maomao não tinha ideia do que Shisui poderia fazer depois disso. Maomao não sabia nada de política; ela não poderia ter se importado menos com o assunto. Ela só queria aprender o máximo que pudesse sobre medicina, pesquisar e estudá-la e inventar diferentes medicamentos. Isso era tudo que ela queria da vida.

Deveria ter sido o suficiente.

Esqueça as outras pessoas. Coloque-se em primeiro lugar. O que eles pensaram que aconteceria, trazendo-a aqui?

Mesmo assim, Maomao estendeu a mão.

Shisui a rejeitou. **"Eu tenho meu próprio papel a desempenhar. Por favor, não me impeça."**

"Existe algum significado para isso?", Maomao não sabia para onde Shisui estava indo, mas o resultado era fácil de imaginar.

"Teimosia."

"Apenas esqueça isso!"

Shisui sorriu maliciosamente. **"Pense desta forma, Maomao. Digamos que você recebeu um veneno que nunca tinha visto antes e lhe disseram que só teria uma chance de experimentá-lo. O que você faria?"**

“Eu beberia até a última gota”, ela respondeu imediatamente. Que outra resposta poderia haver?

"Pensei isso." Shisui levantou-se, sorrindo, e foi sair da sala, com passos tão leves como se ela estivesse simplesmente saindo para fazer compras.

Ela está indo embora...

Maomao não sabia o que fazer; ela não tinha ideia do que esse momento exigia. Ela tentou encontrar as palavras certas, mas não saiu nada. Ela só conseguiu estender a mão e agarrar a mão de Shisui. **“Pelo menos deixe-me fazer uma oração.”**

"Uma oração? Isso não é típico de você, Maomao.”

"De vez em quando. De vez em quando na lua azul.” Maomao tirou o palito do próprio cabelo e colocou-o na gola de Shisui.

“Você sabe que esse não é o meu cabelo, certo?”

“Se eu colocasse no seu cabelo, você ficaria bonita demais.” A cabeça de Shisui já estava cheia de prendedores de cabelo. Dizia-se que esses acessórios afastavam os maus espíritos, mas muitos pareciam capazes de atraí-los ao mesmo tempo. **“Devolva para mim algum dia. Foi um presente."**

“Você é boba. Vou vendê-lo.”

"Tudo bem, então." Esse palito de cabelo em particular era simples, mas de um acabamento incomumente fino. Aquele que o deu a ela poderia ser especialmente obstinado, então havia toda a possibilidade de que, assim como seu dono original, ele conseguisse de alguma forma encontrar o caminho de volta para ela.

"Você tem um pouco de fuligem em você." Maomao ergueu um espelho ao lado da cama.

“Ah, você está certa. Eu pareço um tanuki.” Shisui riu. Ela riu e então olhou para Maomao. **"Você sabe o que você precisa fazer."** Ela se virou.

A porta se fechou com um estalo. Seus passos ficaram cada vez mais suaves à distância.

Maomao se viu olhando para o teto sem saber bem o porquê. Apenas inclinando a cabeça para trás e olhando. O prédio tremeu com uma série de explosões cada vez mais altas.

Capítulo 19: As Marchas do Exército

Vamos atrasar um pouco o relógio.

Jinshi estava em uma carruagem balançante e sacudida, sentado em frente a um homem com uma expressão azeda no rosto. Mas talvez "carruagem" não fosse a palavra certa. Puxada por nada menos que dez cavalos, aquela era mais uma casa sobre rodas. O chão estava coberto com pele de animal e havia uma mesa no meio da cabana.

Lakan, um homem conhecido por seu sorriso implacável, olhava agora para um mapa com evidente aborrecimento. Atrás dele, seu filho adotivo estudava as expressões de Lakan e Jinshi e enfiava um recibo nas dobras do manto. Este homem, Lahan, foi a segunda pessoa mais mesquinha que Jinshi já conheceu, depois da senhora da Casa Verdete, mas nesta ocasião, ele ficou mais do que feliz em reconhecer que Lahan salvou seu pescoço.

Ele sentiu que poderia ser atacado a qualquer momento. A intervenção do eunuco Luomen acalmou com sucesso o pior da raiva de Lakan, mas ainda ardia. Atrás de Jinshi, Gaoshun estava preparado para desembainhar a espada em seu quadril a qualquer momento. Esse era o tipo de represália que alguém arriscava ao levantar a mão contra Jinshi, mas no momento Lakan provavelmente não se importava. Jinshi suspeitava que ele teria ficado igualmente feliz se pulasse em cima de Jinshi e o espancasse até deixá-lo sem sentido.

O homem estava muito preocupado. Lahan, no entanto, estava se mostrando útil para controlá-lo. **"Pai, pergunto de forma puramente hipotética, mas se um homem praticasse violência contra um membro da família imperial, o crime não recairia apenas sobre ele, não é?"** Foi uma pergunta indireta, com certeza, mas foi o suficiente para evitar que Lakan fizesse algo precipitado.

Atacar Jinshi seria o fim da família de uma pessoa. Mesmo a filha de Lakan, Maomao, não seria poupada. Lakan não era fácil de enganar e ele sabia exatamente quem era Jinshi - foi por isso que lhe pediu para mobilizar o exército. Ele suspeitava que Lahan também tivesse adivinhado a verdade. Por quê? Quando ele perguntou, ele recebeu as respostas mais típicas do clã La: **"Porque sua altura, peso, peito e torso são exatamente o mesmo número. Essas pessoas são muito, muito raras."** Como sempre, a maneira de Lahan ver as coisas era mais ou menos inescrutável para os outros. **"Você é terrivelmente adorável; é uma pena que você não tenha nascido mulher"**, acrescentou.

Isso deu arrepios em Jinshi. É verdade que o primo de Maomao parecia e agia de maneira muito parecida com ela, mas, infelizmente, Jinshi não agia dessa forma.

Mesmo assim, ele reconheceu o talento quando o viu e obteve permissão especial para que este oficial civil o acompanhasse nesta expedição militar.

Hoje, Jinshi não era o eunuco Jinshi. Seu cabelo era preso por um prendedor de cabelo prateado, e ele não usava seu habitual traje preto de oficial, mas uma armadura e um capacete roxo-azulado, com forro grosso de algodão.

"Espero que ele consiga distinguir vitória e derrota melhor do que nós podemos distinguir se ele é homem ou mulher." Esse foi Lakan. Ele estava certo sobre uma coisa: havia chegado a hora de Jinshi trocar de pele de eunuco. Eles lideravam um exército e tentavam coordenar vários planos ao mesmo tempo.

"Você tem certeza disso?", Jinshi perguntou.

"Não haverá problemas", garantiu-lhe Lahan. O mapa diante deles mostrava uma fortaleza com montanhas ao fundo. O mapa era mais antigo, já que a fortaleza não era usada há algum tempo, mas eles encontraram soldados que estiveram lá para atualizá-lo e garantir que fosse o mais preciso possível.

Lahan acreditava que armas de fogo estavam sendo produzidas naquela fortaleza. A região norte tinha madeira em abundância. Muitos desejavam desesperadamente controlar o local na esperança de capitalizar seus recursos madeireiros, mas o clã Shi o defendeu com firmeza.

Havia fontes termais próximas também. Uma excelente fonte de enxofre. Mas havia mais um ingrediente que seria necessário para criar a pólvora de fogo.

"O que eles fariam com o salitre?"

"Os pequenos animais gostam de hibernar na região, talvez por causa das fontes termais. Existem grandes cavernas nas proximidades." Isso implicava a presença de quantidades substanciais de fezes de morcego. Seria possível criar salitre a partir dos excrementos.

Jinshi grunhiu. Se os defensores tivessem armas de fogo, era pouco provável que trouxessem *feifas* individuais para atacar uma força de ataque. Não, eles teriam algo nas muralhas da fortaleza projetado para devastar em massa um inimigo que avança: canhões. Canhões; esse seria o perigo real.

Mas se Jinshi conseguisse pensar nisso, poderia ter certeza de que Lakan já estava bem ciente da possibilidade. Para ele, o mapa provavelmente parecia nada mais do que um tabuleiro de Go. Ele apontou para o penhasco atrás da fortaleza.

“É teoricamente possível dominá-los antes que possam usar os seus canhões”, disse Lahan com firmeza.

“Você ouviu cérebro de ábaco”, disse Lakan, batendo na cabeça de seu filho adotivo. A pólvora necessária para fazer um canhão funcionar molhava-se facilmente. A pólvora poderia ser mantida perto dos canhões o tempo todo, mas, nesse caso, estaria em um arsenal para mantê-la seca. A fortaleza ficava em uma altitude elevada e a neve caía com frequência. Os batedores relataram que naquela mesma noite o material estava caindo fortemente.

Se as forças de Jinshi simplesmente avançassem sobre a fortaleza, seriam alvos fáceis. Assim, foi sugestão de Lakan que eles deveriam retirar o depósito de pólvora para negar ao inimigo o uso de seus canhões. E a maneira como ele inventou isso foi bizarra. Bizarra, mas possível. Era isso que o tornava tão temível.

“Acho que será uma forma muito econômica de lidar com as coisas”, disse Lahan. Provavelmente foi essa palavra, *econômica*, que o convenceu a aderir ao plano. No tempo relativamente curto que passaram juntos, Jinshi sentiu que havia conseguido um controle impecável sobre como o homem pensava.

“Devemos forçar a entrada e encontrar Maomao. Papai vai salvá-la!”

Jinshi suprimiu uma careta ao ouvir a palavra “papai”. Ele não podia ser visto fazendo caretas assim.

Ele mordeu o lábio ao pensar na jovem diminuta. Ela foi feita refém ou houve algum outro motivo? Será que ela teria agido por vontade própria? Fosse o que fosse, ela estava no acampamento inimigo e ele queria resgatá-la o mais rápido possível.

Jinshi cerrou o punho. **“Faremos isso, então”,** declarou ele.

“Espere um momento, por favor”, disse Gaoshun. Franzindo a testa, ele se ajoelhou diante dele. **“Eu vejo um problema.”**

"Que tipo de problema?", Lakan e Lahan pareciam tão perplexos quanto Jinshi.

“Meus bons senhores esqueceram a natureza deste exército?”

Eles estavam liderando uma força mais que grande o suficiente para controlar uma fortaleza desse tamanho. Se seguissem o plano de Lakan, não poderiam esperar praticamente nenhuma vítima.

“Vocês estão, senhores, sugerindo que o Exército Proibido se rebaixaria a uma emboscada?”

Jinshi engoliu em seco e estendeu a mão para tocar o pedaço de cabelo em sua cabeça. Foi esculpido na forma de um qilin – um símbolo da família imperial.

Ele passou tanto tempo como eunuco que às vezes sentia que corria o risco de esquecer sua verdadeira identidade. Neste momento, porém, ele não era Jinshi e, considerando quem ele era, cabia a ele subjugar o inimigo com ousadia e abertura.

Ele entendeu tudo isso. E ainda assim as palavras que saíram de sua boca o traíram. **“Estou de acordo com o grande comandante.”**

“Entendido, senhor”, disse Gaoshun, e obedientemente recuou. Seus olhos estavam no homem atrás dele, e seu olhar penetrante fez os cabelos da nuca de Jinshi se arrepiarem.

“Excelente. Não estou interessado em fazer um copo com meu próprio crânio”, disse Lakan. Então ele bufou e saiu da carruagem, passando pela cortina. É verdade que eles não estavam se movendo muito rápido, mas ainda assim foi um salto. Jinshi achou que Lakan parecia ter caído ligeiramente ao bater no chão - ele estava bem?

Lahan trabalhava furiosamente no ábaco, certificando-se de que não havia erros nos cálculos.

Os pensamentos de Jinshi foram interrompidos por uma voz. **“—getsu.”** Era Gaoshun, chamando-o pelo seu verdadeiro nome. A ruga em sua testa parecia ter ficado mais profunda. **“Você vai ter que mudar a forma como interage com a jovem depois disso.”** Ele parecia estar repreendendo uma criança.

"Eu sei." Jinshi suspirou profundamente, sua respiração embaçando-se no ar frio. Ele estremeceu e puxou a capa branca com capuz sobre a cabeça.

○●○

Passava pouco da meia-noite quando ele ouviu as explosões. Querendo saber o que estava acontecendo, Shishou se levantou, pegando a espada que sempre guardava ao lado da cama.

Ele estava na cama, mas não conseguia dormir. O tribunal poderia considerá-lo “o velho tanuki”, mas até ele tinha pequenas coisas que o mantinham acordado à noite. Na verdade, como ele poderia dormir? Durante uma década ou mais, ele tentou e descobriu que era impossível.

Ele ouviu gritos na sala ao lado, surpresa com o barulho, talvez -, mas logo se acalmou. As vozes das mulheres que se divertiam voltaram ao seu burburinho habitual. A apenas uma parede de distância, sua esposa devia estar saboreando seu vinho. Ela parecia deleitar-se em levar as mulheres do clã à lascívia, brincando com homens pagos. Era assim que ela se comportava quase todos os dias desde que sua filha Loulan nasceu, certificando-se de se perder no prazer onde Shishou soubesse disso.

As mulheres que a acompanhavam tinham ficado relutantes no início, mas agora gostavam dessas diversões. Sua esposa sempre escolheu mulheres já casadas, que tivessem filhos, cumprindo seus deveres familiares. Ela teve prazer em ver essas esposas virtuosas se debochando.

Ela nem sempre foi assim. Shishou saiu para sua varanda e olhou para longe. *Um ataque inimigo*, pensou ele. As luzes do exército - talvez o Exército Proibido - ainda estavam distantes. Desta fortaleza em seu poleiro alto, era possível ver muitos metros ao longe. Ele ainda teve tempo de dar algumas piscadelas.

Então Shishou torceu o nariz – havia um cheiro estranho no ar. Isso era... enxofre? Eles estavam fazendo pólvora no porão. Será que explodiu?

Claro. Ele apertou o colarinho. Ele tinha que fazer alguma coisa, pensou ele, mas não se mexeu. Era patético, mas a força simplesmente não vinha. O velho e astuto tanuki, favorecido pela imperatriz reinante, e a quem até mesmo o monarca reinante mal conseguia olhar nos olhos - não era isso que Shishou era neste momento. Até ele mesmo reconheceu isso.

Segurando a barriga (ela começou a se projetar abrupta e dramaticamente após seu quadragésimo aniversário), ele avançou, um passo após o outro. Para sair e descobrir o que estava acontecendo, ele teria que passar pelo quarto da esposa. Isso o doeu mais do que qualquer coisa.

A mulher que o ex-imperador lhe deu de presente - ou melhor, sua noiva, a quem ele esperou vinte anos para que lhe fosse devolvida - deixou crescer espinhos durante seu tempo no palácio interno. Quando ela finalmente voltou para Shishou, ele já tinha uma esposa e uma filha—Suirei.

Ele nunca teve a intenção de se casar com outra pessoa. Mesmo a mulher que se tornou sua esposa provavelmente não queria isso. Ela nasceu no palácio interno e foi banida como filha ilegítima - embora seu pai não fosse outro senão o ex-imperador.

Tinha sido o desejo do ex-soberano. Um pedido quando sua saúde começou a piorar repentinamente, há vinte anos. **“Por favor, cuide da minha filha”**, ele disse.

A esposa de Shishou passou a ter não apenas espinhos, mas veneno.

Ele tinha que fazer alguma coisa, e rapidamente. Ele repetia isso para si mesmo e finalmente conseguiu abrir a porta. As prostitutas pareciam assustadas e as mulheres, com o mínimo de modéstia que ainda restava, lutaram para se cobrir com os lençóis.

Enquanto isso, sua esposa estava deitada no sofá, dando uma longa tragada no cachimbo. Seus olhos eram penetrantes e cheios de desprezo. "**O que foi aquele barulho?",** ela disse languidamente, fumaça roxa saindo de sua boca.

Shishou estava prestes a dizer a ela que estava indo descobrir quando a porta do corredor se abriu. Loulan ficou ali, coberta de fuligem.

“O que você está fazendo aqui em um estado tão patético?” A esposa de Shishou disse.

“Você é a última pessoa que tem o direito de me perguntar isso”, Loulan rebateu, com um olhar penetrante para as mulheres brigando pelas cobertas. **“Todas vocês, que abandonaram seus filhos para se perderem em uma vida de excessos.”**

Uma das mulheres, chocada ao lembrar-se do seu próprio filho pelas palavras de Loulan, fez menção de fugir da sala, mas Loulan deu-lhe um tapa na bochecha. Quando a mulher caiu no chão, as prostitutas fugiram, percebendo o quão desesperadora a situação havia se tornado.

Shishou mal conseguia acreditar que estava vendo sua própria filha. Ele sempre acreditou que seu Loulan era uma criança afetada e obediente. Ela vestiu as roupas que sua mãe lhe disse para vestir, como uma bonequinha.

Enquanto isso, Loulan entrou no quarto, abrindo as portas dos guarda-roupas encostados na parede. Quando ela abriu o maior, encontrou uma jovem enfiada dentro dele.

"Minha querida irmã. Desculpe. Demorei um pouco mais do que eu pretendia.”

A jovem trêmula estava com as mãos e os pés amarrados – ela estava sendo disciplinada. Muito parecida com Loulan, ela era a outra filha de Shishou, Suirei.

Loulan libertou Suirei, esfregando suas costas suavemente. Era óbvio, pela facilidade e suavidade com que ela fazia tudo, que esta não era a primeira vez que isso acontecia. Ou a segunda. Shishou sentiu seu estômago despencar ao perceber o quão profundamente ele havia falhado.

E então Loulan se virou e olhou para seu pai, Shishou. Ela sorriu para ele. **"Pai. Pelo menos assuma a responsabilidade aqui nestes últimos momentos."** Ele não teve tempo de perguntar a responsabilidade pelo quê, pois ela continuou: **"Você é o velho tanuki, o malandro transformador, da aldeia das raposas. Vamos desempenhar nosso papel até o fim."**

Houve outro rugido e desta vez toda a fortaleza tremeu. Shishou agarrou-se à parede em busca de apoio e voltou para a varanda para descobrir o que havia acontecido desta vez.

Ele viu flocos de neve flutuando por toda parte. Tudo a leste da fortaleza estava completamente branco e ele não conseguia ver nada. A princípio, ele não entendeu o que havia acontecido. Porém, quando a névoa de neve começou a se dissipar, ele viu: o prédio que deveria estar ali estava enterrado. O arsenal, como ele se lembrava. Agora estava meio inundado de neve.

Enquanto olhava estupidamente, Loulan disse: **"Você deveria saber que esse era um oponente que você nunca poderia vencer. Por favor, assuma a responsabilidade."** Ela, acrescentou, lidaria com a mãe.

Então a filha dele, com o cabelo levemente chamuscado balançando, caminhou até a mãe, parecendo absolutamente majestosa, e ficou diante dela.

Assuma a responsabilidade, dissera sua filha. Shishou cerrou o punho, decidido.

Capítulo 20: A Emboscada

Esses caras devem ser malucos, pensou Lihaku.

À sua frente, as tropas privadas de Shishou se encolheram, dominadas pelos intrusos. Eles pegaram lanças com pressa quando os atacantes apareceram, mas não eram páreo para Lihaku e seus homens, que se prepararam completamente.

Lihaku estava aqui para levar o traiçoeiro clã Shi sob custódia. Tinha que ser traição: de que outra forma poderiam interpretar a reconstrução de uma fortaleza abandonada a sessenta quilômetros ao norte da capital? A presença de soldados reais? Foi tão bom quanto uma rebelião aberta.

Apesar do tamanho da fortaleza, planejar uma rebelião com nada além disso era o cúmulo da tolice. O líder do clã Shi, Shishou, era uma pessoa de considerável influência na corte. Ele tinha tanto domínio sobre o imperador que até conseguiu expulsar uma das ex-altas consortes e instalar sua própria filha em seu lugar.

Lihaku inclinou a cabeça, perplexo, enquanto balançava o porrete. Shishou enlouqueceu de ganância ou simplesmente ficou louco? Por mais encurralado que pudesse ter se sentido, desaparecer da capital e se esconder em um lugar como aquele era o mesmo que pedir para ser tratado como um rebelde. Lihaku se perguntou se o homem conhecido em toda a corte como "o velho tanuki" realmente faria algo tão estúpido.

Mas, de qualquer forma, Lihaku era um oficial militar. Ele poderia deixar a reflexão para outros; ele simplesmente tinha que fazer seu trabalho.

Ele bateu com a clava no pé de um soldado inimigo e depois tirou as pernas do homem de debaixo dele. Atrás dele, subordinados em capas brancas amarraram os inimigos dominados. Lihaku estava usando uma capa branca como a deles, mas a jogou fora há alguns minutos porque ficava atrapalhando. De qualquer forma, respingos de sangue apareceram claramente no branco. Não era realmente uma coisa apropriada para usar em batalha.

No entanto, permitiu que eles se misturassem à neve. Perfeito para se esconder à vista de todos. Especialmente em uma noite sem lua.

Lihaku e suas tropas avançaram sem tochas. O próprio esquadrão se dividiu em dois quando se aproximaram da fortaleza: uma unidade de infantaria avançada, cheia de homens que sabiam como se comportar na neve e confiavam em suas habilidades; e um segundo grupo, vários metros atrás.

Foi mais ou menos assim: os guardas da fortaleza notaram as luzes do grupo de retaguarda, mas perderam completamente a unidade mais próxima avançando no escuro. Eles acreditavam que o inimigo estava muito mais longe do que eles.

Lihaku e suas tropas também tiveram um problema. Durante vários metros, eles tiveram que atravessar um campo aberto e vazio. Poderia ter sido possível com algumas estrelas visíveis, mas com o céu negro, seria muito fácil perder o senso de direção.

Lihaku terminou de amarrar um inimigo e soltou um suspiro. Algo caiu de seu colarinho.

"Boa ideia, essas coisas", comentou ele, pegando o objeto de madeira em forma de peixe onde havia caído na neve. Isso lhe permitiria determinar a localização da fortaleza.

O peixinho continha um ímã. Coloque-o em um balde com água e isso o ajudará a determinar em que direção você está indo. Era um implemento comum em navios. A superfície do peixe estava polvilhada com estranhas partículas brilhantes, de modo que podia ser lido mesmo na escuridão da noite. As partículas supostamente vieram de algum cogumelo que brilhava no escuro.

Havia outro aspecto da emboscada também. Lihaku olhou para a avalanche que desceu do penhasco com grande espanto. **"Quem criou esse plano devia ser maluco... Louco como uma raposa."**

Essa era uma das razões pelas quais esta fortaleza foi abandonada: as áreas próximas às fontes termais tendiam a sofrer muitos terremotos. Houve um grande problema algumas décadas antes, grande o suficiente para alterar a geografia local. Ele havia raspado parte da montanha, de modo que agora ocorriam avalanches durante o inverno. Não eram grandes e não eram muito frequentes, mas não era uma característica promissora para uma posição defensiva.

Acontece que esta avalanche foi provocada pelo homem. Estava mais frio do que o normal este ano e a neve era profunda. Vários dos montanhistas mais experientes da vanguarda haviam partido carregando lanças de fogo. Lihaku perguntou-se o porquê – essa deve ter sido a razão.

Ele estava abrindo caminho pela neve imunda quando avistou alguém entrando na fortaleza. Um homem, com sua capa branca e longos cabelos negros, adorável à noite. Lihaku, que nunca esperou pensar em qualquer homem como "adorável" – muito menos no meio de uma batalha – sorriu ironicamente para si mesmo.

Nunca se esperaria ver este homem no campo de batalha. Com suas feições impecáveis, ele era ao mesmo tempo o zelador do jardim que era o palácio interno e, possivelmente, uma de suas flores. Mas com ele, "flor" pode ser entendido como uma referência a outra coisa: o significado do nome Ka. O cabelo do homem, parcialmente preso, era preso com um prendedor prateado. Qualquer um que visse o desenho teria se jogado no chão.

O nome de seu país, Li, foi escrito repetindo o caractere de espada três vezes. Mas acima dessas espadas havia um símbolo que significava grama – ou flor. Em todo o país existiam apenas duas pessoas com o nome Ka. E ele era um deles.

Ele nunca deveria ter estado aqui, normalmente não. Ele não deveria estar em uma marcha noturna, caminhando vários metros em completo silêncio. Mesmo esse grupo de homens escolhidos especificamente por sua força física estava demonstrando tensão no final. Mas aquele homem, possuidor de um rosto tão belo e delicado quanto o de uma ninfa celestial, segurava um sabre de folha de salgueiro e usava uma armadura roxo-azulada para indicar aos que o rodeavam quem ele era.

Era o eunuco Jinshi quem ficou ali, no que deveria ser uma posição de homem. O jovem eunuco com o favor do imperador, tão bonito que às vezes começavam a circular rumores desagradáveis. Deve ter havido mais do que alguns queixos caídos quando ele se adiantou para assumir o comando, e vários oficiais ficaram positivamente pálidos. O

jovem mestre era popular entre ambos os sexos, tanto que até os homens ocasionalmente tentavam convencê-lo.

Lihaku ficou tão chocado quanto qualquer um. Recentemente, Gaoshun, que sempre serviu de perto com Jinshi, fez uma série de pedidos a ele. Um deles foi selecionar entre seus subordinados e colegas homens que tivessem bastante resistência e lidassem particularmente bem com o frio. Agora ele sabia do que se tratava.

O jovem não usava mais o nome Jinshi, mas Lihaku não conseguia falar o nome Ka. Poderíamos escrevê-lo, sim, mas aqueles que poderiam realmente dizê-lo em voz alta eram realmente poucos.

Jinshi entrou na fortaleza e Lihaku veio atrás dele para não ficar para trás. Gaoshun não estava em lugar nenhum, mas em seu lugar um jovem guerreiro de aparência severa ficou perto de Jinshi. Lihaku seguiu os dois para dentro.

O interior da fortaleza estava impregnado de um cheiro arrepiante, algo parecido com ovos podres. Lihaku estava se perguntando o que poderia ser quando viu homens carregando braçadas de neve no andar de baixo. Houve um incêndio no nível inferior? Ele rapidamente perguntou a um dos homens, que confirmou que foi exatamente isso que aconteceu: houve uma explosão.

“Se-se não resolvermos isso rapidamente, a amante irá...” O homem tremia incontrolavelmente, incapaz de encontrar os olhos de Lihaku. Lihaku o deixou ir. Foi a fumaça que fez a cor do homem ficar tão ruim, ou o medo dessa “amante”? Talvez tenha sido essa mudança inesperada que deixou a fortaleza defendida por menos soldados do que os atacantes esperavam.

Lihaku, cobrindo a boca, aproximou-se de Jinshi e se ajoelhou respeitosamente.

“Você tem um conselho?”, Jinshi perguntou; Lihaku ficou grato por ter iniciado a conversa. "**Fale livremente.**"

“Como você comanda, senhor.” Era em momentos como esse que Lihaku sempre desejou ter aprendido uma dicção mais adequada. **“Não acredito que possamos ficar aqui muito tempo com toda essa fumaça. E espero que aqueles que estão lá dentro tenham pressa para sair.”**

“Eu percebi isso”, disse Jinshi. Lihaku se amaldiçoou por, aparentemente, apenas afirmar o óbvio. **“No entanto, pode haver alguém lá dentro que não pode escapar.”**

“Então, senhor, farei com que todas as minhas tropas procurem por eles. Por favor, vá para fora.”

“Receio não poder fazer isso.”

Lihaku resistiu ao impulso de franzir a testa, feliz por estar olhando para o chão. Não seria bom para Lihaku se Jinshi se machucasse. Ele não queria nada mais do que tirar o jovem de lá, para onde ele pudesse assistir a operação de algum lugar seguro.

Ao mesmo tempo, porém, esse era o Exército Proibido, e isso significava que o lugar de Jinshi estava à sua frente. O fato de estarem essencialmente lançando uma emboscada parecia deixá-lo ainda menos interessado em abandonar sua posição.

Estar orgulhosamente à frente desta força era jogar fora a sua identidade como o eunuco Jinshi – e isso destruiria o equilíbrio que reinava na corte. O clã Shi, que fazia parte desse equilíbrio, já estava em frangalhos; Lihaku pôde ver sozinho. Membros da família podem estar escondidos entre os soldados inimigos capturados. E capturá-los foi muito bom, mas a culpa deles já estava clara. Aqueles que conspiraram contra o imperador poderiam, na melhor das hipóteses, esperar o extermínio de suas famílias inteiras. A misericórdia pessoal do soberano poderia moderar o resultado até certo ponto, mas o clã Shi tinha poucas esperanças a que se agarrar.

“A filha do Grande Comandante Kan é prisioneira aqui”, disse Jinshi.

"Senhor..."

Kan era um nome muito, muito comum. Mas apenas um funcionário do país suportou isso: o estrategista excêntrico. Antes da missão, Lihaku foi informado sobre ela – primeiro, que ela existia (mais uma surpresa num dia cheio delas) e, segundo, que ninguém sabia por que ela havia sido sequestrada.

"Você pode abandoná-la?", Jinshi perguntou.

Ele não podia. Isso, pelo menos, era certo.

“Isso me tornaria um novo inimigo político...”, Lihaku disse sem querer.

Por um segundo, ele pensou ter visto algo se misturando à expressão dura de Jinshi. **“Sim, acredito que você está certo.”** Ele parecia angustiado, como se fosse ser despedaçado – mas seguiu em frente.

Lihaku levantou-se, puxando o cabelo. Mas a única coisa que ele poderia fazer nessas circunstâncias era completar a tarefa designada o mais rápido possível.

○●○

Junto com a explosão veio uma grande quantidade de neve. Ela sabia intelectualmente que isso se chamava avalanche. Mas foi como se um dragão de neve descesse sobre eles do penhasco atrás deles. Não chegou a Maomao, mas um edifício que ela supôs ser uma espécie de armazém estava obscurecido por uma névoa branca.

Ela observou tudo isso da varanda. As explosões assustaram a maioria dos trabalhadores do porão e os poucos restantes tentavam combater os incêndios. Eles teriam que dividir seus esforços mais uma vez para lidar com a avalanche. Ela viu soldados saltando o muro externo e olhando com espanto para a cena diante deles.

Depois, houve aqueles que não conseguiram escapar. Algo branco brilhou sobre as muralhas agora mal defendidas; a cor se misturou e ela não conseguia ver muito bem a essa distância o que era. Mas ela viu alguns soldados em pânico confrontá-la, e então um flash vermelho irrompeu pela noite.

Sangue pousando na neve branca e pura.

A coisa branca era um intruso. Ele deixou de lado sua capa branca para revelar um conjunto completo de armadura.

Veio trazer os rebeldes ao controle?

Para uma consorte superior, fugir do palácio interno era o mesmo que uma rebelião. E com a família dela defendendo uma fortaleza como essa... bem, não haveria desculpas.

Estou segura aqui?, Maomao se perguntou. Ela parou quando viu os invasores à luz distante de suas tochas. Ela não tinha certeza de como sabia, mas sabia: tinha certeza de tê-lo visto. Um homem cuja beleza de ninfa dificilmente parecia adequada para um campo de batalha. Vestido com uma armadura de cor cara, ele tinha uma figura arrojada, como um verdadeiro soldado.

Ele poderia estar aqui para resgatá-la?

Sem chance. Mesmo ele não tem esse tipo de tempo para matar.

Seus olhos devem tê-la enganado. De qualquer forma, a forma logo desapareceu à medida que as forças invasoras continuaram a inundar a fortaleza. Eles chegariam em breve e Maomao não tinha ideia de como a tratariam.

O cheiro de enxofre estava por toda parte – desde a explosão? Ela pressionou a manga do roupão contra a boca para não envenená-la.

Eu realmente deveria apenas correr...

Uma coisa era certa: ela não teria como se apoiar quando criticasse Shisui depois disso.

O *que ela é, algum tipo de idiota? Ela deve ser uma idiota*, ela pensou enquanto parava no lugar.

Ela podia ouvir passos se aproximando. Seu coração estava batendo forte. Eles não iriam acabar com ela naquele momento... Iriam?

Seja quem for, espero que pelo menos me ouçam.

Naquele momento, alguém arrombou a porta. Um soldado vestindo uma armadura roxo-azulada estava na entrada.

Ele não disse nada. Ela não disse nada. Nenhum deles disse nada. Depois de um longo momento, foi Maomao quem falou primeiro: **“Sinto muito, mas posso pedir que me proteja, Mestre Jinshi?”**

"Você está machucada?", o soldado – Jinshi – perguntou. Ele podia ver o sangue nas roupas de Maomao.

"Estou bem. São apenas respingos.”

“Isso não está bem!”

“É sangue de cobra.”

Jinshi não parecia pensar que isso fosse melhor, mas Maomao achou sua expressão exasperada estranhamente reconfortante. Era tão familiar. Ela sentiu os cantos de sua boca se suavizando em um sorriso.

“Ei, isso é...” Jinshi se aproximou e estava prestes a dizer algo, mas eles foram interrompidos por outra série de passos que se aproximavam, e sua expressão mudou abruptamente. A expressão em seu rosto não era a do eunuco com seu sorriso delicado e de ninfa, nem a do jovem um tanto infantil.

“Senhor herdeiro”, disse um homem de aparência rude ao entrar na sala.

Herdeiro?

“Esse título não pertence mais a mim”, disse Jinshi. **“Um filho real nasceu.”**

Então a consorte Gyokuyou deu à luz seu filho com segurança - e era um menino.

Então ele é realmente assim, pensou Maomao. Para um homem que não era eunuco, entrar no palácio interno era um crime grave. Somente aqueles que compartilhassem sangue com o imperador, ou que tivessem ordens específicas, poderiam fazê-lo.

“Você parece ter envelhecido bastante, Mestre Jinshi.” Ela falou suavemente, mas ele olhou em sua direção com o que ela considerou aborrecido.

“Lihaku está aqui?”, Jinshi perguntou ao soldado. O homem grande e canino logo entrou na sala. **“Estou deixando isso em suas mãos”**, disse Jinshi, e então saiu.

Lihaku inclinou a cabeça, cruzou os braços e franziu a testa**. “Perdoe-me, mas você se parece muito com uma jovem chamada Maomao que trabalha no palácio.”**

“Isso seria porque eu sou.”

Lihaku podia estar fazendo comentários bobos, mas em vez de seu habitual manto militar, ele estava vestido com uma armadura adequada e carregava um porrete.

"O que você está fazendo aqui?", ele perguntou.

“Parece que fui sequestrada.”

O ângulo de inclinação da cabeça de Lihaku aumentou ainda mais, até ficar praticamente horizontal. **“Diga, seu, uh, pai...”**

“**Provavelmente é exatamente quem você está pensando, então, por favor, não diga o nome dele. Basta chamá-lo de ‘velho’ ou algo assim; Eu saberei o que você quer dizer.”**

Curvando-se aos desejos de Maomao, Lihaku não continuou, mas tremeu visivelmente, após o que bateu com o punho na palma da mão como se tudo fizesse sentido. Maomao não sabia exatamente quais pontos ele achava que estava conectando, mas ela não tinha certeza se gostou.

Lihaku apontou para Maomao e disse: **"Ela! É ela!"** Um subordinado seu lançou-lhe um olhar duvidoso, mas tirou um apito das dobras do manto e soprou-o. Lihaku disse a Maomao: **"Ei, sinto muito por isso. Se você diz isso, tenho certeza de que é verdade. Rapaz, você parece assustadora! Você está coberto de sangue. Você está machucada?"**

"É respingo."

Lihaku foi tão rude como sempre, mas olhou para ela com preocupação genuína. O pior dos ferimentos de Maomao consistiu em uma cicatriz onde Shenmei a atingiu com seu leque. O soldado - de quem Maomao realmente não conseguia desgostar, apesar de seus modos - também deve ter sujado um pouco de sangue, pois quando ela se aproximou dele sentiu cheiro de ferro.

"Bem, por favor, não se machuque", disse Lihaku. **"O velhote insistiu em vir junto mesmo mal conseguindo se mover, e você não sabe... agora ele não consegue se mover."**

O velhote. Ele disse isso. Ele realmente disse isso. *O velho provavelmente foi quem inventou toda essa emboscada*, pensou Maomao. Provavelmente também encontrei uma maneira de iniciar a avalanche.

Lihaku não parecia muito preocupado, mas isso não significava que não levasse seu trabalho a sério. **"O que é isso? Crianças dormindo?"**

Capítulo 21: Como tudo começou

Houve um assobio agudo. Jinshi sentiu sua ansiedade diminuir um pouco. O apito foi o sinal de que a missão tinha sido cumprida: vários apitos curtos se houvesse algum problema, um longo se tudo estivesse bem. Lihaku deve ter tirado Maomao da fortaleza em segurança.

Jinshi emergiu de um longo corredor. Ele se lembrou das plantas que havia estudado no caminho para cá: à sua frente deveria haver uma sala grande e aberta, um escritório e depois as câmaras de estar.

Basen estava logo atrás de Jinshi. Normalmente, esse seria o cargo de Gaoshun, mas Gaoshun tinha seu próprio trabalho a fazer. Mas Basen tinha o hábito de ficar um pouco irritado ao substituir seu pai.

"Não fique muito tenso", Jinshi o aconselhou, falando baixinho para que apenas Basen pudesse ouvir. Dois outros oficiais os seguiram.

"Permita-me ir na frente, então", disse Basen. Jinshi entendeu o que ele quis dizer – ele queria que Jinshi fosse protegido tanto na frente quanto atrás. Jinshi riu e foi abrir uma porta pesada, mas de repente foi tomado por um sentimento ruim. Ele disse aos outros para recuarem, para não ficarem na frente da porta. Então ele a abriu e imediatamente se encostou na parede.

Um rugido quase ensurdecedor passou por ele.

"O que é que foi isso?!", Basen exigiu, carrancudo.

"Nada que eu não esperasse."

Se eles estivessem produzindo pólvora aqui, alguém poderia pelo menos assumir que usariam *feifa* nos combates. Havia restrições sobre onde essas armas poderiam ser usadas – elas eram vulneráveis às intempéries e, mesmo quando estavam em boas condições de funcionamento, a *feifa* demorava para recarregar. E era necessário pelo menos tanto espaço quanto havia aqui nesta fortaleza.

Foi exatamente como Jinshi havia previsto: na grande sala além da porta, alguns homens tentavam freneticamente recarregar suas armas. **"Vamos!",** Jinshi gritou. No mesmo momento, os homens presentes tentaram abandonar as armas e desembainhar as espadas, mas já era tarde demais.

Feifa foi fundamentalmente destinada a ser usada com várias pessoas desligando o fogo. Esses homens erraram na primeira saraivada e não houve tempo para recarregar balas

novas. Eram cerca de cinco, todos vestidos com roupas lindas. Jinshi reconheceu vários rostos. O cheiro característico de pólvora impregnava a grande câmara com piso de lajes.

“Onde está Shishou?”, ele perguntou. Ele presumiu que todos nesta sala eram membros do clã Shi. Os seus soldados abandonaram-nos quando perceberam que era uma batalha perdida; a *feifa* foi uma última tentativa de virar a maré. **“Não querem falar?”**

“N-nós não sabemos! Esse nunca foi o nosso plano!” Um dos homens deixou escapar, com os olhos fixos em Jinshi. Ele estava gritando com tanta excitação que saliva voou de sua boca. Basen rapidamente se moveu para contê-lo, com medo de que ele pudesse se atirar em Jinshi. **“Fomos enganados! Éramos apenas idiotas!”** O homem gritou de onde Basen o pressionou no chão.

“Seu descarado—!” Basen, enfurecido, empurrou o rosto do homem ainda mais forte no chão. **“Temos provas, provas, de que vocês, canalhas, desviaram fundos nacionais para reconstruir esta fortaleza! E você ficou aqui com armas em punho contra nós... mesmo que esse fosse seu único crime, você sabe o que isso implicaria!”** Basen pressionou a lâmina de sua espada nua contra o pescoço do homem. O homem, agora praticamente espumando, parecia totalmente desesperado.

“Eu juro, não sabíamos! Eu não sabia! Ele disse que isso era para o benefício do país. Fizemos tudo pela nossa nação...”

Uau. A espada caiu – e faíscas voaram ao atingir o chão de pedra. O homem, com os olhos praticamente saltando das órbitas, parou de tagarelar. Uma mancha escura se espalhou pelo chão embaixo dele. Os outros homens permaneceram em silêncio, talvez não desejando ser colocados na mesma situação ignominiosa, mas o medo nos olhos deles era total.

Jinshi gostaria de poder dizer-lhes para não olharem para ele daquele jeito – mas como ele poderia? Eles poderiam implorar-lhe misericórdia com os olhos, mas o julgamento sobre eles era irrevogável. Tudo o que Jinshi podia fazer por eles agora era permanecer firme e deixar que as pontas de suas emoções se alojassem nele.

“Sejam gentis. A espada agora ou a forca depois. Certamente você poderia ter a decência de simplesmente acabar com isso por ele.”

Basen e os outros soldados assumiram posições de combate quando uma voz se aproximou, acompanhada por passos barulhentos. Um homem corpulento entrou lentamente na sala: Shishou. Ele segurava uma *feifa* na mão.

Jinshi olhou para o homem conhecido como o velho tanuki. **“Você parece bastante relaxado, Shishou.”** Ele tirou um pergaminho das dobras de suas vestes. Selado com a insígnia pessoal do imperador, instruiu-o a prender todo o clã Shi.

Ainda se movendo lentamente, como se tivesse todo o tempo do mundo, Shishou apontou a arma.

"Você perdeu o juízo?", um dos soldados perguntou em voz baixa. Shishou não carregava uma pedra, e o homem parecia presumir que isso significava que ele não poderia disparar a arma.

Jinshi, porém, agarrou Basen com uma mão e outro de seus subordinados com a outra e puxou os dois para o chão. A explosão veio em seguida. A bala ricocheteou na parede e atingiu o homem Shi no chão, na perna. Um sujeito muito infeliz. Seu grito ecoou pela sala.

“Oh, você está se envergonhando. Você não atirou em um animal com essa coisa, só para ver como era?”, Shishou disse ao homem que gritava. **“E eu estava tão ansioso para experimentar isso em um ser humano real. Realmente, uma pena.”**

Jinshi registrou a completa falta de emoção na voz de Shishou, como se estivesse lendo um roteiro. Ou Jinshi estava simplesmente imaginando coisas?

"Hum. Parece que este é o fim. O que eu não teria dado por mais um pouco de tempo...” Então Shishou deixou a *feifa* de lado. Ele olhou para Jinshi e, por um instante, seu rosto suavizou-se. O que ele estava tentando dizer?

Jinshi nunca teve a chance de perguntar a ele. Talvez Shishou não tivesse contado a ele, mesmo que tivesse.

"Vai!", Basen gritou, ainda no chão.

O sangue voou.

Três espadas se alojaram quase simultaneamente na barriga rechonchuda de Shishou. Ele nem gritou, apenas olhou para cima. Uma espuma vermelha espumava em volta de sua boca e seus olhos estavam vermelhos. No entanto, ele não desabou, apenas olhou para o teto, com os braços bem abertos. Isso foi uma risada ou ele estava xingando?

Não havia nada de especial no teto. Talvez ele estivesse olhando através disso, para algo ainda mais elevado. Jinshi não entendeu; ele sentiu como se estivesse assistindo a uma apresentação, como se este lugar fosse o teatro de Shishou e este momento fosse seu palco.

Sem nunca revelar o que havia acima dele que tanto o fascinava, Shishou expirou. Anticlimático, talvez. Mas ele se foi.

Além da grande sala havia um corredor cheio de mulheres com roupas finas e homens escandalosos. As mulheres balbuciavam sem parar, ansiosas por lhe contar quem estava lá dentro em troca de suas vidas. Os homens continuaram insistindo que não eram membros do clã Shi, ao contrário das mulheres. Jinshi entendia o impulso de salvar a própria vida, mas não suportava o espetáculo de todos vendendo todos os outros para se salvarem. Ele deixou para seus subordinados apreender todos eles.

A ex-consorte Loulan e sua mãe Shenmei estavam na sala mais interna, disseram-lhe. Mas quando chegaram, Basen, que entrou primeiro, exclamou: **“Não há ninguém aqui!”**

Tudo o que encontraram foi uma cama grande no meio da sala e alguns sofás. Havia roupas por toda parte, junto com vinho e cachimbos espalhados, e algum tipo de aroma pegajoso. Foi fácil adivinhar o que elas estavam fazendo aqui. O rosto de Basen estava vermelho, mas não de raiva.

Jinshi, meio atordoado, jogou de lado o queimador de incenso. Algum tipo de erva seca foi derramada. Se a apotecária estivesse aqui, ela saberia o que era, que efeito causava.

"Para onde elas foram?" Também não havia ninguém na varanda do quarto ao lado. **“Elas pularam?”**

Enquanto examinavam a varanda, Jinshi ficou intrigado. A sala pela qual eles haviam passado e aquela em que estavam agora deveriam ter aproximadamente o mesmo tamanho de acordo com as plantas – mas algo parecia errado. A segunda sala parecia menor. Ele ia e voltava entre as duas salas. Havia apenas uma porta para a sala mais interna e do outro lado ficava a varanda. A relativa falta de mobília fazia com que parecesse mais espaçoso, mas a distância da parede à varanda era visivelmente menor do que as dimensões do outro cômodo.

Ele voltou novamente e desta vez inspecionou uma cômoda encostada na parede. Correspondia exatamente à dimensão que faltava na outra sala.

Silenciosamente, ele abriu o baú. Ele estendeu a mão, passando por uma panóplia de roupas vistosas. Apesar da construção aparentemente sólida do baú, a tabela parecia estranhamente fina. Ele descobriu que com apenas um leve empurrão ele se levantava.

Ele se inclinou sobre o baú, ficando de quatro para espiar lá dentro. Onde ele teria esperado uma parede, havia um espaço aberto. Um túnel secreto. E ele podia ver uma luz fraca.

“Bang!”, uma voz disse brincando. Jinshi descobriu o cano de uma arma encostado em seu rosto. Loulan estava lá, no túnel, e segurava algum tipo de arma de fogo muito mais complexa do que a *feifa* Jinshi sabia. Era como o que Shishou havia disparado antes, mas menor e mais portátil; poderia caber mesmo em um espaço apertado como este. Ele ficou chocado ao perceber que eles não estavam produzindo apenas pólvora aqui, mas também as mais novas armas de fogo.

“Permita-me chamá-lo de Mestre Jinshi. Por conveniência”, disse Loulan, ainda apontando a arma para ele. Ela estava coberta de fuligem e seu cabelo estava chamuscado. A vela no castiçal que ela carregava tremeluzia cada vez que ela falava. **“Você poderia fazer a gentileza de vir comigo?”**

“E se eu recusar?”

“Se eu estivesse disposto a deixar você fazer isso, não estaria ameaçando você.”

Jinshi ficou quase impressionado com sua audácia. Ele olhou para o modelo atual da *feifa*, absorvendo todas as coisas que eram novas e diferentes. Ele ergueu as mãos. **"Entendido."**

E com isso, ele seguiu Loulan até o túnel.

As plantas que Jinshi estudou não mostravam nenhum túnel secreto. Talvez isso tivesse frustrado o propósito de torná-los secretos. Ou talvez Shishou tenha adicionado esta passagem apenas recentemente.

O túnel era estreito e Loulan andou para trás para poder manter a arma apontada para Jinshi. Poderia ter sido mais fácil com Jinshi andando na frente e Loulan segurando a arma nas costas, mas ela provavelmente estava desconfiada da possibilidade de ele tentar tirar a arma dela enquanto caminhava na frente dela.

“Estou um pouco surpresa que você venha comigo”, disse Loulan.

“E ainda assim foi você quem me disse para fazer isso”, ele respondeu, quase indiferente. Loulan deu uma risadinha. Estranhamente, ele descobriu que ela parecia muito mais humana do que no palácio interno.

"Certamente seria fácil para você tirar isso de mim?"

Sim, Jinshi não tinha certeza, mas suspeitava que seria mais do que capaz de dominá-la. Mas ele não disse isso, apenas permaneceu em silêncio.

Não devia haver muito ar no túnel, pois a vela continuava tremeluzindo. Pouco antes de acabar, eles chegaram a uma sala secreta. A chama da vela recuperou a força – alguma abertura devia estar deixando entrar ar – e sua luz iluminou outras duas mulheres. Uma delas era uma jovem que se parecia muito com Loulan, embora tivesse um hematoma escuro no rosto.

"Oh, Suirei, minha querida irmã. Ela ainda não fez nada de horrível com você, não é?"

A outra mulher balançou a cabeça em movimentos curtos e melódicos, Suirei – esse era o nome da mulher do palácio que havia voltado dos mortos. E este era o rosto do eunuco que havia entrado no palácio interno há pouco tempo.

Então Jinshi olhou para a terceira mulher na sala, de meia-idade e vestindo o que lhe pareceu roupas e maquiagem ultrajantes, sem qualquer senso de dignidade apropriado à sua idade. Isso o lembrou de como Loulan estava no palácio interno.

A única mobília da sala eram duas cadeiras e uma única escrivaninha.

"Loulan", começou a mulher de meia-idade, **"Este homem é..."**

"Sim, mãe. Eu o trouxe aqui para realizar seu desejo."

A mãe de Loulan, Shenmei, olhou carrancuda para Jinshi com fúria indisfarçável.

Mas Loulan continuou: **"Eu sei o quanto você sempre o odiou. A aparência dele. É por causa de quem ele te lembra? Ou simplesmente porque você sempre teve ciúmes dele, sempre se ressentiu do quanto ele é mais bonito que você?"**

"Loulan!" Shenmei gritou com a filha. Loulan, porém, nem sequer vacilou – em vez disso, Suirei tremeu. Ela parecia muito diferente do que Jinshi havia ouvido.

"Desculpe. Isso foi longe demais para ser uma piada, suponho. Então permita-me fazer uma pequena apresentação para você. Um aquecimento antes do evento principal."

Então ela largou a vela, enfiou a *feifa* na faixa e, com calma e clareza, começou a contar uma história.

A história de Loulan aconteceu durante a época do imperador anterior.

O governante imbecil tinha sido o fantoche de sua mãe quando se tratava de conduzir política. (Essa foi uma maneira terrivelmente desrespeitosa de falar sobre o ex-imperador; o que impediu Jinshi de ficar bravo com isso foi saber que tudo era verdade.)

Jinshi nunca pensou que o homem que ele chamava de pai fosse assustador. Mas a mulher que estava atrás dele, a imperatriz reinante, ela era assustadora.

Jinshi perseguiu um resquício de uma memória antiga. Como foi o fim da vida da imperatriz reinante, ele realmente não sabia. Tudo o que ele lembrava era que o ex-imperador havia falecido rapidamente, como se estivesse correndo para seguir sua mãe para a próxima vida.

Cada vez mais impaciente com a falta de interesse do filho pelas mulheres adultas, a imperatriz reinante encheu o palácio interno com as mais belas damas. E então ela instruiu o chefe de uma das famílias do norte a oferecer sua filha, que seria estabelecida - pelo menos externamente - como uma das altas consortes do governante.

"O que você está dizendo, Loulan?", Shenmei perguntou, intrigada com a história de sua filha. A história não estava indo bem, *ela* sabia.

Loulan cobriu a boca com a manga e riu. **"É a primeira vez que você ouve essa história, mãe? Meu avô murmurou isso como um mantra em seu leito de morte enquanto definhava devido à doença."**

Não havia nada de novo na ideia de tornar nominalmente a filha de um alto funcionário uma consorte, a fim de efetivamente mantê-la como refém. Isso aconteceu ao longo da história.

"Você sabe por que o palácio interno ficou tão grande?". Loulan perguntou a Jinshi.

"Ouvi dizer que foi por instigação de seu pai, sussurrando no ouvido da imperatriz reinante."

Essa era a opinião geral dentro da corte: que Shishou havia se infiltrado no círculo íntimo da notoriamente cautelosa imperatriz reinante. Shishou originalmente não era nada mais do que o filho normal de um ramo da família Shi, mas por força de sua própria inteligência e do sangue em suas veias, ele foi adotado pela casa principal, que não tinha herdeiro, e recebeu o nome Shishou.

A casa principal: era a família de Shenmei. Ela estava noiva de Shishou desde antes de ser presenteada a ele pelo imperador.

"Isso mesmo", disse Loulan. **"Acredito que ele sugeriu a expansão do palácio interno como um novo programa de obras públicas."**

Uma bela maneira de dizer isso, pensou Jinshi. Uma forma de contornar a questão sempre que surgia a questão da diminuição do tamanho do palácio interno.

"Ele propôs isso em conexão com o comércio de escravos."

Isso fez com que os olhos de Jinshi se arregalassem. Shenmei pareceu tão surpresa quanto ele. Suirei, entretanto, permaneceu inexpressiva.

Loulan riu de Jinshi. Então ela olhou para Shenmei. **"Você realmente não sabia de nada disso, não é, mãe? Você não sabe o que o avô fez para atrair a ira da imperatriz reinante. Por que ele teve que oferecer sua filha ao palácio interno para mantê-lo na linha?"**

A escravidão estava viva e bem naquela época; o palácio era até administrado por eunucos escravizados. Mas Loulan referiu-se ao comércio de escravos.

O sistema de escravatura sancionado pelo governo de Li funcionava com base em princípios semelhantes aos dos seus bordéis: quando uma pessoa trabalhava o tempo suficiente para pagar o seu preço de compra, ou cumpria um determinado período de serviço, podia ser considerada emancipada. Mas isso só era verdade dentro das fronteiras do país. A exportação de escravos para outros países deveria ser proibida, mas...

"Parece que os escravos são uma mercadoria bastante lucrativa. Proibido ou não, não há fim de pessoas ansiosas para colocar as mãos naquela caixa registradora específica. Na época, parece que as jovens cobravam um preço especialmente alto."

Com uma das suas filhas mais proeminentes agora mantida como refém, o clã Shi foi forçado a reduzir a sua operação de comércio de escravos. O comércio não desapareceu completamente, no entanto, e o que restou estava centrado em torno do palácio interno. Envolvia não apenas mulheres jovens, mas muitas vezes homens, que eram frequentemente castrados antes de serem vendidos como escravos.

Essa foi a sugestão de Shishou: usar o palácio interno para abrigar as mulheres que de outra forma teriam sido vendidas ao exterior. Seu pensamento combinava perfeitamente com o da imperatriz reinante, que via sua proposta como uma forma de matar dois coelhos com uma cajadada só – politicamente e no que diz respeito ao filho.

Os pais se sentiam culpados por terem que vender suas filhas e, se pudessem escolher, prefeririam vê-las servir no palácio interno do que serem levadas como escravas. Dois anos de serviço provavelmente também lhes dariam algumas competências ou educação que diminuiriam a probabilidade de caírem posteriormente na escravatura. Acima de tudo, servir no palácio interno era uma qualificação distinta por si só. Infelizmente, com

a dramática expansão do palácio interno, os planos para a educação e assim por diante deram em nada.

"Mas é claro que a imperatriz reinante tinha mais de um ferro no fogo – e meu pai também."

Ao ganhar a confiança da imperatriz reinante, ele esperava reparar a reputação do clã Shi. E se isso fosse impossível...

"Eu sei que as coisas têm sido difíceis para você, mãe. Se era aqui que tudo iria acabar, então eu gostaria que você tivesse fugido antes de tudo começar. Depois que o pai se esforçou tanto para lhe dar uma chance."

Ela estava se referindo à passagem secreta para fora do palácio interno? Foi para isso que serviu?, Jinshi se perguntou.

O rosto de Shenmei parecia uma tempestade.

"Será que você não podia confiar em um homem que disse que jogaria fora sua posição para ir embora com você?"

"Loulan, sua pequena..." Rugas profundas se formaram no rosto de Shenmei enquanto ela olhava para sua filha, mas não era Loulan, mas Suirei quem parecia intimidada. Shenmei pareceu notar isso; ela olhou para Suirei como se estivesse olhando para alguma sujeira no chão. **"É claro que não confiei nele. Como eu poderia? O corpo do meu pai mal esfriou antes de ele assumir a liderança da família e se casar com a mãe dessa prostituta!"**

Suirei estava observando Shenmei, ainda tremendo.

Loulan riu novamente e foi até Suirei. Ela pegou a mão da irmã de uma mãe diferente, colocando a outra mão na gola de Suirei e puxando algo que estava pendurado em seu pescoço. Algo muito semelhante ao bastão prateado de cabelo de Jinshi pendurado em um barbante. Mas enquanto Jinshi representava um qilin, o de Suirei tinha a forma de um pássaro. Aqueles que o reconheceram saberiam que era uma fênix. Como o qilin, apenas alguns poucos tinham o direito de usar esse símbolo.

"Acho que Sua Ex-Majestade deve ter se sentido culpado. Preocupado com o bebê que ele expulsou do palácio interno. Porque parece que ele a visitava com bastante frequência, pelos bons ofícios do pai."

Foi Shishou quem abrigou secretamente o médico e a criança que foram banidos do palácio interno. Com o tempo, a criança cresceu; Shishou assumiu a liderança de sua família, e a jovem atingiu a idade de se casar.

"O imperador negou a filha uma vez, mas com o tempo deve ter aceitado o fato de que ela era dele. Porque você sabe o que ele disse ao pai?"

Você faria a gentileza de tomar minha filha como sua esposa?

Shishou, de confiança da imperatriz reinante e quase como uma família do próprio ex-imperador, deve ter parecido um genro ideal para o soberano. O ex-imperador prometeu realizar qualquer desejo que Shishou pudesse ter – como então ele poderia recusar?

Assim, o ex-chefe do clã Shi, que atraiu tanto escrutínio da imperatriz reinante, morreu em seu leito de doença, e a liderança passou para Shishou, em quem a imperatriz reinante confiava. Não havia mais necessidade de manter Shenmei como refém. Era o imperador quem tinha o poder de decisão final sobre o que acontecia com as flores do palácio interno. Shishou se casou com a filha do soberano e uma filha nasceu para eles. Eles a chamaram de Shisui, concedendo-lhe o nome do clã, Shi. Esta era a mulher agora conhecida como Suirei.

"E assim você, mãe, foi graciosamente concedida ao pai."

O ex-imperador era um homem tolo e não conseguiu entender o efeito que essa escolha teria sobre sua filha. A mãe de Suirei morreu de "doença" logo depois, e Suirei foi acolhido pelo ex-médico do palácio interno. Esse homem seria mais tarde contratado e trazido para esta fortaleza para criar um elixir da imortalidade – mas isso é outra história.

Mais ou menos na mesma época em que o médico acolheu Suirei, o ex-imperador começou a se esconder em seu quarto e, durante mais de dez anos, desde então até sua morte, não houve notícias dele. Deixada com apenas uma única jóia de prata, a garota agora conhecida como Suirei nunca soube que era neta do ex-imperador e, depois que Loulan nasceu, ela foi tratada como nada melhor do que a filha de uma concubina. Até o nome dela foi tirado dela e dado à sua irmã recém-nascida.

"Você... você está mentindo. Isso é o suficiente de bobagens estúpidas de sua parte!" Shenmei, diante da verdade, recuou.

A história também deve ter sido chocante para Suirei, mas ela parecia praticamente impassível. Só que ela continuou olhando inquieta para Shenmei. Talvez Suirei soubesse o tempo todo.

Loulan, ainda sorrindo, aproximou-se de Shenmei. **“Bobagem, mãe? E depois que meu pai trabalhou o resto da vida por você. Sabendo o tempo todo que isso só poderia terminar em destruição. Você nem sabe por que Mestre Jinshi está aqui, não é?”** Ela olhou para a mãe com desprezo e depois se virou para Jinshi**. “Conte-nos sobre o fim da vida do meu pai.”**

“Ele morreu... rindo”, disse Jinshi. Ele não sabia o que a risada significava, pois não sabia de nada que Shishou pudesse estar pensando. Porém, tendo ouvido a história de Loulan, ele começou a pensar que conseguia sentir uma perspectiva diferente. Ele até começou a se perguntar se estava olhando para a rebelião do clã Shi da maneira errada o tempo todo.

“Aquele homem... Poder era tudo que ele sempre quis. Tenho certeza de que a única razão pela qual ele se casou comigo foi para poder reivindicar a liderança da família.” O rosto de Shenmei se contorceu.

Loulan, porém, sorriu novamente. **“E ainda assim, dentro do clã, era você quem dominava, não era, mãe? Você entende que tipo de pessoas eles eram, os membros da família que trabalharam tanto para bajular você?”**

Eles eram tolos, aceitando subornos e desviando dinheiro, mas bajularam Shenmei, sabendo que se tivessem o favor dela, Shishou, o chefe nominal do clã, não diria nada. Afinal, ele era apenas um filho adotivo, um garotinho que tropeçou na família; por mais influência que pudesse exercer na corte, dentro do clã seu poder era mínimo. Shenmei perseguia sistematicamente qualquer um que dissesse coisas de que ela não gostava – até que finalmente não havia nada para verificar a podridão. E esta foi a fonte de um mal-entendido pernicioso.

Qual terá sido a motivação da expansão do palácio interno, por um lado, e do desvio do tesouro nacional, por outro? Os dois devem ser vistos separadamente, não como uma obra do clã Shi.

Loulan olhou para Jinshi e sorriu, pois percebeu que ele entendeu o que ela estava tentando dizer.

O comércio de escravos foi abolido com a ascensão do atual imperador - sim, continuou na clandestinidade, mas foram as bases estabelecidas por Shishou e pela imperatriz reinante que permitiram que o sistema fosse encerrado com mais ou menos facilidade. Agora Jinshi estava procurando por algo que pudesse substituí-lo enquanto o palácio interno encolhia novamente - e mesmo neste caso, o clã Shi conseguiu interferir.

“Todo mundo sempre chamou meu pai de tanuki, mas esquecem que os tanuki são criaturas covardes. É porque eles sabem que são secretamente tão pequenos e fracos que se esforçam tanto para enganar todo mundo.”

Com isso, Jinshi entendeu. Ele sabia por que Shishou morreu de tanto rir: porque o covarde tanuki conseguiu enganar todo mundo até o fim.

“O pai desempenhou seu papel corretamente? Ele era o vilão que precisava ser?”, Loulan perguntou, um sorriso passando por seu rosto.

Jinshi finalmente entendeu o que Shishou pretendia. Ele procurou tornar-se o mal necessário, reunindo toda a corrupção do país num só lugar. Um papel que nunca poderia ser recompensado, pelo qual ele nunca seria celebrado.

Jinshi cerrou o punho com tanta força que suas unhas cravaram-se na palma da mão, tirando sangue. **“Você tem alguma prova de que isso é verdade?”**

“A corrupção que consumia o tribunal por dentro foi em grande parte eliminada, ou não foi?”

“Como você poderia saber que seu plano funcionaria?”

“Se assim não fosse, poderíamos simplesmente recorrer a um golpe de Estado. Se uma nação é fraca o suficiente para ser arrastada por uma corrupção como essa, então é melhor que ela não exista.” Loulan parecia quase improvisada.

“Você... Você estava planejando isso o tempo todo?!”, Shenmei exigiu, sua voz tremendo. **“Você e ele – vocês estão me enganando esse tempo todo?!”**

“Enganando você? Eu fiz exatamente o que você disse, mãe. Você não disse que esta nação merecia virar pó? Então você perseguiu todos os membros do clã que não marcharam conforme sua música e se cercou de bajuladores que ouviam cada palavra sua. Você realmente achou que uma turma como essa poderia derrotar o próprio exército do país?”

Shenmei parecia furiosa com as palavras duras da filha. Finalmente, ela pulou em Loulan, as unhas deixando duas longas listras vermelhas na lateral da bochecha da filha.

“Não é para isso que servem?”, Shenmei exigiu. Ela havia agarrado a *feifa.*

“Isso é mais do que você pode suportar, mãe. Devolva, por favor.”

"Fique quieta!"

Mas Loulan apenas riu zombeteiramente.

"**O que é tão engraçado?",** Shenmei retrucou.

“Mãe... Você parece um bandido mesquinho.”

O rosto de Shenmei se contorceu horrivelmente e ela disparou a arma. Jinshi se jogou no chão. Algo passou voando por ele, acompanhado por um rugido ensurdecedor.

“Eu sou uma filha tão ruim. Se eu realmente quisesse a mesma coisa que meu pai, nunca poderia ter feito isso.”

O rosto de Loulan estava manchado de sangue. Na frente dela, porém, Shenmei estava absolutamente coberta por isso. Em sua mão estava o que restava da feifa explodida.

“Essas novas feifas são muito complicadas. Aquela era um protótipo.” Ela só trouxe isso para intimidar Jinshi. Poderia simplesmente ter pólvora dentro dela. “**Nunca lhe ocorreu tirar isso de mim, Mestre Jinshi? Certamente haveria inúmeras chances, se você estivesse procurando por elas.”**

“Presumi que você tinha algo que queria me contar.”

“Ei, ei! Se ao menos sua linda cabeça fosse tão vazia quanto parece.” Rindo (e ainda sendo bastante rude), Loulan arrancou a *feifa* da mão encharcada de sangue de Shenmei e jogou-a fora. Então ela gentilmente deitou a mãe, segurando sua mão trêmula. **“Pai está morto. Você poderia pelo menos derramar uma lágrima por ele. Ele esperou por você a vida toda. Se você tivesse chorado... eu não teria dito o que disse.”**

Até o ex-imperador fazer seu pedido, Shishou permaneceu completamente casto, não tendo nem uma única concubina. Era o tipo de pureza que só poderia ser demonstrada por um homem cujo coração ainda batia exclusivamente pela mulher com quem fora noivo quando era jovem.

Shenmei não falou – ela não conseguia. Cacos de metal voaram e devastaram seu rosto na explosão. Nenhuma sombra de sua antiga beleza permaneceu, apenas uma bagunça vermelha.

Suirei observou tudo isso tremendo.

“Deve ter havido outra maneira”, disse Jinshi, levantando-se.

“Talvez”, respondeu Loulan. **“Mas é difícil dar a todos o que eles querem. Não somos sábios o suficiente para isso.”**

Shenmei era simplesmente mesquinha. Ela queria destruir o país que a fez de boba. Shishou; tudo o que ele fez foi pelo bem de Shenmei. Mesmo que o tiro tivesse saído pela culatra para ele, ele fez tudo por causa de seus sentimentos por ela. Mas, ao mesmo tempo, ele era um servidor leal, incapaz de abandonar o seu país. E assim ele passou décadas e décadas bancando o vilão, até o fim.

Jinshi não sabia o que Suirei estava pensando. Para ela, isso era para apaziguar o espírito da mãe e da avó? E ela pareceu de alguma forma aliviada quando seu olhar vazio pousou em Shenmei, ofegante? Ou isso foi simplesmente imaginação de Jinshi?

Quanto a Loulan...

“Eu sei que não estou em posição de fazer exigências, mas talvez eu pudesse pedir dois favores a você?”, ela disse.

"Quais?"

“Obrigada”, ela disse primeiro, curvando-se profundamente. Ela sabia que não tinha motivos para esperar que Jinshi a ouvisse. Então ela tirou um pedaço de papel das dobras do roupão e entregou a ele. Ele prendeu a respiração quando viu o que estava escrito nele, pois o que dizia era inimaginável.

“Na verdade, eu esperava usar isso para negociar pela minha vida. Mas não acho que isso me levaria muito longe agora. Esse artigo revela o que vai acontecer com este país. Se o clã Shi ainda existisse, eles poderiam ter agravado a situação e destruído a nação.”

Escrito no pedaço de papel estava a previsão de algo muito pior do que esta rebelião.

Os dedos de Loulan roçaram a pele da mãe. A respiração de Shenmei estava desaparecendo rapidamente.

“Qualquer membro do nosso clã com algum bom senso abandonou o nome Shi há muito tempo. E minha irmã mais velha é a mesma. Eles já morreram uma vez... então talvez eu pudesse pedir para você ignorá-los.”

Houve uma batida. **“Farei o que puder”**, disse Jinshi.

“Você vai deixar os ‘mortos’ mentirem, então?”, Loulan repetiu, buscando confirmação. **"Eu agradeço."**

Suirei, como alguém ligada ao ex-imperador, não poderia ser totalmente ignorada.

"**Muito obrigada.**" Loulan baixou a cabeça novamente e pegou a mão de Shenmei. As unhas deformadas ainda estavam grudadas nela, por pouco. Loulan as prendeu na ponta dos dedos.

No mesmo momento, Jinshi pensou ter sentido alguém. Basen e os outros finalmente perceberam que ele estava desaparecido e conseguiram encontrar a passagem escondida. Loulan percebeu que eles estavam vindo?

"Meu segundo desejo, então." Ela estendeu a mão em direção a Jinshi, estendendo-se em direção a ele com a mão decorada com longos pregos. Ela parecia estar se movendo tão lentamente. Ele poderia facilmente ter se esquivado dela, se quisesse. Mesmo assim, Jinshi não se mexeu, só aceitou.

A terrível unha atingiu sua bochecha, rasgando pele e carne. Algumas gotas de sangue caíram em seus olhos; ele fechou-a com força, mas com o olho aberto olhou para Loulan.

"Muito obrigada", ela repetiu, e curvou-se pela terceira vez. Ela fez o que sua mãe, incapaz de escapar da morte, não teve a chance de fazer, e deixou uma cicatriz no rosto que Shenmei tanto insultou. Pode parecer um ato inútil agora, mas selou o destino de Loulan.

"Eu me pergunto se eu poderia ser uma atriz ainda melhor que meu pai", ela brincou, e então se virou para olhar para Shenmei. **"Querida mãe, fiz tudo o que pude."** Ainda sorrindo, ela abriu a porta em frente a eles, revelando neve soprada. Eles estavam no telhado da fortaleza. Loulan saiu girando pela porta, as mangas balançando, o cabelo preto voando; os flocos dançantes a cercavam.

Basen e os outros estavam na passagem estreita, esperando o momento. Basen, com os olhos cheios de fúria, saltou para frente, mal entendendo o que havia acontecido. Quando Loulan teve certeza de que ele estava na sala, ela ergueu bem alto os dedos de unhas compridas. Mesmo sob o fraco luar, era possível ver o sangue nelas. Loulan, com manchas de sangue no rosto, quase parecia flutuar acima da neve. E atrás dela estava Jinshi com um ferimento recente na bochecha.

De repente, Loulan riu alto e longamente. **"Ahhh, hahahahahahaha!"** A voz dela ricocheteou na neve. Ela parecia selvagem, mas pelo menos em seus olhos dava para ver que ela ainda estava sã.

Os rostos de Basen e seus companheiros se transformaram em pura fúria.

A luz havia sumido dos olhos de Shenmei. Só se poderia pensar que ela colheu o que plantou.

Suirei, ainda tremendo, estendeu a mão, mas não conseguiu alcançar Loulan.

Jinshi não pôde fazer nada além de testemunhar os últimos momentos de Loulan, segurando o pedaço de papel que ela lhe dera.

Na neve, suas mangas batiam e seus cabelos chicoteavam. Sua risada foi subitamente acompanhada pelo estalo de tiros. Loulan dançou enquanto as balas passavam por suas mangas e arranhavam sua bochecha. Finalmente, Jinshi teve certeza: este era o palco dela. E todos aqueles ao seu redor eram apenas atores coadjuvantes atraídos por sua atuação.

O palácio interno era um palco, e o próprio país, e talvez ela visse seu papel como a vilã que os derrubaria. Se o pai dela, Shishou, fosse um tanuki, então talvez Loulan fosse uma raposa. Afinal, nas histórias, a vilã que provou ser a ruína de um país sempre se revelou uma megera.

Loulan continuou a dançar levemente. Como ela conseguia se mover com tanta delicadeza em meio a uma neve tão profunda? Os soldados, paralisados, estavam mais ocupados em disparar sua *feifa* do que em persegui-la.

Ele deveria tê-la impedido?

Não, ele não poderia.

Ele não poderia prejudicar o desempenho da grande vilã de seu tempo. Não conseguia nem tirar os olhos disso.

Outro tiro, quantos foram?

Houve um baque e Loulan parou de se mover. O cheiro inconfundível e arrepiante de pólvora pairava no ar.

A bala atingiu Loulan no peito. Ela cambaleou para trás, a dor se espalhando por seu rosto.

“Prendam ela!” Basen gritou para seus homens. Para Jinshi, a ideia parecia repugnante. Não foi a coisa errada a fazer. Mas ele sentiu como se alguém tivesse lhe contado o final de uma história que ele estava gostando antes de chegar lá.

O sorriso voltou ao rosto distorcido de Loulan. Depois desapareceu de novo...

Não, apenas pareceu desaparecer. Ela havia caído para trás e não havia nada atrás dela. Exceto a queda do telhado.

Essa foi a última vez que viu Loulan.

Seu corpo parecia incrivelmente pesado, como se todo o cansaço dos últimos dias finalmente o tivesse alcançado.

No momento em que saíram da fortaleza, eles se uniram a uma unidade de reserva e ele recebeu os primeiros socorros, com alguém costurando sua bochecha. Foi ele quem levou os pontos, então por que todos os outros pareciam estar com tanta dor por causa disso? Foi porque ele ficou sem anestesia?

Eles finalmente viram Gaoshun novamente, que prontamente disse a Jinshi para dormir um pouco. É claro que Gaoshun estava lá – a história era que Jinshi estava com a unidade de retaguarda o tempo todo, então Gaoshun tinha que ser visto lá.

Verdade seja dita, só agora Jinshi percebeu que realmente não dormia nos últimos dias.

“Como está a garota?”

"Ela está bem, então vá dormir."

Ele realmente parecia tão cansado? Talvez sim, mas não conseguia descansar. Gaoshun, claramente cansado da intransigência de Jinshi, apontou para uma carruagem. **“Eu recomendo manter distância.”**

Jinshi prontamente o ignorou e entrou no veículo. Lá ele descobriu uma jovem diminuta, manchada de fuligem e sangue, deitada dormindo em cima de vários cobertores. Ela estava enrolada como uma criança, fazendo-a parecer ainda menor do que normalmente era. Ela estava cercada por uma coleção de objetos embrulhados em panos brancos.

“As crianças mortas do clã Shi”, explicou Gaoshun.

“Por que ela está dormindo com *eles*?”

“Você sabe que é impossível dissuadi-la de alguma coisa quando ela tem uma ideia na cabeça.”

Ele estava certo; essa jovem, Maomao, tinha um traço distinto de teimosia. Havia algum motivo para ela querer estar lá?

"Ela parece horrível."

“Fale por si mesmo, senhor”, disse Gaoshun, fazendo uma careta. Doeu para Jinshi lembrar da visão de Gaoshun derrotando Basen depois que eles retornaram. Jinshi havia sido ferido, sim, e ele sabia que um soldado que falhasse em seu dever deveria ser punido — mas foi apenas porque Jinshi havia cedido ao desejo daquela megera desaparecida.

“Esqueça de mim”, disse ele bruscamente. **“De qualquer forma, você fez a escolha certa ao não deixar o estrategista vê-la.”** Pelo que Jinshi ouviu, o homem não fez uma aterrissagem muito graciosa ao saltar da carruagem e machucou as costas. Ele não conseguia dar um passo sozinho.

Jinshi subiu na carruagem. **"Espere lá fora."** Gaoshun assentiu lentamente.

Jinshi olhou para o rosto de Maomao. Havia sangue e sua orelha esquerda estava inchada, embora tivesse sido untada com pomada. Nada disso teria acontecido com Maomao se ela nunca tivesse se envolvido com ele. O pensamento fez seu coração doer.

Além da orelha, ela não tinha ferimentos dignos de menção, mas ele podia ver um hematoma escuro em seu pescoço. Alguém bateu nela? E o sangue deve ter vindo de algum lugar.

Lentamente, Jinshi estendeu a mão. E então...

“Com licença, Mestre Jinshi, mas posso perguntar o que você está fazendo?”, Maomao olhou para ele como alguém tentando espantar uma mosca doméstica nojenta.

Capítulo 22: Nas garras da raposa

Quando Maomao abriu os olhos, encontrou um adorável nobre à sua frente. Por alguma razão, ele estava inclinado sobre ela e alcançando seu colarinho.

Ela lançou um olhar furioso para Jinshi, fazendo-o exclamar: **“B-Bem, eu...”**, tropeçando nas palavras e acenando com as mãos como se quisesse protestar sua inocência.

Normalmente, ela poderia ter segurado o olhar um pouco mais, mas não pôde deixar de notar um curativo no rosto dele. **“Mestre Jinshi, o que é isso?”,** ela perguntou, ajeitando o colarinho.

"**Não é nada. Um arranhão**." Ele tentou esconder com a mão. Maomao parecia irritada.

“Deixe-me ver.”

“Não vale a pena mostrar para você.”

Isso, é claro, só deixou Maomao mais interessada. Ela avançou, inclinando-se na direção de Jinshi tão rápido que ele recuou um pouco.

Quando ela finalmente o colocou de costas para a parede, Maomao estendeu a mão lentamente. Por um momento, ela não disse nada. Seu rosto perfeito e jovial agora tinha um ferimento, remendado com pontos, que descia diagonalmente pela bochecha direita. Foi mais do que um arranhão superficial; algo havia rasgado a carne.

Os pontos eram irregulares; seria melhor se eles fossem refeitos o mais rápido possível. Maomao teria gostado de fazer isso sozinha naquele momento, mas suas mãos tremiam de imenso cansaço.

“Você estava na luta”, disse ela.

“Eu dificilmente poderia sentar e assistir enquanto outros se colocavam em perigo, não é?”

"**Por que não? Você é importante o suficiente.”** Sua irritação estava começando a aparecer em seu tom. **“Eu gostaria que você não corresse perigo. Se você se machucar, isso só causará problemas para todos ao seu redor.”**

Ele coçou a cabeça e sorriu um tanto amargamente. **“Sim, confesso que foi muito injusto da minha parte fazer isso com Basen. É surpreendente o quão forte Gaoshun pode ser quando quer.”** Ele começou a recolocar o curativo, sem jeito, mas Maomao tirou-o dele.

“Eu certamente não pretendia me machucar”, disse Jinshi.

"Quem fez?"

“É só que... Alguém me fez um pedido muito incomum.” Ele franziu a testa. Havia tristeza em seus olhos obsidianos**. “Você era próxima de Loulan?”**

A pergunta parecia bastante abrupta. **“Relativamente”,** disse Maomao.

“Vocês eram amigas?”

“Não tenho certeza se sei.”

Ela realmente não sabia. Ela achava que o relacionamento era algo próximo de amizade, ou pelo menos parecia assim para ela. Mas quanto ao que Loulan tinha pensado, ela não sabia dizer. Conversar com Xiaolan e Loulan – ou melhor, Shisui – não foi uma sensação tão ruim.

“Havia muitas coisas que eu não sabia sobre ela.”

“O mesmo, ao que parece, aconteceu comigo.” A dor no rosto de Jinshi intensificou-se. **“E agora perdemos a chance de entendê-la.”**

Maomao entendeu o que ele queria dizer. **"Entendo, senhor."**

Claro. Maomao sabia que seria assim. Pois quando Shisui saiu daquele quarto, ela confiou algo a Maomao – e depois saiu sabendo que iria encontrar seu destino. Tudo o que Maomao pôde fazer foi honrar o que lhe foi confiado...

“Mestre Jinshi, você não quer descansar?”

"Sim... estou realmente terrivelmente cansado."

Sua aparência não era boa. Jinshi provavelmente estava em situação muito pior do que Maomao, embora tenha sido ela quem foi sequestrada. Ele tinha olheiras inconfundíveis e seus lábios estavam secos e opacos.

O óbvio seria que ele voltasse para sua carruagem e dormisse, mas para espanto de Maomao, ele se deitou no chão em seu próprio veículo.

Maomao deixou transparecer sua frustração em seu rosto. **“Devo pedir que você não durma aqui, Mestre Jinshi.”**

"Por que não? Estou cansado."

“Certamente eu não deveria ter que explicar?”, Maomao olhou em volta. Havia cinco trouxas na carruagem com eles – os filhos do clã Shi. **“Este lugar é impuro.”**

"Eu estou ciente disso."

"Então por que-"

Antes que ela pudesse terminar de falar, ele agarrou seu pulso e puxou-a para perto. Sua mão estava muito fria.

Eles se encontraram deitados um de frente para o outro sobre a pele do animal.

"Então por que você está aqui?"

“Até eu sei que devo ter pena das crianças”, disse ela, recitando as palavras que havia ensaiado.

"Você? Eu me pergunto." Ainda deitado ali, Jinshi inclinou a cabeça. **“Seu professor de medicina não proibiu você de tocar em cadáveres?”**

Amaldiçoe-o por se lembrar disso! Maomao lutou contra a vontade de franzir a testa abertamente.

“Considerando que ele sentiu a necessidade de emitir tal restrição, não acho que você duraria muito em um lugar como este”, disse Jinshi. Ele escolheu os piores momentos para ter uma intuição aguçada.

Maomao lutou para pensar em alguma maneira de escapar dos olhos que agora a estudavam tão atentamente. Enquanto ela estava congelada em pensamentos, Jinshi estendeu a mão novamente. Ele virou a gola dela para trás. **“E o que aconteceu com você?”,** ele perguntou, franzindo a testa. A pele sob o colarinho apresentava um hematoma escuro e feio onde Shenmei havia batido em Maomao com seu leque.

Maomao ficou um pouco envergonhada, mas decidiu que seria melhor agir imediatamente. **“Eu conheci alguém que não era nada legal.”**

“Você foi atacada”, disse Jinshi, com a voz gelada.

“Era uma mulher”, Maomao fez questão de acrescentar. Jinshi parecia muito preocupado com a castidade de todos os outros. Ela se encolheu quando ele passou os dedos pelo hematoma.

"Você não acha que haverá uma cicatriz?"

"O que, disso? Ela desaparecerá antes que você perceba.” Desconcertada com a sensação dos dedos dele em sua pele, ela recuou, mas Jinshi apenas estendeu a mão mais longe. Finalmente, Maomao sentou-se e ajeitou o colarinho.

“Não fique com uma cicatriz”, disse Jinshi.

“Eu poderia dizer a mesma coisa para você, senhor.”

Jinshi franziu a testa. **"Eu sou um homem. O que isso importa para mim?”**

"Oh, você supera 'um homem'."

“Como se eu me importasse.”

“Então eu também não me importo. Se uma cicatriz for suficiente para destruir meu valor, que assim seja.”

“E depois que você me disse o que pensava.” Jinshi não se sentou, mas também não largou o pulso de Maomao. Um pouco do calor estava começando a voltar para sua mão. **“Será que uma cicatriz destruiria meu valor?”,** ele perguntou, sua mão apertando seu pulso. **“Não sou nada mais do que meu rosto?”**

Maomao balançou a cabeça instintivamente. **“Francamente, uma pequena cicatriz pode lhe fazer bem”,** disse ela, mais honestamente do que pretendia. Jinshi era lindo demais; ele só conseguia irritar aqueles que o viam. E aqueles ao seu redor se concentravam demais em sua aparência. Mesmo que ele não fosse tão florido e delicado quanto parecia, Maomao pensou; ele era feito de um material mais resistente. Na opinião dela, apenas um pequeno grupo de pessoas ao seu redor entendia isso.

“Você não acha que isso faz você parecer mais viril do que antes?”, ela disse. Ela notou os lábios dele se apertarem quando ela disse isso. Ele olhou em volta, inquieto, piscou e balançou a cabeça.

"Qual é o problema, senhor?"

Jinshi coçou a nuca com a mão livre. **“Considerando as circunstâncias, pensei que talvez fosse simplesmente sorrir e aguentar...”**

“Não há necessidade de suportar nada. Se você está cansado, apresse-se e...”

E saia daqui e descanse, ela estava prestes a dizer. Mas parecia que a sonolência não era o que Jinshi estava tentando suportar. Ele puxou o pulso dela novamente e, quando ela se sentou de frente para ele, ele agarrou a parte superior do outro braço dela.

“Quando olhei para sua lesão, pretendia agir o mais calmo possível”, disse ele. Seu rosto inquietante se aproximava cada vez mais do dela; ela podia sentir o calor da respiração dele em sua pele. **“Estou surpreso... quer dizer, acho que parecia mais calmo do que esperava.”**

"Huh?"

Naquele momento, ela se lembrou: eles já haviam passado por uma situação muito parecida com essa, não é mesmo? E não foi realmente bastante comprometedor? Suas costas estavam pressionadas contra um dos postes de apoio da carruagem; ela não tinha para onde correr.

“Mestre Jinshi, não é melhor você dormir um pouco?”

“Ainda estou bem.”

Como ele poderia dizer isso com aquelas olheiras gigantes?

“Vou costurar novamente sua ferida, senhor. Deixe-me pegar alguns analgésicos...”

“Posso conviver com isso por mais meia hora.”

“Outra meia hora, na verdade!”

Jinshi a ignorou. Talvez tenha sido o cansaço que fez seus olhos parecerem os de um cachorro selvagem.

Isso não é bom... Ela torceu e puxou, mas ele era mais forte do que ela.

Jinshi estava cada vez mais perto, e quando seus narizes estavam quase se tocando... houve um barulho.

Jinshi praticamente pulou no ar. **“O que... o que foi isso?”** Quando percebeu que o barulho vinha de onde as crianças descansavam, ficou ainda mais atordoado. Isso foi perfeito para Maomao, que passou por ele em direção à fonte do som. Ela sentiu os pulsos das crianças enfaixadas, um por um.

Não... Não... ela pensou, e então sentiu o pulso do terceiro filho.

Os pequenos lábios tremularam; houve um silêncio quase imperceptível. Ela encontrou um pulso, fraco, mas detectável.

"*Se esses pequeninos fossem insetos, eles poderiam dormir durante o inverno*", disse Shisui. Aqueles insetos que faziam o som de sino – as fêmeas comiam os machos e depois morriam também. Apenas seus descendentes sobreviveram, hibernando durante os meses frios.

Shisui comparou seu clã a insetos – e também deu a Maomao outra pista.

Houve outro país onde, por vezes, a droga era utilizada em práticas secretas. Poderia matar uma pessoa e depois trazê-la de volta à vida. Matou-os com veneno, mas com o tempo o veneno se dissipou e, quando foi completamente neutralizado, o morto foi revivido.

Suirei ensinou Maomao sobre a droga da ressurreição. Isso também fazia parte do plano de Shisui?

"Eles estão vivos?" Jinshi perguntou atrás dela, mas Maomao não teve tempo de pensar em sua pergunta. Ela estava massageando os corpos das crianças, esperando desesperadamente fazer o efeito da ressurreição funcionar. Essa foi a razão pela qual Shisui a trouxe aqui.

Maomao não sabia o que Jinshi faria com as crianças revivificadas – mas não teve tempo de explicar, nem ela mesma nem eles. "**Água quente! Mestre Jinshi, por favor, pegue um pouco de água quente. E algo para aquecê-los. Roupas, comida, não importa.**"

"Deixe os 'mortos' mentirem, hein?" Jinshi riu. "**Ela me pegou. A megera conseguiu o que queria.**"

"Mestre Jinshi!" Maomao gritou. Ele parecia estar murmurando para si mesmo, mas ela não teve tempo para se importar.

"Sim, claro", disse ele, e ela não conseguiu afastar a impressão de que havia um tom quase alegre em sua voz. Sua expressão era muito mais suave do que antes – embora também carregasse alguma decepção.

Maomao estava totalmente concentrado nas crianças, que lentamente começavam a respirar novamente. Quando Jinshi voltou com cobertores e um balde de água quente, ele se inclinou e sussurrou em seu ouvido: **"Podemos continuar mais tarde?"**

“Claro, tanto faz”, respondeu Maomao, ocupada demais para pensar muito sobre isso. Ela tinha os pequenos com quem se preocupar.

Epílogo

A capital estava em alvoroço absoluto naquele dia. Pois o imperador finalmente tomou uma imperatriz e, ao mesmo tempo, um novo Príncipe Herdeiro foi apresentado. O clima de comemoração, aproveitando a antecipação do ano novo que já estava se formando, chegou até ao bairro do prazer, e as jovens aprendizes ficaram fora de si de excitação.

O nome da imperatriz era Gyokuyou, e o Príncipe Herdeiro era seu filho. A criança nasceu com segurança.

Por mais alegre que isso tenha sido, também significava que Maomao estava agora sem ocupação – e assim a encontramos de volta à sua loja de apotecária em ruínas, moendo ervas.

“Ei, sardas, que tal um lanche?” Um menino, jovem o suficiente para que sua voz não tivesse mudado, abriu a porta e entrou. Seu nome era Chou-u: um garoto pirralho com uma falha idiota nos dentes da frente. Eles abandonaram seu antigo nome. O fato de seu novo parecer ser uma tática de desespero, pois o menino parecia ter uma vaga lembrança de como um dia foi chamado.

Ficou claro que ele ainda era um garoto indisciplinado, mas só alguns dias antes ele finalmente conseguiu se levantar. Ele estava numa espécie de torpor até então; era impossível dizer se foi por causa de sua juventude ou simplesmente por sorte que ele conseguiu ser tão ativo novamente.

Eventualmente, todas as cinco crianças reviveram. Maomao despendeu todos os esforços para mantê-los respirando – incluindo a convocação de Suirei, que havia sido transferida para outro lugar, para ajudar nas “ressurreições”. Ela disse que os experimentos não haviam sido concluídos. Sem dúvida ela teria desejado esperar até que os efeitos da droga fossem melhor compreendidos antes de fazer algo assim. Mas as circunstâncias não deixaram outra escolha senão dar o remédio às crianças. Como resultado, vários deles sofreram efeitos colaterais.

Chou-u foi o último dos cinco a acordar.

Essas crianças, que de outra forma teriam ido para a forca com os pais, receberam novos nomes e foram acolhidas em um novo lar. Chou-u, porém, permaneceu no distrito

do prazer. Para o bem ou para o mal, ele havia perdido a memória. Ele também ficou com uma leve paralisia em metade do corpo – mas dadas as circunstâncias, era preciso dizer que ele teve sorte. Por um tempo, parecia que ele não iria acordar.

Ninguém parecia saber exatamente como as crianças sobreviveram, mas de qualquer forma, elas iriam morar com o ex-Consorte Ah-Duo. Alguns argumentaram que deveriam ser enviados para lugares diferentes, mas Ah-Duo sentiu que isso seria desnecessariamente cruel.

Maomao ficou surpresa ao ver a ex-consorte: ela usava roupas de homem, por algum motivo, mas parecia muito mais viva do que nunca quando morava no palácio interno. O que realmente surpreendeu Maomao, porém, foi a semelhança da ex-consorte com Jinshi.

Eu me perguntei. Poderia ser-

Não, não. Vamos abandonar essa linha de pensamento. Maomao forçou a fantasia que ela uma vez teve para fora de sua mente.

Ah-Duo acolheu não apenas as crianças, mas também Suirei. Sim, ela tinha sido uma espécie de pedra no sapato do palácio interno mas podiam ser feitas concessões às suas circunstâncias; e sobretudo o fato de o sangue do ex-imperador correr nas suas veias argumentou a seu favor. Ela seria vigiada de perto, certamente, mas sua vida seria poupada.

Chou-u foi enviado para o distrito dos prazeres porque se sentiu que, na falta de memória, seria melhor se ele fosse criado separadamente das outras crianças. Maomao achou que isso poderia ser uma bagunça, mas não tinha nada a ver com ela. Ou pelo menos não deveria ser – então o que aquele pirralho desagradável estava fazendo em sua loja? Eles insistiram que aquele era realmente o lugar mais seguro para ele — mas Maomao estava condenada se soubesse como fazê-lo.

O pirralho começou a vasculhar o armário de remédios e Maomao deu-lhe um forte soco no topo da cabeça.

“Uau! Por que você fez isso?!”

“Isso não é para você comer”, disse Maomao, arrancando-lhe de volta o pacote de biscoitos de arroz caros que uma de suas irmãs lhe dera. Em vez disso, ela jogou para ele um pedaço de açúcar mascavo da mesma gaveta. Isso pareceu ser suficiente para satisfazer Chou-u, que saiu da loja mastigando. Havia um guarda bem-humorado que às vezes brincava com ele; provavelmente era para lá que ele estava indo.

Dizem que as crianças são altamente adaptáveis e Chou-u era a prova viva disso. Em vez de ficar deprimido por ter amnésia, ele se deleitava em ter mulheres adoráveis para mimá-lo e um cara amigável para ser seu companheiro de brincadeiras. Na verdade, ele não parecia ter nenhuma reclamação naquele momento. A velha senhora, entretanto, foi bem recompensada por acolhê-lo, e nada a aqueceu mais do que uma sorte financeira inesperada. Em outras palavras, demoraria um pouco até que ela sentisse qualquer necessidade de ficar chateada com ele.

Maomao descansava preguiçosamente no chão, mastigando biscoitos de arroz salgados. Ela dobrou uma almofada velha e esfarrapada e colocou-a sob a cabeça, depois deitou-se e olhou para cima.

Seu pai, Luomen, não voltaria para o distrito dos prazeres; por enquanto, foi decidido que ele ficaria no palácio. Ele havia sido banido – por motivos duvidosos, sim – mas era um homem de talento consumado. Sem dúvida o imperador relutava em deixá-lo ir.

E por que Maomao estava aqui, em vez de servir Jinshi novamente? Havia uma razão para isso também.

Seki-u visitou Maomao em determinado momento. (Embora soubesse que Maomao era apotecária, ficou surpresa ao descobrir que o distrito do prazer era sua base de operações.) **"Eu não conseguiria dormir se pelo menos não levasse isso para você",** disse ela, e entregou a Maomao duas cartas escritas em papel tosco. O nome do remetente era um que elas haviam praticado repetidas vezes, escrevendo no chão: elas eram de Xiaolan.

Xiaolan estava muito sozinha, informou Seki-u, devido ao fato de Maomao e Shisui terem desaparecido ao mesmo tempo. Aparentemente, a história pública era que ambos haviam sido demitidas do palácio interno.

"Ela ficou muito deprimida com isso", disse Seki-u. **"Você poderia pelo menos ter se despedido dela."** Ela passou a descrever como Xiaolan estava se saindo em termos bastante detalhados; Maomao começou a perceber que, incapaz de deixar Xiaolan completamente sozinha, Seki-u havia assumido o papel de amiga dela. **"Não há muito trabalho que ela possa fazer, mas ser alegre como ela é ajuda muito."**

Xiaolan não conseguiu ser retida no palácio interno, mas uma das consortes inferiores gostou dela e escreveu-lhe uma carta de apresentação; ela agora era serva da irmã mais nova da consorte na casa de sua família. Maomao não tinha dúvidas de que a encantadora Xiaolan em breve estaria totalmente integrada na família.

Uma das cartas foi endereçada a Maomao, mas a outra foi a Shisui. Maomao abriu aquele endereçado a ela. A caligrafia deixou a desejar, claramente o trabalho de alguém que

ainda está aprendendo seus caracteres, mas o esforço que ela colocou nesta nota descrevendo sua situação atual era evidente. Houve erros e revisões em alguns lugares, mas o papel ainda era um recurso luxuoso demais para que Xiaolan reescrevesse a carta novamente; em vez disso, ela simplesmente apagou os erros.

No final, ela escreveu: **"Espero poder vê-la novamente algum dia. Quero mais sorvete!"**

Quanto à carta para Shisui, Maomao pegou, mas não abriu. Ela suspeitava, porém, que o que quer que fosse dito, a última linha provavelmente era a mesma.

Ela sentiu algo quente rolar suavemente por sua bochecha. *Ploop*, caiu no papel e distorceu os caracteres.

Eles não encontraram o corpo de Shisui. Ela foi baleada por uma *feifa* e depois caiu do telhado da fortaleza, mas não importa o quanto eles vasculharam os bancos de neve abaixo, eles não encontraram nada. Eles disseram que procurariam o corpo novamente quando a neve derretesse na primavera. Maomao, por exemplo, esperava que nunca o encontrassem.

Vou ter que encontrar mais ingredientes medicinais.

Maomao teve um trabalho difícil no distrito de prazer, provavelmente muito mais do que jamais teve no palácio. O pai dela tinha feito um suprimento de remédios antes de partir, mas isso já havia desaparecido há muito tempo, e ela suspeitava que os campos também já estivessem mortos.

Ela não via Jinshi desde que deixaram a fortaleza Shi. Mesmo que ela quisesse, ele não era exatamente o tipo de pessoa com quem você poderia dançar e pedir um encontro.

Não havia como um homem que assumira o comando de um exército — e tinha a cicatriz no rosto para provar isso — continuar fingindo ser um eunuco no palácio interno. Jinshi deve ter finalmente voltado a ser quem ele realmente era. Maomao não sabia seu nome verdadeiro; ela não poderia ter usado mesmo se o fizesse. Os mundos em que viviam eram simplesmente muito diferentes.

Quanto ao ferimento, havia muitos médicos perfeitamente competentes por perto; ele não precisava de Maomao. Inferno, o pai dela estava lá no palácio. Maomao não poderia ter feito nada para ajudar, mesmo que estivesse presente.

De qualquer forma, agora que Jinshi não era mais um eunuco, ele não conseguiria manter uma garota de origem humilde perto dele. Ele não teria mais que se esgueirar e espionar, de qualquer maneira. Então era melhor, na verdade, que Maomao tivesse

voltado à loja do apotecário no bairro dos prazeres. Pelo menos sem o pai dela, a senhora provavelmente pararia de tentar vendê-la.

Ugh... Tão cansada...

Ela ficou acordada a noite toda antes de preparar os remédios. Criar novos medicamentos foi uma tarefa desafiadora. Você poderia misturar vários ingredientes tentando aumentar a potência de um efeito, mas às vezes acabava acidentalmente com um veneno. Ela fez vários novos ferimentos no braço esquerdo para testar alguns deles, mas simplesmente não conseguiu o resultado que queria. Ela até tentou esfregar um pouco da mistura no ferimento da orelha (por que desperdiçar, afinal?), mas não lhe disse muita coisa. Depois de todos esses anos, ela parecia ter desenvolvido uma tolerância bastante alta à dor.

Tenho que cortar mais fundo se quiser ter certeza. Maomao olhou para a mão esquerda dela e amarrou firmemente um barbante em volta do dedo mindinho. Ela se levantou e pegou uma pequena faca de um armário. *Aqui vai!*

Quando ela estava prestes a baixar a faca, uma linda voz a interrompeu: **"O que você está fazendo?"**

Sem dizer uma palavra, ela se virou e viu um homem com uma máscara incomum parado na entrada da loja. Atrás dele estava um homem familiar de meia-idade que parecia nitidamente sobrecarregado de trabalho, e a senhora esfregava as mãos e oferecia-lhes um sorriso insinuante.

"Terminou todo o seu trabalho?", Maomao perguntou, desfazendo o barbante do dedo e guardando a faca de volta no armário.

"Uma pessoa não tem direito a uma pausa de vez em quando?"

A senhora serviu o chá e disse: **"Por favor, relaxe"**, ainda com aquele sorriso. A bebida era feita com suas melhores folhas de chá branco e acompanhada de pequenos pedaços de açúcar finamente esculpido – o tipo de acomodação cara geralmente reservada aos convidados das Três Princesas. **"Tem certeza de que este é um local de encontro adequado, senhor?",** ela perguntou, embora por algum motivo ela estivesse perguntando a Gaoshun. Ele assentiu, e a senhora, parecendo um pouco desapontada, recuou e fechou a porta com outro **"Relaxe. Sem pressa."**

O que está acontecendo aqui?, Maomao se perguntou.

Jinshi finalmente removeu a máscara, revelando seu rosto, como uma joia perfeita – exceto pela cicatriz que descia por uma bochecha. Maomao deu um tapinha na almofada

dobrada para endireitá-la e colocá-la na frente de Jinshi, que se sentou prontamente e sem graça indevida.

“Tenho certeza de que você tem trabalhado muito, senhor”, disse Maomao, colocando o chá e os lanches na frente de Jinshi.

Ele tomou um gole da bebida. **“Não vou fingir que foi fácil. Lidar com o pessoal tem sido um pesadelo e, além disso, há a questão do território do clã Shi para enfrentar.”** Ele soltou um longo suspiro, franzindo a testa. Foi apenas a imaginação de Maomao ou Gaoshun estava passando para ele?

Ela tinha ouvido falar que os membros do clã Shi já haviam sido executados – a maioria deles estava na fortaleza, de qualquer maneira. O seu território seria colocado sob controle governamental e, com a riqueza dos recursos madeireiros do Norte, seria de esperar que produzisse um belo acréscimo aos cofres da nação. Sem o clã Shi servindo como intermediário, eles poderiam reduzir a alíquota de impostos na área e ainda obter bastante lucro. E havia tantas coisas que se podiam fazer com madeira.

Espero que eles transformem isso em papel. Maomao sorriu, esperando que eles tivessem o tipo certo de árvores no norte para formar lençóis decentes. Ela estava apenas pensando em como o fracasso do país em iniciar uma indústria de papel até este ponto provavelmente se deveu à interferência do clã Shi quando percebeu que estava moendo remédios em um pilão.

“Não finja que não estou aqui”, disse Jinshi.

"Desculpe senhor. Velho hábito.”

"Deixa para lá. Não se preocupe com isso.” Jinshi deu uma mordida nos lanches e bebeu o resto do chá. Quando Maomao se levantou para fazer mais, encontrou Jinshi agarrando seu pulso.

"Sim, senhor? O que é?"

Ele puxou, obrigando-a a sentar-se novamente. Ele estava estudando intensamente o lado do rosto dela, olhando para sua orelha. Ela tinha quase certeza de que o hematoma onde ela foi atingida já havia desaparecido.

Ele tem um cheiro... doce. Não era o cheiro dos salgadinhos, mas sim do perfume dele. *Suiren sempre teve bom gosto*, refletiu Maomao, com uma imagem da criada um pouco travessa passando por sua mente.

“Talvez seja a hora de pedir que você cumpra sua promessa”, disse Jinshi.

Promessa? Maomao olhou para o teto, tentando se lembrar, e Jinshi fez uma careta.

“Você não pode fingir que esqueceu. Eu consegui os ingredientes para o seu sorvete, não foi?”

Oh! Nossa! Ela quase bateu palmas ao se lembrar. Mas então seu olhar voltou para o teto quando a natureza exata daquela promessa voltou para ela.

"O que é?"

“Ah, er, nada. É sobre... aham... seu palito de cabelo.” A voz de Maomao ficou tão baixa que quase desapareceu. **"Eu, uh... dei para alguém."**

Jinshi não disse nada, mas seu rosto ficou tenso — parecia menos de raiva do que de decepção. Maomao sabia que isso era ruim; ela lutou para pensar em alguma maneira de acalmá-lo. **“Mas eles podem encontrá-lo na primavera!”**

“Por que isso aconteceria?”

"Bem, e novamente... eles podem não." Seria melhor se não o fizessem. Pois se eles não o encontrassem... **“Ele poderia eventualmente voltar para uma das lojas da capital.”**

“Você vendeu?!”

"Não, senhor, não fiz isso!" Hum. Isso estava se mostrando complicado. O que ela deveria dizer? **“Eu dei para Shisui... quero dizer, para Loulan. Eu disse a ela para devolver algum dia.”**

“Então é disso que você está falando”, disse Jinshi, e então olhou diretamente para ela. **“Nesse caso, talvez eu peça que você cumpra sua outra promessa.”**

Outra promessa. Outra promessa. *Ah!*

“Você quer que eu ouça quando alguém está falando comigo?”

“É esse mesmo”, disse Jinshi, satisfeito.

Maomao enfrentou Jinshi e adotou uma posição formal sentada. **“Tudo bem então, senhor. Vá em frente."** Mas Jinshi não disse nada.

“Vá em frente”, repetiu Maomao. Mesmo assim ele não falou, apenas olhou para ela. **“Você não tinha nada a dizer?”**

“Eu tenho, sim. Mas pensando bem, tenho certeza de que você já sabe o que eu estava prestes a lhe contar.” Provavelmente estava se referindo à sua real posição, mas Maomao já estava ciente disso. Não faria sentido ele contar a ela sobre isso agora.

“Mais alguma coisa, então?”, ela sugeriu.

“Outra coisa...”, Jinshi começou, mas depois não disse mais nada. Nenhum deles falou, o silêncio se estendeu.

Afinal, ele não tinha nada a dizer? Maomao pensou. Ela estava prestes a se levantar, ansiosa para voltar a trabalhar com seus remédios, quando de repente Jinshi se aproximou e se envolveu em seu pescoço.

“Posso perguntar, senhor, o que exatamente você está fazendo?”

Ela sentiu algo úmido e quente roçar seu pescoço – não, cercá-lo. Ela sentiu os dentes; ela percebeu que estava sendo mordida doce e gentilmente.

“Você sabe o que isso significa agora?”, Jinshi perguntou.

“Bem, a saliva humana pode ser tóxica.” Assim como uma mordida de um animal selvagem tinha que ser cuidadosamente desinfetada para não apodrecer, as mesmas precauções tinham que ser tomadas com uma mordida de uma pessoa.

Jinshi não disse absolutamente nada.

“Eu gostaria de voltar ao meu trabalho, senhor.”

“Eu sei que é preciso mais do que um pouco de toxina para incomodar você.”

Ele mordeu com mais força. Começou a doer um pouco e ela deu um tapa nas costas dele. Ele mordeu com ainda mais força e, antes que ela pudesse se conter, Maomao deu-lhe um soco forte nos ombros. Finalmente ela sentiu os lábios dele se afastarem de seu pescoço. Um fio de saliva se esticou entre eles em uma boa distância antes de finalmente estourar.

"O quê, você vai me morder até a morte?"

“Às vezes eu queria.”

Maomao estava se perguntando o que havia com aquele homem quando o encontrou abraçando-a.

Jinshi sorriu. **“Agora, onde estávamos?”**

De perto, ela viu que os pontos ainda não tinham saído da bochecha, embora estivessem mais perfeitos do que antes, sugerindo que haviam sido refeitos. *Me pergunto se isso é obra do meu velho*, ela pensou. Ela se viu alcançando o rosto de Jinshi. Seus olhos suavizaram em um sorriso, parecendo de alguma forma inocente.

“E você também é venenosa?” Jinshi estava alcançando o queixo de Maomao quando:

"Sardenta!" Houve um estrondo quando a janela em frente à entrada, onde os clientes podiam pegar remédios, foi aberta. **"Veja isso! Eu sei que você queria um desses!”** Lá estava Chou-u, parecendo terrivelmente satisfeito consigo mesmo. Ele estava segurando um lagarto acima da cabeça.

“Ah! Você conseguiu um!” Maomao passou por Jinshi, cuja cabeça pendia desanimada, e agarrou o lagarto, depositando-o diretamente em uma jarra.

"Huh? O que aquele cara está fazendo no chão?”

“Ele está muito cansado do trabalho. Aqui, sua recompensa.” Maomao deu-lhe um pedaço de açúcar mascavo. Chou-u saiu correndo novamente.

Do chão, Jinshi rosnou: **“Sabia que deveria tê-lo mandado para a forca...”** Ele parecia realmente um cão selvagem. Talvez tenha sido a cicatriz em sua bochecha que fez Jinshi parecer menos andrógino do que antes; era como se ele estivesse desenhado em linhas mais ousadas agora.

Maomao percebeu que podia ver uma pequena fresta na porta e um globo ocular espiando por ela. Ela abriu a porta ruidosamente, descobrindo uma velha senhora muito assustada e Gaoshun.

“Vovó, prepare um quarto. Escolha um incenso que promova o sono.”

“Sim, claro”, disse a velha senhora com um clique desapontado da língua.

Quando a velha saiu, Maomao olhou para Jinshi, ainda caído no chão. **“Você parece muito cansado, Mestre Jinshi”,** disse ela. Ele apenas olhou para ela vagamente. **"Acho que é melhor você descansar."**

“Sim, tudo bem. Eu farei isso."

*Será melhor assim***,** pensou Maomao, mas Jinshi não se mexeu.

“Mestre Jinshi?” Ela se agachou e balançou os ombros dele. *Huh*, ela pensou, na verdade, talvez eu possa chamá-lo de Jinshi agora.

Enquanto ela pensava sobre isso, Jinshi disse: **“Esse será meu travesseiro”** e colocou a cabeça nos joelhos de Maomao. O topo da cabeça dele estava pressionado contra a barriga dela e os braços dele estavam em volta das costas dela.

“Mestre Jinshi...”

Ele não disse nada. Ele estava dormindo ou apenas fingindo?

A senhora colocou silenciosamente uma almofada fina e um pouco de incenso em um canto da sala e depois saiu. Maomao suspirou e pegou o pilão. O cheiro do remédio que ela estava esmagando misturou-se ao incenso, e o som do pilão trabalhando foi acompanhado pela respiração uniforme de Jinshi.

Minhas pernas vão adormecer, pensou Maomao, enquanto começava a trabalhar num novo medicamento.

○●○

Dias depois do início do ano novo, o homem ainda não teve tempo de descansar. Houve algum tipo de comoção na capital, mas aqui, nesta distante cidade portuária, o que quer que fosse parecia sem importância – sem pele no nariz. O que realmente importava para este homem era vender seus produtos enquanto durasse o clima festivo. Durante uma

celebração, os homens queriam mostrar o seu melhor lado às mulheres. Todo comerciante sabia disso e todo comerciante se aproveitou disso.

A barraca ao ar livre desse homem tinha de tudo, desde anéis que pareciam brinquedos de criança até colares importados sofisticados. Era uma coleção heterogênea de mercadorias, mas combinava com o momento em que os fogos de artifício explodiam.

"Grato por sua oportunidade de negócios!"

Ah, outra venda. Outro homem sem olho para valor. Este cliente estava saindo com um par de brincos que teria envergonhado uma criança brincando de se fantasiar. Ele iria voltar para sua aldeia e entregá-los à sua amada, disse ele, mas quando ela visse o que era do seu gosto, ele teria sorte se conseguisse tudo menos uma risada desdenhosa.

Ainda assim, o comerciante era, bem, um comerciante, e era seu trabalho promover a mercadoria – até mesmo as coisas ruins. Convença o cliente de que valeu a pena abrir mão de suas moedas suadas.

O cliente mais recente do comerciante estava praticamente fugindo quando uma jovem apareceu na loja, alguém que ele não reconheceu. Um turista, se ele já tivesse visto um. Sua roupa estava desalinhada e um pouco suja. As roupas eram feitas de material bom, porém, num estilo que eles preferiam bem ao norte daqui.

Ele estava prestes a enxotá-la, para que ela não interferisse em sua próxima transação, quando ela olhou para ele. **“Ei, senhor, isso é uma cigarra?”**

"Ah sim. Feito de joias dos tempos antigos.” Ele não pretendia simplesmente responder à pergunta dela – a aparência da garota, que era muito mais refinada do que suas roupas, deve tê-lo deixado confuso. Havia um vestígio de alguma inocência em sua expressão, mas seu corpo era claramente o de uma mulher adulta.

“Huh, isso é legal! Joias, hein?” Ela cutucou o inseto com joias com o dedo.

“Ei, estou tentando vender isso! Se você não vai comprar, não toque!” A cigarra não era delicada, mas ele não iria deixá-la colocar os dedos sujos nela. Depois de um momento, ele disse: **“Você vai comprá-lo?”**

“Hmm... eu não tenho muito dinheiro...”

“Então esqueça, garota.” Não importava o quão bonita ela fosse. Você tinha que traçar um limite em algum lugar.

A cigarra deve ter realmente chamado a atenção da jovem, pois ela não conseguia tirar os olhos dela. Ele se perguntou como ela reagiria se ele lhe contasse que o objeto supostamente foi feito para ser colocado na boca de uma pessoa morta. Sim, isso provavelmente a assustaria o suficiente para fazê-la ir para outro lugar. Ele estava prestes a informá-la do fato, quando:

"Aqui." A jovem tirou uma mecha de cabelo das dobras do seu manto.

"O que é isso?"

"Pagamento em espécie. Você quer isso?"

“Hmmm...” O homem semicerrou os olhos para ela e pegou. O que quer que fosse esse palito de cabelo, provavelmente não valeria muito. Por outro lado, sua beleza e excelente acabamento mostravam que não era o tipo de coisa que se encontraria em uma joalheria comum. Houve alguns danos em uma parte – o que foi uma pena; isso reduziria significativamente o preço. Mas essa era a única falha. Era estranho – a parte plana do palito mostrava um traço, como se tivesse sido perfurado. Quase como se houvesse algo redondo preso dentro.

"Que tal isso?"

“Claro, isso vai servir muito bem.”

O comerciante pensou em perguntar de onde tinha vindo, só para garantir, mas pensou melhor. Não, ele deveria simplesmente agradecer às suas estrelas da sorte por ter adquirido tal coisa. A crista deste palito de cabelo era excelente por si só. Ele poderia usar a base estampada e substituir a decoração por outra coisa, e ainda assim seria vendida por uma boa quantia.

“Vou levar isso, então!” A jovem ergueu a cigarra de joias contra o sol, fazendo-a brilhar, e riu. Seu sorriso inocente fez até mesmo sua roupa suja parecer brilhar. O mercador pensou no jardim de flores do imperador, no palácio interno – aquela jovem devia ser o tipo de flor que desabrochava ali.

Atraído pelo sorriso dela, o homem se viu conversando com ela antes que pudesse se conter. **“Uma coisa bonita como você – se você fizesse parte do jardim de flores do imperador, você poderia ter todos os luxos que desejasse. Você sabe, a consorte favorita de Sua Majestade – qual era o nome dela? Er...”**

“Você quer dizer consorte Gyokuyou?”

“Sim, é esse. Eles disseram que ela é a imperatriz agora.”

Às vezes o livreiro vendia imagens dela. Muito caras para os plebeus pagarem, mas serviram muito bem para atrair clientes.

“Ah, Gyokuyou...” A jovem, com um olho ainda no seu prêmio, olhou em volta até avistar algo: um pescador separando os peixes e as algas da sua rede. **“Diga, senhor. Meu nome é Tamamo.”**

“Tamamo? Essa é uma palavra chique para algas marinhas, certo? Parece um nome adequado para a bênção do oceano.”

"Eu sei, né? Estou muito curioso para saber o que há do outro lado do mar.”

A garota chamada Tamamo sorriu e olhou para um barco atracado no porto, um navio que veio de um país insular distante. Vários dos bens comerciais que trouxera chegaram até esta mesma barraca.

A garota pulou no ar e sorriu brilhantemente. **“Ok, obrigada. Tchau!"** Ela acenou alegremente para o comerciante e saiu correndo em direção ao cais.

Ilustrações coloridas

She opened a drawer that contained an herbal remedy. Suddenly she found Maomao curled around her ankles. She tried to nudge the kitten out of the way in annoyance, but the cat ran her claws along Maomao's skirt.
"Stop, you'll tear it!"

When Maomao had Jinshi with his back to the wall, she reached out slowly.
"Let me see it."
For a moment, she didn't say anything.
His perfect jewel of a face now had a wound, mended with stitches, running diagonally down the right cheek. It was more than just a superficial scratch; something had torn through the flesh.